

Denise Lachaud

O INFERNO DO DEVER

O discurso do obsessivo



Companhia
de Freud

O apego da mãe vai se revelar muito particular. A mãe se aliena no filho. Quem ama quem? Podemos falar de amor? Freud encontrou insuperáveis dificuldades quanto à análise do ódio da mãe com respeito a seu filho. Ele preferiu insistir na ambivalência amor/ódio recalcada. O que exatamente está em jogo entre a mãe e o filho?

Não basta sugerir que a mãe do obsessivo seria doce, passiva, e seu filho um garoto bem mau, apegado a sua mamãe que o amou tanto. A da histérica, injusta, cheia de ódio, teria dado à luz uma infeliz garotinha cuja queixa em relação a uma mãe que não soube amá-la seria justificada. Discurso um pouco simplista. Dizer, com Bouvet, que a mãe do obsessivo é fálica, castradora e fascinante não é mais aceitável. Estes já são *efeitos* de sua ligação com o filho. Ela não é nada disso *a priori*.

Quando o filho nasce, a mãe é bruscamente privada de seu objeto totalizador imaginário. Freud falava de Narciso privado desse objeto pelo aparecimento de um objeto real e da depressão que se segue. A mãe tem outras *soluções*. Depois de uma fase quase paranóica de onipotência, a queda da libido após o nascimento pode provocar todos os tipos de sintomas. Como uma mãe enfrenta a castração simbólica reativada pela *perda* do filho? Ele não está mais no lugar onde estava e a distância entre

O inferno do dever

O discurso do obsessivo

Denise Lachaud

O inferno do dever

O discurso do obsessivo

TRADUÇÃO
Sandra Regina Felgueiras

EDITOR
José Nazar



*Companhia
de Freud*

Copyright © by Éditions Denoël

TÍTULO ORIGINAL
L'enfer du devoir – Le discours de l'obsessionnel

Direitos de edição em língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA CAMPO MARTEMIO
Proibida a reprodução total ou parcial

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
FA - Editoração Eletrônica

CAPA
"Minotaure"
Paris-maio de 1993, Pablo Picasso

TRADUÇÃO
Sandra Regina Felgueiras

EDITOR RESPONSÁVEL
José Nazar

CONSELHO EDITORIAL
Bruno Palazzo Nazar
José Nazar
José Maria Simil Cordeiro
Maria Emília Lobato Lucindo
Teresa Palazzo Nazar
Ruth Ferreira Bastos

Rio de Janeiro, 2007

FICHA CATALOGRÁFICA

L143n

Lachaud, Denise

O inferno do dever: o discurso do obsessivo / Denise
Lachaud ; tradução Sandra Regina Felgueiras ; editor José
Nazar. - Rio de Janeiro : Cia de Freud, 2007.

Tradução de: *L'enfer du devoir : le discours de l'obsessionnel*

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7724-018-0

1. Transtorno obsessivo-compulsivo. 2. Dever. 3. Outro (Psicanálise). I. Título.

07-0285

CDD: 616.85227

CDU: 616.891.7

*Companhia
de Freud*
editora

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Barão de Sertório, 57 - casa
Tel.: (21) 2293-7166 • (21) 2293-9440
Rio Comprido - Rio de Janeiro
e-mail: ciadefreud@iam.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1	
Freud e seu ensino	19
Capítulo 2	
Hoje	31
PRIMEIRA PARTE:	
Função materna na disposição à neurose obsessiva	35
Capítulo 3	
A mãe, agente das modalidades da disposição	37
Capítulo 4	
Binários objetais e pseudotriangulação	43
Capítulo 5	
Encontro de uma ligação perigosa	67
SEGUNDA PARTE:	
Dos sintomas às fantasias	87
Capítulo 6	
Recalque e sintoma na neurose obsessiva	89

Capítulo 7	
Causalidades	109
Capítulo 8	
A fantasia, via para a realização do desejo	139
TERCEIRA PARTE:	
O pai, o dever e o analista	199
Capítulo 9	
Pelo amor do pai	201
Capítulo 10	
O inferno do dever-não	227
Capítulo 11	
Para não concluir	237
Fontes	249

A Jean Martial

Aqui, no entanto, o caminho por Freud não nos é apenas traçado; é pavimentado em toda a sua extensão pelas afirmações mais maciças, mais constantes e mais impossíveis de desconhecer*.

Assim comprometido até o limite do possível, e sem dúvida além de nossa intenção, com a história em ação da psicanálise, diremos aqui coisas que só hão de parecer ousadas caso se confunda *parti-pris* com relevante**.

* J. Lacan, "La psychanalyse et son enseignement – Communication présentée à la Société française de philosophie, en la séance du 23 février 1957", *Écrits*, Paris, Seuil, 1996, p. 444 [Tradução brasileira: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998; a tradução brasileira traz a paginação francesa na margem. (NT)].

** J. Lacan, "Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956", *ob. cit.*, p. 459.

Lacan se obstinava em que não mais se decifrasse Freud em diagonal, com a segurança, portanto, de descobrir as coisas que já se sabia – mas como se explora uma terra desconhecida.

G. Lapouge

Introdução

Os estudos relativos à neurose obsessiva depois de Freud não têm nada de homogêneo. O quebra-cabeças é constituído por peças originais, extensões e conceitualizações frequentemente pouco compatíveis. O retorno aos textos fundadores é indispensável para a apreensão do nascimento e do desenvolvimento da neurose.

A obsessão se antecipou à clínica. No final do século XIX, os médicos continuavam espantados com ela, mas ela permaneceu obstinadamente como uma "extensão" da histeria¹.

Bem cedo Freud se interessou pela neurose obsessiva, a mais rica, segundo ele, para o futuro da psicanálise². Em 1909, defronta-se com ela³.

¹ Como O. Mannoni observava, "o conceito de histeria já estava bem estabelecido quando Freud o recebeu de Charcot e de Breuer; esse foi o acaso histórico que fez com que a psicanálise tenha se apresentado primeiro como a teoria da histeria e tenha parecido aplicar-se aos obsessivos apenas *por extensão*" (grifo meu), *Encyclopaedia Universalis*, artigo "La névrose obsessionnelle", Paris, 1981.

² Em 1913, ele afirma que "um caso de neurose obsessiva bem exposto valeria como a exposição da psicanálise inteira", em "Extraite de l'histoire d'une névrose infantile (L'Homme aux loups)", em *Cinq psychanalyses*, trad. francesa M. Bonaparte, R. Loewenstein, Paris, PUF, 1975 [Utilizaremos como regra a tradução direta do francês para os textos de Freud, já que frequentemente há discrepâncias significativas entre o texto francês e o texto da tradução brasileira. (NT)].

³ Cf. S. Freud, em "Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'Homme aux rats)", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit.: "Não vou empreender aqui um estudo psicológico do pensamento obsessivo. Uma tal investigação forneceria resultados extremamente preciosos e faria mais para a elucidação de nossos conhecimentos sobre a natureza do consciente e do inconsciente que o estudo da histeria e dos fenômenos hipnóticos", p. 247.

Em 1926, ele se rende, com a honestidade do pesquisador que lhe reconhecemos: não chegou a dominar o conhecimento dessa neurose.

Freud fez dela uma figura de prestígio. Talvez isso tenha valido ao obsessivo as represálias que sempre deve esperar aquele ou aquela que *imaginamos* como "filho querido" ou "favorito dos deuses"⁴.

O inferno do dever. A neurose obsessiva não é redutível a essa fórmula lapidar. Entretanto, o dever, objeto de um mandamento e ao mesmo tempo expressão negativada deste, é um dos efeitos maiores da obsessão.

Hoje, a histeria continua *na manchete*. Não nos surpreenderemos de ver essa estrutura proteiforme se fortificar com sintomas que o psicanalista não conseguiria vencer. Lacan nem mesmo podia afirmar, em 1978, que ela ainda existisse.

Por outro lado, fala-se sempre mais resumidamente do obsessivo. Portanto, pode-se pensar que essa dissimetria tem um sentido. Exceto alguns estudos, artigos ou relatórios notáveis como os apresentados pelos alunos de Freud⁵, essa neurose mais precisamente foi objeto de observações e de estudos de textos. Muitos testemunhos se contentam com a simples descrição. Muitos casos clínicos incluem uma análise semiológica e, quando muito, psicopatológica, operações que na maioria das vezes têm mais a ver com a atividade do sociólogo. Os relatórios de psiquiatria continuam preciosos, mas se prestam a interpretações. Quando são retomados, são

⁴ Termos que Serge Leclair utiliza em "Philon, ou l'obsessionnel et son désir, un essai sur l'objet en psychanalyse", em *Démasquer le réel*, Paris, Seuil, 1971, pp. 147-167.

⁵ Cf. sobretudo Ernest Jones, "Haine et érotisme anal dans la névrose obsessionnelle", em *Traité théorique et pratique de la psychanalyse*, Paris, Payot, 1925, pp. 705-714, e, na mesma obra, "Traits de caractère en rapport avec l'érotisme anal", pp. 863-894; P. Janet, *Les Obsessions et la Psychasthénie*, Paris, Alcan, 1903, e *Névroses et idées fixes*, Paris, Alcan, 1898; K. Abraham, "Complément à la théorie du caractère anal", em *Œuvres complètes*, tomo 2, Paris, Payot, 1966, pp. 314-331 e "Mélancolie et névrose obsessionnelle - Deux étapes de la phase sadique-anale du développement de la libido", pp. 258-265; M. Klein, "Rapport entre la névrose obsessionnelle et les premiers stades de la formation du surmoi", em *Psychanalyse des enfants*, Paris, PUF, 1978, pp. 163-190; os importantes relatórios de A. Piñes e E. Régis, *Les Obsessions et les Impulsions*, Paris, Douin, 1902; um pouco mais tarde, R. Pujol e A. Savy, "Le devenir de l'obsédé", em *Comptes rendus du Congrès de psychiatrie et de neurologie de langue française*, LXVI^e session, Clermont-Ferrand, 16-17 de setembro de 1968, Paris, Masson, 1969; e alguns outros que J. Lacan retomará.

como que *retraduzidos* numa outra língua: a psicanálise. As mais recentes investigações se mostram muito lacunares⁶ – e poderiam não ser?

Paradoxalmente, a neurose obsessiva foi tomada como um dos exemplos mais prodigiosos de nossa *commedia dell'arte* analítica.

É verdade que estamos lidando com um sujeito que não nos oferece terreno sólido de observação. O obsessivo, homem ou mulher, é *escravo*; de quê? De quem? Prisioneiro, condenado aos trabalhos forçados; quais?

Por que esse sujeito se dedica a uma tarefa tão esgotante que exige uma tensão permanente, que traz objeção ao próprio princípio de prazer? Qual é a terrível coisa em jogo?

Poderíamos dizer que J. Lacan deu seus primeiros passos no campo da pesquisa psicanalítica⁷ ao retomar os dois ilustres casos de Freud.

Embora Lacan tenha freqüentado muito essa pretensa periferia da megalópole histeria⁸ que elevou à dignidade de um discurso, de um laço, até mesmo de ideal do ser social, ele nunca formalizou a neurose obsessiva. Por que esse sujeito escaparia ao discurso que é “o que parte do *Je* e vai até o Outro”⁹? Para Freud e para Lacan, ainda que o obsessivo não se preste facilmente à cura analítica, ele representa a melhor indicação de análise; ou melhor, se há uma “verdadeira”¹⁰ neurose, é a neurose obsessiva.

⁶ As “Références bibliographiques” do número da *Revue française de psychanalyse*, *La Névrose obsessionnelle*, sob a direção de B. Brusset e C. Couvreur, Paris, PUF, 1993, são completamente restritivas.

⁷ De 1951 a 1953, com alguns amigos que reunia em sua casa, Lacan estudava os textos freudianos do *Homem dos ratos* e do *Homem dos lobos*. Seus seminários não eram ainda públicos, mas dispomos de algumas notas escritas, não publicadas, tomadas durante essas reuniões de estudos.

⁸ S. Freud: “Os meios de que se serve a neurose obsessiva para expressar seus mais secretos pensamentos são apenas, de algum modo, um dialeto no qual deveríamos penetrar mais facilmente, sendo dado que parece mais com a expressão consciente que o da histeria”, em “Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'Homme aux rats)”, *ob. cit.*, p. 200.

⁹ J. Lacan, séminaire, Livre V, 1957-1958, “Les formations de l'inconscient”, inédito.

¹⁰ Já em 1895, S. Freud o dizia assim: “Primeiro, vou tratar de explicar o mecanismo psicológico das *obsessões verdadeiras*...” (grifo meu), em “Obsessions et phobies”, p. 40, em *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973.

A análise de casos de neurose obsessiva freqüentemente se baseia em conhecimentos adquiridos ou apenas em leituras. Com muita freqüência também os psicanalistas fazem uma idéia do obsessivo através das queixas de seus pacientes histéricos. Monolítico, o obsessivo torna mais aguda a impotência da histérica ávida de poder e de potência. Supostamente "sádico", o obsessivo porta em si, *escrito*, o rastro do gozo, tão potente quanto enigmático, do Outro. Um gozo que traz consigo a peste de seu interdito.

O obsessivo, formidável máquina de pensar, é *mal* visto. Sua complexidade tanto seduz quanto nos afasta quando nos põe a trabalhar – trabalho de paciência, de precauções, de prudência, de experiência do tempo. Se, no anonimato do social, o obsessivo é, antes, bem aceito, ele muito raramente atrai a simpatia, e a experiência clínica não deixa de mostrar que o interesse que suscita revela só ter como objetivo manter a rejeição, a contradição, a reprovação, a agressividade, até mesmo a tentativa de destruição – com a bênção do analista tomado por uma pretensa contratransferência problemática.

É "um tirano massacrador ávido e sem freio"¹¹, "seu empreendimento é totalitário [...] tem uma imperiosa necessidade de sujeitar o outro [...] essencialmente pela força [...] seu trabalho é [...] destrutivo"¹², ele "é cruel, grosseiro [...] trapaceia nos combates"¹³. Por que a manutenção dessa cegueira? De onde vem esse desejo de *fazer dobrar-se*? Por que manter o *discurso do ódio*? Se a intenção agressiva é "amortecida" na neurose obsessiva, ela o é muito menos na histeria e na fobia, com seus cortejos de intencionalidades¹⁴. O obsessivo de bom grado oferece suas "composições defensivas" em forma de "fortificações à Vauban"¹⁵. Com certeza a agressividade não é o ódio, mas com freqüência rapidamente se considera assim.

De onde vem essa aversão pelo obsessivo? Será que Freud amou um pouco demais seus dois "Homens-dos", nos quais o leito da neurose foi

¹¹ J. Kristeva, "L'obsessionnel et sa mère", em *Revue française de psychanalyse*, 6, 1988, tomo III, novembro-dezembro, *Traumatismes*, Paris, PUF, 1989, p. 1358.

¹² R. Dorey, *Le Désir de savoir*, Paris, Denoël, 1988, pp. 130-132.

¹³ Cf. A. Adler, *Connaissance de l'homme*, Paris, P.B.P., 1966.

¹⁴ Cf. J. Lacan, *ibid.*, p. 108.

¹⁵ *Ibid.*

escavado no terreno de uma ligação muito particular organizada pela mãe? Uma via se oferece a esse Homem-da-mãe, a que conduz ao pai, cuja voz foi tão fraca que se tornou quase inaudível para o casal imaginário formado pela mãe e pelo filho.

Freud teve muita dificuldade em levar em conta o ódio da mãe. "Mãe boa" do obsessivo? "Mãe má" da histérica? Que papel a mãe vai ter na formação do supereu tão intransigente do obsessivo? Ora, é o supereu que traça o caminho para a realidade e ordena um gozo que o sujeito recusa e do qual se defenderá na cura psicanalítica.

O obsessivo é um experiente na clínica. Buscar situar como se instala sua neurose feita de eclipses já é um risco, já que toda aproximação é percebida por ele como intrusiva. Ele contrapõe a nós um *noli me tangere*. Nunca estamos, com ele ou ela, protegidos de gafes. Lidamos com um grande resistente; o que lemos perfeitamente na etimologia do nome que Freud escolheu para essa neurose com muita intuição: *Zwangsneurose*, "a neurose das obsessões"¹⁶.

A clínica, a partir de Freud, nos convida a delimitar um tipo de neurose e não "relações típicas"¹⁷, já que as do obsessivo são *a-típicas*, tanto mais porque estão ligadas ao pulsional com seus "pensamento compulsivo", "representações compulsivas" e "compulsão ao agir".

Esse "hiperemotivo" vive "demais nos processos primários para poder pensar sobre eles"¹⁸.

O trabalho do analista procede, então, do futuro [*avenir*] de uma ilusão? Ilusão de um a-vir [*à-venir*]? Com um tal sujeito, o trabalho é árido e com frequência esgotante. A carta* está, e permanece, sem destinatário. A literatura referente ao obsessivo é tão pobre quanto suas relações. Ele também não tem destinatário; tem apenas um destino que, freqüentemen-

¹⁶ "Obsessions et phobies – Leur mécanisme psychique et leur étiologie" (1895), em *Névrose, psychose et perversion*, Paris, Seuil, 1973, pp. 38-45.

¹⁷ R. Dorey, *Le Désir de savoir*, ob. cit.

¹⁸ O. Fenichel, *La Théorie psychanalytique des névroses*, trad. franc. M. Schlumberger, C. Pidoux, M. Cahen, M. Fain, Paris, PUF, 1979, tomo 2, p. 574.

* Em francês, *lettre*; palavra que pode ser traduzida, basicamente, por "carta" ou "letra"; as duas traduções cabem aqui. (NT)

te, a literatura nos mostra como mortal. "Os não-tolos erram"¹⁹, dizia Lacan. A experiência revela que os tolos também não deixam de errar. Como nos situarmos? Tal Constance de Rabastens²⁰, podemos ser seduzidos por esse Príncipe Negro que é o obsessivo? Se assim pensarmos, a prudência se impõe. Enquanto a histérica não duvida de nada e não crê em ninguém, mais o obsessivo crê e mais ele duvida.

¹⁹ J. Lacan, séminaire, livre XXI, 1973-1974, "Les non-dupes errent", inédito.

²⁰ J.-P. Hiver-Béranguier, *Constance de Rabastens*, Paris, Privat, 1984.

Capítulo 1

Freud e seu ensino

Antes de Freud, a neurose obsessiva era considerada como um *estado intermediário*, uma patologia *entre-deux*. De imediato, a relação com o obsessivo se estabeleceu de uma maneira que traía o embaraço e a irritação dos observadores, os quais, embora discretos, intentavam a análise científica. Os obsessivos eram, para eles, os *semiloucos* que se encontravam fora dos asilos. *Estado-limite*, diagnóstico que serve como refúgio ainda hoje para o psicanalista ou o psiquiatra, a obsessão ocupava uma posição desconfortável¹.

Para a quase totalidade dos autores, não há ligação entre obsessão e delírio. As tentativas ainda recentes de aproximar a neurose obsessiva dos delírios com ou sem alucinações, da psicose, da paranóia, da perversão negligenciam o fato que Kraepelin já delimitara: não há relação entre obsessão e delírio²; Bleuler, de sua parte, se deu conta de que trabalhava com

¹ É interessante notar os diferentes quadros nosográficos aos quais os sintomas obsessivos eram ligados: a degenerescência (Magnan), a constituição emotiva (Dupré), a neurastenia, as manias sem delírio (Pinel), a monomanias raciocinadoras (Esquirol), a loucura de consciência (Baillarger), o delírio emotivo (Morel), a vertigem mental (Lasègue), as idéias incoercíveis (Tamburini), a loucura da dúvida (Falret), o delírio da dúvida (Legrand du Saulle), *morbid fears* (Beard), a doença dos escrúpulos (Duguet), a monomania exaltada, *Wahmynn* (Griesinger), que dela faz uma obsessão com consciência, as pseudomanias (Delasiauve), a autodismorfofobia, a dismorfofobia (Pryse-Philips), o delírio dermatozóico (Ekblom), a atitude interrogativa (Minkowski), delírio de interrogação (Capgras e Abély), delírio das negações (Cotard), delírio dos sensitivos (Kretschmer), etc, sem esquecer o relatório importante de Pitres et Régis, *Les Obsessions et les Impulsions*, ob. cit., ou P. Janet, *Les Obsessions et la Psychasthénie*, Alcan, 1903.

² E. Kraepelin, *Maniac Depressive Insanity and Paranoia*, New York, Arno, 1976.

doentes que se revelavam esquizofrênicos³; Schiff se empenhará em mostrar as diferenças essenciais entre a obsessão e a paranóia⁴; Abély distinguirá com exemplos decisivos os estereótipos da obsessão⁵; Guiraud atestará, num estudo importante, que a obsessão *nunca* passa para a alucinação⁶. Em certos casos de alucinações visuais, como aquela de que fala a propósito de Pascal, Freud dirá, já em 1895, que se trata de obsessão traumática que deve ser ligada à histeria⁷. Henri Ey retomará essa observação bem mais tarde⁸.

A contribuição essencial da psicanálise foi revelar as funções dos sintomas obsessivos: são mecanismos de defesa intrapsíquicos. Freud os faz perder seu caráter estranho e sua ininteligibilidade; vai incluí-los no quadro das *psiconeuroses de defesa*. As defesas têm sua origem numa neurose infantil. Graças a esse esclarecimento, a interpretabilidade da neurose obsessiva se tornou possível.

Com efeito, em 1894, Freud criou, *ao lado* da histeria, uma entidade nosográfica nova: a *Zwangsneurose*.

Nessa data, a neurose obsessiva é definitivamente extraída do grupo confuso e controvertido das monomanias.

Os contemporâneos de Freud não ficaram na sombra. A ambivalência deles para com o mestre criou alguns conflitos importantes, com consequências por vezes dramáticas.

Se Freud se volta para o *aspecto positivo* dessa neurose, para Janet o *distúrbio é negativo e fundamental* num doente com ações "de ordem inferior".

³ E. Bleuler, "The Theory of Schizophrenic Negativism", *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, Publishing Company, New York, 1912.

⁴ P. Schiff, "Les paranoïas et la psychanalyse", em *Revue française de psychanalyse*, Paris, PUF, 1935, pp. 44-105.

⁵ X. Abély, "Les Stéréotypies", Mémoire, Toulouse, 1916.

⁶ P. Guiraud, "Analyse des symptômes stéréotypic", em *L'évolution psychiatrique*, 2º vol., nº 4, novembro de 1936, pp. 269-270.

⁷ S. Freud, Resumo por Freud de sua conferência sobre "Mécanisme des représentations de contrainte et des phobies", em *Œuvres complètes, Psychanalyse*, III, 1894-1899, Paris, PUF, 1989, p. 81 e p. 83.

⁸ H. Ey, P. Bernard, Ch. Brisseret, *Manuel de psychiatrie*, Paris, Masson, 1978, p. 497. O leitor poderá ainda se referir à bibliografia detalhada e ao notável trabalho de síntese publicado por R. Girard, "Les obsessions avant Freud", em *Confrontations psychiatriques*, nº 20, Paris, 1981, pp. 11-30.

Digna das teorias cognitivistas atuais, que fariam de "postulados perfeccionistas", sua perspectiva é resolutamente comportamentalista⁹, ao mesmo título que será a de Lobo¹⁰, defensor incondicional do "tratamento moral". Seu trabalho de 1903 é o primeiro a dar uma descrição clara e coerente das obsessões e das compulsões; mas qual é o *quid* da causalidade para a qual Freud se inclina?

Para Janet, as idéias fixas estão ligadas a delírios passageiros que já se encontravam nas pitonisas, nas sibilas, no tripé sagrado de Delfos, depois nos possuídos pelo diabo, nos místicos, que ele chama de "extáticos" e aos quais consagra um importante estudo¹¹. Para mostrar que o médico deve se encarregar do "tratamento moral", chega a se referir a Shakespeare, que, no século XVII, com o drama de *Lady Macbeth*, magistralmente colocou em cena rituais obsessivos, idéias de assassinato e remorsos, as mãos manchadas de sangue.

Convido o leitor a se reportar a esse interessante quadro ao qual um bom número de nossos contemporâneos adere¹², numa *confusão total entre sintoma e estrutura*. Mas Janet estaria de acordo, e isso me parece *essencial*: "*O histérico não tem apenas impulsos, ele atua* [...] atua seu sonho [...] algumas vezes chega ao crime... e, se não é bem-sucedido, é por causa de sua falta de jeito e de sua *falta de percepção da realidade*". Mais adiante, acrescenta o que foi profusamente demonstrado depois: o obsedado "tem um medo atroz de ser arrastado a cometer um crime. Ele pede, suplicando, que seja protegido de si mesmo [...], *ele nunca faz nada*, ao menos na grande maioria dos casos"¹³. Janet dirá que *nunca observou um acidente real*, mas, antes, fenômenos inversos de paralisação e de inibição ou de insuficiência¹⁴. Para ele, o obsessivo é um verdadeiro enigma¹⁵: sua mente é apenas

⁹ Cf., em particular, P. Janet, *Les Médications psychologiques*, Paris, Alcan, 3 tomos, 1919.

¹⁰ R. A. Lobo, "Les thérapeutiques comportementalistes dans le traitement des névroses obsessionnelles", tese, Paris, 1973.

¹¹ P. Janet, *De l'angoisse à l'extase*, 2 volumes, Paris, Alcan, 1926.

¹² Observemos aqui que os critérios diagnósticos, já bem situados por Janet, serão escrupulosamente retomados no *Manuel diagnostique et statistique des troubles mentaux*, dito DSM III, Paris, Masson, 1984. Esse manual é hoje usado como referência maior.

¹³ P. Janet, *Les Névroses*, Paris, Flammarion, 1903, p. 36 (* grifo meu).

¹⁴ Ibid., pp. 347-348.

¹⁵ Ibid., p. 349.

um instrumento de tortura. E terminará por concluir: "Algumas vezes, eles são psicólogos, gostam sobretudo da filosofia e se tornam terríveis metafísicos"; assim, podem "deixar tudo pra lá [...], renunciar a tudo"¹⁶. Como Pujol e Savy sublinharam, "embora a obra de Janet tenha sido caracterizada como uma psicologia dinâmica por Schwartz"¹⁷, sua perspectiva se situa aquém de uma verdadeira psicogênese¹⁸. Com efeito, Janet sempre se recusou a admitir a contribuição freudiana do sentido do sintoma, a noção de conflito e de recalque, indispensáveis para conceber uma psicogênese. Para Freud, a questão nunca será a degenerescência mental, mas um conflito entre duas instâncias psíquicas, duas energias. A teoria freudiana é *dinâmica* de saída.

Hoje, estamos suficientemente familiarizados com o inconsciente para admitir sem dificuldade, com Sutter¹⁹, que o neurótico se engana e nos engana para melhor chegar a *se enganar*.

Mas nem sempre foi assim.

Em 1932, Adler falava da "má-fé"²⁰ do obsedado. O que o levou a juízos de valor reveladores de sua verdadeira aversão pelo obsessivo. Nisso ele fez escola. Foi o primeiro a enunciar esse movimento de rejeição que já vemos perfilado nos clássicos. Essas asserções, por vezes das mais contestáveis, talvez não sejam estranhas ao freio que sofreram os trabalhos com sujeitos obsessivos até Lacan.

Sem aderir às teorias de Baruk, concordemos com ele que "a idéia de fazer um outro pagar em seu lugar satisfaz plenamente o egoísmo. Em uma palavra, a noção de bode expiatório constitui um dos aparelhos de defesa

¹⁶ Ibid., pp. 356-357.

¹⁷ L. Schwartz, *Les névroses et la psychologie dynamique de Pierre Janet*, L. E. Thomas, Paris, PUF, 1955.

¹⁸ R. Pujol e A. Savy, "Le devenir de l'obsédé", em *Rapport du Congrès de psychiatrie e de neurologie de langue française*, LXVI^e session, Clermont-Ferrand, 16-21 de setembro de 1968, Paris, Masson, 1969, p. 90.

¹⁹ J.-M. Sutter, "L'anticipation psychasthénique de l'obsédé", na revista *Vapeurs*, n° 2, Paris, Pfizer, 1976, p. 20.

²⁰ A. Adler, *Religion et psychologie individuelle comparée*, seguido de *La Névrose obsessionnelle*, Paris, Payot, 1958. Toda a obra é convincente.

mais poderosos da indolência e da covardia e é por isso que seu sucesso é tão grande e sua persistência tão tenaz"²¹.

Em 1932, Freud põe Adler e sua "psicologia individual" no mesmo saco que "a loucura [que] não pede mais uma razão como explicação [...] não é reconhecida à ciência por suas sutilezas [...] quer ter soluções simples e considerar os problemas liquidados"²².

Abraham, de sua parte, insistiu muito nas relações da neurose obsessiva com a melancolia²³. Por outro lado, estudou em detalhes o caráter anal nessa neurose, de um ponto de vista clínico e teórico²⁴. Depois de Jones, expôs dois aspectos narcísicos importantes do prazer anal na primeiríssima infância do sujeito futuro obsessivo: o contato com os excrementos e o prazer do domínio das funções excrementícias. Por fim, mostrou as relações estreitas da analidade com a posse²⁵. Todavia, nada veio transformar os dados fundamentais trazidos por Freud.

Quanto a Ferenczi, ele "se tornou, apesar de si, vítima de sua criatividade e de seu estilo, bode expiatório de todos os conformismos pós-freudianos"²⁶. Freud não conseguia tolerar a prática de sua "técnica ativa". Sabourin sublinha a modernidade das teorias de Ferenczi sobre a insistência do desejo do Outro, a mãe, no caso²⁷.

²¹ H. Baruk, *Psychiatrie morale expérimentale*, Paris, PUF, 1965, p. 250.

²² S. Freud, "Éclaircissements, applications, orientations", em *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, trad. franc. R. M. Zeitlin, Paris, Gallimard, p. 191.

²³ K. Abraham, "Mélancolie et névrose obsessionnelle". Deux étapes de la phase sadique-anale du développement de la libido", em *Ceuvres complètes*, trad. franc. I. Barande, E. Grin, 2 volumes, tomo 2: *Développement de la libido*, Paris, Payot, 1996, pp. 258-265.

²⁴ K. Abraham, "Contribution à la théorie du caractère anal", ob. cit., pp. 314-331.

²⁵ K. Abraham, ob. cit., pp. 324-325: "Lembro o exemplo de um rico banqueiro que ensinava seus filhos a prender o máximo possível antes de ir à privada a fim de tirar o máximo proveito possível de sua custosa alimentação [...]. Mencionei o caso de um sovina excêntrico que andava em casa com a braguilha desabotoada a fim de que seus botões não se gastassem muito rápido..."

²⁶ P. Sabourin, "Vizir secret et tête de Turc", prefácio do volume 4 das *Ceuvres complètes* de S. Ferenczi, Paris, Payot, 1982, p. 10.

²⁷ Cf., em particular, Ferenczi, "Confusion de langue entre les adultes et l'enfant", em *Psychanalyse. Ceuvres complètes, 1927-1933*, trad. pela equipe do Coq Héron, Paris, Payot, tomo 4, p. 132: "... a criança, desde sua mais tenra idade, se torna o lugar eletivo do sadismo inconsciente de seus pais [...] a ternura e a sensualidade da criança por vezes se chocam com respostas do adulto de movimentos passionais e de erotismo sedutor, ou perverso". É o que Freud afirma sem hesitação a propósito de Leonardo da Vinci.

Hoje, a tendência, pós-freudiana ou lacaniana, a levar essa neurose na direção dos estados-limites é forte. Constatação de fracasso? Dificuldade de diagnóstico? É raro que se possa resolver uma problemática fechando-a num baú. Lacan mostrará com firmeza, desde seus primeiros seminários, que é preciso se proteger dessa associação psicose-obsessão.

Com efeito, Freud havia extraído coisa completamente diferente da observação do neurótico obsessivo. Para ele, a realidade é ocupada por um agente cuja ou cujas agressões deve incessantemente rechaçar. *O obsessivo não é perseguido*, esperado, espiado. Ele é *assaltado* por uma quantidade de pensamentos importunos e dolorosos; o observador vê apenas *os efeitos* desse conflito permanente. O mundo o vê gesticular, é tudo. E, segundo a forma como percebemos ou não o que o faz assim se debater, atribuímos sentido ou falta de sentido a essa conduta. Ela será racional, legítima ou absurda ao olhar exterior.

No discurso do obsessivo, Freud descobriu a coexistência de dois componentes antagônicos que insistem muito particularmente: um mundo *ingênuo*, puro, e um mundo *impuro*, corrompido; o primeiro fica às voltas com o segundo, que o parasita, que lhe cola na pele, *penetra-o*.

O vocabulário do sujeito revela a tentativa de arrombamento exercida pelo mundo *infectado*. Cercado, o obsessivo nada teme mais do que a brecha por onde alguma coisa indefinível, não controlável se introduziria em sua economia, cujo fundamento é a *homeostase*.

A desproporção entre as medidas defensivas, tirânicas e o caráter vago do agente ameaçador foi freqüentemente observada. O obsessivo é semelhante a uma fortaleza formidável que monta guarda à beira de um deserto. Mas só uma coisa conta, só uma é essencial: a fortaleza²⁸. A própria expressão "psiconeurose de defesa", utilizada por Freud desde 1894, coloca em destaque o esforço do sujeito para rechaçar, afastar, manter à distância.

Embora reconheça essa situação absurda, o obsessivo a assume. Dom Quixote estava louco; lutava com moinhos que considerava como um inimigo *real*. Não é o caso do obsessivo, que *sabe* que se conduz como um insensato e que se julga com uma *lucidez das mais cruéis*. Ele não cede a

²⁸ "... a estrutura [da neurose obsessiva] é particularmente destinada a [...] atenuar a intenção agressiva". J. Lacan, "L'agressivité en psychanalyse" (1948), em *Écrits*, ob. cit., p. 108.

nenhuma complacência para consigo. Em outras palavras, *não se dá nenhum presente*²⁹. Por quê? Porque a energia de desespero que ele mobiliza e que o empurra ao *desafio* só visa ao vazio.

Qual é o conflito que desencadeia os mecanismos? "O desenvolvimento do eu precede o da libido"³⁰, escreve Freud. O isso arcaico propõe uma política pulsional inaceitável para um eu evoluído e um supereu muito exigente; há desarmonia entre as instâncias psíquicas. Antes de Freud, nenhuma explicação causal tinha sido fornecida. É em 1894, a partir da neurose obsessiva *considerada como o tipo privilegiado de afecção psicológica*, que Freud modifica sua concepção da histeria e das neuroses em geral³¹. Ele mais tarde admitirá "que uma neurose obsessiva não é muito fácil de compreender – e o é bem menos ainda que um caso de histeria"³².

O que é que o levava a isolar esse modo neurótico?

Em 1895, apresenta uma distinção radical entre o que chama de "*obsessões verdadeiras*"³³, a histeria e as fobias. As observações que ele relata *se referem a mulheres*³⁴.

²⁹ Lembremos aqui um monólogo do personagem central do admirável romance de E. Kazan: "Eles não podiam me matar, fossem quantos fossem, com seus desejos, conscientes ou inconscientes, nem com sua indiferença. Porque o único que tinha o poder de me matar e que podia me matar era eu [...]. De alguma maneira invisível, mais silenciosa, mas também mais mortal e mais terrível [...] era auto-assassinato [...] eu lhes disse que eu devia forçosamente encontrar uma catástrofe que me salvasse [...] eu me apoiei no lava-bo e contemplei meu rosto durante um bom tempo. O rosto de meu inimigo... eu havia feito o que inconscientemente desejara. Havia entrado num caminho sem volta", em *L'Arrangement*, trad. francesa E. M. Watkins, Paris, Stock, 1987, p. 204.

³⁰ S. Freud, "La disposition à la névrose obsessionnelle. Une contribution au problème du choix de la névrose", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 196.

³¹ S. Freud, "Les psychonévroses de défense. Essai d'une théorie psychologique de l'hystérie acquise, de nombreuses phobies et obsessions et de certaines psychoses hallucinatoires" (1894), em *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973, pp. 1-14. "O estudo de um certo número de doentes nervosos atingidos por fobias e obsessões [...] me permitiu adivinhar com sucesso [...] a origem de representações patológicas da mesma espécie [...]; a observação de meus doentes culminou numa contribuição para a teoria da histeria, ou antes, numa modificação desta", p. 1 (grifo meu).

³² S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 200.

³³ S. Freud, "Obsessions et phobies", ob. cit., pp. 22-26 (* grifo meu).

³⁴ S. Freud, "Les psychonévroses de défense", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 9-10. E sobretudo em "Obsessions et phobies" (ibid.), onde, em onze casos apresentados, oito são de mulheres e um é indeterminado.

Em 1896, Freud ainda está atrapalhado, na elaboração do Édipo, por sua teoria do trauma e da sedução. Nas experiências sexuais vividas, não se trata mais de passividade, mas de *participação ativa*, sentida com prazer. Com frequência se esquece o que vem depois no texto freudiano: "Mas não posso ainda dar uma apresentação definitiva precisamente no que se refere à etiologia da neurose obsessiva; simplesmente tenho a impressão de que o ponto decisivo [...] depende das relações *temporais* no desenvolvimento da libido"³⁵. Aí Freud chega, portanto, à questão essencial: qual é a natureza dessa realidade na qual o sujeito vai encontrar o elemento desencadeador da neurose obsessiva? Ora, embora em plena elaboração apreenda o mecanismo das formações da neurose, ele *não se aprofunda* na causa.

Num primeiro período, sobrevêm acontecimentos que são portadores do germe da neurose ulterior. A sedução só tem efeito traumático *après-coup*. Portanto, é em vários tempos, em diversos momentos da história do sujeito que aparecem acontecimentos ou fatos psíquicos patógenos. Assim, não é surpreendente encontrarmos, em 1896, contemporâneo da teoria da sedução e enredado com ela, um esboço evolutivo da *pré-história* da neurose obsessiva em quatro fases. Trata-se de situar os acontecimentos que o sujeito atravessou – ou que o atravessaram – antes que aparecesse a neurose constituída. Nesse texto aparece essa idéia em Freud: um acontecimento sexual, pré-sexual, sobrevém num sujeito que, por causa de sua prematuração, é ainda incapaz de emoção sexual propriamente dita e não pode integrar essa *experiência trazida de fora, sofrida*. Essa falta de preparação para a experiência acarreta um afeto de assombro [*effroi*] (*Schreck*). A cena, no momento em que se produz, *não é objeto de um recalque*. Este só intervirá num segundo tempo.

O fato de que a experiências passivas se acrescentem, na primeira infância, experiências ativas fez essa neurose pender para o lado masculino no imaginário de numerosos autores que ligam a noção de atividade ao masculino. Freud claramente desmentiu essa aproximação. Depois dele,

³⁵ S. Freud, "Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 67.

Lacan mostrou que homem ou mulher não é questão de anatomia. Nenhum significante significa a diferença dos sexos na anatomia.

Em 1909, já no início de seu texto sobre o Homem dos ratos, Freud situa as particularidades da sexualidade infantil muito rica do sujeito, ligadas às ocasiões, bastante numerosas, parece, que ele teve de ver e até tocar o corpo da mulher nua: *Fräulein Peter* e *Lina*; o que culminou numa ativa exacerbação das tendências voyeuristas de Ernst. Em resposta ao pedido do menininho, *Fräulein Peter* não disse não nem evocou nenhuma interdição: “Ela me o permitiu, com a condição de eu não dizer nada sobre isso a ninguém”³⁶. Esse voyeurismo foi imediatamente ligado a um sentimento de inquietante estranheza³⁷. Em poucas palavras Freud concentra tudo o que produziu: a sedução precoce de um adulto em relação a uma criança, condição do recalque futuro; a atividade sexual agradável; o recalque e o retorno do recalcado que emergem, aqui, sob a forma da inquietante estranheza. Ele vê, nessa cena, “ao mesmo tempo o núcleo e o modelo de sua neurose ulterior”³⁸.

Por outro lado, ele descobre com esse paciente que, na neurose obsessiva, as fantasias* sádicas do sujeito *permanecem* como fantasias, mas, em contrapartida, as agressões contra a própria pessoa – forma reacional ao impulso – induzem passagens ao ato auto-sádicas. É o que Freud chamou de “*compulsão a um suicídio indireto*”³⁹.

³⁶ S. Freud, “Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'Homme aux rats)”, em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 203.

³⁷ “Eu lhe toquei os órgãos genitais e o ventre, que me pareceram singulares [...] Ao experimentar esses desejos, eu tinha um sentimento de inquietante estranheza”, *ibid.*, pp. 203-204.

³⁸ *Ibid.*, p. 204.

* Traduziremos sistematicamente *fantasme* por “fantasia”; quando se tratar de *fantaisie*, traduziremos por “imaginação”. (NT)

³⁹ A propósito do primo inglês, Dick, de quem Ernest sentia ciúme e do qual ele gostaria de se livrar, matando-o. Surge no pensamento do paciente de Freud a idéia de se punir por ter tais pensamentos: “Foi uma compulsão a um suicídio indireto [...] ele começou a correr em pleno sol de agosto, sem chapéu [...], a subir montanhas correndo [...], banhado de suor [...] na beira de um precipício se forma nele a ordem de saltar...”, em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 221 (* grifo meu).

Outro ponto importante: na oportunidade da sessão de 1º de outubro, o Dr. Lanzer⁴⁰, já que esse é o verdadeiro nome do Homem dos ratos, comunica a Freud sua ambivalência com relação a duas pessoas que lhe são caras. A ambivalência é um novo ponto capital que Freud extrai nessa observação. Todos os sentimentos agressivos estão marcados com o selo da ambivalência. Diante de um mesmo objeto, eles persistem *ao lado* dos sentimentos de amor conscientes – e apesar destes. A propósito da ambivalência com relação ao pai, Freud descobre que o amor intenso pelo pai é a condição do recalque do ódio. Quanto mais intenso é o amor, mais o sujeito mantém seu contrário, o ódio, *no inconsciente*. Está aí o protótipo do que ele designará, em sua última teoria das pulsões, *desfusão das pulsões*.

Freud insiste numa luta que “alcança grande violência”⁴¹ em seu paciente, luta entre o amor e o ódio pela Dama e pelo pai. No entanto, descobrimos um conflito mais primitivo: aquele entre o amor e o ódio *pela mãe*. Ernst expressa numerosas queixas contra sua mãe. Zetzel⁴² assinala também anotações que mostram *uma identificação com a mãe*; quando ela criticava o pai; esse fator tem um grande papel no supereu intransigente do paciente. Essa identificação com a mãe aparecerá de maneira muito mais evidente em Serguei, o Homem dos lobos.

Em 1926, Freud designa com a expressão “anulação retroativa”⁴³ a ambivalência que se manifesta num certo tipo de condutas compulsivas como um dos mecanismos de defesa característicos da neurose obsessiva, ao lado do isolamento e do deslocamento.

É apenas nas suas últimas elaborações do fim do texto do Homem dos ratos que Freud vai empregar a palavra *regressão*⁴⁴, noção essencial e

⁴⁰ P. Mahony, *Freud et l'Homme aux rats*, trad. do inglês por B. Vichyn, Paris, PUF, 1991, menciona o verdadeiro nome do paciente de Freud, conhecido até então pelo nome de Ernst Lehrs.

⁴¹ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 233.

⁴² E. Zetzel, “Notes supplémentaires sur un cas de névrose obsessionnelle: Freud 1909”, em *Revue française de psychanalyse*, XXXI, nº 4, 1967, pp. 525-538.

⁴³ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, PUF, 1973, p. 41.

⁴⁴ Excetuada uma curta nota referente ao projeto de casamento que a mãe tinha para seu paciente: “Deve-se notar que a fuga para a doença lhe foi tornada possível graças à identificação com seu pai. E esta permite a regressão dos afetos aos vestígios da infância”, S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 228 (grifo meu).

própria a essa figura clínica. No fim de *Inibição, sintoma e angústia*, acrescenta uma nota de extrema importância sobre "a pulsão de destruição *dirigida contra a própria pessoa*"⁴⁵. É sempre o caso na neurose obsessiva.

A regressão libidinal dá conta, em última instância, dos elementos mais característicos observados: voyeurismo, erotismo anal, agressividade muito intensa e muito reprimida, ambivalência. "A regressão permanece decisiva para tudo o que se passa depois"⁴⁶. Freud nunca voltará a essa afirmação.

Todas as grandes linhas que caracterizam essa neurose estão em *O homem dos ratos*, em 1909, e *Tótem e tabu*, em 1912⁴⁷. "A concordância psicológica entre o tabu e a neurose de compulsão seria confirmada no seu essencial"⁴⁸. Freud chega a pensar que o nome *doença do tabu* também seria conveniente para a neurose obsessiva. Em 1912, insiste em dois traços: a proibição essencial é a do contato, do tocar, e, seu corolário, o tabu se transmite por contágio, pouco a pouco⁴⁹. "O fundamento do tabu é uma ação interdita pela qual existe no inconsciente uma forte inclinação"⁵⁰. Além disso, para o obsessivo *um mau desejo já é em si um ato de agressão condenável*. Da mesma forma, um feliz encadeamento de pensamento é um triunfo ou um gozo. Há aí um retorno a um modo de pensamento arcaico no qual os processos intelectuais são sexualizados. A regressão da libido à fase narcísica que Freud havia identificado no fim de *O homem dos ratos* é agora claramente precisada.

Essa noção é retomada no ano seguinte, num artigo no qual ela encontra um lugar completamente central, relacionado à *fixação*. É a *fixação*

⁴⁵ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, PUF, 1973, p. 97 (* grifo meu).

⁴⁶ Ibid., p. 34.

⁴⁷ S. Freud, *Tótem et tabou, quelques concordances entre la vie psychique des sauvages et celle des névrosés*, trad. franc. M. Weber, Paris, Gallimard, 1993.

⁴⁸ Ibid., p. 128.

⁴⁹ Freud nos dá aqui uma idéia precisa do funcionamento do significante no obsessivo por exemplos notáveis: "Tudo o que orienta as idéias para o que é interdito, que estabelece um contato pelo pensamento é vedado a mesmo título que o contato físico imediato [...]. As interdições compulsivas são suscetíveis de extraordinários deslocamentos...", ibid., p. 116.

⁵⁰ Ibid., p. 123.

que torna possível a regressão ulterior e é no tipo de fixação que se deve buscar a disposição à futura neurose⁵¹. O que é que provoca essa regressão? Um elemento exterior faz intrusão num aparelho psíquico, encontrando-se o desenvolvimento do eu em defasagem com relação ao da libido. Por causa de sua precocidade e de sua prematuração, a criança futuro obsessivo é coagida a fazer sua escolha amorosa num momento em que suas pulsões são ainda terrivelmente agressivas; o que a obriga a empregar muito cedo mecanismos de defesa específicos contra as pulsões pré-genitais.

Em 1926, Freud, numa elaboração magnífica e difícil⁵², apresenta uma versão sintética da gênese dos sintomas. Ele faz do caráter negativo repressivo das defesas obsessivas o traço mais antigo da ambivalência e do poder desta⁵³; traço que já havia situado em 1896 e que havia então nomeado de "sintoma de defesa primário"⁵⁴. Ele volta a dois mecanismos de defesa próprios da neurose obsessiva: a anulação retroativa e o isolamento. O primeiro era analisado em *O homem dos ratos*, com seus dois tempos: o segundo visava suprimir o primeiro, torná-lo não acontecido. Processo assemelhado por Freud ao pensamento mágico, outra consequência da regressão que ele havia retomado em *Totem e tabu*. Quanto ao isolamento, ele desvela aí, claramente, uma ruptura dos laços associativos.

⁵¹ "Onde se deve buscar a origem dessas disposições? Quando um elemento [da função psíquica] se agarra no estágio anterior temos então o que se chama de *ponto de fixação*, ao qual a função poderá regressar em caso de doença desencadeada por um distúrbio externo". S. Freud, "La disposition à la névrose obsessionnelle", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 189-190 (grifo meu).

⁵² S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit.

⁵³ "Nos casos extremos, o doente é bem-sucedido em obter que a maior parte de seus sintomas, além de sua significação original, adquiram a de seu contrário direto. Testemunho do poder da ambivalência...", S. Freud, *ibid.*, p. 33.

⁵⁴ S. Freud, "Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit.

Capítulo 2

Hoje

A neurose obsessiva é uma espécie de defesa contra todo tipo de tentativa de aproximação ou de captura. Não é defesa contra o outro, mas contra o gozo do Outro. Vê-se o obsessivo passar do *defender-se* para a *defesa de* e para o *dever de defender* alguma coisa ou alguém.

A defesa vai sustentar o *dever*. Ela não entra apenas na estruturação do aparelho psíquico, mas também na da fantasia e do desejo.

Como essa neurose pode ser definida hoje, quando se observa uma deplorável tendência a ver obsessividade em todo lugar onde se manifeste a mínima defesa? É preciso lembrar que um *sintoma* nunca definiu uma *estrutura*.

Quais são os invariantes dessa disposição tão precoce? O que pôde acontecer para que um sujeito fosse *coagido* a adotar a escolha dessa neurose? Por que o discurso obsessivo se organizaria necessariamente em torno de um *núcleo* histérico?

A oposição entre a intersubjetividade do histérico e a intra-subjetividade do obsessivo¹ – indissociável do narcisismo – adquire sua consistência em seus modos de gozo respectivos.

Para apreender a neurose obsessiva, devemos ter acesso ao que o sujeito atravessou *antes* do aparecimento da neurose constituída. Por que se dedica a uma tarefa tão esgotante, que exige uma tensão permanente e

¹ J. Lacan, "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", em *Écrits*, ob. cit., p. 254.

constitui obstáculo ao princípio de prazer? Que experiência favorece a escolha dessa via? Se o histérico organiza sua sintomatologia com o objetivo de afirmar sua subjetividade, seu ser de sujeito, o obsessivo organiza a sua para salvar sua subjetividade e não para se livrar dela, como não é raro ouvir.

É apenas um cabide histérico carregado de sintomas obsessivos? Certamente não. Entretanto, a clínica é testemunha, não deixamos nunca de encontrar sintomas obsessivos nos sujeitos histéricos, assim como sintomas histéricos em sujeitos obsessivos.

Então, como, independentemente dos sintomas, recortar uma estrutura? Proporei uma resposta que escolhe a mãe como "o objeto primitivo; o objeto por excelência"². Ela fará exatamente o que é preciso para que seu filhinho escolha, um dia, essa construção tão sólida e tão refinada: o povoado do qual ele não sairá mais, no qual o encanto das vozes mascara a ferocidade do poder interno. Com toda certeza, é o que não verá seu parceiro de eleição, o histérico, para quem nada deve ser misterioso. Num encontro excepcional com o sujeito desejado como não-castrado, que será bem prático confundir com o sádico, para satisfazer seu narcisismo, o histérico sabe que não se engana: o encontro ocorreu com um sujeito que goza com o lugar que ocupa por excelência: o do escravo.

Como poderíamos, com as ferramentas de que dispomos hoje, sustentar ainda que a obsessão é um *dialeto* da histeria³ ou que o *núcleo de toda neurose* supõe um *substrato de sintomas histéricos*, quando o próprio Freud nos colocou no caminho de uma estrutura em todo o seu direito? A neurose obsessiva, para exprimir seus mais secretos pensamentos, se serve de *meios*⁴: a linguagem da histérica. Apesar de todo o talento para decifrar as adivinhas do doutor Lanzer, Freud não chega a dar conta da obsessão nem a penetrar em seu "dialeto", ainda que este seja mais próximo de nosso pensamento consciente do que o da histeria⁵.

² J. Lacan, séminaire n° V, 1957-1958, "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 12 de março de 1958.

³ "A linguagem dessa neurose [obsessiva] é apenas uma espécie de dialeto da linguagem histérica", S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 200.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

Não é o próprio Freud quem, já em 1898, vai fazer recair sobre a *causa* o diagnóstico diferencial das neuroses⁶? Ele situa a neurose obsessiva numa espécie de oposição à neurose histérica. Ela não se escreve *na mesma língua*. Na histeria, trata-se de hieróglifos, de rébus a serem decifrados; *na obsessão, tudo se produz no campo das idéias*. Na histeria, a motivação inconsciente das condutas é dominada pelo princípio de prazer; na neurose obsessiva, por uma transgressão desse princípio, ao mesmo tempo *preservando* o sujeito contra uma eventual satisfação sexual, com angústia diante da autoridade do supereu – toda “satisfação acarretaria um perigo exterior”⁷. No entanto, é “sob uma influência estranha externa” que se desencadeia a neurose obsessiva⁸.

Os *sintomas* obsessivos são extremamente correntes. Todavia, não basta que apareçam idéias ou atos compulsivos para que estejamos lidando com uma neurose obsessiva. Na histeria, instalam-se compulsões que podem tomar um caráter de obrigação como na mais comum neurose obsessiva. Todavia, não é uma neurose obsessiva, porque não há *luta*, mas simplesmente passagem ao ato.

É claro que o obsessivo se relaciona essencialmente com a linguagem: interdições, mandamentos, idéias, fórmulas de exorcismo, interrogações infinitas, injúrias, exame de todos os tipos de raciocínios, retomadas, revisões, raciocínios abstratos, elípticos, freqüentemente de uma grande complexidade.

O diagnóstico pode se tornar árduo, porque não é raro que esse sujeito se apresente como um ser de fachada e de engodo. Ele é secreto, embora se exponha, discorra e raciocine aparentemente sem se preocupar com o que se lhe pode responder, contanto que se lhe responda. Embora, de fato, não espere que se lhe responda. *Ele não espera nenhuma resposta*. Está aí um

⁶ “Não é assim se adotarmos nossos pontos de vista sobre as *relações causais* entre a sexualidade e as neuroses”, S. Freud, “La sexualité dans l’étiologie des névroses”, em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., tomo I, 1984, p. 79 (grifo meu).

⁷ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 97.

⁸ S. Freud precisa, sem ambigüidade: “A transformação *não ocorre espontaneamente*, em virtude de uma evolução interna, mas *sob influência estranha externa*”, em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 413 (grifo meu).

modo de defesa desse que se sente esfolado vivo, sujeito muito sensível, mais intuitivo do que qualquer um outro.

O obsessivo freudiano ficará plantado no seu *Não estou nem aí pra ninguém e não quero saber que sei*. Os atos obsessivos são atos a serem interpretados. Em 1926, Freud "ainda não era capaz de considerar as condições que determinam a formação dos sintomas no caso da neurose obsessiva"¹⁰.

* Freud rende uma bela homenagem a essa neurose que o seduzia tanto ao falar de seu Homem dos ratos, que ele considerava "como um dos homens mais inteligentes que já havia encontrado", em "Résistance et refoulement", em *Introduction à la psychanalyse* (1916), Paris, Payot, 1974, p. 269.

¹⁰ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 17.

PRIMEIRA PARTE

FUNÇÃO MATERNA NA DISPOSIÇÃO
À NEUROSE OBSESSIVA

Capítulo 3

A mãe, agente das modalidades da disposição

Freud foi reticente quando se tratava de falar da mãe e de estudar sua influência na neurose do filho. No entanto, ele situou bem a fixação à qual retorna a neurose obsessiva: o período pré-genital dito sádico-anal.

Costuma-se dizer que o obsessivo é “muito ligado à mãe”. Não foi o que Freud exatamente observou, nem o que podemos ouvir do lugar do analista. Em seu *Leonardo*, embora fique hesitante, sublinha sem ambigüidade que a ternura da mãe é um pouco *excessiva*¹. Ferenczi fazia a hipótese, prudente mas categórica, de “uma importância maior da tendência incestuosa nos adultos, recalcada e assumindo a máscara da ternura”². Lacan verá no “sexo macho o sexo fraco com relação à perversão”³.

O apego da mãe vai se revelar muito particular. A mãe se aliena no filho. Quem ama quem? Podemos falar de amor? Freud encontrou insuperáveis dificuldades quanto à análise do ódio da mãe com respeito a seu filho⁴. Ele preferiu insistir na ambivalência amor/ódio recalcada. O que exatamente está em jogo entre a mãe e o filho?

¹ S. Freud, *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci* (1910), trad. franc. J. Altounian, A. e O. Bourguignon, P. Cotet, A. Rauzy, Paris, Gallimard, 1987.

² S. Ferenczi, “Principe de relaxation et néocatharsis”, em *Psychanalyse. Œuvres complètes*, tomo 4, ob. cit., p. 93.

³ J. Lacan, “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien”, em *Écrits*, ob. cit., p. 823.

⁴ Ver a análise feita sobre isso por C. Stein, *Les Erinyes d'une mère. Essai sur la haine*. Paris, Calligrammes, 1987.

Não basta sugerir que a mãe do obsessivo seria doce, passiva, e seu filho um garoto bem mau, apegado a sua mamãe que o amou tanto. A da histérica, injusta, cheia de ódio, teria dado à luz uma infeliz garotinha cuja queixa em relação a uma mãe que não soube amá-la seria justificada. Discurso um pouco simplista. Dizer, com Bouvet, que a mãe do obsessivo é fálica, castradora e fascinante⁵ não é mais aceitável. Estes já são *efeitos* de sua ligação com o filho. Ela não é nada disso *a priori*.

Quando o filho nasce, a mãe é bruscamente privada de seu objeto totalizador imaginário. Freud falava de Narciso privado desse objeto pelo aparecimento de um objeto real e da depressão que se segue. A mãe tem outras *soluções*. Depois de uma fase quase paranóica de onipotência, a queda da libido após o nascimento pode provocar todos os tipos de sintomas. Como uma mãe enfrenta a castração simbólica reativada pela *perda* do filho? Ele não está mais no lugar onde estava e a distância entre o objeto imaginário e o objeto real abre uma lacuna. Não que ele seja melhor ou pior que o filho esperado, sonhado, seja ele de um sexo ou de outro; ele agora é bem real.

Com relação ao amor parental, Freud já era tão severo quanto se poderia ser; gostaríamos de que esse amor fosse sublime, ele o qualificava de "infantil"⁶. A derivação da libido para o filho, que pode chegar, com a benção geral, até a erotomania – em detrimento do marido e das relações sexuais –, é a realização do velho sonho feminino de plenitude, de completude – fantasia também masculina. Ela é homem porque tem o falo, o filho, e é mulher já que é mãe. Visão simplista.

Em suma, mal saída de seu narcisismo de criança e de adolescente, para uma mulher se apresenta uma nova fase narcísica com a chegada de

⁵ M. Bouvet, "Importance de l'aspect homosexuel du transfert dans le traitement de quatre cas de névrose obsessionnelle masculine" (1948), em *Œuvres psychanalytiques*, tomo 1, *La relation d'objet. Névrose obsessionnelle. Dépersonnalisation*, Paris, Payot, 1967, pp. 13-47; e "Incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l'envie du pénis dans la névrose obsessionnelle", dezembro de 1949, *ibid.*, pp. 49-76.

⁶ "O amor dos pais, tão tocante e, no fundo, tão infantil, nada mais é que o narcisismo deles que vem renascer e que, apesar de sua transformação em amor de objeto, manifesta a mais não poder sua antiga natureza", S. Freud, "Pour introduire le narcissisme" (1914), em *La Vie sexuelle*, Paris, PUF, 1973, p. 96.

seu filho. Depois do que, duas vias para encontrar um semblante de real se oferecem a ela: o homem e o filho. A via que leva ao filho permanece fortemente narcísica e marca, como tal, a relação mãe-filho; único *prazer* socialmente admitido, já que nos aferramos ainda a valorizar numa mulher a função dita materna.

Como a mãe do sujeito futuro obsessivo age para assim *organizar* seu filho, já que este só pode passar pelos significantes dela, desde seu nascimento?

Nascimento de um eu [moi] sob influência

Como a experiência nos ensina, em sua prematuração a criança pequena não se distingue do mundo como objeto. Ela é a mãe, o seio que a nutre; ela é Toda.

O que se passa no *vivido* dessa infância? Ela é "um lugar temporal no qual certas experiências [...] produziram *impressões* que deixaram rastros inapagáveis [...] e quando se fala, com Freud, de rastros inapagáveis produzidos durante experiências de prazer não se trata simplesmente de materiais inertes"⁷. Essas primeiras percepções estão ligadas a *das Ding*, a Coisa⁸, cujas vestes a mãe, na neurose obsessiva, sempre portará. O que Freud chama primeiro de *fremde Hilfe* (ajuda alheia) apenas alivia uma tensão, introduz o sujeito no simbólico; ela satisfaz a demanda, criando um estado de desejo. Esse indivíduo compassivo será chamado por Lacan de Outro primordial. *De jeito nenhum é um semelhante*.

⁷ Como mostram não apenas Freud, mas também numerosos autores depois dele, inclusive e principalmente Lacan, que disso fez o eixo de seu trabalho de 1936, já citado, *La famille*, de seus seminários, "La relation d'objet et les structures freudiennes" (1956-1957), inédito, e "Le désir et son interprétation" (1958-1959), inédito.

⁸ M. Dayan, "L'infantile et la remémoration", em *Psychanalyse à l'université*, dezembro de 1980, tomo 6, pp. 9-10. Freud havia definido o rastro de memória desde 1895, "Esquisse d'une psychologie scientifique", em *La Naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973, p. 315: "... a memória é representada pelas facilitações entre os neurônios".

⁹ Lacan fez de a Coisa (*das Ding*) o objeto de amor primeiro, a mãe, o Outro primordial ao qual a libido fica fixada.

Toda a teoria freudiana do sistema percepção-consciência e da memória gira em torno de uma sucessão de inscrições. Na carta de 6.12.1896 a Fliess, Freud fala de percepção; é a impressão do mundo exterior, bruta, original, primitiva, *efetivamente inscrita*, alguma coisa que constitui signo e que é da ordem da escrita. "A defesa patológica é dirigida apenas contra os rastros mnemônicos ainda não traduzidos e que pertencem a uma fase *anterior*"¹⁰. A fase dita anterior é marcada, *après-coup*, pela inacessibilidade do objeto *situada no princípio*, quando a criança é privada de algo real. *Ora, cabe pôr em dúvida essa asserção na neurose obsessiva.*

De 1895 a 1930, com *Mal-estar na civilização*, Freud opôs princípio de prazer – processo primário – e princípio de realidade – processo secundário. Ele postula que, na busca da satisfação, o princípio de prazer conduz a alucinar o objeto que falta. Esse processo é alterado no caminho da neurose obsessiva, na medida em que a primeira satisfação foi muito intensa, marcada de letalidade. O obsessivo evita o caminho para trás, o que o levaria para a satisfação completa. As resistências não bastarão para isso.

A força primordial da neurose obsessiva não é uma tendência a *reproduzir*, mas a *evitar o que foi*. Na hipótese de o Homem dos lobos ter sido testemunha da cena originária, ele foi ao mesmo tempo testemunha da repetição do ato que esteve na origem de sua concepção. Daí a viver como espectador excluído, como agente... Como passar ao lugar de agente? O sujeito só dispõe de meios muito limitados para simbolizar o que se dá a ver e para sair desse campo de passividade no qual ele vai manter o Outro. O Homem dos lobos está em posição de *ler o que não é engodo* – não está na hora* –, questão essencial, problemática, tenaz e insistente para ele.

Se a conduta da histérica tem como objetivo recriar um estado centrado no objeto como suporte de uma aversão, de uma insatisfação, para o obsessivo o objeto é considerado como tendo trazido prazer demais. Ele sempre se vira para *evitar o objetivo e o fim de seu desejo*. Nele, o modo de funcionamento do princípio de prazer é evitar todo excesso. O princípio de

¹⁰ S. Freud, "Lettre n° 52, du 6 décembre 1896 à W. Fliess", em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 154. (* grifo meu).

* Jogo de palavras entre *leurre* e *l'heure* no trecho *lire ce que n'est pas leurre – l'heure*. (NT)

prazer governa a busca do objeto de acordo com as leis da organização da memória – e essa busca passa pelos desvios que deixam o objeto *à distância*; porque o objeto, para ele, sucumbe ao objeto primordial.

Exteriores ou interiores, as quantidades de excitações representam um *continuum*. Freud lhes opõe a função do eu articulada com a inibição. A tarefa do eu é “se desembaraçar dos investimentos pela via da satisfação”.

A clínica mostra que a inibição¹¹ tem um lugar importante na neurose obsessiva.

Em 1895, não há ainda além do princípio de prazer na teoria freudiana. *A questão do trauma é posta quando a inibição falha como defesa do eu contra os processos primários*, contra o aumento das tensões.

O enlaçamento entre inibição, trauma e *après-coup* é indispensável para compreender como a inibição culmina no *conflito das vontades* posto em relevo sobretudo no fim dos *procedimentos de figuração do sonho*¹². Freud pode mostrar que é porque o objeto falta que há simbolização e subjetivação.

Nos primeiros momentos de sua vida, a criança aprende a diferenciar suas impressões. É provável que a primeira distinção feita seja entre *as impressões* nas quais ela pode confiar e *as impressões estranhas*. A qualidade inabitual é sentida como *perigosa*. As provisões narcísicas são esperadas do que é *conhecido*. As partes da mãe que são conhecidas e proporcionam confiança são amadas. Reconhecida como um todo, ela se torna o objetivo simultâneo de necessidades eróticas e narcísicas indiferenciadas.

É assim que a mãe se vê em posse de um poder muito particular de exercer uma influência.

Menino ou menina, a criança fica ligada a seu primeiro objeto de amor, a mãe, que a fará sofrer algumas frustrações; assim ela poderá, mais

¹¹ Uma das etimologias latinas da noção de inibição encontra sua origem num termo técnico de marinha que, nos tempos de galera, tinha um sentido muito preciso. *Inhibere* significava: *remar para trás, remar em sentido contrário*. O substantivo *inhibitio* designava exclusivamente a *ação de remar em sentido contrário*. Essa acepção indica não apenas uma *parada*, uma *suspensão*, mas, realmente, uma *força*, um *dinamismo* contracorrente. Para Freud, não se trata de um sentido contrário, mas de uma *derivação*.

¹² S. Freud, “Les procédés de figuration du rêve”, *L'interprétation des rêves*, trad. franc. I. Meyerson, revista por D. Berger, Paris, PUF, 1973.

tarde, lhe dedicar algum ódio. Mas verdadeiramente poderá? Porque o amor pela mãe continua dominante durante a primeira fase infantil... e depois.

A mãe, aparentemente, deveria ser "a primeira proteção contra a angústia"¹³. No entanto, ela será a causa mais poderosa da angústia na estrutura obsessiva. Porque é a demanda do Outro primordial – a mãe – que faz a função anal do excremento entrar na subjetivação da criança. Essa parte dele mesmo que o sujeito tem algum receio de perder é ainda mais valorizada porque satisfaz o capricho do Outro; ela simbolizará a castração como tal. "Convém lembrar que é na mais antiga demanda que se produz a identificação primária, a que se efetua pela onipotência materna, isto é, aquela que não apenas faz a satisfação das necessidades depender do aparelho significante, mas também as fragmenta, as filtra, as modela nos desfiles da estrutura do significante"¹⁴. Lacan observa que a neurose obsessiva tem uma relação privilegiada com o que "há de escrita original na questão do significante"¹⁵.

¹³ S. Freud, *L'Avenir d'une illusion* (1927), trad. franc. M. Bonaparte, Paris, PUF, 1973, p. 33.

¹⁴ J. Lacan, "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., p. 618.

¹⁵ J. Lacan, séminaire, Livre IX, 1961-1962, "L'identification", lição de 6 de dezembro de 1961.

Binários objetais e pseudotriangulação

É comum ouvir dizer que a primeira relação mãe-filho não é triangular. Ora, a partir do momento em que a questão é o filho, antes mesmo que ele nasça, *há triangulação*. Depois do que, é essencial que o sujeito, que se coloca a questão de sua existência, encontre o pai na palavra da mãe. O desejo da mãe toma sua significação fora da *criança*. O envelope do *não* do pai terá *dois* endereços: o da mãe e o do filho.

Na disposição obsessiva, o pai está presente na palavra da mãe, que faz pouco caso dele. Ela nega esse pai, seu esposo, e até mesmo sua existência; e, simultaneamente, o pai simbólico, suporte e referente da lei para o filho. O papel do pai é atenuado pela pouca consideração que sua mulher tem por ele, mas *ele existe*. Entretanto, o filho sabe que não tem que intentar ser o falo imaginário da mãe. Então, ele vai permanecer, *num semblante congelado*, esse objeto de *morada proibida* num lugar que a mãe lhe assinalou; o lugar da falta materna.

O filho, que a mãe possui como objeto causa do desejo *dela*, se considera como a causa do afastamento do pai pela mãe. Ele sabe que tem alguma coisa a ver com esse assunto obscuro.

As interdições são, em princípio, enunciadas pelo pai. Ora, estamos lidando aqui com *interdições formuladas pela mãe*. Por que não dar atenção a isso? Por que deveríamos ficar no fato de que a mãe é tida como veiculadora das interdições do pai, numa sociedade em que, hoje mais do que nunca, os pais falam a *mezza voce* e em que a monoparentalidade toca maciçamente às mulheres? Os pacientes o dizem: "A lei de minha mãe".

Queira ou não, o obsessivo permanecerá sujeitado a essa mãe e a seu ditado: "Tu desejarás apenas meu desejo".

Já que ela não reconhece o pai como podendo satisfazê-la, como o filho poderia reconhecê-lo capaz de *satisfazê-la*? *Um homem não pode satisfazer uma mulher*. Um homem que não é detentor desse objeto, o falo, é um homem fraco. Uma mulher não poderia satisfazer um homem porque não é detentora do objeto que pode causar seu desejo.

A mãe mantém a relação com seu filho inscrita no registro do imaginário.

Mas, contrariamente ao perverso ou ao fetichista, o filho renunciará a sua identificação primeira e *forçosa* com o falo imaginário materno. O filho não é *realmente* satisfatório, e a mãe não deixará de significá-lo a ele.

Na homossexualidade¹, a mãe é vivida como fazendo lei para o pai; casal sem terceiro. De jeito nenhum é esse o dispositivo na neurose obsessiva – ainda que estejamos diante de uma mãe-senhor ou senhora. É uma mãe de forte componente perverso, intrigante, perturbadora, exigente, insatisfeita, tomada pelo desejo de *destruir o desejo do outro*, do semelhante². O pai não tem o poder de, por alguma intervenção, desassujeitar seu filho da manta (a amante)*. E não acha necessário. Ora, é a função paterna que autoriza o sujeito a advir como tal. Menina ou menino, é para o pai que o filho vai se voltar para se desassujeitar. Para um pai que, embora não permita que a mulher faça a lei para ele, não pode fazer a lei para sua mulher. A atitude ambígua de observador tranqüilo e passivo de um pai-que-não-quer-saber-de-histórias faz da esposa uma mulher que geralmente não leva em nenhuma conta suas interdições, de tanto que sua voz é fraca. O pai deixava rolar muito "tranqüilamente" com a mãe do pequeno Hans³. Este

¹ S. Freud, "Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine" (1920), trad. D. Guérineau, em *Neurose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 245-270.

² Se o imaginário de muitos se compraz em buscar perversão no obsessivo, e em vão, os clínicos da histeria freqüentemente negligenciaram o componente perverso de seus pacientes. Basta reler o que Freud conta de Dora, em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., pp. 1-91.

³ Provável jogo entre *la mante* (que tanto pode ser a manta, o manto, em suas diversas acepções, como temos em português, assim como *mante*, abreviação de *mante religieuse*, louva-a-deus) e *l'amante*, por homofonia. (NT)

⁴ S. Freud, "Analyse d'une phobie chez un petit garçon de cinq ans", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., pp. 93-108.

então só pôde substituir o pai por um objeto, o cavalo, ele sim capaz de morder.

O obsessivo, tal como o Homem dos ratos⁴, não substitui seu pai pelo capitão cruel capaz de infligir torturas, conformemente a suas fantasias? Objeto que lhe permite, então, *imaginariamente*, suprir a carência da função paterna.

Não podemos ignorar a imagem de sedutora perversa que a mãe do sujeito oferece, sujeito que também poderia afirmar: "Sou perseguido pelas Erínias de uma mãe"⁵.

Por que Freud rejeitou a idéia de que uma mãe possa nutrir sentimentos de hostilidade com relação a seu filho? Ele também não podia aceitar que um menino pudesse estar habitado por votos de morte com relação a sua mãe. Do lado da menina, em contrapartida, não viu nenhum inconveniente. No entanto, é uma mãe quem decide fazer de seu filho um objeto sobre o qual exercer seu poder absoluto.

O nome do pai e a lei estão no centro do complexo obsessivo. Se os atos do pai são desqualificados ou ignorados pela mãe, o filho, identificando-se com ele, só pode tomar-lhe emprestados traços desprovidos de sentido. O sentimento do servilismo, da inépcia para o trabalho de um pai, desenvolve no filho pendores para realizar ritos incompreensíveis, estéreis e que nunca terão valor de ato.

O pai tem tendência a reagir de maneira hostil ao fato de não ser portador do objeto que satisfaz a mãe. Frequentemente, não pára de aborrecer e humilhar esse filho, menino ou menina, próximo demais da mãe. *Ele comete um erro quanto ao agente*: é a mãe que segura o filho; e de jeito nenhum é questão de sexo, mas de imagem e de completude graças a um objeto que ela tem à disposição para um jogo de tolos. A mãe se opõe a toda intervenção do pai.

⁴ S. Freud, "Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'homme aux rats)", *ob. cit.*, pp. 199-261; e *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, trad. franc. E. Ribeiro Hawelka, Paris, PUF, 1974.

⁵ C. Stein, *Les Erinyes d'une mère. Essai sur la haine*, *ob. cit.*, p. 24.

A *sexo ratio* é perfeitamente respeitada. Seja qual for seu sexo anatômico, o filho está no lugar de objeto-ersatz. *O objeto é assexuado*; não lhe pode ser concedido nenhum valor de feminilidade ou de masculinidade no lugar que lhe foi designado pela mãe.

Os obsessivos, embora freqüentemente estejam em excelentes relações com sua mãe, sejam sensíveis às exigências das mulheres, com as quais eles encontram *uma intimidade assexuada*, estão, inegavelmente, em busca de pai. Não o pai imaginário, destinatário das reivindicações permanentes da histérica, mas um pai que saiba fazer respeitar a lei, terceiro realmente simbólico, apto a lhes permitir um advento como sujeitos desejantes através de sua intervenção.

Não há romance familiar obsessivo em que o sujeito não se sinta esmagado pelo "privilégio" de ter sido entrevisto como "filho-que-serviu-para". Nas questões do desejo, mobilizadas pela lógica fálica, esse *privilégio* inevitavelmente desperta na criança um investimento libidinal precoce. Do amor, com toda razão, ela duvida. Ela também naturalmente se fecha numa crença que a designa para um lugar de objeto no qual a mãe poderia encontrar o que supostamente espera do pai. Toda ambigüidade do discurso materno pode favorecer a instalação imaginária do filho num dispositivo de suplência cuja visada seria a satisfação do desejo materno.

A lógica da organização obsessiva toma apoio nesse dispositivo imaginário de suplência.

Convém precisar que não se trata, nesse caso, de uma suplência do objeto que causa o desejo da mãe. Neste último caso, estaríamos em presença de disposições propícias à eclosão de estruturas perversas, até mesmo psicóticas; essa confusão manteve amálgamas por longo tempo. *O objeto a não tem ser*⁶. Como poderia haver identificação com o objeto *a*, já que esse objeto *não tem imagem especular*⁷? Se "cada um goza do inconsciente na medida em que o inconsciente o determina"⁸, deve-se ficar atento ao que

⁶ J. Lacan, séminaire 1973-1974, "Les non-dupes errent", inédito, lição de 9 de abril de 1974.

⁷ J. Lacan, séminaire 1962-1963, "L'angoisse", inédito, lição de 9 de janeiro de 1963.

⁸ J. Lacan, séminaire 1974-1975, "RSI", inédito, lição de 18 de fevereiro de 1975.

Freud apresentou como sendo o inconsciente. *Não temos acesso ao inconsciente do outro*. Desde os primeiros anos de seu ensino, Lacan observa: "No plano libidinal, o objeto jamais é apreendido a não ser através do crivo da relação narcísica"⁹. Como o sujeito saberia o que falta ao Outro a não ser por um dado a ver ou a ouvir vindo desse Outro?

O falo *recobre* o objeto *a* que só se pode — macho* — *imaginar*¹⁰. O Outro identifica sua falta com a criança. O incesto *é aqui posto em jogo pelo Outro primordial, a mãe*, um Outro que não ignora a interdição; a criança, em sua prematuração, *não sabe ainda. É a mãe quem identifica seu filho com o objeto imaginário fálico*. O filho só é convocado, imaginariamente, a suprir a satisfação do desejo materno na medida em que esta parece faltar à mãe. Assim, veremos mais tarde, o obsessivo tende a se constituir como *tudo para o outro*, velando permanentemente para que o outro de jeito nenhum possa se apropriar de sua pessoa como objeto.

A mãe onipresente, tomada pela preocupação permanente de provocar o pai na expressão de sua impotência, *intenta* manter seu filho na rivalidade e na competição. Uma tal atitude materna pode inclinar a menininha não apenas para se constituir como *tudo para o outro*, mas também a tudo controlar e dominar para que o outro de nenhum jeito lhe escape — num processo de identificação com a *mãe-toda*. Será preciso que *nada falte*, porque, se alguma coisa viesse a faltar, então a imagem do Outro não teria o objeto que a menininha *é* para o Outro materno.

"Eu era tudo para ela", diz uma paciente. Temos que retificar aqui: "Eu lhe faltava para que ela fosse Toda".

⁹ J. Lacan, séminaire, livre II, 1954-1955, *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique*, Paris, Seuil, "Le Champ freudien", 1977, p. 199 [tradução brasileira: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 213].

* Em francês, *mâle*, que é homófono a *mal* ("mal"). (NT)

¹⁰ J. Lacan, "Les non-dupes errent", inédito, "o objeto *a* [...]. É um fato que isso se imagina [...] com o que se quiser, isto é, com o que se suga, o que se caga, o que faz esse olhar, o que domina esse olhar [...] e depois a voz", lição de 9 de abril de 1974.

Uma mãe fora da lei

A neurose obsessiva se constitui em torno da *castração da mãe*. O corpo da mãe do futuro obsessivo se revela como um corpo do qual nenhuma "coisinha"¹¹ pode ser separada. Ele *é* a coisinha.

Na sua relação com o pai, a criança não pára de desenvolver uma atividade contínua e insistente não para substituir o pai — estratégia do dispositivo edipiano —, mas convocar o pai, ou seus representantes, para que ele intervenha. Ela dele espera explicitamente uma intervenção *em relação à mãe*. Não pára de convocar uma castração que ela põe em jogo, e volta a colocar, e exhibe: *a da mãe*. *O obsessivo tem necessidade de um pai que lhe pareça pai e permaneça como tal*. Tem necessidade de se assegurar de que *o lugar não pode ser tomado de assalto*. De fato, o pai está em seu lugar, e a prova reiterada tem como objetivo reassegurar-se da existência salvadora da castração, temperando assim a erotização incestuosa que a atitude materna induz e na qual o sujeito está *inconscientemente* prisioneiro.

Toda mãe tem um trabalho de luto a fazer após o nascimento de seu filho. A mãe do futuro obsessivo faz o luto do filho, não o do órgão que ele representa. De imediato, o filho é alienado pela mãe num engodo, já que ele é, para ela, sempre "significação de outra coisa"¹², como Maud Mannoni sublinha. Para toda mãe, o sonho é *primeiro* o de fusão. O filho-fetice não vem *preencher o vazio*, já que a relação é *fantasística*? *O sonho é puramente narcísico*.

O mal-entendido trágico que se institui entre a mãe e o filho vem de "outra coisa". "O filho, destinado a *preencher a falta em ser da mãe*", só tem como significação *existir para ela, não para ele mesmo*¹³. Essas mães poderiam ser "psicotizantes", como sublinham Maud Mannoni ou ainda Piera Aulagnier, já que a lei, para essas mães, é uma lei perfeitamente pessoal, "de pura conveniência individual"¹⁴.

¹¹ S. Freud, "L'Homme aux loups", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 389.

¹² Cf. M. Mannoni, *L'Enfant arriéré et sa mère*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1964, pp. 66-67.

¹³ Ibid., p. 67 (* grifo meu).

¹⁴ Cf. Piera Aulagnier, "Remarques sur la structure psychotique", em revista *La Psychanalyse*, nº 8, Paris, 1964, pp. 47-67, retomado em *Un interprète en quête de sens*, Paris, Ramsay, 1986, pp. 267-286.

Essas mães estão, propriamente falando, fora da lei, já que não deixam nenhum lugar vacante para a intervenção de uma lei terceira que viria mediar a fusão entre elas e o filho. Não é o caso na neurose obsessiva, na qual, embora a mãe se coloque *fora da lei do pai*, este não falta ao chamado.

Na neurose obsessiva, o filho *serve* à mãe. Não podemos dizê-la verdadeiramente fálica, já que ela tem necessidade ao menos desse objeto, o filho, para dizer ao pai que ele é impotente, fraco. O filho é um *meio*, um *órgão* para a mãe. Assim, o Nome-do-Pai de modo algum é foracluído; o *desejo da mãe permanece referido ao pai*.

Na psicose, existe uma complementaridade lógica entre a reconstrução fusional e a instituição de uma lei pessoal. Jamais investido como sujeito distinto do corpo da mãe – não é o caso na neurose –, o filho permanece integralmente submetido ao poder absoluto materno. É porque o poder absoluto materno reina que a função paterna não pode existir. *Jamais* estando o desejo da mãe referido ao pai, o do filho fica circunscrito à mãe sob o modo imaginário e arcaico bem conhecido: ser sozinho e unicamente objeto do desejo do Outro, ser seu falo imaginário. O psicótico está num gozo do qual o neurótico se defende absolutamente, chegando a garantir sua impossibilidade. O Nome-do-Pai está excluído “de sua posição no significante”¹⁵. Em última instância, o filho cativo dessa relação fusional patológica sofrerá necessariamente de uma falha de filiação. Capturado pela recusa materna da função paterna, jamais poderá ser reconhecido e definido como filho de um pai. Talvez não haja melhor definição do que Jacques Lacan entende por foraclusão do Nome-do-Pai.

Nada disso ocorre na neurose obsessiva, embora sejam numerosos os autores que tentam hoje levá-la, alguns para o lado da psicose, outros para o da perversão, outros para o dos estados-limites.

¹⁵ J. Lacan precisa: “o ponto em que queremos insistir [...] é a importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade –, ou, em outras palavras, o lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei”. E mais adiante: o “Nome-do-Pai – isto é, o significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei”, em “D’une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose”, em *Écrits*, ob. cit., pp. 579 e 583.

Tal como um herói, o obsessivo sofre de um conflito épico entre a lei do pai, que implica certos sacrifícios, e essa mesma lei que, por outro lado, é preciso fazer fracassar do lado materno. Essa luta implacável se desloca por múltiplos objetos de investimento, contribuindo para definir o perfil específico da personalidade obsessiva definida sob o nome de "caráter anal"¹⁶.

Embora ele só demande isso, a onipotência materna não dá nenhuma segurança para um filho, "nenhuma segurança em sua atmosfera de *nursery*"¹⁷. "[Para um obsessivo,] a questão nunca é deitar com a mãe. Por quê? Decerto não é por causa da crueza dos termos [...] mas simplesmente porque essa expressão, que se crê resumir vulgarmente o incesto, não corresponde à verdade de sua experiência"¹⁸. O que ele diz no divã? "Eu era a coisa dela", "ela se servia de mim", "ela não tirava os olhos de mim".

"É como se ela encontrasse em mim a satisfação do que não encontrava em meu pai". O que é que a mãe não encontrava nesse pai que teria podido ou devido satisfazê-la? O agente do incesto não pode, de jeito nenhum, ser a criança; esse conhecimento não é inato!

O verdadeiro nó da situação pode ser articulado de maneira um pouco diferente no texto de S. Leclaire: 1) mamãe espera alguma coisa; 2) que papai pode lhe dar; 3) que ele não lhe dá; 4) ela mostra a ele que eu poderia lhe dar¹⁹.

Já antes de seu voto ser formulado, o filho *imagina* que é cumulado de favores pela mãe – com efeito, é antes de mais nada disso que ele *sofre*. Dá-se-lhe a imaginar e ele o faz. Ele é, segundo toda a aparência, já que ela lhe impõe essa crença, o objeto eleito de seu amor. Ele não vê de imediato que esse falso semblante é uma mensagem *dirigida ao pai* para além dele mesmo, filho-ferramenta, filho-fetice.

A história do obsessivo, contrariamente à da histérica, começa por uma satisfação sexual precoce, difícil de reencontrar. E, lembremos, para a mãe o sexo importa pouco; o filho é um *anjo*.

¹⁶ S. Freud, "Caractère et érotisme anal", trad. D. Berger, P. Bruno, D. Guérineau e F. Oppenot, em *Neurose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 143-148.

¹⁷ Ver, sobre essa questão, as análises de S. Leclaire, "Trois observations", em *Démasquer le réel*, ob. cit., pp. 119-188.

¹⁸ S. Leclaire, "Philon ou l'obsessionnel et son désir", em *Démasquer le réel*, ob. cit., p. 152.

¹⁹ *Ibid.*, p. 153.

Ainda que o falo simbólico, significante do desejo, tenha algum motivo de ser na relação da mãe com seu companheiro, aos olhos da criança o pai aparece antes de tudo como privador ou castrador *com relação à mãe*.

Lembremos uma sessão na cura psicanalítica do Homem dos ratos. Ele está com sua irmã, eles trocam juramentos. Ele tem três anos e meio. Nessa sessão, Ernst evoca a masturbação e a representação de seu membro cortado. Fica muito atormentado com isso: "Ele sofria desejos ardentes de se masturbar [...] não é uma sensação grandiosa? Para isso, poderíamos fazer qualquer coisa – por exemplo, assassinar nosso próprio pai!". Segue-se seu medo de ser espancado: "Quando ainda era pequeno [...] seu pai o havia espancado; o homenzinho teria então ficado muito encolerizado e teria injuriado seu pai"²⁰. Em outras palavras, a criança *não aceita* a intervenção paterna como o que é: a expressão de um *interdito*. Em lugar e posto do temor ou da dor, é a cólera que explode no garotinho. O pai reage de uma forma muito estranha. Surpreendido pelos argumentos do filho, "você guardanapo, você lâmpada...", *o pai esquece seu lugar e se faz pitia*: meu filho será um grande homem ou um grande criminoso; em outras palavras, o pai toma o lugar de uma *mulher*.

O Édipo é o momento em que o objeto do desejo aparece submetido à lei do Outro. É, pois, o momento crucial no qual há a descoberta da relação da mãe com a palavra do pai. Ora, a criança vê a mãe questionar o poder do pai. Ela confunde o ser e o ter. Seu esposo não é grande coisa, se é que não é nada, e não tem nada.

O pai ideal é, a cada instante, posto em dúvida pelo obsessivo, já que, como dizia Kierkegaard, ele falhou. Toda a tragédia pessoal do filósofo repousa num desfalecimento paterno que, para a criança, teve o efeito de um "grande tremor de terra [...] uma atroz reviravolta [...], um erro que ia pesar sobre sua família inteira"²¹. "Certo dia, Soren derruba um saleiro. O velho entra em violenta cólera e o trata como filho pródigo"²²!

²⁰ S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., pp. 105-107.

²¹ S. Kierkegaard, *Crainte et tremblement*, em *Œuvres complètes*, Paris, L'Orante, 1972.

²² Cf. M. Grimaud, *Kierkegaard*, Paris, Seuil, "Écrivains de toujours", 1978. Curiosas palavras, muito próximas das do pai de Ernst.

Ele vivia num lar austero no qual a mãe era "apagada". Ele nunca falou de sua mãe. "Fui criado severamente desde a infância na consideração de que a verdade deve padecer o sofrimento, ser ultrajada, insultada. Aprendi que a mentira, a baixeza, a injustiça dominavam o mundo"²³. De que ele falava? Soren admirava apaixonadamente seu pai. Por que esse silêncio relativo à mãe? Por que "sempre considerará as mulheres como criaturas inferiores, de *reflexão limitada*", mais que como seres instáveis e mentirosos, criados para a perdição do homem"²⁴? Ele afirma "Eu nunca soube o que é ser uma criança" e, num texto de 1848: "de um ponto de vista estritamente humano, eu não vivi [...], minha infelicidade, consumada pela educação, foi não ser homem". Que "segredo" o desencoraja de casar com Regina O.? "Eu nunca quis, porque ela teria se tornado minha concubina e eu então ia mais é querer matá-la [...], e onde eu teria buscado apoio quando eu sabia ou suspeitava que o único homem que eu havia admirado por sua grandeza e sua força tinha vacilado?"²⁵.

O que Soren associou a um *imenso tremor de terra* abalou seu desejo.

O obsessivo, como Kierkegaard testemunha na sua relação com Regina, intenta tomar, regressivamente, o lugar do objeto amado. Essa identificação parcial regressiva com o traço unário do objeto perdido não tem êxito, já que o gozo da Coisa, da mãe, é fundamentalmente interdito. O traço unário sustenta a coerção de repetição. Com esse traço se acomodará toda visada narcísica do sujeito que se possa ligar a sua intra-subjetividade.

O ideal do eu é uma necessidade estrutural, um momento essencial da identificação do sujeito. No obsessivo, ele repousa numa identificação com um traço do poder da mãe.

A formação dos ideais, uma das funções do supereu, que Melanie Klein fazia remontar aos estádios pré-edípiacos – enquanto Freud dele faz o herdeiro do complexo de Édipo –, para o obsessivo *terá como fundamento uma imagem feminina*.

²³ S. Kierkegaard, *Crainte et tremblement*, ob. cit.

²⁴ M. Grimault, ob. cit., p. 16 ("grifo meu).

²⁵ S. Kierkegaard, *Ou bien, ou bien*, "Diapsalmata", em *Œuvres complètes*, Paris, L'Orante, 1972.

Agência-mãe

A obsessão do sujeito que passou pela castração, mas que foi *aspirado para seu estado anterior de objeto*, é *evitar reencontrar seu estatuto de objeto*. Eis o que vai selar seu destino. "Meu único objetivo é ser apenas a única coisa necessária à minha mãe", diz Philon, o paciente de Serge Leclaire²⁶. É a proposta típica da histérica, na medida em que o agente é o próprio sujeito. Um obsessivo nunca se prenderá a *ser o objeto necessário ao gozo da mãe*. Essa perspectiva só pode engendrar a mais inibidora angústia.

Um paciente, comediante de teatro, me disse certo dia: "Minha mãe queria que eu fosse como meu pai: um criminoso de aluguel". Filho imaginário de um homem imaginário. Seu pai, um ebanista, tinha *feito* seu filho cursar a École Boulle. O dito filho sai dela... artista comediante... Isso teve más conseqüências; ele não foi aceito sob o teto materno. De cidade em cidade, ele *se produzia*. "Hoje, sou um velho adolescente". Thècle tinha então 43 anos e um grande talento. Culto, fino, de uma sensibilidade exacerbada, tinha casado com uma mulher, também atriz, muito conhecida do grande público parisiense... e vinte anos mais velha.

Estava tudo arrumado para respeitar o oráculo materno: "Você será um criminoso de aluguel — *amanhã**". No tablado, *se* apresentava cotidianamente: tábuas de madeira, material de base que outrora seu pai trabalhava, *com suas próprias mãos*.

O obsessivo entra, com sua espera, sua demanda e suas necessidades, no campo do desejo da mãe. Ela mesma é tomada nas armadilhas do campo de seu filho, que a solicita e a quem ela maciçamente impõe sua insatisfação. É uma das condições *do curto-circuito que funda a neurose obsessiva*. *O desejo nascente da criança se encontra assim, brutalmente, confirmado e, além do mais, satisfeito*.

A criança não poderá mais demandar sem que surja esse desejo mortífero e enganador. Não há mais uma parte da demanda que possa escapar

²⁶ S. Leclaire, *Démasquer le réel*, ob. cit., p. 158.

* Em francês, provável jogo equívoco entre *un homme de main* [criminoso de aluguel/homem que faz um serviço espúrio] e *demain* [amanhã]. A autora jogará de novo com *de main* e *demain* neste mesmo parágrafo e em um capítulo mais adiante. (NT)

à exuberância fantasística do mais violento desejo²⁷, marcado com o selo da perversão do desejo materno, aquele mesmo que pretendeu *preencher* seu filho e que buscou fazer com que ele crescesse nele. Para o obsessivo, também a demanda é exclusivamente vivida sob o modo do desejo. O objeto do desejo se torna, assim, substituto fantasístico da busca do ser; está condenado, por essa confusão, a ficar eternamente *inacessível*.

É errado afirmar que o desejo do obsessivo é atingido pelo impossível. O obsessivo pode inteiramente ter acesso a seu desejo: a cura analítica disso testemunha amplamente.

Em troca, por essência, o *objeto* é inacessível ao sujeito, *seja qual for sua estrutura*. O obsessivo sabe, melhor do que ninguém, que o objeto está irremediavelmente perdido.

Na cura psicanalítica, impossível e interdito estão, para o obsessivo, confundidos, o que tem como efeito a *impotência*.

Contrariamente ao que não é raro ouvir, o desejo do sujeito nada tem de ambíguo. Ele é insistente, até mesmo irritante pela precisão. Se ele deseja caviar, não aceitará salmão. Será *ou* caviar *ou* nada.

É aceitável que se o enfarpele com um desejo *não livre*²⁸? Deixemos Freud falar: se seu desejo não é livre, é porque *seu desejo é ter um desejo não livre*.

O obsessivo busca ser reconhecido como sujeito; tal é seu desejo, capturado na armadilha do desejo do Outro, pelo qual ele deve passar. Quanto à sua liberdade, ela é jogada num terreno totalmente outro. O obsessivo busca, *antes de mais nada*, até mesmo arriscando perder sua vida, um reconhecimento do outro. Por via desse olhar do outro, sua imagem lhe é reenviada.

Quanto a seu estatuto de sujeito, ele duvida, e com razão. O objeto que ele é (que ele odeia*) só pode ser colecionado. Não é ele, por excelência, um colecionador?

²⁷ Ora, "a demanda é feita para a satisfação da necessidade, enquanto que a satisfação do desejo é ter o objeto - o que não se pode demandar", J. Lacan, séminaire 1962-1963, "L'angoisse", inédito, lição de 6 de março de 1963.

²⁸ Não me parece aceitável encarar seu desejo como "impotente quanto a recobrar sua autonomia e seu valor mediador entre a necessidade e a demanda", nem afirmar: "estéril, ele prolifera no grande sonho que é sua vida", em S. Leclair, *Démasquer le réel*, ob. cit., p. 163. A experiência mostra que o obsessivo é precisamente alguém que não se permite sonhar.

* Jogo entre *qu'il est*, "que ele é", e *qu'il hait*, "que ele odeia". (NT)

O que o obsessivo busca destruir, se é que ele busca destruir?

Para Melanie Klein, que identificou, como muitos autores, a relação particular do futuro obsessivo com sua mãe, é a criança que busca destruir a mãe. Ao evocar as necessidades epistemofílicas da fase de exacerbação do sadismo, ela encontra, na criança, tendências a "penetrar por arrombamento" o corpo da mãe para destruir seu conteúdo²⁹. Seu imaginário é muito rico em roteiros! Mas ela deixa de lado as intenções maternas. Nisso ela foi amplamente seguida. Hoje, em numerosos centros, educadores "observam", durante horas, a criança que é "deixada no tapete", sob o olhar acompanhador – benevolente, por que não? – de câmeras de vídeo³⁰; e, às vezes, durante anos. O desejo da criança é "penetrar à força" na caixa negra?

Capturado na armadilha do interesse que busca suscitar, o *infans* vive a experiência de prazer *primeiro* com sua mãe. A união mãe-filho teve como efeito separar este de qualquer outro desejo. Ora, não há desejo que possa se sustentar isoladamente. O obsessivo, cativo desse lugar, objeto-de-uma-paixão, está fundamentalmente isolado de seu semelhante, ao qual, no entanto, será preciso que tenha acesso para que seu desejo viva. Mas o outro é suporte de um desejo *interdito* – e não "estéril"³¹; a esterilidade une impotência e impossível. O outro não é um "objeto inanimado". É claro que o objeto inanimado é o sujeito e que o que ele busca destruir, para além de si mesmo, é *das Ding*, a mãe, o indestrutível.

²⁹ Sob a pluma dela encontramos essas observações curiosas: "Seu primeiro objeto parece ser o interior do corpo da mãe [...] Querendo penetrar à força no corpo da mãe para se apoderar de seu conteúdo e destruí-lo [...]. Os desejos de conhecer o interior do corpo da mãe e de penetrar nele por arrombamento são assimiláveis entre si...", em M. Klein, "Les rapports entre la névrose obsessionnelle et les premiers stades de la formation du surmoi", em *La Psychanalyse des enfants*, tradução franc. J. B. Boulanger, Paris, PUF, 1978, p. 188.

³⁰ Ver, por exemplo C.N.O.F., Informations sociales, *Des bébés "efficaces"*, nº 25, 1993, Paris.

³¹ Não podemos ficar na descrição de S. Leclair: "Nesse impasse, tudo é válido para criar um outro imaginário, suporte ilusório de um desejo estéril. Dar ao objeto inanimado as aparências da vida, fazê-lo nascer, viver e morrer, elegê-lo, mimá-lo e depois destruí-lo, tal é o jogo derrisório ao qual [o obsessivo] está reduzido", *Dématiser le réel*, ob. cit., p. 164.

Na cura psicanalítica, o sujeito faz os traçados de uma mãe que, com mais frequência, se coloca como vítima potencial. Mesmo que seja "apagada", ela não deixa de puxar os cordões na família que lhe "tomará" seu filho, lhe "arrancará o coração", lhe "cortará um dedo da mão" – como essa mulher para quem os filhos eram os "cinco dedos de sua mão"! A mãe perderia um pedaço de si mesma, *uma parte de seu corpo*, um órgão. Educadora, "ela pede [ao filho] que dê alguma coisa que satisfaça [sua] expectativa"³². Essa "disciplina da necessidade"³³ não situa o lugar do obsessivo na problemática da troca, mas na do *dom*. Assim, é "apenas para a satisfação de um outro"³⁴ que o sujeito poderá satisfazer uma necessidade. Consequência: o sujeito é simbolizado "como o que vai no penico [...] O desejo, literalmente, vai à merda"³⁵.

A mãe toma seu filho como um resíduo, um resto – dejetivo, lixo, *representantes* do objeto *a*. O obsessivo se verá sempre como o Outro o vê, já que *esse objeto é sem imagem*; ele é o vazio, o furo no espelho, o que falta no quadro. Lacan não parou de insistir no aspecto aversivo desse objeto³⁶. Nas suas fantasias auto-sádicas, o obsessivo se verá apenas como desvalorizado, rebaixado, esfolado vivo. Só porá em cena *sua própria eliminação*.

Para esse sujeito, a questão não é se identificar com o objeto do desejo da mãe, que ele mantém à distância. Entre ele e o Outro, ele instala um *inultrapassável* que ele tem como *dever* manter. Dedicará sua vida a construí-lo, gastará seu tempo e sua energia para garanti-lo.

Freud tinha a certeza de ter sido "o favorito" de sua mãe; *nem por isso era obsessivo*. A psicanálise nos ensina que não se poderia ser "o filho preferido", aquele "que nenhum ser vivo poderia [...] ter sido"³⁷.

³² J. Lacan, séminaire *Le transfert*, 1960-1961, Paris, Seuil, 1991, lição de 15 de março de 1961, pp. 241 e 242 [Tradução brasileira: *A transferência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, p. 204].

³³ Ibid.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ver, em particular, J. Lacan, séminaire, livre XIV, 1966-1967, "La logique du fantasme", inédito, lição de 18 de janeiro de 1967.

³⁷ C. Stein, *Les Erinyes d'une mère*, ob. cit., p. 18.

No entanto, em 1910, Freud evoca a ternura materna *excessiva* que Leonardo sofreu. Evocando a situação de Catarina, Freud escreve: "Ela foi levada [...] a ela mesma compensar a falta de marido [...]. Assim, à maneira de todas as mães insatisfeitas, colocou seu jovem filho no lugar de seu marido e o roubou de uma parte de sua virilidade por uma maturação de seu erotismo precoce demais. O amor da mãe pelo bebê que ela aleita [...] possui a natureza de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que preenche não apenas todos os desejos psíquicos, mas também todas as necessidades corporais..."³⁸.

O obsessivo é pato do poder excepcional a que ele serviu, o da mãe? A raiva impotente que atravessa sua fala testemunha o contrário. É preciso ter cometido um enorme crime para estar hoje banido para todo o sempre do que continuará sendo um mistério. Essa relação tão particular com a mãe deixa uma criança numa grande fragilidade narcísica e afetiva. Nós o vemos, na cura psicanalítica, repentinamente cair em lágrimas, explodir em soluços de modo às vezes inesperado, tão desesperado, tão violento e infantil que ficamos tanto, até mesmo mais surpresos que ele.

Mãe fora-do-pai e onipotente

A mãe do obsessivo é uma mulher que se recusa como objeto do pai que ela não deseja. De uma forma completamente diferente, Freud a faz dizer: *eu me amo*³⁹ – desconhecimento do eu.

Como ele enuncia em 1914 – o que produz escândalo ainda hoje –, a mãe não investe "seu filho como objeto sexual privilegiado", mas a parte de seu corpo próprio – filho-fetichê – tornado objeto sexual. Desde então, sabemos o nome pelo qual vai responder o filho: objeto fálico, se pudesse ser, ao qual ela o conduz a se identificar *de facto*. Portanto, não seria o filho que se identificaria com um objeto que seu imaginário teria inventado *ex nihilo*. A identificação é *imperativa*, ordenada por um *mandamento*. *A criança não escolhe sua identificação*.

³⁸ S. Freud, *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, ob. cit., p. 146.

³⁹ Cf. S. Freud, "Pour introduire le narcissisme" (1914), em *La Vie sexuelle*, ob. cit., p. 95.

A conduta da mãe com relação a seu filho é de sedução erótica efetiva. Só ele não apreende, no princípio, a natureza desse laço, tanto mais porque *ela lhe proíbe* toda expressão de sua sexualidade.

A criança, como sujeito potencial, está foracluída.

Nem o pai nem a castração são foracluídos, mas a criança: "Isso cuja ausência [...] o real proclama ou significa nada mais é além do que o objeto exigível e exigente que o eu sofre por não poder alcançar e, em última instância, *por não ser*"⁴⁰. O desejo da mãe, x enigmático, retornará para o sujeito, *après-coup*, exibindo sua verdadeira natureza: incestuoso, interdito, enganador, mortífero.

O olhar da criança, quando se voltar para o objeto *legal* do desejo materno, verá um pai que não fez nada repreensível, mas não fez nada para intervir: *ele não fez nada, em absoluto*. Será difícil acertar as contas. Deve ela odiar? Deve obstinar-se em seu amor? O obsessivo constata; e sua constatação é de impotência: *ele não sabia que já estava castrado*. O Outro materno só funcionou no semblante e à sua revelia.

Qual é o enigma posto pelo desejo da mãe? O obsessivo é o objeto de seu desejo e não o é. Ele o foi, não é mais. Poderia ser, mas não deve. Ela o amou? Sem saber, *lhe mentiu*. O olhar mentiu mais que as palavras, que não diziam nada.

A natureza libidinal da coação que se instala hipoteca o pensamento do sujeito. "Ele só pensa nisso". Sobre o que deve operar o recalque? Sobre o laço de outrora? Aquele que constituiu trauma? Sobre a moção erótica? Ela é interdita. O *ou... ou* se concluirá por *um e outro, nem um nem outro*. O recalque restará parcial, os sentimentos, de uma intensidade excepcionalmente poderosa.

O laço que a mãe induziu de jeito nenhum é um laço "amoroso precoce no qual a demanda do filho vem preencher o desejo frustrado da mãe"⁴¹, porque:

⁴⁰ M. Dayan, "Réalité et disposition à la névrose", em *Inconscient et réalité*, Paris, PUF, 1985, p. 284 (* grifo meu).

⁴¹ J. Kristeva, "L'obsessionnel et sa mère", em *Revue française de psychanalyse*, 6, T. LII, novembro-dezembro 1988, Paris, PUF, 1989, p. 1363.

- o desejo da mãe não é frustrado, mas frustrante,
- o demandador não é o filho, mas a mãe,
- essa demanda é imperativo, ordem e interdição ao mesmo tempo.

O menininho não é o único implicado⁴². Em 1938, Freud retomará essa afirmação de maneira mais nítida: "Primeira sedutora [...] a mãe [...] se torna, *para os dois sexos*", o objeto do primeiro e mais poderoso dos amores, protótipo de todas as relações amorosas ulteriores"⁴³.

Freud continua: "A mãe compreende muito bem que a excitação sexual de seu garotinho se dirige a ela", mas, contrariamente ao que Freud diz, *ela não necessariamente um belo dia diz-se que não deve deixar as coisas continuarem assim*⁴⁴. Ainda mais que ela é a pessoa encarregada dos cuidados da criança, à qual ela testemunha sentimentos derivados de sua própria vida sexual. Essa criança "normalmente" é o substituto de um "objeto sexual completo"⁴⁵.

O que é que permitia a Ernst ir se queixar com sua mãe de ereções que ele começava a ter aos seis anos⁴⁶? Ou *quem* lhe permitia?

É claro que Freud, ao longo de toda a sua obra, pressentiu o papel materno na neurose obsessiva. A demanda do Outro primordial organiza o desejo do sujeito. O "tu és o que me falta" dado a ouvir será o exato correlato do "eis o que tu não és", expressão superegógica típica.

O desejo do filho, contrariamente ao que é muito corrente ouvir, não é mais satisfeito que insatisfeito; *é um desejo cujo acesso ao objeto é impossível*. O desejo da mãe, apesar do lugar que ela faz seu rebento ocupar, não será mais satisfeito, já que é apenas uma estratégia cuja mensagem se endereça ao pai. Paixão fora-da-lei do pai, o desejo da mãe propulsa o sujeito para fora-do-mundo, fora-do-tempo. "Afim, isso pode ser concebido

⁴² "Mas a sedutora é regularmente a mãe", S. Freud, "La féminité", em *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*, trad. Rose-Marie Zeitlin, Gallimard, 1984, p. 162.

⁴³ S. Freud, *Abbrégé de psychanalyse*, trad. franc. A. Berman, Paris, PUF, 1975, p. 60 (* grifo meu).

⁴⁴ Ibid., p. 61.

⁴⁵ S. Freud, *Trois essais sur la théorie sexuelle*, trad. P. Koeppel, Paris, Gallimard, 1987, p. 166.

⁴⁶ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 203.

facilmente: não é um pequeno favor ver-se, *já antes de ter articulado o voto*, cumulado de favores pela mãe [...] *antes mesmo de ter desejado e suspirado por isso** e se encontrar assim cumulado, para além de toda medida"⁴⁷. Por quem?

Eis o que é oferecido ao filho, numa ficção monumental, para não dizer numa impostura. Mal-entendido radical. S. Leclaire não prossegue nesse veio; Lacan é, como Freud, muito mais claro: "Se há menos perversão [exibida] nas mulheres que nos homens é porque, em geral, elas satisfazem seu ardor perverso nas suas relações com seus filhos"⁴⁸. Observação decisiva. De carícias que, segundo ele, dever-se-ia "qualificar de perversas"⁴⁹, Freud tira uma conclusão que mereceria ser retomada: Leonardo ficara "sob o domínio de uma inibição que o impedia de *pedir tais carícias dos lábios de mulheres*"⁵⁰. Ficarão inscritos: "a alegria que se deve calar", o "sorriso enfeitiçante", o "segredo de amor", a fusão do masculino e do feminino, "o menino de outrora fascinado por sua mãe"⁵¹; assim serão representados os *homens* das pinturas de Leonardo. E os lábios de mulheres.

Serguei, o Homem dos lobos, também se manteve no nível de uma Outra cena, numa história que não era sua, participando de um gozo do qual ele era, de fato, excluído. Seu sonho de angústia deve ser tomado, literalmente, como a fantasia da criança espancada⁵². É um agrupamento de elementos significantes pelo qual se engendra o sujeito agente-objeto excluído, acoplado a um objeto que, no texto de Freud, é *evidente**, o olhar. Um olhar que fixa, julga, condena, acompanhado de um nadinha persecu-

⁴⁷ S. Leclaire, "L'obsessionnel et son désir", Conferência realizada no grupo da Évolution psychiatrique em 25 de novembro de 1958, em *L'Évolution psychiatrique*, nº 13, Paris, p. 396 (* grifo meu).

⁴⁸ J. Lacan, séminaire, livre VI, 1958-1959, "Le désir et son interprétation", inédito, lição de 17 de junho de 1959.

⁴⁹ S. Freud, *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, ob. cit., p. 147.

⁵⁰ Ibid., p. 147 (* grifo meu).

⁵¹ Ibid., p. 148.

⁵² Cf. S. Freud, "Un enfant est battu". Contribution à la connaissance de la genèse des perversions sexuelles (1919), em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 219-243.

* Em francês, *crève les yeux*, expressão que, literalmente, pode ser traduzida como "perfura os olhos", "atravessa os olhos". (NT)

tório, torna impotente, obseda e angustia. "Só as crianças cuja pulsão sexual é excessiva [...] têm uma tendência à ansiedade"⁵³.

A Coisa, "lugar do gozo"⁵⁴, objeto perdido, deformado porque perigoso, identificável nas bases fantasísticas do sintoma, é um objeto não realizado. Causa do sintoma, ele é mantido à revelia do sujeito como causa de seu gozo; um gozo subtraído ao interdito que age sobre o gozo primordial ao qual a angústia está ligada. Essa relação com uma mãe onipotente *exclui* a idéia de que o obsessivo recusaria a castração materna, porque a mãe se apresentou como *fálica* para seu filho. Este último *convocará* a castração do Outro materno, que pretendeu se apresentar a ele como não barrado. Ora, ele é, para o Outro, o objeto presumido como o tendo preenchido. A castração do Outro, a partir daí, implica que ele, como objeto que remedeia a falta do Outro, desapareça.

"Mate a senhora!", ordem que se impõe ao Homem dos ratos⁵⁵.

A senhora a matar não é a mãe onipotente de antes do espelho? Mãe cujo falo é fantasiado pela criança sob o modo oral-anal?

O espelho, que dá à criança uma unidade fictícia de seu corpo, reenvia à diferença dos sexos. O pênis está presente ou ausente? A unidade fictícia do corpo, que a criança adquire no estágio do espelho, vem se apoiar nos vividos relacionais marcados pelo despedaçamento. Há heterotopia absoluta da fala, da ordem simbólica e da imagem especular.

Na análise do Homem dos ratos, "a virada maior [se] encontra no momento em que Freud compreende o ressentimento provocado no sujeito pelo cálculo *que sua mãe lhe sugere*" como princípio da escolha de uma esposa"⁵⁶. Como se fosse preciso verificar que o lugar que a mãe ocupa é a do poder.

O Homem dos ratos não poderá casar com a Dama, na medida em que *ela é uma representação da figura materna*, porque, pelo viés da Dama, o

⁵³ S. Freud, *Trois essais sur la théorie sexuelle*, ob. cit.

⁵⁴ J. Lacan, séminaire 1968-1969, "D'un Autre à l'autre", inédito, lição de 12 de março de 1969.

⁵⁵ "Vá e mate a senhora. De terror, cai por terra", em S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 220.

⁵⁶ J. Lacan, "Variantes de la cure type", em *Écrits*, ob. cit., p. 353 (grifo meu).

laço com o desejo da mãe é mantido. Assim, o obsessivo *deve* banir os efeitos do supereu, tais como o olhar e a fala de seus semelhantes – pelo que se sustenta a fórmula de sua fantasia: *tantos outros, tantos Outros possíveis*. $\Lambda \diamond \varphi (a, a', a'', a''', \dots)$ ⁵⁷.

Temos que admitir que *o obsessivo se aferra a estar morto quanto ao saber do Outro*: fazer-se de morto a fim de salvar seu estatuto de sujeito.

Apoiando-se no complexo nuclear neurótico, Sadger havia constatado que o apego à mãe desempenhava um papel importante nos homossexuais. O que não explica grande coisa, porque toda neurose diz respeito a esse pretense *complexo*. Por outro lado, esse apego pode perfeitamente ter como efeito, na criança, a instalação de uma “devoção a”; em outras palavras, de uma vocação religiosa. O sujeito *ouve* o Outro chamá-lo. É *atraído* para ele.

A tese de M. Bouvet segundo a qual haveria no obsessivo uma pulsão destrutiva com relação à mãe⁵⁸ não é mais sustentável. Pelo contrário, é mais necessário ao sujeito manter presente por algum artifício a ausência da mãe do que a imagem da mãe falicizada, mas falicizada a mesmo título que qualquer objeto de amor, objeto investido narcisicamente.

Para ilustrar o que seria essa presença real que Lacan evoca, citemos o próprio Bouvet. Sua paciente “representava imaginariamente para si os órgãos genitais masculinos no lugar da hóstia”. O autor precisa bem que não eram fenômenos alucinatorios. Os objetos são “superpostos” a uma presença real de maneira a não quebrar, mas a *rebaixar* essa presença – o que se encontra muito comumente nas fantasias dos obsessivos. O rebaixamento do Outro ao nível de semelhante provém do mesmo processo.

No fundamento do sintoma: a mãe

O que gera a neurose é o encontro da castração do Outro simbólico, uma falha da garantia.

Como a mãe do futuro obsessivo procede com a castração, a sua e a de seu filho?

⁵⁷ J. Lacan, séminaire *Le Transfert*, ob. cit., lição de 26 de abril de 1961.

⁵⁸ M. Bouvet, “Incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l’envie de pénis dans la névrose obsessionnelle féminine”, em *La Relation d’objet*, ob. cit., pp. 49-76.

Yann, o mais velho de dois filhos, viveu longo tempo numa cidadezinha da costa bretã. O pai era pescador. Quando não estava no mar, trabalhava com os fios para suas redes. Havia-se preferido para Yann uma via mais cômoda: a informática. A questão era que ele não partisse *com* ou *como* seu pai, "que havia fracassado na vida".

Terminados os estudos, o rapaz ia, todo dia, para suas *máquinas* e voltava à noite para o teto materno. "Eu ajudava muito mamãe". Não havia lugar para uma mulher no casal que ele formava com ela; a própria idéia do que ela chamava de uma "estraga-prazeres", "uma estranha", cuja simples presença "teria causado sofrimento a mamãe", o transtornava e ele caçava invisíveis mosquitos com um gesto da mão. Preferia falar de outras coisas: suas máquinas, que ele chamava de "bichos".

A máquina é o objeto por excelência. Ela de jeito nenhum permite a presença ou a expressão do sujeito que ela exclui. Ele falava dela como fala a maior parte das pessoas que trabalham com esses engenhos: "ela me deu uma volta", "ela se recusa a responder", "mas o que é que está acontecendo com ela hoje?". *Ela* era seu interlocutor privilegiado e ele se contentava com isso. Ele falava d'*ela* com mamãe, que se divertia muito, porque não entendia nada dessas "coisas modernas".

Yann tinha vinte e sete anos quando seu pai morreu; quarenta e seis quando "foi a vez de mamãe de deixar o mundo". Algumas semanas depois da morte de sua mãe, Yann, que sofria de angústias misteriosas alimentadas pelas histórias locais que outrora sua "mamãe" lhe contava, aceitou uma ligação, temida até então. "Creio que ela me pegou em suas redes", diz ele falando de sua mãe, "e eu tinha muito medo de voltar a me deixar pegar nas redes, como os peixes do meu pai". Agora, se sentia no direito de desejar. Livre para desejar e amar *alibures*. As redes haviam desaparecido magicamente. O interdito e seu enunciado haviam acompanhado a mãe para sua tumba. Ele doravante podia não mais experimentar esse sentimento de culpa, de dívida. Suas defesas não tinham mais lugar de ser. E no entanto... outros sintomas apareceram. Ele não sabia que tinha se dado "à morte com a morta"⁵⁹, mas como objeto e não como sujeito. Era o que fazia com que

⁵⁹ J. Kristeva, "L'obsessionnel et sa mère", em *Revue française de psychanalyse*, nº 6, tomo LII, novembro-dezembro 1988, ob. cit., p. 1360.

sua ligação se mantivesse, esse novo casal que não parava de atravessar "turbulências", "arfações monstruosas", "adernadas", quando Yann não era inexplicavelmente "tomado por náuseas". Decerto, a não ser que levantemos a problemática do Édipo, "ele realizava seu desejo ao partilhar do de sua mãe"⁶⁰. Mas "o que é realizar seu desejo"⁶¹?

Trepar é o ato de que o obsessivo é incapaz. A vida sexual desse sujeito é, freqüentemente, miseravelmente pobre. Em contrapartida, *se fazer trepar* (Yann oferecia disso um exemplo magistral) é uma de suas infelizes experiências cotidianas e favoritas.

"O horror de um gozo ignorado"⁶² encontra aqui seu lugar de eleição, embora seja menos ignorado do que parece.

O Homem dos ratos sonha certo dia que a mãe de Freud está morta. "Ele quer vir para me dar suas condolências, mas teme apresentar [...] *enue-riso*"⁶³ que ele mesmo qualifica de impertinente. Não está aí um dos giros do sonho? "A mãe está morta, eu posso desejar". Conhece-se a freqüência do deslocamento na neurose obsessiva. O riso é apenas semblante para não chorar de alegria. *O sujeito enfim pode desejar*. "Uma das dimensões do desejo do sonho é fazer passar uma certa fala"⁶⁴.

Não posso deixar de compartilhar a hipótese de Julia Kristeva quando ela indica que só uma mulher pode estar na origem de uma neurose obsessiva. Ela cita o caso de uma moça seduzida, quando era adolescente por um parente próximo, parece que seu pai. Essa moça pôde manter o acontecimento isolado de seu conteúdo afetivo até o dia, dez anos depois, em que esse parente morre. Entre o momento da sedução e a morte do sedutor, a paciente tivera um sonho repetitivo, no qual o sedutor estava

⁶⁰ S. Leclaire, "Philon ou l'obsessionnel et son désir", em *Démasquer le réel*, ob. cit., p. 16.
⁶¹ Pergunta que Lacan fazia em 3 de junho de 1959, em "Le désir et son interprétation", inédito.

⁶² "Observa-se nele uma expressão estranha... como o horror de uma volúpia que ele mesmo ignora", em S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 45.
⁶³ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 225.

⁶⁴ J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, ob. cit., p. 154.

transformado em sedutora⁶⁵. Esse sonho só constitui prova se se admitir que o lugar da mãe é um lugar simbólico – qualquer um, macho ou fêmea, pode ocupá-lo.

Ora, segundo Kristeva, é a morte do pai, "dez anos mais tarde, que permite à paciente dar à cena sexual todo o seu pleno sentido, '*après-coup*'". A questão aqui não é um qualquer voto de enterrar o pai. Por outro lado, esse ódio inextinguível teria garantido "o laço indestrutível com a mãe".

A pergunta continua: quem odeia? Lembremos a resposta elegante que provoca escândalo:

"Desde o dia de meu nascimento, o ódio de minha mãe caiu sobre mim: *eu me odeio*. Ou, em termos mais elegantes: sou perseguido pelas Erínias de uma mãe"⁶⁶.

⁶⁵ J. Kristeva, ob. cit., p. 1378.

⁶⁶ C. Stein, *Les Erinyes d'une mère*, ob. cit., p. 37.

Capítulo 5

Encontro de uma ligação perigosa

É tentador relacionar a dicotomia neurose obsessiva / neurose histerica à diferença homem / mulher e dizer: é a maneira como homem e mulher escolhem sua neurose. Certo que há nessa afirmação uma parte de verdade. Só que existem numerosos casos de histeria masculina, ainda que sejam mal inventariados ou analisados clinicamente, e casos autênticos de estrutura obsessiva feminina.

É claro que a anatomia não constitui o destino; ela não necessariamente recobre os lugares nos quais o sujeito se instala¹, inscreve suas identificações.

No inconsciente, não existe índice que permita definir um "ser-homem" ou um "ser-mulher".

No que tange ao obsessivo, o que se manifesta em seus *pensar-contras* testemunha o retorno e a manutenção do sujeito que a mãe intentou *abolir*, até mesmo *foracluir*. A melhor apreensão que temos do sujeito é que ele anula, contradiz todas as asserções do sujeito do enunciado².

A importância, a diversidade dos pensamentos obsedantes deve ser ligada ao ressurgimento, no real, do sujeito foracluído que, nesse momento, só pode testemunhar sua existência dizendo o inconveniente. Um sujeito e seu desejo só se sustentam pela perda do objeto. Ora, a mãe do futuro

¹ J. Lacan dedicou seu seminário, livro XX, *Encore*, 1972-1973, a essa questão, Paris, Seuil, 1975.

² Cf. S. Freud, "La négation", traduzido por J. Laplanche, em *Résultats, idées, problèmes*, Paris, PUF, 1985, pp. 135-140.

obsessivo não se aceita como *perdida* para seu filho. Assim, ela não se permite olhar para outro lugar. É por isso que essas mães são frequentemente apresentadas na vertente melancólica; elas não renunciaram ao objeto.

O que a criança vai fazer do objeto que ela foi e daquele cujo luto ela tem que fazer? Para se separar desse objeto que sua mãe o fez ser, o sujeito será capaz de se matar³. O Homem dos ratos tinha o sentimento de ser um criminoso, de ter impulsos assassinos e de ser culpado de uma dívida que não podia pagar. Por que ele não reagiu sob o modo depressivo, ele a quem o fracasso, em sua vida profissional e em sua vida amorosa, tanto preocupava?

Na neurose obsessiva, o sujeito, por não poder matar a mãe, vai se fazer de morto para viver. Assim ele é tomado, mais do que qualquer outro, no que Lacan chamava de "incidência mortal do eu"⁴. Um eu que, é claro, nunca será *forte*, embora o obsessivo use sua vida, *inutilmente*, em querer reforçar suas defesas.

Eclipse do sujeito

A neurose obsessiva desvela, melhor que qualquer outra estrutura, o que a inibição põe em jogo. A inibição instala o sujeito na impotência para salvaguardar sua potência: cúmulo da sofisticação!

A onipotência de Deus se revela no livro de Jó. Os designios de Deus são impenetráveis. A onipotência é o rechaçado do campo da racionalidade. "É justamente porque ali onde ela é esperada ela falha que começamos a *fomentar* a onipotência. Em outras palavras, o falo está presente; *está presente em todos os lugares onde não pode estar*"⁵.

A onipotência constitui o cimento que liga o obsessivo à religião: a mãe onipotente. Quanto ao pai, é magnificado na exata medida em que

³ J. Lacan, *Le Transfert*, ob. cit., p. 244. "É sobre o fundamento de sua própria eliminação que ele funda toda essa fantasia".

⁴ J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, ob. cit., p. 311.

⁵ J. Lacan, séminaire "L'angoisse", 1962-1963, inédito, lição de 5 de junho de 1963 (grifo meu).

está excluído que, porque *idealizado*, ele passe a um ato. A realidade psíquica é, portanto, aqui, a realidade religiosa, na medida em que ela seria o lugar do que o Homem dos ratos nomeava, muito justamente, de "a onipotência das idéias".

A onipotência das idéias está fundamentalmente ligada à ubiquidade: é preciso ao menos estar em todos os lugares ao mesmo tempo para ser onipotente. É assim que a mãe se apresenta ao filho. Mas, mais ainda, ela lhe parece *causa sui*. É sobre essa base que se constrói o Deus dos cristãos: um ser que inclui sua causa, a qual ele tem à disposição, a todo momento; ele não depende de nada que lhe seja alheio.

O obsessivo se apresenta, mais que qualquer outro, clivado. A ponto de, a partir do momento em que lhe vem uma idéia, seguir-se uma outra. Nele tudo é simbolizado, exceto seu desejo. Quando encontra o impasse da simbolização de seu desejo, é levado a presentificar, de uma maneira ou de outra, *aquela* que não encontraria esse gênero de impasse, o Todo-poderoso, que engloba sua causa em seu próprio ser.

Como fica, então, o enunciado freudiano para o obsessivo: "o núcleo do supereu, o qual pede emprestado ao pai o rigor, perpetua seu interdito e, assim, protege o eu do retorno do investimento libidinal do objeto"⁶? Nada dessa ordem é garantido no seu caso, já que *o interdito é enunciado pela mãe e se refere ao desejo*. O que só pode engendrar o que se identificava, no último século, sob a expressão *condutas bizarras*. Tal como esse homem de que Moustapha Safouan fala, cuja "escolha homossexual não deixava dúvida", mas "o único ser que o agradava verdadeiramente como mulher era... seu irmão"⁷. É do lado do irmão, nesse caso, que é extraído o traço, puramente fálico, que fixa o ideal do eu. Por mais investido quanto seja o eu ideal, ele sempre deixa um escapamento para o ideal do eu. Enquanto o ideal é imaginário, especularizável, pode se enriquecer com todos os traços possíveis, mas não cessará de vaziar como um tonel.

O ideal é dividido: é desse mundo, investido narcisicamente; não é desse mundo, escapa a todo investimento narcísico.

⁶ S. Freud, "La dissolution du complexe d'Édipe", em *La Vie sexuelle*, ob. cit., p. 120.

⁷ M. Safouan, *La Sexualité féminine*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1976, p. 41.

Embora o eu e o eu ideal formem um par inseparável – um esvaziando-se para preencher o outro –, o ideal do eu vem como terceiro; e a exclusão desse terceiro pela mãe é altamente problemática.

A onipotência deve ser abordada de uma forma totalmente diferente do viés da magia e do animismo nos quais Freud estava preso com seu uso constante da noção de *representação*. *O que resta em potência*, eis o que importa para o obsessivo.

Decerto, não se trata de pôr em dúvida o mundo da onipotência nessa neurose. O imaginário apenas fornece objetivos para seu exercício e a onipotência domina inteiramente o sistema simbólico. Quem tem a fórmula "abracadabra" domina o mundo⁸. Como Benveniste mostrava, designar-se como *Je* é se apropriar da língua inteira⁹. Dizer *Je* é faustiano. Também é preciso separar o mundo da onipotência e o sujeito. O Outro¹⁰ é e continua sendo, para a criança, o mundo da onipotência.

A fórmula segundo a qual o ideal do eu é o ponto de onde o sujeito é olhado como amável designa essa instância como um lugar que não seria habitado por nada mais além de uma atividade pulsional escópica. Para o obsessivo, esse lugar é habitado por uma outra pessoa, aquela mesma que merece o nome de Onipotente. O obsessivo está despedaçado entre dois modelos: o que se apresenta como imagem especular do eu ideal e o que se apresenta como um Outro que, por meio de sua onipotência, teria resolvido a problemática do desejo. É a partir dessa brecha que podemos identificar a onipotência da mãe com os efeitos induzidos no sujeito: um *desejo-defesa* contra o desejo sexual, conectado com a onipotência do Outro.

⁸ Ver L. Borges, "L'écriture du Dieu", em *L'Aleph*, Paris, Gallimard, 1988, pp. 145-152.

⁹ E. Benveniste, *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Minuit, 1974.

¹⁰ O Outro, para o *infans*, é o *Outro primordial*, isto é, a mãe, como já sublinhei. Lacan dá, ao longo de sua obra, vários estatutos ao Outro que, em última análise, *não existe*. Ele retoma essa idéia várias vezes: por exemplo, em *Écrits*, p. 820, "não existindo o Outro..." e p. 826, "Outro que, não esqueçamos, não existe". Em seu seminário (1969-1970), *L'Envers de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1991, lição de 26 de novembro de 1969: "não há Outro"; mais categoricamente, em "Logique du fantasme", ob. cit., 1966-1967, lição de 10 de maio de 1967: "O Outro, no final das contas, [...] é o corpo". Enfim, em 21 de janeiro de 1970: "O que é que tem um corpo e não existe? O grande Outro".

A revelação que o obsessivo nos faz é que as ordens que recebe do Outro são contraditórias: "devolver / não devolver"; elas funcionam com qualquer coisa. Essa contradição pode ser a fonte tanto de inibições – interdição de fazer o que quer que seja – quanto de impulsões – fazer qualquer coisa.

Segundo M. Drosnin, a morte se revelou ao bilionário americano Howard Hughes¹¹ como mestre absoluto. Apesar do controle que exercia sobre as redes de comunicação – cinema e televisão –, de sua autoridade em relação a um presidente americano, da posse de uma linha aérea internacional, a T.W.A., ele passou os últimos anos de sua vida instalado num quarto de hotel com as janelas fechadas. Em Las Vegas, isolado dos seres vivos, jazia em seu leito, nu, cercado de jornais e televisores, dia e noite executando rituais destinados a protegê-lo de qualquer germe. Seu corpo estava enfraquecido pela desnutrição e pelos medicamentos. Ele estava atormentado por uma questão: viajar para um outro lugar.

Ir para um território estrangeiro dá a ilusão da vida. Uma vez chegando nesse lugar, o sujeito se enterra num canto qualquer e retoma sua vida solitária. O gozo final que ele se concede se torna então uma morte sacrificial. Hughes desapareceu de 1968 a 1976, trancado no seu hotel-cassino, antes de morrer. A CIA estava pronta para pagar, diz o senhor Drosnin, um milhão de dólares para obter os famosos papéis roubados dos escritórios de Hughes e conhecer seus segredos.

As piruetas, as cabriolas provocativas do obsessivo oferecem o espetáculo de um destino arriscado de *para-morte*, oferenda servil destinada ao olhar escondido, feroz e implacável daquele ou daquela que ordena o *impossível eclipse exigido do sujeito*.

A mãe excita o filho, mas proíbe a satisfação da excitação. Em sua absoluta prematuração, as crianças estão psíquica e moralmente sem defesas. Elas só podem se submeter à vontade do Outro, adivinhar o menor de seus desejos, *obedecer, esquecendo-se*. A vida sexual da criança não pode se desenvolver sem guardar os rastros dessa ambivalência materna primeira.

¹¹ M. Drosnin, *Citizen Hughes. L'homme que acheta l'Amérique*, Paris, Presses de la Renaissance, 1985.

Ferenczi, graças à sua *técnica ativa* que lhe valeu a ira freudiana, chegou a observar por que seus pacientes se recusavam tão obstinadamente a segui-lo quando lhes aconselhava “reagir ao dano sofrido com o desprazer [...] o ódio [...] ou a defesa”. A personalidade é “incapaz de se afirmar no caso de desprazer”. “Os pais [...] deveriam aprender a reconhecer... atrás do amor [...] submissão ou adoração [dos] filhos [...] o desejo nostálgico de se libertar desse amor que oprime”¹². Ferenczi prossegue, introduzindo a maneira como a sexualidade do adulto “transforma o objeto de amor em um objeto de ódio e de afeto, isto é, um objeto ambivalente, enquanto que essa dualidade falta ainda na criança no estágio da ternura”. A criança será transformada “em um autômato, culpado pelo amor e que, imitando ansiosamente o adulto, *se esquece*”, para assim dizer, de si mesmo”¹³.

Eis que reaparece o ódio materno.

O eclipse seria uma forma de defesa paradoxal para *responder à extrema demanda do Outro*. “No extremo do desejo, há a *afânise* do sujeito”¹⁴.

“O desejo do pai e a lei são uma única e mesma coisa”¹⁵. O que permite ao sujeito ter acesso ao desejo o obriga a reconhecer o desejo do Outro e se constituir como sujeito desejante. E, curiosamente, o obsessivo nos diz que *sabe* disso. Seu tempo de criança – que ele não viveu como tal – ensinou isso a ele.

Sua maneira de salvaguardar o falo o preserva como sujeito desejante, mesmo quando o preço disso é a angústia. Através dela, ele sustenta seu desejo. Dizer que o obsessivo sustenta seu desejo como impossível significa que o sustenta, como Sísifo, devendo fazê-lo passar por *sua própria condenação aos trabalhos forçados*; o que inclui até os rigorosos gozos, sacrifícios ou mutilações em diferentes graus que se impõe no domínio de

¹² S. Ferenczi, “Confusion de langue entre les adultes et l'enfant”, em *Psychanalyse. Œuvres complètes*, 4 volumes, trad. franc. pela equipe do Coq Héron, Paris, Payot, 1982, tomo IV, 1927-1933, pp. 131-132.

¹³ Ibid., p. 134 (‘grifo meu).

¹⁴ J. Lacan, “Le désir et son interprétation”, inédito.

¹⁵ J. Lacan, “L'angoisse”, inédito, lição de 16 de janeiro de 1963.

seus desejos. *Para uma satisfação, um sacrifício*¹⁶ no altar do desejo do Outro.

Qual é a causa do desejo do Outro? Pergunta feita com insistência e que é a de sua própria existência. Contra que impossibilidade ele se rebela para se subtrair à sua lei? Por que essas revoltas? O objeto perdido permanece inalcançável para ele, cujo ser está confundido com o de um objeto: "ele verdadeiramente não pode encontrar sua reconciliação, sua aderência ao mundo, sua complementaridade perfeita no plano do desejo"¹⁷. O obsessivo sabe muito sobre as impossibilidades: é sua *especialidade*. Também sabe muito sobre o gozo – por meio da castração¹⁸: é interdito. Seu respeito escrupuloso pela lei pode chegar a torná-lo suspeito.

A partir do momento em que se afirma o desejo do Outro, o obsessivo desaparece. Ao negá-lo, poderá se afirmar e sustentar assim a permanência e a consistência de seu eu.

Uma castração a salvaguardar

Contra todas as aparências, o obsessivo se agarra à sua castração. Ele se recusa a sacrificar o ser que ele não é a um gozo que não existe, ele sabe, mas que, se existisse, significaria que o Outro demanda bem mais que sua castração: seu ser mesmo. É esse o caso. Diante desse perigo, sua castração se constituiu, no entanto, de tal maneira que não oferece nenhuma garantia.

É claro que o obsessivo passou por uma evolução dita "normal": fantasia originária, castração. Entretanto, nessa estruturação, a criança teve particularmente que lidar não com seus pais – como toda criança –, mas com sua mãe, Outro real. Ela impõe à criança uma espécie de autarquia que

¹⁶ "Para cada florim – um rato", ou ainda: "Para cada coroa, um rato para os filhos [...]. Agora ele paga em ratos – *Moeda ratos*", em S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 169.

¹⁷ J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud*, ob. cit.

¹⁸ J. Lacan precisava que: "É a simples indicação desse gozo em sua infinitude que comporta a marca de sua proibição e, para constituir essa marca, implica um sacrifício", *Écrits*, ob. cit., p. 822.

só pode ser tirânica, mesmo quando se mostra devotada e amorosa com relação a seu pequeno.

Na nossa cultura, a mãe geralmente espera de seu filho a realização de um ideal que nega a castração¹⁹ – a qual entrelaça o casal parental, mas também a subjetividade de seu herdeiro. Numa pura mascarada, a mãe mostra ao pai que seu filho pode preencher o papel que ele não é capaz de sustentar. Nisso, é claro, ela fica na demanda para com seu parceiro-esposo – que ela não deseja. O filho mantém à distância essa verdade do casal. Para fazer isso, habitualmente tomará um traço do pai numa tentativa de identificação. Ao não mais ser o pai satisfatório para a mãe, o filho também não o será mais, mantendo-se do lado dessa imagem que sua mãe lhe recusa em nome de um ideal que seria o do “homem-com-quem-ela-teria-gostado-de-casar” ao invés de com seu marido. Filho imaginário de um homem imaginário, o sujeito, a partir daí, se encontra em conflito com esse lugar onde o Outro se impõe a ele, exibindo e recusando a castração. De onde esta notação de Lacan: “O obsessivo é alguém que nunca está verdadeiramente ali [...] onde algo que poderia ser qualificado como seu desejo está em jogo”²⁰.

A modalidade obsessiva de defesa contra o desejo é dupla: essa defesa contra seu próprio desejo – que caracteriza a criança – é também defesa contra o desejo da mãe.

Certo paciente, quarentão, diz “Sou um adolescente retardado”, enquanto poderia dizer, por exemplo: “Sou um grande adolescente”. Casado com uma mulher mais de vinte anos mais velha que ele, ele observa, primeiro sem perceber o paradoxo, que não viveu sua infância; “velho demais, cedo demais”, adulto, “sem usar o tempo de ser criança”. Houve um acontecimento que o fez romper seu casamento. Durante o período de ruptura, que durou dezoito meses, ele não esperava mais nada. Caiu no desespero: “Não compreendo mais nada... mas há J. K. É por ela que me separo. Ela é da minha idade, eu deveria estar feliz... mas tudo é tão diferente...”. O que

¹⁹ Que ele estude bastante, que seja ajuizado, que não lhe crie problemas, que seja *inteligente*, etc., que satisfaça seus pais sendo *perfeito*. Um filho que, sobretudo, não perturbe.

²⁰ J. Lacan, “Le désir et son interprétation”, inédito, lição de 10 de junho de 1959.

ele não compreendia? Suas "panes". Em outras palavras, a real impotência que se manifestava em suas tentativas de relações sexuais com sua nova companheira. Quando seu desejo era despertado, repetia esse ato simbólico de castração.

O obsessivo sempre joga a carta do après-coup.

Como McBrunswick²¹ assinala, as preocupações do Homem dos lobos referentes a seu nariz só adquiriram importância por causa do simbolismo fálico que a ele se ligava. Longe de estar foracluído, o falo obnubilava o paciente. Toda a análise com a "Doutora Mc"²² mostra claramente que "a idéia fixa"²³ é dialetizável e acarreta o remanejamento de um sujeito *que nunca parou de estar marcado por sua divisão*. Apesar do diagnóstico de "patanóia", de "identificação psicótica com a mãe", de "delírios hipocondríacos", de "delírio onírico" feito por ela, o Homem dos lobos possui nele mesmo uma capacidade de autocastração. A onipresença da significação fálica assinala a natureza neurótica de sua estrutura.

Falar de foraclusão com relação ao Homem dos lobos, mesmo como mecanismo de defesa — o que faz, além de Moustapha Safouan²⁴, Jacques Bergeret²⁵ —, exige reconsiderar esse conceito. O episódio do dedo cortado não deve ser considerado como de natureza psicótica. Serguei Pankejeff está diante do real em jogo na castração. Já não sabe mais o que encontrar para sair de sua identificação com sua mãe, que *membro* inventar para a mulher para poder encarar uma castração para ela. Ele busca do que poderia se queixar²⁶ — traço que caracteriza essa mãe; encontra o nariz e a irremediável ferida ou os distúrbios intestinais.

²¹ R. Mc Brunswick, "Supplément à l'Extrait de l'histoire d'une névrose infantile" de Freud, em *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*, trad. L. Weibel, Paris, Gallimard, 1981, p. 269.

²² Era assim que o homem dos lobos chamava Ruth McBrunswick.

²³ O homem dos lobos achava que seu nariz havia sofrido um dano irreparável. Cf. R. Mc Brunswick, ob. cit., pp. 269-270.

²⁴ M. Safouan, *Études sur l'Œdipe*, Paris, Seuil, 1974.

²⁵ J. Bergeret, *La Dépression et les états-limites*, Paris, Payot, 1976.

²⁶ "Não posso mais viver assim [...]. Ela não achava que a criança que ela levava pela mão guardaria suas palavras na memória", em S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 382.

mento, aqui, Freud fala de *Verwerfung* (foraclusão). Ele emprega a palavra *Verdrängung* (recalque).

Quando se trata de neurose obsessiva, deveríamos parar de traduzir *Verwerfung* por foraclusão ligada ao Nome-do-Pai – chave de abóbada da estrutura psicótica. Conservar *supressão* [*retranchement*] seria mais pertinente, porque o obsessivo não pára de repetir a operação da castração: cortar [*trancher*] e suprimir [*retrancher*]. O mal-entendido não vem de que Freud, no fundo, aventou o termo *Verwerfung*, embora indicando muito claramente que era coisa diferente do recalque? A fórmula “não querer saber nada no sentido do recalque” foi mal compreendida. Freud não põe em dúvida a ação do recalque nessa neurose. Ele chega a precisar que a castração não é verdadeiramente uma problemática essencial na neurose obsessiva. Não apenas o recalque não foi eliminado como age sobre a representação, e há *retirada do afeto*.

A ameaça de castração, enunciada com frequência por uma mulher, não produz um choque capaz de fazer desaparecer o complexo, que é apenas recalcado. Pode-se seguir que os investimentos libidinais não sejam verdadeiramente abandonados nem dessexualizados. A neurose obsessiva se distinguirá de uma outra neurose pela *não-assistência paterna*, a falta de firmeza do pai tanto com relação a sua esposa quanto com relação a seu filho; em outras palavras, sua cumplicidade. Retenhamos esta frase de Freud: “O complexo de castração age sempre no sentido implicado por seu conteúdo: inibe e limita a masculinidade e encoraja a feminilidade”³⁴.

Todo sujeito é tomado pelo temor da castração: primeiro ela tem valor real, antes de tomar seu estatuto simbólico; há cisão entre representação de coisa e representação de objeto, entre a imagem do pai ligada à operação da castração e a palavra da mãe ligada à ameaça de castração. Nada permite afirmar que a mãe do obsessivo seja muito ameaçadora. Ela interdita. Serguei apresentava sua mãe como uma mulher de natureza fria, “extremamente ciumenta”: “Ela não tolerava que uma moça se aproximasse de

³⁴ S. Freud, “Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique des sexes”, em *La Vie sexuelle*, ob. cit., pp. 130-131.

mim"³⁵. Mãe tão dedicada que várias vezes desejou cair doente para que ela cuidasse dele.

A angústia dita de castração nada mais é que a eficácia de um encontro com a verdade. Uma verdade que se enuncia: há os que são castrados. Nessa proposição o obsessivo consente. Para Freud, essa posição é equivalente a uma identificação feminina *inconsciente*.

Na neurose obsessiva, a feminilidade comporta uma identificação com um traço do gozo materno *anterior* à assunção da castração.

Dos *Três ensaios* à "Análise terminável e interminável"³⁶, Freud apresenta uma recusa constante à teoria de Fliess. Nada de fazer da bissexualidade a condição do recalque. A solução de Fliess, embora não esteja fundamentalmente errada, é "muito limitada"³⁷. Durante a fase fálica, há aspiração à virilidade, seja qual for o sexo³⁸. Mas, "nos dois casos, o que concerne ao sexo oposto [...] sucumbe ao recalque"³⁹. *A diferença dos sexos atravessa o recalque*.

A castração é "a peça mais importante" das "perturbações às quais é exposto o narcisismo originário da criança"⁴⁰. A introdução do supereu permitirá ultrapassar essa dificuldade⁴¹.

Com o obsessivo, estamos lidando com uma espécie de mascarada da masculinidade. A diferença dos sexos não está em questão. Para o obsessivo, as coisas são questão de vida ou de morte. Quando o sexo se torna uma questão de vida ou de morte, é dada prioridade ao único ato sexual válido, o da relação heterossexual, porque pode produzir vida. O erótico é excluído, mas a morte é neutralizada.

³⁵ Cf. K. Obholzer, *Entretiens avec l'Homme aux loups*, trad. R. Dugas, Paris, Gallimard, 1981.

³⁶ S. Freud, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin", em *Résultats, idées, problèmes*, Paris, PUF, 2 volumes, tomo I, 1985, pp. 231-268.

³⁷ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 410.

³⁸ S. Freud, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin" (1923), em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., p. 266.

³⁹ Ibid., p. 267.

⁴⁰ S. Freud, "Pour introduire le narcissisme", em *La Vie sexuelle*, ob. cit.

⁴¹ S. Freud, "Le moi et le ça", em *Essais de psychanalyse*, ob. cit.

O contraste com a virilidade fica mais marcado. E a moral virtuosa do obsessivo é apenas a máscara de sua dependência fundamental. Ele só é virtuoso porque está do lado da vida; o que nossa cultura aprecia. Ele se opõe à morte, o que é perfeitamente desprovido de sentido. No entanto, encontrará a morte, *porque* o que caracteriza a vida é sua aptidão para a morte⁴². Frequentemente se aproximou a relação do obsessivo com a morte da dialética hegeliana do mestre e do escravo, da espera da morte do mestre pelo escravo. Lacan não só denunciou esse erro em Hegel como de jeito nenhum atribui essa espera ao obsessivo⁴³.

O obsessivo será desmascarado em sua aparência de masculinidade por seu parceiro de eleição, a histerica, para quem a coisa é fácil; porque o que é *homem* só pode ser *falso*. Desfeita que ele suporta, porque mais vale ser vencido pela vida do que ter que se defrontar com a morte. O fato de que o outro seja inacessível toma aqui toda a sua importância. Ela continuará como a Dama distante de seus sonhos; o que Freud precisamente chamou de narcisismo e amor. O outro é Outro. O obsessivo lhe oferecerá o roteiro de sua mortificação. *Imagens idealizadas*.

Para que a função do Outro seja concordante com a do morto é preciso que esse Outro não goze. O menor sinal de vida o tornará insuportável para o sujeito.

Leonardo da Vinci, "no auge de sua vida [...] encontra a mulher que desperta nele a lembrança do sorriso feliz e sensualmente arrebatado de sua mãe", "Era preciso que ele lhe desse, sem parar, uma nova expressão"⁴⁴. A partir do momento em que a lembrança é despertada, a inibição é suspensa.

Mona Lisa Gioconda é musa. As musas, filhas de Zeus e de Mnemósine (a memória), são as únicas a ter o poder de contemplar o passado, o presente e o futuro; com um olhar apenas, elas conhecem a totalidade das coisas. Elas dão ou tiram. Para Leonardo, não se tratava de uma memória recobrada, mas de uma obsessão; a de uma mulher, sua mãe e seu sorriso. A musa obseda o poeta. Mona Lisa anuncia o fim de uma memória

⁴² J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud et la technique de la psychanalyse*, ob. cit., p. 271.

⁴³ J. Lacan, *Écrits*, ob. cit., pp. 809-811.

⁴⁴ S. Freud, *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, ob. cit., pp. 173-174 e p. 137.

e de uma sedução. Pintada, a Gioconda superpõe seu sorriso ao de *todas* as mulheres das primeiras obras de Leonardo. Ela condensa *todas* as *imagens* de mulheres, as mães sonhadas por Leonardo, figura única de *A mãe*.

O sorriso é Ela. "Sorriso insondável [...] associado a algum mau augúrio"⁴⁵. *Fascínio* sedutor e mortal. É curioso notar entre as mulheres e as crianças que riem nas primeiras obras de Leonardo – em terracota e depois em gesso – uma pintura que representa Medusa, a Górgona.

A angústia, uma experiência da Vernichtung

A angústia se manifesta no obsessivo quando se vê identificado com o objeto que causa o desejo do Outro. Posição fantasística que pôde evocar o masoquismo primordial. A fantasia assim redobra a posição natural do sujeito, na qual a criança é o objeto da mãe.

A angústia de perder o amor, no obsessivo, pode explicar um recalque do desejo sexual por regressão ao desejo de retenção. Reanimar esse desejo anal antigo permite substituir o Outro do gozo pelo Outro da demanda. A angústia anal seria equivalente à angústia dita de castração, já que o objeto anal simboliza o objeto faltante. Por sua fantasia, o sujeito se faz objeto anal.

Na neurose obsessiva, a angústia pode surgir em dois níveis: quando o sujeito é chamado a ceder o objeto que ele se faz ser, quando a fantasia anal tende a se completar por uma pulsão escópica – já que a pulsão é, essencialmente, apelo ao Outro. Tornar-se olhar abre acesso ao objeto do desejo no campo do voyeurismo; fazer-se olhar pelo "olho da consciência" pode suscitar a angústia escópica, na qual o Outro adivinha os pensamentos⁴⁶. Se, devido à fantasia, o obsessivo pode evitar o Outro do gozo sexual e a angústia, ele se arrisca, pela pulsão apoiada na fantasia, a ver ressurgir um Outro, figura de um gozo mortal, completado por seu objeto: "mau

⁴⁵ S. Freud, ob. cit., p. 136.

⁴⁶ "Durante algum tempo tive a idéia mórbida de que meus pais conheciam meus pensamentos", em S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 39.

olhado", juiz superegóico (pulsão invocante), vampiro (pulsão oral), ou diabo (pulsão anal).

Quando Freud evoca a angústia devida ao excesso de excitação, podemos nos perguntar se não é do gozo mortífero do Outro primordial que ele fala. O obsessivo bem quer se sacrificar, mas desde que o Outro não goze com isso. Há um lado *igual-a-qualquer-um*. Sua castração, como tal, quase não o perturba. Ele age "como se" ela não existisse. Mas para ele está fora de questão fazê-la servir a um Outro que não esteja morto. O esboço disso aparece no pressentimento que o Homem dos ratos teve um dia numa "vivência 'terrível'", quando "viu o chão se levantar diante dele"⁴⁷. O rato suposto ali se encontrar era o de um gozo insituável simbolicamente. No Outro, *isso pode mover-se*.

"Como nasce a angústia?"⁴⁸, se pergunta Freud em 1894.

Com *Totem e tabu*⁴⁹ e a análise do Homem dos lobos, entre 1910 e 1914, estabeleceu a teoria desse afeto maior. No entanto, ele encontra um importante obstáculo: porque a angústia não pode ser associada ao pai ou a um castigo qualquer; *são as mães que ameaçam*. A análise de Hans⁵⁰ é testemunha disso. Mas a angústia permanecerá angústia de castração, ponto de tropeço, rochedo da cura analítica. Não contentes de se chocar nela, os pacientes ali se eternizam. Eles amam sua angústia como a si mesmos.

A preocupação é a mesma para os dois sexos: escapar da passividade. Mas, para ser amado pelo pai, é preciso ser castrado. Entretanto, Freud sublinha, a passividade não tem nada a ver com o aspecto social da feminilidade.

Para Freud, *mãe e morte estão sempre ligadas de alguma forma*. O desejo do Outro, ao visar o ser, é um desejo que tem como efeito anular o sujeito até em seu *Je*, já que este se torna objeto causa do desejo do Outro. *O obsessivo não sabe qual objeto ele é para o Outro.*

Na análise do Homem dos lobos, Freud observa o seguinte: embora seu paciente tenha recebido ameaças de castração da parte de mulheres, é

⁴⁷ Ibid., p. 193.

⁴⁸ S. Freud, "Manuscrit E", em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., pp. 80-85.

⁴⁹ S. Freud, *Totem et tabou*, ob. cit.

⁵⁰ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit.

do pai que ele tem medo. Ou seja, o sujeito efetua uma transferência da operação para o pai. E Freud só tem à sua disposição para explicar esse dinamismo um esquema filogenético.

Restam a mãe-ameaça e o pai-castração.

Freud trabalhou o afeto da angústia em seu texto princeps *O estranho*⁵¹, apoiando-se no texto de E. T. A. Hoffmann, *O homem de areia*, do qual se servirá para fixar a noção de castração.

O objeto que está fora do simbólico, para além da castração, é aquele que, retirado do campo do imaginário, poderia preencher a falta do Outro primordial. "A angústia tem uma relação essencial com o desejo do Outro"⁵², é "a sensação do desejo do Outro"⁵³. "A angústia é essa confrontação do sujeito com a ausência de objeto na qual está aprisionado, na qual ele se perde e à qual tudo é preferível, até mesmo forjar o mais estranho, o menos objetual dos objetos, o de uma fobia"⁵⁴. A criança é o objeto real substitutivo que falta à mãe. Ela se arrisca a ser devorada, a desaparecer ou ser reduzida a uma pura "coisa" vazia.

Freud associa a angústia de castração à angústia de morte⁵⁵. O sujeito desaparece em proveito do objeto para satisfazer o gozo do Outro; é o que E. T. A. Hoffmann chamava de a *Vernichtung*, redução do sujeito *ao ponto em que ele não é mais nada*. Ela evoca esse processo cuja idéia Freud tirou de Fechner: "O propósito de *reduzir a nada* a fonte de excitação que aflui [no aparelho psíquico] [...] princípio... [que] se manteria totalmente a serviço das pulsões de morte..."⁵⁶.

Por que a castração deveria engendrar angústia, já que ela é, segundo Lacan, uma operação simbólica que atua sobre um objeto imaginário, ligada ao que o sujeito pode imaginar da falta? Ela tem a ver com a função fálica e, conseqüentemente, é estruturante.

⁵¹ S. Freud, *L'Inquiétante Étrangeté et autres essais*, trad. franc. B. Férou, Paris, Gallimard, 1985.

⁵² J. Lacan, "L'angoisse", inédito, lição de 14 de novembro de 1962.

⁵³ Ibid., lição de 26 de março de 1963.

⁵⁴ J. Lacan, "Le désir et son interprétation", inédito, lição de 13 de maio de 1959.

⁵⁵ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse* (1926), ob. cit.

⁵⁶ S. Freud, "Le problème économique du masochisme", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 287-288 ('grifo meu).

A castração, estruturante e dinamizadora, graças à qual o sujeito renuncia a sua fantasia de completude, implica que *não há retorno possível*. Disso a mãe do obsessivo não quer saber nada. No centro da problemática da angústia, encontramos o desmame e a relação com *das Ding*. O sujeito deve ser desmamado desse Outro primeiro que dá consistência imaginária a uma origem da qual a criança deve ser separada para existir como sujeito; é-lhe preciso renunciar a uma parte de si mesma. Ela tem que fazer o luto desse objeto – ela mesma – que poderia satisfazer o Outro primordial, a mãe.

Assim, na neurose obsessiva, é exatamente *da castração da mãe que se trata*.

O sacrifício que está aqui em jogo é o de *Totem e tabu*⁵⁷, articulado com a fantasia da cena primitiva de *O homem dos lobos*⁵⁸ e com a problemática central de *O estranho*⁵⁹. Freud nomeou esse ponto de origem: o pai, aquele que barra a via para a mãe. O objeto da angústia é o que o mito freudiano mascara.

O inquietante e a angústia estão para além do princípio de prazer, para além do fálico e de seu gozo. Esses dois conceitos têm a ver com a coação na repetição. A castração permite um gozo de substituição; gozo do significante do gozo interdito. Em seu *Moisés*, Freud viu aí o registro do pacto com o pai⁶⁰.

E “isso com que eles [os psicanalistas] estão lidando em sua experiência é sempre um híbrido dessas duas formações; um híbrido no qual *a força viva*”, a que é subjacente à angústia e à culpa, é a energia pulsional não ligada, não-encadeada, atacando o sujeito do interior⁶¹.

Como um rato.

⁵⁷ S. Freud, *Totem et tabou*, ob. cit.

⁵⁸ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit.

⁵⁹ S. Freud, *L'Inquietante Étrangerie*, ob. cit.

⁶⁰ S. Freud, *L'Homme Moïse et la religion monothéiste*, trad. franc. C. Heim, Paris, Gallimard, 1986.

⁶¹ J. Laplanche, *Problématiques I, L'Angoisse*, Paris, PUF, 1980, p. 363 (“grifo meu”).

Hesitações entre elas

O outrora, acontecia de o diagnóstico de neurose obsessiva ser descartado porque faltava o mandamento no quadro sintomatológico.

O mandamento não é necessariamente identificável a *sua* escuta. Não é raro que o obsessivo pareça ausente dos males que podem esmagá-lo; ele também não se interroga sobre a origem de seus sintomas e sobre o sentido deles. Todos esses circunlóquios se acompanham de um *é assim*. Quando ele se instala na dúvida, talvez seja para amenizar a violência de uma evidência devastadora, sem mediação. Por que, de ouvido de pedra, ouve tão bem o *tu* do imperativo que o mata? A mínima pergunta se torna, para ele, uma ordem tirânica.

A neurose do Homem dos ratos teria se desencadeado no momento em que lhe foi preciso escolher entre duas mulheres. Qual era esse entre duas mulheres? Porque, quando há apenas uma, o obsessivo se apressa a fazê-la duas para hesitar entre elas. Uma paciente declarava: "Depois que passei a viver com meu namorado, passo meu tempo deixando-o e voltando com ele. Eu conheço essa patologia em psicanálise: é a repetição. E sei bem: quando o deixo, repito. Quando volto, repito. Há um, nele, que me atrai, o outro também". Ela não se perdia por ter dois "namorados". De *um* ela sabia fazer *dois*. Quando tendia para um, seu desejo diminuída. Na sua presença, não havia mais dúvida: o outro a atraía. Meia volta. Ela desesperadamente corria para ele. Bastava-lhe, então, levantar os olhos e o primeiro se erguia de maneira implacável.

"No entanto eu o amo, mas me arrebento! Como decidir?".

Ela pode morrer de amor. E de ódio. Pode reabsorver-se inteira e não ser mais nada além de amor; para — em vão — equilibrar o ódio totalmente recalçado que lhe foi confiado, como caução... do amor pelo Outro. Ódio infinito que trabalhará de uma maneira devastadora *contra ela mesma*.

O obsessivo seguidamente toma seu parceiro como dois e se concentra na menor diferença que um e outro apresentam. Como anular a diferença entre os dois? Por seu trabalho de vaivém, minha paciente praticava uma simetrização da qual ela podia gozar, ao mesmo tempo excluída e parte integrante, a cena primitiva obriga — invertida: ela era *o terceiro do qual os dois se excluem*.

Nesse intervalo onde mora o objeto de seu desejo que ela consegue ocultar até fazer crer numa anestesia do desejo dolorosa, o que é que decide quanto à escolha? Um mandamento que ignora a diferença.

O obsessivo atribui valor de injunção imperativa a uma das características essenciais do real: o acaso⁶².

Quanto à dúvida, o sujeito pode contar seu ou seus males a um amigo que ignora que, ao deixar escapar o menor sinal, o mínimo "conselho", é uma ordem tirânica que ele enuncia. O mandamento opera ainda mais na medida em que não é um mandamento, ele engendra um *contramandamento*.

Consideremos o Homem dos ratos. C que ele vira, nesse famoso entardecer, sob as saias de *uma mulher*, sua governanta? Os efeitos devastadores não provinham de que lhe foi concedida muito rápido não se sabe qual satisfação — já que esta, de imediato, se tornou compulsiva —, mas de que, em lugar da fala, ele encontrou uma espécie de deserto, uma falta radical que obstruiu toda experiência subjetiva da falta. A ausência de fala lhe sinalizou um gozo sem nenhuma mediação. A Senhorita Robert o deixará correr como um rato no deserto gozoso de seu corpo indiferente. Com uma única advertência ou consolo: "Uma doméstica, tendo feito coisa semelhante com um menino que lhe fora confiado, tinha ficado presa por muitos meses"⁶³. Ela lhe permitia percorrer seu corpo, desde que *ele não dissesse nada* a ninguém. Em outras palavras, a dialética do que o outro pode saber sobre seu desejo é bloqueada assim que iniciada. Ela lhe confirma que a satisfação do que ele sente como desejo é do tipo da que a lei interdita. A sanção a partir daí recai na mulher, que só pode ser *suposta saber tudo* sobre o desejo.

Aqui se esboça uma polaridade rigorosa entre lei e desejo, que se redobra por uma outra relativa ao saber sobre o desejo. O outro não deve saber nada sobre seu desejo. Se o outro souber tudo, então ele se torna o Outro. Ele é dois.

⁶² "Quando, num raciocínio, os argumentos se contrabalançam dessa maneira, ele comumente se deixava arrastar por acontecimentos fortuitos como se fossem julgamentos de Deus", S. Freud, *L'Homme aux rats*, *Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 59.

⁶³ *Ibid.*, p. 37.

Das profundezas do voto de morte que lhe dirige, o obsessivo espera do pai que seja portador de um saber totalmente antinômico ao desejo, o que constitui o obstáculo e a garantia indispensável para seu desejo. A ficção de que o pai *tem* é o que pode introduzir o temor mortal da identificação com o falo que a mãe induz.

O obsessivo sempre joga *tudo* para manter falta. Daí surgem os sinais da castração do Outro – que é também a sua – para lhe *permitir* desejar.

Mas esse vazio, que ele convoca e conjura, faz surgir no horizonte o gozo temido do corpo do Outro; o que não deixará de lhe trazer algumas dificuldades para gozar do corpo da parceira. Sua fascinação pelas “virgens” – o que não implica nada de religioso – encarna a busca de um Outro intocável, inacessível – o que em nada garante seu gozo. Em certos casos, a ejaculação precoce ou a impotência serão os efeitos implacáveis dela.

SEGUNDA PARTE

DOS SINTOMAS ÀS FANTASIAS

Capítulo 6

Recalque e sintoma na neurose obsessiva

“O obsessivo nos é verdadeiramente apresentado como sempre pronto a resvalar para uma destruição do mundo”¹.

Contrariamente ao que circula hoje em dia, Lacan não se enganava num curioso retorno às teses de Bouvet, segundo o qual o objeto parcial manteria todo um arcabouço de sustentação necessário ao obsessivo para evitar “resvalar para uma psicose que fica sempre como ameaça”².

Prossigamos com Lacan: “Não podemos deixar de objetar que, sejam quais forem os sintomas que poderíamos chamar de parapsicóticos do obsessivo, os sintomas, por exemplo, de despersonalização, de distúrbios do eu, de sentimento de estranheza, de obscurecimento do mundo, sentimentos que, evidentemente, sempre tocam na cor, talvez até mesmo na estrutura do eu [...] os casos de transição entre a obsessão e a psicose sempre existiram, mas sempre foram [...] muito raros”³. Pelo contrário, existe uma espécie de “falsa esperança de compatibilidade entre as duas afecções”. E, se se trata de uma “verdadeira neurose obsessiva, [é] a coisa que menos se corre o risco de provocar numa psicanálise. Corremos o risco de não ‘curar’ o obsessivo; mas o risco de vê-lo cair na psicose [...] é [...] extraordinariamente fantasístico”⁴.

¹ J. Lacan, séminaire “Les formations de l’inconscient”, inédito, lição de 14 de maio de 1958.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

Freud chegou a uma fórmula metapsicológica última, a desintrincação precoce das pulsões de vida e das pulsões de morte, hipótese que não parou de atormentar os analistas.

Numa observação superficial, é certo que o obsessivo tende a destruir seu objeto.

Nele, o acento é colocado no desejo, que, em sua constituição mesma, implica a destruição do Outro. Se a histérica vai buscar seu desejo no desejo do outro, o obsessivo põe seu desejo antes de qualquer coisa, deixando-o, como tal, no estado de desejo; o que não deixa de produzir o impasse. M. Bouvet dá excelentes exemplos de vai-e-vem entre o que ele chama de introjeção e projeção no obsessivo⁵. Processos sem relação entre si, já que "o mecanismo de projeção é imaginário e o mecanismo de introjeção é um mecanismo simbólico"⁶.

No obsessivo, todo movimento de abordagem do objeto de seu desejo vai se chocar com "uma verdadeira baixa de tensão libidinal"⁷. Para que seu desejo se mantenha, o objeto tem que permanecer velado, à distância. O que assinala a estrutura mesma da fantasia, enigmática, na neurose obsessiva.

Na neurose obsessiva, as fezes são o protótipo da troca com o Outro primeiro, a mãe. Se elas são o equivalente dessa parte do corpo cedida ao Outro, presente exigido, a renúncia a gozar desse objeto, isto é, o recalque da pulsão anal, é a condição mesma de um exercício possível da simbolização e do desejo. O recalque originário está organizado em torno de uma inscrição que lhe é específica e que é possível decifrar pela análise⁸. No inconsciente, elementos isolados constituem uma *escrita*, uma espécie de alfabeto — ainda que o pequenino não saiba ainda ler. Cada *letra* desse alfabeto só pode ser uma ob-(s)cenidade, já que ela vem *efetivamente* de uma *outra* cena, marcada com o selo do objeto perdido. Cada letra se torna o *signo* mesmo do objeto. Na fala do sujeito, a letra viria permanentemente bater à

⁵ M. Bouvet, *La Relation d'objet*, ob. cit., 1967.

⁶ J. Lacan, "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 14 de maio de 1958.

⁷ Ibid.

⁸ Ver a análise do Homem dos lobos, a cena primitiva reconstruída por Freud e a do V que Lacan retoma em uma de suas lições inéditas, de 12 de maio de 1971: "Lituraterre".

porta, deixando emergir a inquietação de ter que lidar apenas com pensamentos Outros e de natureza obscena.

De curto-circuitos a substituições, o sentido do que o sujeito diz desliza para o sem sentido; ele necessariamente lhe escapa e o faz temer o pior – para ele ou para algum outro. O obsessivo pode dizer as coisas mais evocadoras sem ouvi-las; o analista pode pensar que está às voltas com a “má-fé” do sujeito, com uma recusa de ouvir o que diz, uma oposição ao “bom” desenrolar da cura psicanalítica – enquanto que o alcance de suas próprias palavras lhe resta efetivamente obscuro.

Em 1915, o recalque é a chave de abóbada da psicanálise⁹. Em troca, em 1926, o exemplo da neurose obsessiva legitima para Freud “a reintrodução do antigo conceito de *defesa*, permitindo englobar todos esses processos que manifestam uma mesma tendência – a proteção do eu contra as exigências pulsionais – e justificar a subsunção do recalque, como caso particular, sob esse conceito”¹⁰.

O que o obsessivo tenta manter à distância *jamaiz* deixa seu lugar de origem; fica simplesmente entre parênteses ou precedido do sinal da negação. No campo do consciente, o recalcado se apresenta então sob a forma de um elemento opaco com efeito de mandamentos imperativos ou interditores, que ficam enigmáticos ou ininteligíveis para o sujeito. *Uma língua estrangeira se impõe a ele*.

O recalque, na apresentação que Freud lhe dá em 1915, é o que há de mal em nós, o infantil; as pulsões inconscientes são, de modo bastante curioso, o estrito negativo do mandamento moral. No obsessivo, “o impulso hostil [...] sucumbe ao recalque [...] Esse trabalho obtém *primeiro completo êxito*”¹¹. Mas vai ser preciso lutar “sem êxito e sem fim” para manter a representação recalcada afastada do consciente a fim “de se manter distante da ação”¹².

A criança em formação é confrontada com duas instâncias contraditórias: a autoridade, o interdito, a castração e uma outra, do lado materno,

⁹ S. Freud, “Le refoulement”, em *Métapsychologie*, ob. cit., pp. 45-63.

¹⁰ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 93.

¹¹ S. Freud, *Métapsychologie*, ob. cit., pp. 61-61 (‘grifo meu).

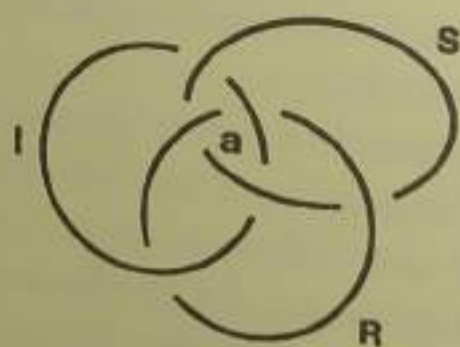
¹² *Ibid.*, p. 63.

que diz não à castração. O imperativo que prevalece está do lado da que está castrada e não quer saber nada sobre isso. A criança, como o Homem dos lobos mostrou de maneira paradigmática com a cena primitiva, sabe.

A singularidade da estrutura obsessiva consiste no seguinte: *o recalque não pode se realizar perfeitamente por causa do jogo materno*. Não pode haver franca condenação da moção pulsional, já que esta é encorajada pela ação materna. O desprazer provocado pelo alcance do alvo pulsional não se mostra de maneira clara.

Ora, o recalcado originário é "o que, do inconsciente, jamais será interpretado"¹³. Está na "raiz da linguagem" onde a criança cai. Permanecerá "impossível de reconhecer" e não poderá mais "nem se dizer nem se escrever"¹⁴. Isso não cessa de se escrever. Se o recalcado originário é o que faz um furo em torno do qual se distribui o inconsciente e pelo qual ele não pára de ser aspirado, para a criança a operação é uma proeza: prazer e desprazer se equivalem, porque, sob a permanente pressão materna, como operar um desinvestimento libidinal perfeito?

Assim, o enodamento dos registros que organizam a estrutura do obsessivo vai tender para este modo,



no qual o simbólico cobre o imaginário. Situação delicada: é preciso estar do lado da vida para evitar soçobrar no desejo desse Outro devasta-

¹³ J. Lacan, "La troisième", em 7^o Congrès de l'École freudienne de Paris à Rome, nos dias 31 de outubro, 1, 2 e 3 de novembro de 1974, *Le réel, l'éthique de la psychanalyse et la question des contrôles*, em *Lettres de l'E.F.P.*, nº 16, 1975, p. 200.

¹⁴ J. Lacan, "Réponse à une question de Marcel Ritter", 26 de janeiro de 1975, nas Jornadas de cartéis da E.F.P., na Maison de la chimie, Paris, 12 e 13 de abril de 1975, em *Lettres de l'E.F.P.*, nº 18, abril de 1976, p. 8.

dor? De um ponto de vista estritamente econômico, que condições poderiam permitir a satisfação da pulsão? O sujeito teria que incessantemente cortar de sua fala tudo o que arriscaria se apresentar como sexual, para não dar a palavra ao Outro?

A estrutura obsessiva se organiza em um tempo no qual as intenções maternas não são puras. Com efeito, a mãe não deixa de manifestar seu desejo, o qual, quando é muito insistente, aparece como agressivo. Ora, é singular que Freud não veja moção hostil com relação à mãe no Homem dos lobos¹⁵. Todavia, Freud não está satisfeito com o que acaba de estabelecer, porque, na neurose obsessiva, é preciso explicar a presença do impulso hostil. Para fazer isso recorreu à regressão libidinal. Esse avanço é notável, ele enlaça a ambivalência à pulsão sádica. Em 1926, Freud nota que os contra-investimentos destinados a proteger o recalque são facilmente observáveis na neurose obsessiva. "Sem recalque, não haveria conflito neurótico"¹⁶. O verdadeiro teor da moção pulsional agressiva, dirigida diretamente ao sujeito, permanece totalmente insuspeitada pelo eu.

Quando Freud começou a trabalhar essas questões, explicava o recalque por uma "falha de tradução"¹⁷ dos materiais psíquicos. Essa idéia continua moderna e correta. Para o futuro obsessivo, a simbolização primordial se viu entravada, até mesmo interdita.

Houve "interpretação errônea"¹⁸. Mas como o Homem dos lobos poderia, numa idade tão precoce, ler e interpretar corretamente o que lhe foi dado a ver no momento da cena dita primitiva? Não podemos negar a Geza Roheim a pertinência de suas palavras: "Quando alguém é hábil e inteligente, provavelmente mantém os olhos abertos quando seus pais fazem amor"¹⁹. Entretanto, essa cena não bastaria para instalar uma neurose.

Já em 1898, Freud observava: "o recalque histérico se realiza graças à simbolização [...]. Mas, ao analisar os obsedados [...], constatamos que exis-

¹⁵ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 25.

¹⁶ M. Dayan, *Inconscient et réalité*, Paris, PUF, 1985, p. 296.

¹⁷ S. Freud, "Lettre n° 52 du 6 décembre 1896 à W. Fliess", *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 156.

¹⁸ S. Freud, "Lettre n° 79 du 22 décembre 1897 à W. Fliess", em ob. cit., p. 212.

¹⁹ G. Roheim, "The Evolution of Culture", em *International Journal of Psychoanalysis*, n° 15, New York, I.U.P., 1934, pp. 387-418.

tem neles *recalques sem simbolização*²⁰. Rastros do passado *impressos* no psiquismo subsistem intactos, a serem lidos, a serem interpretados. Essas inscrições, que podem deslizar de um sistema para outro, serão, no caso da neurose obsessiva, reativadas um dia, reatualizadas pela regressão no momento de um acontecimento ulterior sobrevindo na vida do sujeito e simbolizadas *après-coup*.

O modo de relação inscrito no momento do estágio anal induz uma fixação no momento da qual os significantes aos quais a pulsão se fixa deixaram rastros de maneira irreversível. Nesse ponto são inscritos emparelhados a mortal dependência e o prazer total. Esses conteúdos representativos “persistem inalterados no inconsciente”²¹.

A mãe favoreceu uma fixação que se constituiu como virtualidade dominante. A via da regressão – assim como a do recalque – é traçada ainda melhor no obsessivo na medida em que o pulsional está ligado a essa experiência primeira. “... o desenvolvimento do eu é temporalmente anterior ao da libido. As pulsões do eu, pelo fato dessa antecipação, seriam *coagidas* à escolha de objeto *antes* de a função sexual ter alcançado sua configuração definitiva”²².

O futuro obsessivo é, pois, *forçado* à escolha de objeto *um pouco cedo demais*. O recalque serviu como censura da verdade e o sintoma retornará em compromissos ainda mais fortalecidos.

O sintoma se distingue, aqui, pela evidência da coação que se manifesta no pensamento do sujeito e em seus atos – quando ele chega ao ato.

É apenas em 1926 que Freud se dedica a analisar mais precisamente o sintoma na neurose obsessiva.

A apresentação que Lacan faz disso em 1949 permanece ainda hoje a melhor formulada: “no plano mental, vemos realizadas essas estruturas de

²⁰ S. Freud, “Psychopathologie”, em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 363 (* grifo meu).

²¹ J. Laplanche e J.-B. Pontalis, artigo “Fixation”, *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973.

²² S. Freud, “La disposition à la névrose obsessionnelle” (1913), em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 196 (* grifo meu).

obra fortificada cuja metáfora surge espontaneamente, como que saída dos próprios sintomas do sujeito, para designar os mecanismos de inversão, isolamento, reduplicação, anulação e deslocamento da neurose obsessiva"²³. Ela é mais magistral em 1958: "... nessa neurose obsessiva, arquitetura de contrastes ainda não acentuados, e *que não basta atribuir a formas de fachada*". No meio de tantas atitudes sedutoras, insurretas e impassíveis, deve-se captar as angústias ligadas aos desempenhos, os ressentimentos que não impedem as generosidades (afirmar que falta oblatividade aos obsessivos!), as inconstâncias mentais que sustentam fidelidades inquebrantáveis"²⁴.

A psiquiatria²⁵ diagnostica uma neurose obsessiva por seus sintomas. Ela conhece seu zênite de rigidez com o DSM III²⁶. Mas, lembremos, os *sintomas* obsessivos, tão numerosos quanto sejam, nem por isso dão conta de uma *neurose* obsessiva.

Esses sintomas²⁷ levaram Freud a falar de uma "unidade clínica particular"²⁸.

O *labirinto*²⁹ permanece como a mais feliz expressão para introduzir à leitura da *estrutura* obsessiva.

A dialética do "grande roteiro compulsivo" do Homem dos ratos conduz das "mil astúcias para enganar a morte" às "mil façanhas que não correm o seu risco", sob "o olho de um Outro que supostamente goza com o espetáculo".

²³ J. Lacan, "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique", em *Écrits*, ob. cit., pp. 97-98.

²⁴ J. Lacan, "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., pp. 630-631 (* grifo meu).

²⁵ Cf. o mais conhecido dos *Manuels de psychiatrie*, o de H. Ey, P. Bernard e Ch. Brisset, Paris, Masson, 1978, no qual vemos que a neurose obsessiva é a mais fixa e a mais estruturada das neuroses.

²⁶ *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, publicado pela American Psychiatric Association.

²⁷ Ver, por exemplo, a precisão das descrições em S. Freud, "Actions compulsives et exercices religieux", em *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973, e "Caractère et érotisme anal", ob. cit., assim como "L'Homme aux rats" e "L'Homme aux loups", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit.

²⁸ S. Freud, "Actions compulsives et exercices religieux", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 133.

²⁹ J. Lacan, "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", em *Écrits*, ob. cit., p. 281.

Contrariamente à histórica, o sujeito tende a não introduzir seu sintoma no laço social; seu interlocutor é ele mesmo.

Precisamente nas circunstâncias em que o sujeito é convidado pelo social a se abolir – casamentos, condolências, votos, felicitações –, produz-se nele uma reação paradoxal. Quando lhe é demandado estar ausente como sujeito, ele é particularmente exposto aos lapsos ou a pensamentos que podem lhe parecer estupefacientes. A partir de então podem se manifestar todas as espécies de *pensar-contrá*, medidas de defesa ou anulações. Trata-se de retorno do recalcado? Fica a pergunta. De qualquer modo, não podemos duvidar de que há retorno, no real, de um sujeito que se tratava de abolir; aquele mesmo que, primeiro, havia sido foracluído pela mãe.

O mal-estar e o gozo se manifestam então por risos irreprimíveis: “A formação de sintoma triunfa quando a interdição consegue ser amalgamada com a satisfação”³⁰.

Seus pensamentos, de caráter tão naturalmente sacrílego, obsceno, ímpio, se tornam, para o sujeito, o meio de expressão de seu ser e de sua *recusa de se abolir no desejo de morte do Outro primordial*.

Transgredir o desejo do Outro confronta o obsessivo não mais com o assassinato do pai, mas com o da mãe, na medida em que ela usurpou o lugar do pai. Ela deixa ao sujeito o sentimento aterrorizante de ter cometido um assassinato sem nem mesmo ter percebido.

É interessante ver Freud terminar sua obra com a artimanha de uma mãe: “Zeus, salvo pela astúcia da mãe, emascula, mais tarde, o pai”³¹, o velho pai-Deus Cronos. Freud, nesse manuscrito inacabado, diz: o eu juvenil se encontrou, em certos casos, diante de “situações determinadas de *instante pressão*”. Depois evoca o “traumatismo psíquico” e as duas peneiras da escolha obsessiva: o *ou-ou* cai no *nem-nem*, “o que dá no mesmo”³². “O *vel* da alienação [...] tem como consequência um *nem um, nem outro*”³³.

³⁰ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 33.

³¹ S. Freud, “Le clivage du moi dans le processus de défense”, em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., tomo 2, p. 286 (o grifo meu).

³² Ibid., p. 284.

³³ J. Lacan, *Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*, ob. cit., p. 191 [Tradução brasileira: p. 200].

Houve uma interrupção brutal, repentina e inesperada de uma satisfação à qual a criança podia dar livre curso.

Essa satisfação é agora um perigo real insuportável; é preciso escolher. E, já que a realidade objeta à reivindicação pulsional, a criança escolhe renunciar a um e a outro, ao preço de um profunda fratura no eu, "fratura" que não se curará mais". "As duas reações [...], opostas, se mantêm como núcleo de uma clivagem do eu"³⁴.

A partir do momento em que a referência ao pai é colocada de lado, para a criança não há mais garantia quanto ao que poderia distinguir verdadeiro e falso. *De modo nenhum é o sujeito quem recusa a referência ao Nome do Pai, ela lhe é recusada pelo Outro*. A partir daí, o obsessivo está condenado a hesitar entre pares contraditórios, com a ajuda de alternativas das quais nenhum dos termos consegue dar segurança ou satisfação. Recusado o lugar de autoridade, do referente que permite afirmar, a verdade se torna uma busca infinita. Eis a origem desse sentimento tão corrente de estar *cortado*, fora-do-jogo, não reconhecido.

A característica principal da neurose obsessiva é "a colossal edificação de uma barreira de formações reativas no eu"³⁵.

Devemos assimilar a posição obsessiva a "ser-o-falo", tese que Lacan sustenta por longo tempo³⁶? Enquanto a mãe deveria ser considerada como privada pelo pai, a criança a experimenta, ao contrário, separada do pai e chave da situação. Ela se impõe a seu pequeno *como objetivo e como objeto*. Esse curto-circuito funda a neurose obsessiva. *A criança é proibida de ser e de ter*.

É a propósito da neurose obsessiva que Freud utiliza como argumento a noção de uma neurose infantil como protótipo da neurose ulterior. A

³⁴ S. Freud, "Le clivage du moi dans le processus de défense", em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., tomo 2, p. 284 (* grifo meu).

³⁵ S. Freud - C. G. Jung, *Correspondance*, 2 volumes, tomo I, Paris, Gallimard, 1975, Lettre du 19 décembre 1909, p. 362.

³⁶ Em 1958, em "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., pp. 585-646; no seminário inédito "Les formations de l'inconscient", no seminário inédito "Le désir et son interprétation", 1958-1959, em *Le Transfert*, ob. cit., e no seminário inédito "L'angoisse", 1962-1963.

neurose infantil do Homem dos ratos manifesta a *linguagem da obsessão*: "Se pensar em ver meninas nuas, meu pai morrerá". Eis um texto cuja sintaxe e cuja lógica trata-se de encontrar, por trás da elisão e da elipse.

Em Ernst, a neurose da idade adulta foi precipitada pelas palavras da mãe relativas a um projeto de casamento. O Homem dos ratos se conduz como se *devesse* corrigir o destino às suas expensas, um pouco como Hamlet diz. Doze dias após o início do tratamento, em 12 de outubro de 1907, ele jura por sua alma imortal que abandonará a masturbação. Juramento grandiloquente. Sua Dama perdeu a avó; quer visitá-la. *Sua própria mãe o proíbe*: "por minha alma, você não irá" – mãe e filho empregam as mesmas fórmulas: "por minha alma...". Ele decide ir assim mesmo; põe em perigo, portanto, a alma de sua mãe. Não pode ser egoísta a ponto de expor a perigo a alma de sua mãe; a sua também estará em perigo – *então*, ele se masturbará.

Não é difícil para Freud observar que se trata de uma transgressão de um interdito *materno*. *A repetição da palavra "alma" sobredetermina e dissimula uma outra conexão entre os interditos maternos e a masturbação*.

Manter o desejo à distância

No obsessivo, a dificuldade causa e sustenta o desejo.

Essa problemática não escapou a Winnicott, cujo trabalho relativo aos objetos transicionais³⁷ mostra que o problema essencial é saber *como a criança sai da satisfação* – e não da frustração – *para construir para si um mundo*. O Outro não é colocado, primordialmente, em posição de onipotência em nome de seu poder de frustração, mas de recusa.

É por essa posição que a estrutura do obsessivo se determina: o Outro o *possui* e o arruína. O obsessivo *deve* se manter a uma certa distância de seu desejo para que esse desejo subsista. Por que dizer que ele "*cria para si um desejo interdito*"³⁸? O outro, *de fato*, lhe interditou o desejo. Outrora.

³⁷ D. W. Winnicott, "Objets transitionnels et phénomènes transitionnels", em *Jeu et réalité*, Paris, Gallimard, 1977.

³⁸ J. Lacan, "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 21 de maio de 1958.

"Um desejo interdito não significa um desejo sufocado". O interdito tem como função sustentar o desejo. Mas, para que se sustente, é preciso que ele se apresente. O obsessivo "o mostra [...] e não o mostra [...], ele se camufla"³⁹. A emergência de seu desejo seria para ele ocasião de temor de represálias que, precisamente, inibiriam toda manifestação de seu desejo. Para o obsessivo, toda relação de objeto equivalerá inevitavelmente à relação interdita.

A inibição não tem muito público, a ponto de o *Vocabulário da psicanálise* a omitir. Um paciente a definia assim: "Um desses nadinhas que lhe entope o carburador, lhe estraga as férias e termina por lhe custar a pele do c...". Os *Je* são feitos com inibição. A impossibilidade de inibir um investimento pode provocar um trauma. A questão não é sustentar que "sobre o que não se pode falar, é preciso calar"⁴⁰.

Para o obsessivo, a mãe, seus significantes e seus representantes terminarão por se tornar objetos fóbicos. Assim o sujeito fica protegido da aproximação de seu desejo, na medida em que está desarmado em relação ao que se abre como signo de sua dependência absoluta. Sua mãe o levará ao fim do mundo e mais longe ainda, com tanta frequência quanto ela mesma desaparece. Ela aparece para a criança como aquela que pode responder a suas demandas, mas com o seguinte mistério: o de estar ela mesma aberta a uma falta cujo sentido aparece para o sujeito, o de estar numa certa relação com o falo que, no entanto, ele não tem e não é.

A falta-em-ser da mãe abre para a criança o drama que ela não pode resolver a não ser fazendo surgir um significante fóbico: Φ ; chave mestra que lhe serve naquele momento para se proteger do surgimento de uma angústia mais temível ainda que o medo ligado à fobia. A oposição do sujeito ao objeto de seu desejo vai produzir aquilo em que ele vai poder se agarrar: o sintoma. Nem pensar em abordar o objeto da fantasia, suporte do desejo. Os meios de defesa do obsessivo permitem não tocar no objeto interdito e ameaçador de um gozo perigoso que desemboca no abismo do desejo.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ L. Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*, trad. P. Klossowski, Paris, Gallimard, col. TEL, 1986, p. 107.

Em certas cenas evocadas por L. N., perfila-se a sombra ambígua de um Don Juan. De idade madura, ela vem me procurar para se queixar de sua existência, de uma profissão que ela abomina, de fracassos sentimentais repetitivos. Ela arrasta o tédio de uma vida sem cor cujas causas enumera: "Uma mãe abusiva, um pai apagado muito cedo desaparecido, namorados ou companheiros que, a partir do momento em que dividem comigo minha vida, se transformam em megeras, à imagem de minha mãe, que no entanto era tão devotada".

No início de sua vida profissional, algumas dificuldades haviam desencadeado uma situação insuportável que, de faltas ao trabalho a hospitalizações, a havia levado a um divã.

A conselho de seu primeiro analista, tentou mobilizar sua energia para obter uma promoção na empresa em que trabalha. Ela fracassa sob o olhar intolerável de um examinador, depois ocorreu um fiasco num novo amor com um homem mais jovem. Impotente, ela vegetou numa abulia total, numa ruminação estéril sobre a incompreensão de seu parceiro, que se escafedeu. Seu sonho desaba, mas ela continua de mármore. Uma outra paixão surge: a psicanálise. Ela se engaja num novo procedimento e em outras aventuras amorosas, todas muito banais.

L. N. se lançou numa busca repetitiva à procura do homem ideal, um Pigmaleão. Consagrou a isso uma parte de sua existência. Ali se esboçou o lugar do objeto metonímico que subtende seu desejo. Mas a substituição de um homem por outro, a impossibilidade de estabelecer laços estáveis só lhe parece ser um golpe de azar.

A divisão clássica do objeto entre a mulher rica e a mulher pobre permanece velada para o sujeito pela repetição. A escolha logo se acompanha de uma anulação. Ela vitupera contra seu companheiro do momento, acumulando as críticas de incompreensão. Chega até a marcá-lo com o interdito, já que ela "perde suas regras" nos dois últimos anos de sua primeira análise. Ela retoma uma cura psicanalítica depois de ter se livrado do analista e do namorado.

A anulação não incide apenas no parceiro sexual. O isolamento concerne também ao analista, o Outro do endereçamento, que ela tenta colocar numa posição cadaverizada.

Levá-la à pergunta "O que o Outro da transferência quer de mim?" foi um primeiro trabalho. Daí resultou uma constatação: suas numerosas aventuras fracassadas não eram devidas à malícia de um gênio mau, eram da ordem da *tiquê*, do encontro. Entretanto, tal Alceste, ela persistiu em não reconhecer que ela é ao mesmo tempo o domador e a fera de seu circo.

Nesse ponto, uma intervenção fez sua certeza sobre a origem de suas infelicidades vacilar.

Ela havia observado que, no decorrer dos anos, sua escolha recaía em homens cuja diferença de idade em relação a ela era cada vez maior. A suspensão de sua abulia lhe permitiu assumir uma função profissional que, de direito, lhe cabia, mas que sempre havia recusado, para continuar protegida. Sobre essa mudança e suas conseqüências ela diz pouco, até o dia em que aparece um prenome: Armel, um adolescente com quem ela se encontra. Sua conduta esquisita com esse rapazinho lhe aparece em toda a sua verdade. Ela se comporta com ele como uma apaixonada assustada.

O reconhecimento desse amor a perturba. Esse rapazinho se revela como a reencarnação de seu primeiríssimo amor infantil, um garotinho louro. A atitude devotada de L. N. para com ele suscitava sorrisos irônicos de seu entorno. Num dos cômodos da casa de sua família havia dois retratos num porta-retratos; o de uma menina e o de um menino lourinho. Diante desse quadro que representava o menino, ela teve uma crise, "uma espécie de implosão": "Caí dura", diz ela.

Quando criança, ela possuía uma abundante cabeleira loura e encaracolada, que tinha escurecido e alisado com o tempo. Sua mãe, durante toda a sua infância e até bem depois, dirigia-se a ela, dizendo "meu garoto", ou, dizia ela, "essa menina aí é meu garoto". Essa mãe sempre se opôs à autoridade do pai, que achava o apelido inoportuno; ela o espetava: "Enquanto eu estiver viva, você não vai lhe tocar num só fio de cabelo!".

A vida amorosa dessa paciente pode ser dividida em dois planos: a vertente metonímia e a vertente metáfora.

O Outro, para L. N., é intercambiável: um pelo outro, um depois do outro. Sucessão de escolhas, da qual ela deverá permanecer à distância sob qualquer pretexto. A coação na reiteração de escolhas masculinas tende a apagar a questão do desejo do Outro e da angústia. A metonímia transfere

o gozo de um objeto a outro, sem fim. Tal é a relação bem conhecida do obsessivo com o múltiplo.

Mas L. N. acredita no encontro do eleito. A ilusão cômica só se desvela nessa virada: "Uma velha camarada de minha idade cair de paixão por um rapaz tão jovem!". Até então, ela se mantinha fora do jogo. O objeto eleito estava marcado com a interdição para manter a angústia à distância; a cada vez ele era substituído. A busca desenfreada de um parceiro ideal permanece, no nível de uma clínica descritiva do comportamento, signo de um mal-ser cuja matriz é a fantasia – uma maneira de responder *a e sobre* o desejo do Outro.

A divisão do objeto, por longo tempo velada, se revela: de um lado, é o inferno conjugal, do outro, o amor pelo juvenzinho, que a deixa desconcertada, desarmada: "O que está acontecendo comigo?".

O que representa, pois, esse ser mítico, rapaz que já não é um menino, mas que não é ainda homem? Esse jovem Eros ou Ernos. Ela evoca Eros em suas associações: essas formas ligeiras aparecem como suporte de sua imagem narcísica, ela ama, através delas, uma certa imagem dela mesma [*d'elle même*] – ela me ama [*elle m'aime*]. O ideal do eu se apóia no traço unário: os cabelos louros. Ela sublinha que até então todos os seus parceiros tinham cabelos escuros.

O valor dessa imagem narcísica diz respeito ao seu brilho fálico. A astúcia dessa paciente que, através de sua escolha, tenta apagar todo rastro de desejo fracassa pela atração suscitada por seu anjo louro. Se ele sucumbe a seu charme é porque ele é, para ela, portador de um *agalma*, da causa do desejo. Psíquê está desarmada; seu mundo de domínio se estilhaça. Aparece a divisão subjetiva. O amor por seu garotinho louro permite colocar a trabalho o sujeito do inconsciente. No lugar das racionalizações se apresentam atos falhos, sonhos.

O sujeito quer, acima de tudo, *se subtrair* a ser tomado pelo falo da mãe, "cujo olhar o paralisa". L. N. quer ser contada *a menos*. Finge contar para não contar. De sua castração ela "faz paixão", completamente ocupada que está em salvaguardá-la.

O "garotinho louro" participa do roteiro imaginário que mascara o real da fantasia. O falo imaginário (ϕ) desejado pela mãe se erige como uma fantasia perversa; miragem materna, terror do sujeito. Esse duplo dela

mesma, "o garotinho louro", a perturba e a leva a enfim colocar a questão de sua relação com o desejo do Outro.

As substituições metafóricas – louro, garotinho – acarretam um efeito de significação – "Quem sou eu? Um garotinho louro" – ao qual se articula sua queixa: "Não posso ser uma mulher, falhei na minha existência. Não sou nada!". Esse "garotinho louro" se situa numa encruzilhada de sobre-determinações entre a imagem narcísica egóica e a decifração do significado do Outro que dá uma visão da fantasia. O momento da cura psicanalítica no qual ele surge como parceiro falicizado corresponde a esse tempo no qual a castração permite o advento do sintoma.

O problema do obsessivo não é, como na fobia, saber se a mãe tem ou não tem o falo, mas saber quanto ao desejo e seus efeitos; se ele é ou não o que o Outro deseja.

O obsessivo se situa numa problemática do ser: *é preciso destruir o objeto que causa o desejo do Outro*. De onde o retorno da pulsão para sua própria pessoa, já que a mãe lhe diz que *esse objeto substituto é ele*. Cabe a ele, pois, destruir-se. Em seus impulsos agressivos, ele diz a que ponto o falo é algo perigoso para ele. Então, se ele *é* o falo, ele não apenas é objeto, ele também se torna perigoso. Contaminar ou *ser* contaminado.

Sua agressividade com relação ao parceiro é clara. O outro *se toma pelo falo*. A esse título, ele pode querer destruí-lo. Mas a questão é sempre um "Tu queres destruir o que ela (a mãe) te pede para ser".

Essa dialética do ser vale tanto para o homem quanto para a mulher.

Renée, a paciente de Bouvet, primeiro tinha reprovado sua mãe "por tê-la coagido [...], por ter-lhe proibido qualquer relação masculina, por mais inocente que fosse"⁴¹. Ela havia passado por uma relação edipiana "normal" com sua mãe. É menos um "Édipo invertido", como pensa Bouvet, do que o retorno a um laço "exclusivamente sadomasoquista", segundo seus próprios termos. *Uma regressão*.

⁴¹ M. Bouvet, "La prise de conscience de l'envie de pénis dans la névrose obsessionnelle féminine", *La Relation d'objet*, ob. cit., p. 52.

Renée soube pôr em evidência o incontestável desequilíbrio da relação parental: um pai deprimido, até mesmo oprimido, diante de uma mãe que parece ter sido, antes de tudo, viril. E o autor precisa bem que nunca se tratou, fosse qual fosse o laço que unisse Renée a sua mãe, de "desejo de posse da mãe francamente sexualizado"⁴². Mas "toda pessoa que se imiscuisse nessa união era objeto (de um) desejo de morte".

Esse ponto é importante. Em todos os casos de neurose obsessiva, o laço da mãe com a criança é muito poderoso. O sujeito é confrontado com uma demanda de morte que equivale a uma morte da demanda. Essa demanda não caracteriza apenas seu laço com sua mãe: *é a demanda da própria mãe. A mãe traz em si a demanda de morte*. Como o caso de Renée mostra em Bouvet, ela primeiro a dirige ao infeliz personagem paterno, oficial de polícia que, apesar de sua bondade e sua gentileza, mostra-se durante toda a vida triste, deprimido, taciturno, incapaz de superar a rigidez de sua mulher e vencer o agarramento desta a um primeiro amor, aliás platônico. Ciumento, só quebrava seu mutismo para entrar numa demanda da qual sempre saía derrotado.

O Édipo permitiu ao voto de morte de Renée ser tomado na fala e na linguagem. Uma das obsessões de Renée: temia colocar alfinetes na cama de seus pais – para alfinetar sua mãe. Desejo culpado.

Para o obsessivo, tudo o que aparece no campo do desejo está ligado à culpa. A "consciência de culpa tem sua fonte em certos processos psíquicos precoces, mas é constantemente reavivada quando da *tentação*, que é renovada a cada ocasião recente"⁴³. A culpa evocada por Freud não deixa de ter relação com o significante fálico, cujo lugar encontramos na obra freudiana e na economia inconsciente do sujeito: *a lei*. "O desejo é uma demanda submetida à lei"⁴⁴. Lacan chegará a afirmar: "O desejo *é* a lei"⁴⁵. Para o obsessivo, ele toma "um caráter de condição absoluta"⁴⁶.

⁴² Ibid.

⁴³ S. Freud, "Actions compulsives et exercices religieux", em *Névrose, psychisme et perversion*, ob. cit., p. 138.

⁴⁴ J. Lacan, "Le désir et son interprétation", inédito, lição de 10 de junho de 1959.

⁴⁵ J. Lacan, "L'angoisse", inédito, lição de 19 de dezembro de 1962.

⁴⁶ J. Lacan, "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 14 de maio de 1958.

Freud sabia que o obsessivo só pode desejar com a condição de que o Outro não seja? Não que ele busque destruir o outro, como se pôde fazer Lacan dizer, Lacan que, com o rigor que o caracterizava, havia identificado que o obsessivo “adivinha a impotência em que se encontra de desejar sem destruir o Outro e, com isso, destruir seu próprio desejo, na medida em que é desejo do Outro”⁴⁷. É *ele próprio* que o obsessivo vai tentar destruir – e não o semelhante ou seu desejo, o que é próprio de uma estrutura completamente diferente.

O Outro não deve desejar, porque seria preciso então ser o objeto de sua demanda e morrer como ser-sujeito-desejante.

O desejo do outro *deve*, pois, permanecer mascarado. O Outro que o sujeito conhece é um Outro que não tem nenhuma falta: “O dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade”⁴⁸.

O desejo da criança ficou em pane. Obsessivo, assujeitado radicalmente ao Outro, *ele busca agora a destruição de seu próprio desejo*. Essa manobra compulsiva o deixa *fora do jogo*. No entanto, ele corre para o objeto de seu desejo com a energia do desespero e o objeto desaparece na medida mesma de sua aproximação. *Quem desaparece? Ou o quê? O sujeito? O objeto?* Esperando o final, ele dá suas provas para dar *suas* provas – e não para conquistar méritos; já que tudo se desenrola entre ele e ele.

Um elemento essencial da estrutura obsessiva é sua relação com a hora do encontro desejado. *É preciso* mantê-lo à distância, esperá-lo.

O sujeito estruturado sob o modo obsessivo *sempre* tem necessidade de ocupar uma posição terceira diante do desejo do Outro para que a relação com seu próprio desejo e com o objeto que o causa seja sustentável. Essa posição é também um apelo ao auxílio para sustentar seu desejo. Ao constituir-se como desejante, ele não percebe que se defende de alguma coisa. *Seu próprio desejo se torna uma defesa* – e não pode ser nada além disso.

Para o obsessivo, “*é preciso sair disso*” – de suas relações infantis, da mãe. Mas a voz da mãe é outra: “*não largar*”, “*não perder*”.

⁴⁷ J. Lacan, *Écrits*, ob. cit., p. 630.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 808.

Estrutura e obsessão: um discurso

Já em 1895, Freud se dedica a distinguir os diferentes elementos que determinam um certo tipo de organização neurótica ou psicótica. Obsessão e paranóia se opõem quanto aos conteúdos representativos; histeria e obsessão, quanto ao afeto e ao resultado⁴⁹.

Lacan deu apenas uma fórmula da neurose, a do discurso da histérica. Ora, ele não pára de falar de "estrutura" a propósito da neurose obsessiva⁵⁰.

Se a referência de um discurso diz respeito "ao que ele confessa querer dominar"⁵¹, no sujeito obsessivo, é o *ersatz* do objeto causa do desejo do Outro, é o objeto metonímico. Na escrita da fantasia do obsessivo, é *a'* e não *a*, porque ninguém poderia se identificar com um vazio. O pequeno *a* não é, assim como o grande *A*. O falo como objeto imaginário para a mãe a quem ele falta só pode ser objeto de um dom⁵². Portanto, é ela quem, em lugar do que é tido como barrando-a⁵³, coloca a criança em posição de semblante⁵⁴. Nesse lugar, a criança se converte no *significante do poder*⁵⁵ que ela outorga a quem o possui: a mãe.

Na cura psicanalítica, o obsessivo interpela seus sintomas a mesmo título que a histérica, já que ele observa, como todo paciente, a regra funda-

⁴⁹ S. Freud, "Manuscrit H, 24 janvier 1895", em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., pp. 98-102.

⁵⁰ "Observemos a estrutura de nossos obsessivos", em "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 14 de maio de 1958, a propósito do Homem dos ratos e dos acontecimentos que presidiram seu nascimento: "essa cadeia não é toda a estrutura da neurose obsessiva", em *Écrits*, ob. cit., p. 354; "A neurose histérica e a neurose obsessiva mostram em sua estrutura os termos...", em ob. cit., p. 451.

⁵¹ J. Lacan, séminaire, livre XVII, 1969-1970, *L'Envers de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1991, p. 79 [Tradução brasileira: p. 65].

⁵² J. Lacan, séminaire, livre IV, *La Relation d'objet*, lições de 23 de janeiro de 1957 e de 27 de fevereiro de 1957, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1994.

⁵³ J. Lacan, "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 26 de março de 1958.

⁵⁴ J. Lacan, séminaire, livre XVIII, 1970-1971, "D'un discours qui ne serait pas du semblant", lição de 20 de janeiro de 1971: "O falo é muito propriamente o gozo sexual na medida [...] em que este é solidário de um semblante".

⁵⁵ J. Lacan, *La Relation d'objet*, lição de 27 de fevereiro de 1957; e "Les formations de l'inconscient", inédito, lição de 5 de março de 1958.

mental. A posição de onde ele fala constitui ainda mais dificuldade para ele na medida em que está próxima da que o analista ocupa. O discurso do obsessivo se constitui, pois, de um lugar ocupado por um objeto qualquer.

Assim, podemos escrever: $\frac{a'}{g} \begin{matrix} \xrightarrow{\quad} S_1 \\ \xleftarrow{\quad} S_2 \end{matrix}$

Essa fórmula mostra que o sujeito que está no lugar de analisante *já sabe* o que é o sofrimento de um não-ser; ele *já* se realizou como falta, a partir de uma experiência na qual a castração rege a vida. Ele experimentou uma separação entre o Outro e o objeto, resto da operação ao qual foi identificado para advir como sujeito. Ele já sabe, mesmo que não o tenha levado à simbolização, o que é o des-ser³⁶.

Ao contrário da histerica, que busca e interroga o mestre para melhor se servir dele, o obsessivo questiona o que o domina, aquilo a que *está* submetido. Ele sustenta sua posição de submetimento. Parte de um sofrimento que não se pode dizer; o Outro não é confiável. Por não poder ser dito, *o ser não ser* se vela com semblantes, se cobre de metáforas, de tecimentos, de idéias, de textos para que o simbólico venha aparelhá-lo com a linguagem.

Desde o impossível da cena primitiva iniciática, suporte de sua fantasia, até o que tem que produzir, o sujeito fala de um lugar no qual tudo pode ser convocado ao ser.

Freud decifrou essa neurose a partir da histeria. Se a histerica convoca o mestre e depois banca a revoltada por defrontar-se com um não-tão-mestre, o obsessivo serve [*sert*] / aperta [*serre*] o mestre para se tornar seu contramestre.

O gozo do escravo encontra aqui uma de suas particularidades: seu trabalho sem trégua, sua ruminação mental, seus sacrifícios, seus rituais, seus exorcismos ou sua compulsão de contar.

* "Suportar o que é a função do objeto *a* [...] até que o outro enfim a reconheça, é isso o des-ser [...] é o psicanalista quem ensina", J. Lacan, Congrès de l'École freudienne de Paris, 17, 18 e 19 de abril de 1970, em *Letres de l'E.R.P.*, n° 8, 1971, p. 213.

A diferença dos modos de recalque na histeria e na obsessão nos convida a situá-los como dois modos da divisão do sujeito.

Se a histérica assume sua divisão por um "não quero saber nada da castração", o obsessivo, ao contrário, protege a operação. A fenomenologia do pensamento submetido à coação o atesta pela presença de fórmulas.

Todo gozo deve ser significante; o que implica que esteja morto. Ernst apresentava ao pai morto o significante do gozo. Ele punha em cena a metáfora paterna sob um modo fantasístico. Estádio do espelho do falo no qual o apelo ao pai é estritamente presentificado, já que ele *ouvia* baterem à porta, abria-a para um pai que não estava lá, mas cujo significante estava presente. Ele exibia Φ . Um falo, no caso, subtraído ao uso e à troca.

Capítulo 7

Causalidades

Um homem da mãe: R. V.

R. V. vem à análise como se vai a um parque quando o tempo enfim o permite. Deixando suas bagagens perto de si, põe a mão em cima delas. Estas não o abandonariam. Continham o que o fazia viver, enquanto esperava. O quê? "Que isso terminasse".

Esse rapaz grande e bem talhado estava como que alquebrado, com o ritmo diminuído e a fala difícil, impedida pelo número de cervejas bebidas desde a manhã. Espáduas caídas, encurvado, dobrado; não se *agüentava*. Chorava. Era sacudido por soluços de criancinha. Chorava por ele, pelos "outros". Sua fala vulgar era apenas um insulto dirigido ao mundo inteiro. Nenhuma palavra lhe bastava para dizer a violência que o animava – que nunca pusera em ação. A não ser contra ele mesmo.

R. V. tinha 16 anos. Nascido numa família burguesa, tinha vivido no conforto dos bairros elegantes. Dois irmãos, Jean-François e Dominique-Jean, o precediam, cada um com a distância de dois anos. Uma "irmãzinha" nasceu quando ele tinha seis anos. Ele era, pois, o "último" de três meninos.

Ele gostava de recordar sua infância: "Folgazão. Sempre com boa saúde, nenhuma doença. Em forma. Alegre. Muito vivo. Sempre o primeiro. Frequentemente palhaço. Sempre gentil. Mas tudo isso não era normal. Eu estava louco. Tudo andava rápido demais. Minha mãe me levava pra todo lugar com ela". A criança agradável que vai bem na escola, não cria confusão, filho impecável com quem os pais sonham e se satisfazem. Ele

evoca lembranças de corridas-perseguições com seus irmãos, que ele acossava, irritava. Nada fora do comum.

Sua brincadeira favorita de então: os "grandes choques", "acrobacias" espetaculares com seus carrinhos. Ele mesmo os tentava com sua bicicleta, que os pais logo lamentaram por ter-lhe dado, porque a coisa beirou o drama. Conta seus acidentes com um real prazer, que quase o faz esquecer seu tão longo desalento. Chora esse tempo.

R. V. tem 6 anos quando sobrevém brutalmente a doença cardíaca de J.-E. Confusamente, mas de pronto, R. V. se sente responsável por essa doença, que levou a uma intervenção cirúrgica. Tudo correu bem, mas o irmão nem por isso ficou curado; era preciso cuidar dele e seu caso exigia grande atenção da família.

É um golpe. R. V. doravante está sozinho. Sente-se traído. Na escola, nada mais funciona. Ele execra e extenua sucessivamente mestres, mestras, professores e educadores "de todo tipo". Seus apelos não são ouvidos como tal. "É injusto". Tudo se torna "injusto". As cartas do mundo foram redistribuídas para um outro jogo [*jeu*] (eu? [*je?*]). O que é injusto? "Ela gostava demais de mim. Foi por minha causa que ele ficou doente". Não traz ele em si algum erro do qual deve se purificar [*laver*]? A dúvida se instalou. R. V. começa a *se lavar* [*laver*] várias vezes por dia. A "limpar a cozinha para ajudar minha mãe". "Os outros dois sujam tudo e meu pai não ajuda". A menor migalha de pão lhe resulta insuportável. A cada cinco minutos, verifica se um de seus irmãos, por acaso, teria deixado algo sujo que ele teria que limpar. Seu pai faz barulho ao comer, o que é insuportável para ele, chegando a fazê-lo deixar a mesa; ele destruiria tudo.

Se era "por causa" dele, que *lugar* ele tinha ocupado até então? Quais eram seus *pensamentos*? Com efeito, estava muito próximo de sua mãe. *Antes*, ela lhe era toda devotada, atenciosa. R. V. não deixava a cozinha quando sua mãe estava lá. Ela o queria "sob as vistas". Ele entrará, com 14 anos, numa grande escola de... *cozinha*.

Aos 6 anos, R. V. começa a engordar. Seu corpo *toma importância*. Sua imagem se deforma até destruir a de *antes*. Tem vergonha de seu próprio corpo. Vergonha de sua mãe e das "crises" que ela tem com seu pai, do qual ele tem "vergonha porque se apaga diante de sua boa mulher". "Ela lhe diz que se jogue no Sena, ele lhe responde esse grosseiro no c...! Ele é

uma verdadeira marionete. E para mim ela dizia o tempo todo que, sem ela, eu não conseguiria nada! Fui obrigado a me anular! Quando se vê meu pai, o que ele se tornou!”.

R. V. limpa tudo e duvida de tudo. Seus irmãos escolherão profissões liberais, conformes à orientação parental. Ele preferirá “antes morrer que lhes dar prazer” e vai limpar “a m... dos que estão atrás da banca ou no fundo da cozinha”. Toma banho e duchas diversas vezes por dia e provoca conflitos ao se apossar do banheiro. Lava as mãos sob qualquer pretexto, passa nelas álcool 90º, depois de ter limpado o chão, o lavabo, a banheira com desinfetante, e antes e depois de usá-los. A dúvida assola até seu nome; sua mãe não encontrou nada melhor que lhe dar o prenome de seu esposo. Quando ela chama, a quem está chamando? A criança nunca poderá responder. No entanto, ela deve fazer *a diferença*.

R. V. rejeita em bloco tudo o que presente não “ser dele”, rechaça tudo o que veio de seus educadores. Afinal, como estar seguro de que o alfabeto verdadeiramente só tem 26 letras? Quem sabe tem 27 ou 25? Ou mesmo 30? *É preciso* buscar. Ele *deve* buscar. Encontrar uma letra que tenha o nome *dele*. É isso. Deve encontrar algo que seja *dele* para *fazer um nome para si*. “O que eu porto deveria ser o lugar de meu pai, não o meu”. Mas não se descola de sua marginalidade, a qual experimentará de todos os modos, sobretudo o álcool, passando pelas drogas pesadas: “Exatamente para experimentar, mas sei que não devia fazer isso; não comecei de novo”. Será que tal palavra “traduz bem meu pensamento? Não sei se digo o que quero dizer”. Qual é essa palavra? De onde vem? R. V. se põe a repetir uma palavra como se cantarola. Sem palavras. Ausente. Essa palavra não é dele. Alguém a deve ter ensinado a ele. Então, ele não a quer. “Eles não gostam de como eu falo, dizem que é vulgar; mas nunca vou falar como eles, e estou pouco ligando!”. Essas “idéias” ocupam grande parte de seu tempo.

R. V. busca desesperadamente seu *ser*.

No momento em que começa a beber, tem 14 anos. Sua mãe lhe *volta*. Não o deixará mais, de novo. “Ela cola” (álcool?). Mas ele não está mais disposto a ocupar o mesmo lugar que outrora. Agora sabe sem querer saber que sabe. Foge. Passa a noite nos bares, ou ao relento, ou na casa de companheiros – que cada vez são mais raros; nas salas de emergência dos hospitais; nas delegacias de polícia. Tem 16 anos quando comete seu único

e grande impulso: "Um endereço de alguém que pode me ajudar e que ela não conhece". Quem? "Minha mãe. É difícil. Ela conhece você, mas não sabe. Se não, ela acabaria com tudo". Desespero. Solidão. Ele está perdido para o mundo — *antes de mais nada*, para ele.

Um perigo vital, a doença do coração de seu irmão, obrigou R. V. a uma maturação um pouco precoce. Seu desabamento foi dos mais espetaculares. Por que veio à consulta? Sua *razão* foi um *acidente*. Sem carteira de motorista, usava o veículo paterno. O acidente não deixou de ocorrer: um erro ao fazer uma curva e o veículo saiu da estrada, dando várias capotagens. O que o espanta: no momento em que perde o domínio do veículo, ele "o deixa ir, de braços cruzados no volante". Tem a lembrança de não ter feito nada para recuperar o controle do veículo e "de ir, sereno, para a morte". Os bombeiros cortam a carroceria para retirá-lo. A ambulância o transporta. Radiografias. Procedimentos habituais. Não. Ele não tem nada. Sai indene da montanha de ferragens.

Naquele momento, parece que a válvula exigida pelo desprazer foi a autodestruição, que ele prefere a seu sofrimento resignado e mudo. Depois desse *choque*, não era incomum que, para se desembaraçar de suas "idéias", batesse a cabeça nas paredes com uma tal violência que certa noite foi preciso conduzi-lo ao hospital mais próximo. "Eu queria fazer minhas idéias saírem de meu espírito malsão". Pelo sacrifício de uma parte do corpo se entrelaça a existência de um sujeito com um gozo marcado pelo significativo. Idéias lhe "romavam a cabeça"... que isso não se agüente!

Hoje, ele "quebra a cabeça" em romances que escreve e publica com sucesso.

R. V. havia organizado sua vida de tal maneira que ninguém estivesse ao seu redor. Não tinha amigos. Evitava cuidadosamente os encontros familiares. Reagia às influências do mundo exterior com resistências fortíssimas. Nos transportes coletivos, havia sempre uma "velha" que "lhe impedia a passagem" ou "lhe pedia seu lugar". Incidente que ele contava com detalhes vivos ao chegar a sua sessão. Enchia a "velha" dos mais cruéis qualificativos. Vivia excluído do mundo e de qualquer ato. Tudo o que dizia respeito ao materno, ainda que fosse — e sobretudo — na linguagem, era violentamente descartado, ou melhor, esquecido. Ele, pois, não falava de bom grado de sua "velha de m...".

Que pecado havia cometido para se impor tais punições? Ele não sabia. Sua ascese era total. Tinha direito de amar ou ser amado? Teria ele, um dia, também, *direito* a uma família? Não uma como a sua, certamente! Ele "usaria as calças"! Não, o destino havia decidido de outro modo. Ele não servia para nada.

Mas por que essa mãe, que tanto o havia amado, do dia para a noite o tinha assim largado? É claro, a mãe lhe era interdita. Mas ele, R. V., não havia sido, evidentemente, interditado à mãe que, outrora, agia apenas segundo suas próprias inclinações. Os jogos de R. V. já mostravam que ele tinha que se entregar a performances heróicas – quedas e outros choques – para sair dali, desafiar um imenso perigo e *flertar com a morte para enganá-la um pouco*. Mas até onde? Seus "acidentes" – dos quais saía sem grandes danos – se multiplicavam. Entretanto, era ele quem, com seu corpo, se esparramava no tapete verde da vida ou que apostava permanentemente a sua. Ao mesmo tempo que sentia rancor do mundo inteiro – representante de uma mãe completa –, sentia ressentimento para consigo mesmo por esse rancor. Não havia realizado alguma má ação para ter chegado a esse ponto de infelicidade? Ele "sujava" o mundo.

Confidencia, numa sessão, que só se sentia em segurança – como um malfeitor em "quartelão de alta segurança" – no seu banheiro. Com a porta bem trancada, ele não importunava ninguém e ninguém o importunava. "Em todo caso, ninguém pode ouvir meus pensamentos excessivamente fortes". Tinha falado? Verificava, questionava, sondava, chegando até a *fazer um interrogatório*. Cozinhar... ainda a mãe*! Então, era preciso se calar. Dirigia-lhe todas as reprovações "em pensamento". Sua mãe lhe havia ensinado "a sufocar todo julgamento na goela", apoiando-se amplamente na igreja para a qual arrastava seu filho ainda pequeno "todos os domingos criados por Deus, se é que um Deus existe". Mas tudo era injusto; portanto, não existia. Por que injusto? Ele não sabia muito bem. Seu irmão tinha "fabricado" essa doença do coração porque devia estar ciumento do mais novo. E era bem natural! Então, era por culpa dele, R. V., que J.-E. tinha

* A palavra *cuininer*, em francês, um pouco diferente do português, pode ser usada também como "cozinhar alguém", isto é, "fazer um interrogatório". (NT)

caldo doente... de ciúme. Mas não, ninguém era ciumento na sua casa. Era proibido. "Meus pais não faziam diferença". Justamente! Para sair do bolo, era preciso ao menos ser um herói. R. V., no mais íntimo de si, vivia sua anulação. Não fazer diferença é *negar* o outro como radicalmente Outro. A análise lhe ensinou que o "somos todos iguais", em sua negação do semelhante, recusa radical do outro, é a pior das aberrações.

Para identificar os sintomas e seu surgimento, e suspendê-los, ainda era preciso clarificar as pulsões primárias despertadas no momento da *fratura* e permitir ao paciente dirigir um olhar sem complacência para a *realidade* de seu passado infantil. Uma realidade global, maciça, não difratada em seus efeitos atuais como inscrição antiga.

A necessidade expressa por R. V., durante a cura psicanalítica, era a de ser "adotado" pelo analista. Havia encontrado, no espaço analítico, um lugar onde nascer através de todas as histórias que havia construído "para viver à espera". Durante os breves instantes em que esquecia suas ruminações, podia desfrutar das travessuras de uma criança que vive sua infância.

Sua vida sexual era extremamente pobre, como que em latência. Suas sensações eróticas não eram apaziguadas por uma atividade adequada. R. V. se sentia muito culpado por experimentar sensações libidinais: "Sou mal-são, tenho idéias perversas, é preciso me trancar, não posso mais ter esses pensamentos... quero ser impedido de ficar no lugar de meus pensamentos". Ele se fazia porta-voz de enunciados coercitivos. *Para não pensar mais, é preciso e basta não ser.*

É claro que a criança havia se sentido foracuída e "talvez se pudesse saber o que ela pensava, ou percebê-lo, apenas olhando-a". Seu sentimento de culpa, reforçado pelo choque, estava ligado a sua consciência de culpa por causa da severidade do supereu.

De 1895 a 1939, Freud foi confrontado com a dilaceração do homem culpado e impotente, com essa *maldição essencial*. Ele a encontra na insistência de sua clínica, no peso da História e na parte que apreendeu de uma força civilizatória ligada à culpa.

Pela renúncia imposta pela lei, pelo mito edipiano que a esclarece e pela culpa que daí resulta, Freud toca o fundo de um pecado original que enlaça a culpa ao gozo. O dualismo pulsional pode mostrar isso: meio pelo qual Freud estabelece a radicalidade da pulsão de morte. O homem, situa-

do no mandamento do "tu não deves", deve também obedecer a um "tu deves" ainda mais exigente, até mesmo perigoso.

Desde suas primeiras cartas a Fliess, Freud evoca uma culpa a ser elucidada. O paciente se acusa de impotência, sublinha o dever a cumprir, revela que cometeu o pecado por omissão, por intenção. O possível se dissimula atrás da impotência: impotência de amar, de trabalhar, de renunciar, de não repetir, complacência com os recordes nas quais Freud observará muito cedo um *freio ao tratamento*.

R. V. alimentava uma moral pessoal inflexível. Persistia numa necessidade de expiação. Talvez assim pudesse se corrigir.

A doença do irmão atraiu toda a atenção materna. Essa situação foi verdadeiramente um trauma, acarretando uma ferida narcísica profunda em R. V., junto com o enfraquecimento daquela que se colocava como ideal. A relação de objeto estava rompida. No espelho, a imagem não era mais olhada. O supereu arcaico, materno, se tornou ainda mais exigente, tirânico e devastador. R. V. havia perdido toda a agressividade; esta se voltava contra ele mesmo.

Ele não incriminava ninguém. O curso da análise lhe permitiu um certo número de construções. Ele levou muito tempo para se autorizar a isso, graças a uma relação transferencial discreta, mas tenaz. Sua tendência era se contentar com viver passivamente uma derrelição que repetia a primeira. Buscava reencontrar sua mãe, mesmo percebendo-a como perigosa. "É mais forte do que eu, não posso me aproximar dela". E, quanto mais a mãe empreendia esforços para "ajudar R. V. a sair desse estado de rejeição", mais ele fugia. "Vivo como lixo". Os desejos de morte que nutria com relação a sua mãe estavam recalcados, mas se revelavam por uma culpa consciente que ele não dominava; "só me resta me matar".

O *colamento* materno total, esmagador, havia produzido um efeito de sedução permanente. A ruptura desse laço produziu o inevitável traumatismo.

"Levanto a hipótese de que a mãe odeia a criança *antes* de a criança poder odiar sua mãe e antes de ela poder saber que sua mãe a odeia"¹. A

¹ D. W. Winnicott, "La haine dans le contre-transfert", em *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris, Payot, 1947, p. 55 (' grifo meu).

disposição pseudo-incestuosa com a mãe não se desenvolve apenas em todos os estádios da libido da criança – a mãe, primeira sedutora² –, mas também *antes* mesmo do nascimento, no ato de engendramento.

Pseudo porque o que a criança sabe do incesto *antes* da intervenção terceira da função paterna e do interdito? Dizer que a criança mantém uma *relação incestuosa* em seus primeiríssimos momentos de existência se origina num discurso de geneticista, de sociólogo ou de psicólogo; de jeito nenhum da psicanálise.

Em contrapartida, portadora de seus sintomas, a mãe põe em ato com a criança, à sua revelia ou não, o que diz respeito ao real para ela: desejo insatisfeito, investimento da criança como significante ou emblema fálico.

R. V. havia sido, como é freqüente, *isolado por sua mãe*, instalado no lugar de um ideal: o *homem-todo* que eventualmente, graças a esse filho que a complementava, *ela* poderia encarnar. O culto no qual esse filho – a quem ela quis dar o prenome de seu esposo – estava apanhado testemunha que seu filho não era nem criado nem educado, mas adorado, tal como um ícone no qual ninguém tem o direito de tocar – exceto o guardião; até o momento da doença de seu segundo filho, que coincidiu com o nascimento de sua filha. R. V. então se viveu como um cocô que se solta e se abandona.

Assim o desejo dessa mãe testemunhava esse “esforço inconsciente” que fixa um de seus filhos num lugar freqüentemente insustentável, *sem despedaçamento ou fragmentação*. É por relação a esse tempo, no qual “*je* pode ou não advir”³, que deve ser preparado, na análise, um “espaço psicoterapêutico [...], espaço perfeito de uma fala feita de solidão, fala plena de história na qual se conhecem melhor suas vidas”⁴.

Para R. V., engolido no *efeito-mãe*, a situação se tornou traumática num tempo de miséria psíquica. A natureza do laço materno não havia permitido o superinvestimento que assegura a proteção da criança contra o perigo de uma excitação forte demais ou sua evitação – porque a experiên-

¹ S. Freud, “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, trad. por J. Altounian, A. Bourguignon, P. Cotel e A. Rauzy, em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., tomo 2, pp. 231-268.
² Segundo a expressão de H. Searles, em *L’Effort pour rendre l’autre fou*, trad. do inglês por B. Post, Gallimard, “Connaissance de l’inconscient”, 1977.
³ P. Fedida, *Corps du vide et espace de stance*, Paris, Éditions Universitaires, 1977.
⁴ Ibid.

cia sexual da criança é, naturalmente, "realizada com prazer"⁶, mas é *primeiro sofrida com prazer na medida em que ela não lhe deu sentido*.

O obsessivo, para se manter "saudável" diante da frustração real da satisfação, quando sua libido atingiu seu pleno desenvolvimento, opta, parece, pela segunda possibilidade enunciada por Freud em 1912: "renunciar à satisfação libidinal, sublimar a libido represada e utilizá-la para atingir seus objetivos, que não são mais eróticos e que escapam à frustração"⁷. Não é indiferente observar que Freud fala de *novas formações de desejos* e de reanimação "dos *rastrós*" de formação de desejo mais antigos, esquecidos"⁸.

Não foi tanto o nascimento da "irmãzinha" que desempenhou o papel principal na doença de R. V., que era "grande" naquele momento, mas o anúncio brutal da doença do irmão, o qual logo se encontrou investido da posse desse objeto enigmático que a causa do desejo da mãe parecia ser para R. V.; R. V. não se encontrou desapossado, mas *perdido*. Ele não era mais. Entrou então nessa fase de marasmo na qual o irmão toma o lugar de salvador – porque atraía para outro lugar o olhar do Outro – e de rival. "Ficou claro que uma desvalorização real da via genital, intacta até então, havia sido a condição determinante para que a regressão se desse e se formasse a neurose obsessiva"⁹.

Regressão e fixação

Na obra freudiana, o primeiro exemplo de regressão do estágio fálico ao estágio anal é o do Homem dos lobos, quando se vê rechaçado por sua Nania.

A regressão tem muito pouco lugar na análise do Homem dos ratos. Ela pode servir apenas para explicar a forma de sua atividade sexual. Em contrapartida, a regressão tópica tem nela um grande papel. A energia psi-

⁶ S. Freud, "Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense", trad. por J. Laplanche, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 67.

⁷ Ibid., p. 176.

⁸ Ibid., p. 176 ("grifo meu").

⁹ S. Freud, "Addendum B", *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., pp. 95-96.

quica percorre um trajeto que deve conduzir à descarga na ação, mas essa saída é barrada, reverte o caminho e abandona a ação pela elaboração das idéias. Assim, a elaboração da neurose obsessiva se encontra colocada à luz da *Interpretação dos sonhos*. Toda a neurose do Homem dos ratos é tratada como um grande sonho a ser interpretado.

R. V. se viu privado do objeto de amor, seu eu se empobreceu – por ter se dirigido cedo demais contra o processo pulsional¹⁰. Lembremos que começou a beber cerveja [*bière*] muito cedo, em torno de 14 anos. “Me puseram num caixão [*bière*] [...], sou apenas uma cerveja [*bière*]”, dizia ele. É desnecessário sublinhar que as satisfações precoces são sempre orais.

Uma verdadeira revolução sexual se produziu em R. V. Ficou com medo de suas tendências sexuais e tentou recalá-las. Os sintomas que então surgiram não podem ser considerados como de origem regressiva. As necessidades narcísicas redobram e os conflitos centrados nessas necessidades se intensificaram.

Seu desenvolvimento psíquico de menino se efetuara muito correta e completamente. Certas características dos primeiros estádios persistiam como sempre. Entretanto, a atenção materna o fez conservar uma quantidade “anormal” de características dos primeiros estádios. Quando o desenvolvimento se chocou com dificuldades, produziu-se então uma regressão a estádios que foram melhor vividos. *Fixação e regressão são indissociáveis*.

O obsessivo guarda sempre a nostalgia de um retorno às satisfações de que gozou outrora. Mas frustrações excessivas podem produzir o mesmo efeito: retorno às satisfações excessivas. O sujeito pode então persistir em suas reivindicações e reclamar as satisfações de que foi outrora privado. É claro que a demanda inconsciente de R. V. era dessa natureza.

Não é raro que fixações estejam subentendidas tanto por satisfações quanto por frustrações excessivas. Os diversos pontos de fixação não deixam de ter importância, já que a eles estão articuladas diversas patologias¹¹. São as formas de desenvolvimento mórbido que aparecem mais tardiamente.

¹⁰ *Ibid.*, p. 34.

¹¹ “A fixação predisponente deve ser buscada num estágio de desenvolvimento da libido anterior à produção da escolha objetal”, em S. Freud, “La disposition à la névrose obsessionnelle. Une contribution au problème du choix de la névrose”, trad. por D. Berger, P. Bruno, D. Guérineau e F. Oppenot, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 190.

Em R. V., o choque da separação foi ainda mais traumático do que as satisfações haviam sido para ele. A organização fálica revela sua fraqueza. A função crítica do eu e o pensamento se desenvolveram particularmente cedo – embora este último tivesse se orientado mais para a magia. Os métodos empregados pelo eu para se defender permaneceram arcaicos e prematuros.

Para R. V., houve como que uma ruptura de um pacto. Por falta de ideal materno, ele se voltou em vão para os ideais paternos. “Eu me choco com tudo o que está acima de mim”, me anuncia um dia R. V., que, durante a manhã, tinha se chocado com o teto do sótão no qual seu pai havia mandado que ele buscasse uma garrafa para o almoço. Então irrompe o insulto.

Maurice Bouvet articulou de maneira instrutiva a função do falo e a da blasfêmia na neurose obsessiva¹². Na sua perspectiva, a blasfêmia se situa na interdição de um certo gozo, limite do gozo do Outro, dir-se-ia com Lacan. O que não pode passar pela boca – gozo do Outro – retorna como gozo fálico – substituição, mutilação do nome e criação de um *não-sentido*¹³.

Na neurose obsessiva, se há repressão do gozo fálico, a blasfêmia visa o gozo possível do Outro. Sua função é fundamental. Conjuração, invocação ou oração jaculatória do gozo, a blasfêmia permite passar de um Outro consistente, todo-poderoso, de gozo impossível, a um Outro faltante, desfalecente e que permite o relançamento do desejo.

R. V. exprimia sua auto-agressividade sem a menor reticência. Com a regressão reforçando o supereu, ele se tornava o objeto a ser destruído. Buscava “quebrar a cabeça contra as paredes”. Esse comportamento era *independente* de seu alcoolismo ocasional. Quando estava “cinzento”, não acontecia nada de particular, a não ser que se tornava um pouco mais triste e se engajava em discursos nos quais a culpa era onipresente.

Já que o organismo tende à inércia e que, do lado do prazer, seu princípio “é não fazer nada, é fazer o menos possível”¹⁴, que “a armadilha é

¹² M. Bouvet, “Incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l’envie de pénis dans la névrose obsessionnelle féminine”, *La relation d’objet*, ob. cit., pp. 49-76.

¹³ Cf. É. Benveniste, “Le blasphème et l’euphémisme”, em *Problèmes de linguistique générale*, 2 volumes, tomo 2, Paris, Gallimard, 1975.

¹⁴ J. Lacan, “Intervention à la suite des exposés de A. Albert”, nas Journées de l’École freudienne de Paris, na Maison de la chimie, Paris, junho de 1975, em *Lettres de l’E.F.P.*, julho de 1978, p. 22.

o gozo"¹⁵, o obsessivo se dá uma vida de cão; obtém um efeito mínimo com um esforço máximo. A pulsão de morte constantemente o arrasta para a regressão e para o inorgânico.

R. V. vivia cruelmente o rastro persistente de um Éden perdido. Contrapunha à sua organização sádico-anal um certo número de formações reativas: horror doentio de toda forma de violência, sensibilidade extrema à menor manifestação agressiva.

No caso de R. V., o objeto foi perdido e seu substituto também. Sua hostilidade se deslocou para *objetos-representantes* doravante "incômodos". Ele sempre tinha, eu lhe disse, uma velha que lhe barrava o caminho. O aparecimento do obstáculo acarretava inevitavelmente uma desintração pulsional sob a escalada da componente agressiva. Mas é claro que a outra componente pulsional, a tendência amorosa, também buscava satisfação. As duas tendências, longe de se neutralizarem, coexistiam, engendrando em R. V. a culpa que o levava a se autodestruir. Não era o mundo que ele objetivava, mas ele mesmo – como que para melhor se maltratar.

Na prova de realidade, a questão não é verificar se nossas representações correspondem a um real, mas cuidar de que nossas representações sejam bem representadas: "A pulsão de morte é a alma, o princípio constitutivo da circulação libidinal"¹⁶.

Para R. V., a fixação nos momentos de satisfação trazidos pelo objeto primeiro era tal que sua libido maciçamente se desviou da realidade, continuando a exercer esse objeto uma atração permanente¹⁷.

Lavando-se durante todo o dia, depois de ter *tocado* qualquer coisa, até esfolar as mãos, R. V. se recusava a abandonar seus impulsos, sem com eles experimentar, no entanto, o menor prazer.

Seu discurso testemunhava a fixação no acontecimento-trauma que lhe servia de tela.

Freud teve a intuição de um tal obstáculo à cura¹⁸. Tratava-se de um acontecimento superinvestido *après-coup* que ocultou a experiência anterior do estágio sádico-anal.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, Paris, Flammarion, 1977.

¹⁷ Cf. J. Lacan, *Les Quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, ob. cit., p. 199.

¹⁸ S. Freud, "La Vie sexuelle de l'homme", em *Introduction à la psychanalyse*, trad. do alemão por S. Jankélévitch, Paris, Payot, 1974, pp. 283-299.

A fixação se enxerta no traumatismo. Ela é tanto o que se fixa quanto o que fixa.

Na fantasia "Uma criança é espancada"¹⁹, a tendência na direção do pai é presa no recalque originário. A fixação por culpa é impensável sem o efeito do significante: gozo sadomasoquista, quando "o sujeito é violento consigo mesmo"²⁰. A satisfação ligada ao segundo tempo da fantasia se revela masoquista e subtede o gozo da *escrita da fixação*.

Em 1937, a fixação se torna, para Freud, um elemento de apreciação da eficácia psicanalítica²¹. Ela não depende da força do traumatismo, mas da força pulsional; é ineliminável.

Correlata ao recalque originário, ela se encontra na comoção sentida pelo Homem dos lobos na ocasião da cena primitiva reconstruída. Diante do inominável do espetáculo, "o sujeito cede à situação, liberando um excremento". Os pontos de fixação se situam em torno desses momentos de "doação subjetiva". Diante da hiância do Outro, entrevista, o sexo da mãe, o sujeito oferece a si mesmo como objeto, em sacrifício. Então se enlaça uma alienação fundamental; o sujeito atua seu próprio desaparecimento: "o primeiro objeto que ele propõe a esse desejo parental cujo objeto é desconhecido é sua própria perda"²². Serguei se faz objeto-olhar no pesadelo dos lobos, excremento nessa primeira cena traumática, para tapar – e ao mesmo tempo identificar – o lugar da falta. Da falta-em-ser que ele era o sujeito repentinamente se encontra fixado em seu ser de gozo, que o reduz à dimensão de um objeto inominável. Clinicamente, aparece a concepção de uma fixação que captura o sujeito no ponto mesmo em que ele não mais pode se representar: *o pior se fixa*.

Dessa fixação, que se inscreve no tempo da fantasia, o sujeito deve se separar.

¹⁹ S. Freud, "Un enfant est battu", contribution à la genèse des perversions sexuelles", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 219-244.

²⁰ J. Lacan, *Les Quatre Concepts...*, ob. cit., p. 167 [Tradução brasileira: p. 173].

²¹ S. Freud, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin", em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., pp. 231-238.

²² J. Lacan, ob. cit., p. 194 [Tradução brasileira: p. 203].

A estrutura obsessiva se presta muito particularmente à fixação²³.

R. V. tinha o sentimento de que o mundo não queria "abrir os olhos". De que os que o cercavam "dormiam para os verdadeiros problemas". Certamente ia "ficar louco". Essa idéia, obsessiva e hipocondríaca, servia de cobertura para seus desejos loucos. Ele tentava se convencer de que, uma vez curado, faria coisas extraordinárias. Por enquanto, experimentava o seguinte: que um caráter prioritariamente reativo é fundamentalmente ineficaz.

Essa espécie de megalomania quase incurável do ser-falante é desmentida apenas aparentemente por certas neuroses nas quais a perseguição frenética do sucesso revela-se como recobrindo, como em R. V., um sentimento de incompletude, bem conhecido do próprio paciente; sentimento que já é uma reação ao sentimento de onipotência, fixado na infância e que, mais tarde, o impede de superar qualquer frustração.

R. V. não podia permanecer como aquele menino lá. Mas não podia apreender as exigências da realidade. Quando dava algum passo nesse sentido, apagava-o com alguma negação, ausência, esquecimento, repetição incessante da anulação retroativa "fazer com que nunca tenha acontecido"²⁴.

"No entanto, não fiz nada a ninguém!". Essa queixa adquiria, em R. V., cores de negação afirmativa. Nisso ele não interpelava o Outro? O que você me fez fazer? Daí seguia-se um isolamento total. Uma intensa fobia do grupo e do coletivo o habitava: "Não gosto quando tem mais de dois. Não é que os outros me importunem. Mas lugares como o metrô, as grandes lojas [...] e inclusive na escola, eu me lembro, eu evitava [...] me sinto a mais nesses momentos". R. V. era *ilegítimo* aonde quer que quisesse ir.

A proibição de desejar em outro lugar enunciada pelo Outro, unida com a formulada pelo representante da lei, engendra, no obsessivo, uma recusa de seu próprio desejo. R. V. estava numa recusa total de uma realidade que não podia ser imaginarizada.

²³ Cf. S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 415.

²⁴ Em alemão *ungehehenmachen*. O obsessivo faz "de modo a que tudo se passe como se nada tivesse acontecido [...]. O esforço de anulação retroativa é esboçado [...] na decisão de tratar um acontecimento como 'não ocorrido'", em S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 42.

O que chocava nele era a ausência – aparente – de busca de uma satisfação, imediata ou posterior. Ele podia trilhar um caminho, embora com muita dificuldade, na direção da realidade, mas “com a condição de evitar a corrente terna e assim limitar sua escolha de objeto a pessoas que não estava inclinado a amar”. Assim, podia conjurar o encontro com o incesto²⁵.

Na neurose obsessiva, há, é claro, *atividade* sexual. Se o sujeito é seduzido, ele o é independentemente do que o seduz. A sedução pela qual se deixa pegar lhe permite uma posição *ativa*. Mas ela apresenta uma particularidade: nada nem ninguém pode seduzi-lo, a não ser aquilo pelo que se sente olhado. Ele *se* seduz.

O que seduz o obsessivo na histérica, por exemplo, nunca é aquilo através do que o outro se esgota em seduzi-lo. De onde o despeito da histérica diante desse ser “insensível”, “egoísta”, “perverso”. O obsessivo nisso entende muitas outras coisas, divertido com justa razão, já que se encontra encorajado por seu *estar-alhures*. Um seio pode seduzi-lo sem que, por isso, o sujeito registre a sedução posta em obra a seu respeito pelo suporte do seio. Ele sabe admiravelmente recortar o objeto do prazer-dos-olhos no corpo do outro, deixando este último com seu narcisismo exposto, que ele de jeito nenhum leva em conta.

O obsessivo foi seduzido pelo que, tendo ficado no estado de promessa, se manifesta na *presença*, na *atenção* e no *deixar entender*.

Embora a mãe seja colocada como terra prometida, a lei do pai a marcou com o selo da interdição. Ao desprezar essa lei, ela fez R. V. viver uma experiência quase que mística, na qual a questão era encontrar-se num olhar-espelho – sem terceiro. Isso é o que o obsessivo poderia entender se não fosse claro que o desejo da mãe continua referido ao pai: ela oferece a seu filho ver-se no olhar dela, sem terceiro. Propõe a “comunhão”²⁶. Ela a oferece, sem mais. Porque, se a mãe efetivamente reduzisse seu filho a “a ser

²⁵ M. Dayan, *Inconscient et réalité*, ob. cit.

²⁶ É o termo que frequentemente se encontra nos enunciados dos obsessivos em cura psicanalítica. Cf. S. Leclair, *Démasquer le réel*, ob. cit., p. 215.

apenas o suporte de seu desejo num termo obscuro"²⁷, se introduziria então a dimensão da psicose; como Maud Mannoni desenvolve a propósito da criança retardada²⁸.

E, se Freud buscou do lado do assassinato do pai o paradigma de uma perda, preso nas ramificações do Édipo, temos que assinalar, na neurose obsessiva, *o assassinato da mãe*.

Do luto

R. V. não conseguia fazer o luto do objeto-prometido. Ora, como já havia passado ao investimento de objeto, não podia deter a regressão que, aquém do fálico, levava às pulsões anais recalcadas, deixando-o numa dor psíquica que o "esvaziava".

Foi difícil o caminho para levá-lo a um trabalho efetivo de luto, de retirada dos investimentos de tudo o que, muito ou pouco, estava associado à imagem construída do objeto-possível perdido e de todas as suas satisfações.

Havia nele obliteração da subjetividade em favor do objeto, do "membro" – da família ou do grupo – e não já do que teria podido singularizá-lo. Em lugar de um sujeito suporte do desejo, dominava o significante onipotente, um, maciçamente investido por sua carga, por todo o seu peso de imperativo²⁹.

Os interditos que R. V. havia instalado e a pulsão de morte que operava engendravam inibições, "visivelmente a serviço da autopunição"³⁰. A severidade do supereu interditava toda satisfação e com mais vigor ainda na medida em que R. V., identificado com o objeto abandonado, depreciado, dirigia a este o mais feroz ódio. Ele mesmo estava, pois, *perdido como objeto amável e possivelmente satisfatório*. Preparar para si um lugar de sujeito supunha a morte do objeto potencial materno.

²⁷ J. Lacan, *Les Quatre Concepts...*, ob. cit., p. 215 [Tradução brasileira: p. 225].

²⁸ M. Mannoni, *L'Enfant arriéré et sa mère*, Paris, Seuil, 1964.

²⁹ Cf. S. Freud, "Deuil et mélancolie", em *Métopsychoanalyse*, ob. cit., pp. 147-174.

³⁰ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., pp. 4-5.

No caso de um outro paciente, que tinha 45 anos, a morte da mãe havia acarretado o desaparecimento da quase totalidade dos sintomas. Ele não pôde falar desse falecimento imediatamente, mas foi capaz disso depois de um tempo de luto bastante curto. Ela, por sua vez, tomava o lugar de objeto. Não é incomum que, para garantir esse lugar, um obsessivo seja colecionador. *Os objetos mortos lhe garantem seu lugar de sujeito.*

Em R. V., ao contrário, o objeto perdido provocava, pelo fato de sua ambivalência, um luto que não terminava. Entretanto, R. V. compreendeu que o luto era uma condição para a emergência de seu desejo, *era o preço dela*. O objeto do qual tinha que fazer o luto era somente aquele que R. V. criança podia aguardar, esperar e que teria preenchido todos os seus desejos. O objeto de uma hipotética satisfação que teria sido exitosa e perfeita – como a atitude materna prometia.

R. V. era muito freudiano, se se pode dizer; tomava para ele o erro da perda do objeto. Mas não havia gasto o tempo de realizar o assassinato da Coisa que permite assumir o êxito. R. V. tomava todas as precauções possíveis para não entrar em algo que lhe traria êxito. Se o comum dos homens tem a preocupação de um fracasso medido – para não repetir um assassinato –, R. V. aspirava ao fracasso total e permanente.

Não se precisa comentar o gozo que ele encontrava na repetição de seus fracassos. A quem lhe demonstrava interesse ou amor, se apressava em provar que não era digno dele. Sua atitude revelava uma imensa agressividade dirigida à instância imaginária fálica, causa do desejo e da organização sexual; nela situava a responsabilidade pelo que afetava sua mãe a ponto de não abandonar seu esposo por outro homem, mas por seu filho.

Ele ficava num sacrifício prolongado, como se se tratasse de uma relação "normal" com o Outro.

Também o Homem dos ratos era atormentado pelo desejo de interminavelmente rever uma coisa que teria sido vista numa primeira vez e teria sido perdida. Experimentava uma necessidade imperiosa e doentia de rever essa coisa, de estar seguro de que se podia revê-la. O gozo escópico havia tomado nele uma importância determinante, já que toda a história dos ratos começa com a perda de seu lornhão. O objeto que ele queria rever era suportado, de uma maneira imaginária, pelo sexo de suas irmãs ou de

sua governanta, que tivera ocasião de ver quando ia tomar banho com elas. Mas ele *devia saber* que, ao crescer, perderia essa *visão* para sempre. Sua dependência estava estreitamente ligada com o sentimento de ser um criminoso ou culpado.

A depressão neurótica igualmente faz parte do quadro clínico do Homem dos ratos – e, entre outras coisas, a tendência ao fracasso; tanto na sua vida profissional quanto na sua vida amorosa.

O que causa a neurose obsessiva é um acontecimento que primeiro provocou prazer. Mas esse primeiro tempo não seria determinante se não fosse seguido de uma perda brusca e radical. R. V. se fechava em si mesmo de modo muito narcísico; com esse efeito paradoxal: um desapego com relação aos objetos e aos semelhantes e a prevalência da relação com o Outro.

Das modalidades defensivas em relação à dúvida

A fim de encontrar uma saída para seu desejo, o obsessivo se engaja em vias significativas que regulem sua relação com o semelhante. Lacan evocou as proezas do obsessivo. Essa situação só é possível se ao menos duas pessoas lutarem sob o olhar de um terceiro, que registra a performance. De jeito nenhum se trata de uma qualquer satisfação de querer-ser-o-primeiro ou o mais forte: *o obsessivo não tem rival*. Mas há interferência do supereu, cujos efeitos ele sabe desativar, fazendo um vazio em torno dele. O sujeito se inflige todas as espécies de tarefas particularmente duras e penosas – nas quais, aliás, é exitoso, tanto mais facilmente porque o deseja. R. V. trabalhava ainda melhor na medida em que assim se livrava do tempo de férias e de repouso bem merecido – tempo que rapidamente se revelava como perdido.

Pela proeza o sujeito domestica sua angústia. Para ele, a proeza não comporta risco. O perigo está em outro lugar, não no adversário desafiado; está do lado do Outro, o espectador que olha e conta os golpes. Outro de olhar tão temível, mas cuja presença é preciso preservar a qualquer preço, porque é o lugar onde se registra a proeza.

Fica claro que, embora todas as relações do sujeito – com o Outro e com seu objeto – sejam simbolizadas, seu desejo não o é. Pode lhe acontecer coisa melhor: que os outros ultrapassem o obstáculo por ele. Seja o que

for que faça para realizar seus desejos, ele não estará ali. R. V. estava pronto para tudo, contanto que não fosse ele a decidir.

Herói que, como tal, estava destinado a se tornar o dejetivo de seu próprio empreendimento, ele alimentava tranqüilamente suas inibições.

A inibição era acompanhada, nele, de francas fobias. Assim como Hans, na sua relação com a mãe, temia encontrar um desejo capaz de *fazê-lo entrar no nada de antes de qualquer criação*, de todo sistema significante. Ao invés mesmo de sua vitória, o sujeito geralmente sofre sua mais cruel derrota. Na fobia, é ao encontrar o cavalo que o pequeno Hans pode respirar um pouco e crer que mantém à distância o engolimento materno do qual se sente ameaçado; mas eis que logo esse maldito cavalo começa a formigar de determinações, a possuir *uma presença excessiva*. Isso fracassa no lugar mesmo em que o êxito era esperado.

Tudo o que se origina no arcaico, ligado ao materno, se articula em torno da dependência *contra a qual o sujeito empreendeu sua cruzada*. Ora, o que o supereu ordena é precisamente esse gozo que ele não quer. Nisso R. V. era também muito lacaniano: "Quanto menos se goza, mais tudo vai bem"³¹. A esse gozo o obsessivo sabe responder melhor que ninguém: Ouço³².

O "Tu deves..." ouvido é a mensagem que ele recebe diretamente do Outro. Esse direcionamento, apesar de seu caráter quase sonorizado, não tem, no entanto, nada de uma alucinação. Qual é, pois, esse *dever*? Responde ele à amplitude da angústia diante do supereu? O supereu está estreitamente articulado ao ponto de fixação, lugar onde a mãe constituiu seu filho como objeto de gozo e sintoma. "Primeiro objeto de amor", "primeira proteção contra todos os perigos indeterminados que ameaçam a criança no mundo exterior [...], primeira proteção contra a angústia"³³, ela se tornou a *primeiríssima e essencial fonte de angústia*.

³¹ J. Lacan, "Clôture des Journées d'étude des cartels de l'École freudienne de Paris, 12 e 13 de abril de 1975", em *Lettres de l'E.F.P.*, nº 18, 1976, p. 269.

³² "Com efeito, viesse a lei a ordenar 'Goza [jouir]', o sujeito só poderia responder a isso com um 'Ouço [jouir]', onde o gozo não seria mais do que subentendido", em J. Lacan, "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", em *Écrits*, ob. cit., p. 33.

³³ S. Freud, *L'Avenir d'une illusion*, ob. cit., p. 33.

Na confrontação radical com o materno primordial, *o sujeito cede*. De onde o surgimento da angústia. Ele cede alguma coisa. Lembremos aqui a reação do Homem dos lobos no momento da cena primitiva, soltando um excremento. Eis o que dá sentido à palavra *ceder*: trata-se de uma verdadeira cessão que fará *ob-cessão*. O caráter cedível do objeto toma todo o seu valor.

O *perigo*, cujo sinal é a angústia, está ligado à *cessão, momento constitutivo do objeto*. "Não sei que objeto sou para seu desejo". Ela nasce da manifestação da demanda do Outro. Se, na histeria, a demanda é dirigida ao Outro, na neurose obsessiva ela é vivida como demanda *do* Outro.

A problemática da angústia na neurose obsessiva é fundamental porque está ligada ao real. Desde que surge, ela testemunha que o paciente está engajado na via da certeza; ele não duvida mais.

Repitamos: a Coisa, objeto perdido, deformado porque perigoso, identificável nas bases fantasísticas do sintoma, é um objeto em espera, mantido, à revelia do sujeito, como causa de seu gozo subtraído ao interdito que pesa sobre o gozo primordial. O obsessivo vai retomar por sua conta a interdição de gozo – *condenado aos trabalhos forçados para pagar a dívida... de ninguém*.

Por suas proezas, por vezes extravagantes, ele não perde uma ocasião para se confrontar com a castração. O heroísmo só se exprime no ponto em que não há mais nada a perder. Ele *nunca busca* ser o objeto do gozo do outro. A mãe é e continua a ser, por excelência, o objeto de angústia.

As obsessões de Édith são clássicas. Ela já tem atrás de si uma longa experiência da análise. Suas obsessões sempre estão lá. Talvez até mesmo tenham sido reforçadas por uma certa orientação da cura psicanalítica precedente.

A idéia obsedante a assalta a todo momento. Ela abre um dicionário e cai em *costureiro*; imediatamente lhe vem *homicida*. Ela entra em sua cozinha e vê uma faca fora de lugar; lhe vem *cortar* ou *fatiar*. Uma propaganda de televisão prende seu olhar; um gato *come* uma ração qualquer e lhe vem: *cortar em pedaços*. Ela tem que realizar um procedimento *administrativo* qualquer, lhe vem: *assassino*. É ultrapassada por essas jaculações e se pergunta se, um dia, sem perceber, não pode passar ao ato da mesma maneira súbita e incontrolável que seus pensamentos sobrevêm.

Carfícias trocadas com seu jovem primo foram seu primeiríssimo encontro com a sexualidade. De pronto surge a angústia. Ela se precipita para sua avó e lhe conta o que acaba de acontecer. A resposta da senhora é imediata: "Menina viciada!". E tranca o primo no quarto, mas sem a menor reprimenda para a menina.

Durante a sessão em que essa cena é evocada, articula-se à lembrança traumática o surgimento de suas primeiras "idéias". Seu pai, alfaiate, trabalha até tarde da noite numa salinha situada ao rés do chão. No andar de cima, sua irmã e ela fazem os deveres. Ela está arrancando uma página quando ouve o barulho do par de tesouras rangendo sobre uma peça de tecido que seu pai está cortando. Então lhe vem: *cortar um sexo*.

Da especularidade entre as duas crianças irrompeu a significação do falo sob a forma do órgão em ereção. Édith só tem um recurso: o saber do Outro. A avó lhe responde, mas lhe dá, junto com a falta e sua significação, o horror, o pecado e a maldição, a putrefação, o fedor. Com a simbolização da significação fálica, o gozo mascarado se desnuda.

A obsessão tem aqui sua fonte. Diante do desvelamento da ausência e do surgimento do gozo intolerável, o recalcque se impõe. O Outro pode, doravante e a qualquer momento, aparecer, denunciando o pecado: um dicionário, uma faca, uma propaganda, circunstâncias várias nas quais o saber do Outro pode trazer consigo o imperativo do gozo mortífero.

Esse imperativo pode igualmente ter incidências graças a certas identificações. Assim Édith se identificou com o papai-que-corta-e-pica.

A obsessão desvela, mais do que qualquer outra estrutura, o laço entre sintoma e incompletude do Outro. Na cura psicanalítica, a interrupção da sessão, a manifestação súbita de um lapso, a frase mal construída podem provocar uma imensa angústia; há Outro.

Essa neurose é a colocação em ato do corte mesmo. Ela faz ruptura no pensamento e dá ao discurso ou à atitude do sujeito seu caráter absurdo. Uma outra "idéia" e o corte é "recosido". A pulsão se manifesta sob sua forma bruta, o infinitivo: *cortar*. As tesouras mascaram e realizam a castração. *Um pensamento por um ato*. A obsessão, atividade de pensar erotizada, enlaça o simbólico – assunção da falta de representação ou falha no saber do Outro – com o real – peso da insistência pulsional.

Não é raro ouvir que o obsessivo se exhibe como mártir da castração, da qual tem medo. Como se pode ser castrado e temer sê-lo? O temor não recai no objeto, mas no lugar do sujeito diante do gozo do Outro. É um traço diferencial entre o obsessivo e o masoquista perverso, que aceita, este, numa realização de sua fantasia, fazer-se objeto do gozo do Outro.

O obsessivo *tenta* assegurar seu próprio gozo. Todavia, uma condição se impõe: separar-se do Outro. Ou seja, mutilar o Outro para mantê-lo barrado, faltante; logo, desejante. Apenas dessa maneira ele pode ter acesso ao estatuto de sujeito. Essa operação lhe dá uma coloração melancólica ou o sentimento de "morrer aos poucos", como R. V. dizia. O objeto está, então, numa agonia sem fim e o sujeito, na dor.

O obsessivo não está disposto a servir ao gozo do Outro, ele não deixa o criador gozar de sua criatura, contrariamente aos perversos ou aos místicos, que a isso se oferecem. O retorno para a satisfação está barrado para o obsessivo; nisso mesmo consiste a castração.

O Homem dos ratos se empenha em não quitar sua dívida, em deixar em falta o gozo do Outro. A obsessão é *uma estratégia do sujeito para se defender de um gozo* que perpetuamente o condena.

O sujeito tem necessidade de que o objeto causal permaneça nas proximidades. É-lhe preciso manter a distância dele, mas sabendo que pode pôr a mão nele.

R. V. rondava as prostitutas. Com isso, verificava que *estava lá* – e isso *bastava*.

A experiência incestuosa na qual a criança é colocada por sua mãe parece ser uma *característica* própria da *gênese da neurose obsessiva*. Ela está na raiz mesma do complexo obsessivo.

Serge Leclaire o expressa com finas intuições: "Se [...] o objeto do pai e o da criança se confundem, não resta mais lugar para os sonhos"³⁴. Quem pode confundir senão a mãe? Leclaire pontua "o pouco desejo da mãe e a desafetação do pai"³⁵. É de supor que se trata de um "pouco desejo" em relação a seu esposo.

³⁴ S. Leclaire, *Démanier le réel*, obs. cit., pp. 182-187.

³⁵ Ibid.

Seu paciente, Ange Duroc, cuja história conflui com a do Homem dos lobos, tinha uma maneira de ajustar o mais possível sua roupa até que, "na frente, fique parecido com as meninas"³⁶.

Rick, do qual falarei mais adiante, se vestia como menina, "secretamente", quando sua mãe estava ausente, e se olhava no espelho da porta do armário de seu quarto. Ele esclarece que, embora a idéia lhe tenha ocorrido, nunca se maquiou. Para Ange Duroc, a roupa feminina "indica e esconde o lugar da diferença, ou seja, a força do vazio"³⁷.

No caso de Rick, a questão era *testemunhar a diferença* entre uma representação e uma outra; entre sua mãe ou suas irmãs e o que ele podia ser: "um pedaço dela".

No que diz respeito ao obsessivo, a hipótese segundo a qual "a recusa da castração, se há algo que com ela se pareça, é, antes de mais nada, a recusa da castração do Outro (da mãe, em primeiro lugar)"³⁸, não é plausível como tal e de maneira tão abrupta. Com efeito, é o que se observa na clínica da histeria; nunca nos casos de neurose obsessiva, que, ao contrário, testemunham *um apelo ao pai para que seja assegurada a castração do Outro*. Na histeria, o falo de algum modo é o *feliz companheiro* do sujeito. Na neurose obsessiva, o falo é um *companheiro de galera*. O pelouro do canhão.

Lacan dedicou um seminário à angústia, um outro ao ato³⁹. A angústia é um conceito limite a mesmo título que o de pulsão para Freud. Kierkegaard faz da queda de Adão o paradigma do ato. Esse primeiro ato, o pecado, é "o salto qualitativo do indivíduo"⁴⁰. Ele se situa numa separação e numa junção – o estado anterior de inocência e o posterior, do pecado – que se pode aproximar da função do punção – $\emptyset$ – dos algoritmos lacanianos.

Como se pode perder uma inocência? Kierkegaard descarta a resposta clássica, psicológica demais: a interdição de tocar na árvore do conhecimento teria suscitado em Adão uma certa *concupiscência*, um desejo inter-

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid., p. 187.

³⁸ J. Lacan, "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., p. 632.

³⁹ J. Lacan, "Angoisse", 1962-1963, inédito; "L'acte psychanalytique", 1967-1968, inédito.

⁴⁰ S. Kierkegaard, *Le concept d'angoisse*, Paris, Gallimard, "Idées", 1976, p. 44.

dito; portanto, culpado. O pecado não pode estar antes da queda; nada o explicaria.

A inocência é "um estado no qual não há *nada* a combater"⁴¹. "O profundo mistério da inocência é que ela é, ao mesmo tempo, a angústia"⁴². Se Adão cai no pecado é porque surgiu algo que, no instante anterior, não estava lá. Depois vem o tempo histórico da culpa, da redenção*. A falta palia a desorientação da angústia ao propor um objeto particular que obtura a indeterminação da ignorância verdadeira⁴³. Mas, embora a angústia desabe quando o pecado aparece, nem por isso ela é a *causa* do pecado. Embora o pecado e a queda venham em lugar e posto da angústia, não é verdade que seja para que a angústia cesse.

Kierkegaard desenvolve seu conceito de angústia de maneira inversa à elaboração freudiana. Para Freud, a angústia inibe, detém o colocar em ato. Para Kierkegaard, ela é uma determinação do ato. Foi no prolongamento dessa concepção que Lacan pôde dizer: "O ato é o que arranca à angústia sua certeza"⁴⁴.

A definição da angústia kierkegaardiana é que seu objetivo é indeterminado e indeterminável. Ela não conduz a parte alguma. Uma parte alguma que cessa quando vem uma determinação. O que Kierkegaard chama de pecado é chamado por Freud de castração. É melhor perder seu sexo ou perder seu rumo?

Para Freud, a angústia é angústia de alguma coisa. Contra Jung, ele lembra que a novidade que introduziu em termos de psicanálise é o fazer derivar a angústia da interdição do incesto: "Você presentemente diz que a interdição do incesto vem, antes, da angústia, e isso é muito parecido com o que se dizia antes da psicanálise"⁴⁵. A crítica é manifesta. Em 2 de agosto

⁴¹ Ibid., p. 46.

⁴² Ibid.

* Em francês, *rachat*, que também tem o sentido literal de resgate (de títulos na bolsa, por exemplo, ou o reembolso do credor), sentido que não é muito claro em português. (NT)

⁴³ A que não sabe de que é ignorante.

⁴⁴ J. Lacan, "L'angoisse", inédito, lição de 19 de dezembro de 1962.

⁴⁵ S. Freud - C. G. Jung, *Correspondance*, "Lettre de Freud à Jung du 23 mai 1912", trad. franc. R. Fivaz-Silbermann, Paris, Gallimard, "Connaissance de l'inconscient", 1975, p. 277.

de 1912, Jung replica: "O objeto da fantasia se chama, em certos casos, [...], na maior parte das vezes, mãe"⁴⁶. *A dita mãe, na fantasia de seu rebento, só pôde se inscrever por sua própria ação.*

O isolamento, sabe-se, é um mecanismo prevalente no obsessivo. O paciente não esqueceu seus traumatismos patógenos, mas perdeu o rastro de suas conexões e de sua significação emocional. Mantém todo efeito terapêutico isolado, o que não deixa de ter seus efeitos na direção da cura psicanalítica. Quanto ao mais, é o que o faz aceitar a análise: suas sessões, como tais, são mantidas isoladas do resto de sua vida. Ele é o mais calmo do mundo ao falar dos mais penosos acontecimentos, manifesta uma emoção incompreensível diante de um acontecimento insignificante, sem ter a menor consciência do deslocamento de sua emoção. Conteúdos ideativos, fantasias censuráveis – como desejos de assassinato – podem se tornar conscientes sob forma de obsessões, porque o sujeito é capaz de sentir essas idéias como simples pensamentos sem importância: "São filmes que passo para mim", dizia R. V., "vivo em vídeo". Os pensamentos são *isolados de maneira segura da passagem ao ato.*

O vazio emocional é patente: "Ali onde amam, não desejam e, ali onde desejam, não podem amar [...]. Esse estranho desfalecimento [...] sobrevém quando, no objeto escolhido [...], *um traço [...] lembra o objeto a evitar*"⁴⁷. De jeito nenhum é necessário, como Fenichel faz quando estuda essa neurose, referir-se a "caricaturas de pensadores normais"⁴⁸. Nem todo pensador é obsessivo, longe disso; e o domínio científico contribui com suficientes exemplos nos quais o afeto é excluído em proveito de uma pretensa "objetividade". De jeito nenhum é necessário ser "obsedado" para desejar "sempre ordem, rotina, sistema". A defesa é um procedimento de isolamento, *seja qual for a neurose*. A defesa própria do obsessivo é o procedimento mágico do "tornar não acontecido". Por sua experiência infantil,

⁴⁶ Ibid., p. 283.

⁴⁷ S. Freud, "Contribution à la psychologie de la vie amoureuse", em *La Vie sexuelle*, ob. cit., p. 59 (grifo meu).

⁴⁸ O. Fenichel, *Théorie psychanalytique des névroses*, trad. do inglês por M. Schlumberger, C. Pidoux, M. Cahen e M. Fain, 2 volumes, Paris, PUF, tomo 1, 1987.

não existe, para o sujeito, lugar onde se possa enunciar alguma verdade. "A dúvida obsessiva é a crença no *era uma vez...*"⁴⁹. É um biombo contra a angústia.

A estrutura obsessiva pode ser encarada como uma verdadeira *doença do saber*. A histérica atribui ao Outro um saber superpotente ou desfalecente; o obsessivo toma inteiramente por sua conta as dificuldades de sua posição com relação ao saber, poupando o Outro desse problema. *Quanto mais crê, mais duvida*. A histérica não duvida de nada e não crê em ninguém. Freud sublinha: "É preciso admitir que, na neurose obsessiva, há um duplo saber"⁵⁰. Tudo se passa como se o sujeito soubesse e não soubesse a causa de seus problemas.

Quando as obsessões pressionam muito, a dúvida não é expressa. Mas ela reaparece quando as obsessões se atenuam, e o sujeito chega à paralisia completa.

O que o Outro pede é amor, um amor exclusivo. O objeto demandado é prova desse amor. Essa demanda insaciável suscita a oscilação da dúvida: *ou o amor ou o desejo; ou o moi ou o dejetto*. E isso tanto mais porque não há amor sem ódio. O obsessivo vai cercar esse eu de todos os cuidados: amor pelo semelhante, outro ele mesmo; ele-dejeto.

Ora, a identificação imaginária se sustenta no seguinte: ela não tolera o dejetto. Os semelhantes, que estão ali apenas para proteger da angústia, são também o obstáculo que o sujeito mantém na via de seu desejo. Entre-tanto, *ele insiste em seu desejo*. O ódio vai ressurgir para destruir o obstáculo: *ele mesmo*.

Quando o ódio retorna, ele recua e duvida ainda mais. A dúvida corresponde a uma situação na qual a falta fica escondida. É uma tentativa de reintroduzir a falta.

Na mãe de Hamlet a ausência de falta é identificável. Ela se recusa a fazer o luto de seu esposo defunto. Nesse *fechamento* se perfila o gozo do Outro; é por isso que Hamlet se põe a duvidar, até que ele mesmo seja levado a fazer um luto, mas de uma maneira completamente diferente.

⁴⁹ D. Sibony, *L'Amour inconscient*, Paris, Grasset, 1983.

⁵⁰ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 227.

Na obsessão, a dúvida vem num *après-coup*. Ela é, no obsessivo, o que não engana.

Restam as defesas como “um processo de ajustamento custoso”⁵¹. Elas permitem ao sujeito continuar obstinadamente protegido. A máscara de suas defesas o deixa *anônimo*. No teatro Nô, diz-se que os olhos olham e que a máscara vê. O mistério assim mantido será a isca para o grande desespero do obsessivo quando tiver que lidar com a angústia, ou, mais simplesmente, para o parceiro que buscar “furá-lo”. *Nem visto nem conhecido, ele está à vontade*. Otto Fenichel citava o caso de um de seus pacientes cuja paixão eram as matemáticas; “era, para ele, o domínio onde não havia emoções”⁵². Não há sujeito em vista.

Freud reconhecia, já em 1896, que os obsessivos se comportam sob o modo da defesa, *nunca da agressão*⁵³.

As componentes sádicas do obsessivo são, *antes de tudo*, impulsos de autodestruição. Elas podem, mas muito raramente, se orientar para o exterior e se tornar agressivas quando o sujeito é forçado em suas defesas. Ele então regride ao estágio do erotismo sádico-anal.

O estágio dito *anal* não é encontrável apenas na neurose obsessiva. Deve ser encontrado *em toda análise*.

A coação, propriamente falando, é sempre mal suportada pelo obsessivo; ela evoca situações de infância nas quais ele *tinha que se inclinar* diante da autoridade parental.

Encontramos na neurose obsessiva, com igual constância, impulsos erótico-anais e defesas dirigidas contra esses impulsos. Jones, que foi quem primeiro atraiu a atenção para essa aliança⁵⁴, tentou convencer Freud, o

⁵¹ D. Lagache, *L'Unité de la psychologie*, Paris, PUF, Quadrige, 1990.

⁵² O. Fenichel, “La conduite pathologique envers le ça”, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 573.

⁵³ S. Freud, “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense”, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 70.

⁵⁴ E. Jones, “Haine et érotisme anal dans la névrose obsessionnelle”, em *Traité théorique et pratique de la psychanalyse*, trad. do inglês por S. Jankélévitch, Paris, Payot, 1925, pp. 705-714.

qual manterá suas posições: "O eu [...] se opõe às sugestões de atos de crueldade e de violência [...]. O supereu persiste [...] energicamente em reprimir a sexualidade [...] de modo que a agressividade não aparece ao eu como um impulso para agir, mas [...] como uma simples 'idéia'"⁵⁵.

O paciente pode então submergir em seu "crime de pensar".

Thècle, que desenvolvia intensamente, em detalhes, a maneira como poderia se apresentar para pedir sua companheira em casamento ou lhe explicar que desejava muito que tivessem um filho, ou ainda que caminhos usaria para fazê-la apreciar determinada viagem, tomava o cuidado, após cada "jogo de imaginação", de precisar que a idéia precedente era uma idéia da qual ele só podia se apropriar pelo pensamento e assim gozar dessa "idéia". Depois passava para uma outra *imaginação*. Não havia medo da onipotência e da onipresença de seus pensamentos. De nenhum jeito era "dependente" deles. Muito pelo contrário, objetivava cada uma de suas idéias, das quais podia gozar sem a menor angústia. Assim controlava perfeitamente uma sexualidade bem deslocada e sujeita ao que ele chamava de "panes".

O pensamento compulsivo e abstrato, isolado do mundo real, é sistematizado em sua forma ou em seu conteúdo, organizado em categorias.

Um paciente de Fenichel, olhando a porta, passava seu tempo a ruminar: "Qual é a coisa principal? O espaço vazio preenchido pela porta ou a porta que preenche o espaço vazio?". É claro que nem a porta nem o espaço tinham importância. Para ele, apenas *o pensar* contava.

Thècle contava tudo que fosse contável no caminho da sessão ou de outro lugar: tantos quadradinhos nas janelas das casas, tantos fios elétricos, tantos degraus. Números dos quais não tinha a menor idéia depois de tê-los contado. Para ele, apenas *o contar* contava.

Esse cálculo encobria uma dúvida: par ou ímpar? Se caísse num número ímpar, uma angústia profunda o invadia, até encontrar o que faria par. *Fazer o par* [*paire*] não lhe repugnava. Quanto ao pai [*père*], tinha uma... *idéia*.

Thècle sabia que *pedir* o casamento ou *pedir* um filho era um

⁵⁵ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., pp. 37-38.

endereço ao Outro que só podia lhe voltar sob o modo apassivador do *se deixar casar*. *O sadismo está, antes de tudo, nos imperativos do Outro*.

Aqui desejo e ódio se conjugam. O desejo tem uma relação com o real e, pois, com o insuportável. O ódio não deve ser considerado em sua vertente de afeto, mas no que há de simbólico nele, com sua visada: destruir o desejo. *O ódio simboliza o que está fora do narcisismo*. Daí, pensar, contar, trabalhar se tornam excelentes *proteções* contra o desejo, um excelente meio de se impedir de desejar – e de renunciar ao objeto. Estando o eu esgotado por ter que manter suas defesas, o sujeito pode ocasionalmente entrar num estado melancólico. Todavia com uma diferença: o melancólico não duvida.

“Certos indivíduos [...] parecem não ter outro desígnio além de causar mal a eles mesmos e se destruir. Talvez as pessoas que terminam por se suicidar pertençam a essa categoria”⁵⁶.

Na quase totalidade dos casos de suicídio de obsessivos repertoriados, o suicídio é *exitoso*: o sujeito *não evita e não falha*. “*A pulsão de destruição se voltou para o interior*”⁵⁷.

Freud, no fim de sua obra, está pessimista. A neurose obsessiva é *civilizada demais*, pensa ele: “Na época em que se instaura o supereu, cargas consideráveis da pulsão de agressão se fixam no interior do eu e agem de modo autodestrutivo [...]. Com efeito, reprimir sua agressividade é, em geral, *malsão e patógeno*”⁵⁸.

Tomarei emprestada de H. Ey essa frase terrível: “*O neurótico obsessivo perde sua vida numa completa lucidez*”⁵⁹.

⁵⁶ S. Freud, *Abbrégé de psychanalyse* (1938), trad. do alemão por A. Berman, revista e corrigida por J. Laplanche, Paris, PUF, 1974, p. 49.

⁵⁷ *Ibid.*, * Grifo meu.

⁵⁸ *Ibid.*, pp. 9-10.

⁵⁹ H. Ey et alii, *Manuel de psychiatrie*, Paris, Masson, 1978, p. 504.

Capítulo 8

A fantasia, via para a realização do desejo

A fantasia está estreitamente ligada ao gozo. Ela é o *conceito fundamental* da neurose obsessiva na medida em que o sujeito, anônimo, está sob seu domínio.

*Ein Kind wird geschlagen*¹. Traduzir este artigo de Freud por "Espancasse uma criança", onde o "se" tem como efeito a elisão do agente, ou por "Uma criança é espancada", onde o "uma" tem como efeito a elisão do sujeito, o designa como paradigma da fantasia originária, por excelência. Mito, talvez.

As fantasias "provêm de coisas ouvidas mas compreendidas apenas muito mais tarde"². Imediatamente, a fantasia é situada como uma organização capturada na linguagem. Estamos lidando com o cultural, com o adquirido. As disposições inatas da criança não o afetarão em nada.

As fantasias "combinam os incidentes *vividos*", os relatos de fatos passados (*referentes à história dos pais ou dos ancestrais*) e as coisas *vistas* pelo próprio sujeito. Elas se relacionam com as coisas *ouvidas* como os sonhos se relacionam com as coisas *vistas*³. Não podem se constituir *ex nihilo*. "As fantasias se produzem por uma combinação *inconsciente* de coisas *vividas* e coisas *ouvidas*"⁴. Essa conceitualização é detalhada já em 1891⁵. Ela associa:

¹ S. Freud, "Un enfant est battu", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 219-243.

² S. Freud, "Lettre n° 61 du 2 mai 1887 à W. Fliess", em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 173.

³ S. Freud, "Manuscrit L, du 2 mai 1887", ob. cit., pp. 174-175 (* grifo meu).

⁴ S. Freud, "Manuscrit M, du 25 mai 1897", ob. cit., p. 180 (* grifo meu).

⁵ S. Freud, *Contribution à la conception des aphasies*, trad. do alemão por C. van Reeth, Paris, PUF, 1983.

– *o vivido – Erlebnis* –, encontro com o mundo exterior ou interior, encontro dos significantes do Outro;

– *a história dos pais ou dos ancestrais*, capturada no discurso que preexiste ao sujeito, e sua herança significativa;

– *o visto*, que caracteriza o perceptivo, as representações de coisas, capturadas no processo primário;

– *o ouvido*, pertencente ao complexo de percepção, lugar da representação de palavras, lugar de inscrição dos significantes verbais primeiros, que implica a perda devida à tradução e onde podemos situar o recalque originário⁶.

A fantasia permite a articulação do passado, do presente e do futuro segundo uma lógica proposicional que respeita os tempos lógicos⁷. No momento da constituição da fantasia, os rastros mnésicos vão retroativamente perder sentido. Ela age nos bastidores.

Cada figura clínica está condicionada pela realização de formas pulsionais incluídas na estrutura fantasística.

As fixações pulsionais determinam os conteúdos das fantasias e a instauração da neurose.

Em toda fantasia, o sujeito se põe em jogo. Em cada cena, é representado, seja qual for a máscara. Através das formas sádicas que o obsessivo dá a suas fantasias, ele busca conhecer sua relação com o desejo. Quando chega ao psicanalista, encontramos alguém que nos fala antes de tudo de impedimentos, de inibições, de barreiras, de temores, de dúvidas, de interdições. Ele está longe de poder falar de sua vida fantasística. Pouco a pouco se revelarão suas fantasias, enigmáticas, que freqüentemente qualificamos de maneira um pouco simplista de "sádicas". Na maioria dos obsessivos, as fantasias tomam uma forma invasiva, chegando a engolir setores inteiros de sua vida psíquica. *Ficam no estado de fantasias*⁸.

⁶ Segundo a definição que dele propõe P. Guyomard: "o que não se articula [...] de tudo o que a própria demanda não pode articular da necessidade", em *La jouissance du tragique: Antigone, Lacan et le désir de l'analyste*, Paris, Aubier, "La psychanalyse prise au mot", 1992, pp. 24-25.

⁷ Cf. J. Lacan, "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. Un nouveau sophisme", em *Écrits*, ob. cit., pp. 197-213.

⁸ Cf. J. Lacan, "Les formations de l'inconscient", 1957-1958, inédito, lição de 5 de fevereiro de 1958.

A fantasia freudiana – é essa a sua ambigüidade – está na encruzilha-da de uma manifestação consciente ou pré-consciente com algo a que se chega pelo artifício da inferência e da elaboração psicanalíticas.

O sujeito só pode se reconhecer diante do objeto de seu desejo por fantasias cujo enigma ele oferece. Elas advêm de uma organização significativa que participa de suas relações com o semelhante. Toda a sua “vida” está em suas fantasias. *Em suas fantasias, o obsessivo é ativo.* “Em todos os outros lugares, ele não vive, é passivo”⁹.

O suporte onde se fixa o objeto que causa seu desejo é um ponto ocupado por uma fantasia na qual aparece o objeto conspurcado: Φ . Ora, estando este objeto presente, o sujeito só pode estar ausente. “Só há surgimento do sujeito no nível do sentido por sua *afânise* no Outro lugar, que é o do inconsciente”¹⁰. Então, para ele, a fantasia é, precisamente, o lugar onde ele vai se apreender como objeto no campo do Outro.

Assim, em 1961, Lacan pôde escrever a fórmula da fantasia do obsessivo: $A \diamond \phi (a, a', a'', a''', \dots)$ ¹¹. Está fora de questão fazer Lacan dizer que o sujeito *quer se fazer ou deseja ser* o falo do Outro. O obsessivo não escreve a fórmula de sua própria fantasia. ϕ barra o Outro, o que lhe falta e no lugar do qual o sujeito tenta colocar objetos. Sendo estes *intercambiáveis*, o objeto, como tal, tem estatuto metonímico. $\diamond$, por seu lado, pode ser lido: “corte de” ou “relação com”, ou “desejo de”, ou ainda ser lido através do *vel* da “alienação-separação”. Os objetos *a*, sejam quais forem, são suscetíveis de obturar a falta no Outro; eles são apenas *o substituto de um vazio*, cuja escrita é quase abusiva, já que se trata de um *buraco*; escrevê-lo como *a* já é ocultá-lo com uma letra. Ora, é no lugar mesmo desse vazio que pode se constituir o sujeito desejante.

No campo do Outro, o sujeito encontra apenas um objeto: sua demanda. Mas como o obsessivo poderá, em sua fantasia, encontrar o objeto de seu desejo quando destrói o objeto do desejo do Outro e, portanto, se

⁹ I. Roublef, “Le désir de l’obsessionnel”, em revue du Centre de formation et de recherches psychanalytiques, *Esquisses psychanalytiques*, n° 9, primavera 1998, p. 19.
¹⁰ J. Lacan, *Les Quatre Concepts...*, ob. cit., p. 201 [Tradução brasileira: p. 210].
¹¹ J. Lacan, *Le Transfert*, 1960-1961, ob. cit., p. 295.

destrói? Portanto, a visada destrutiva não tem sentido, porque ela diz respeito à *imagem* do Outro. O obsessivo o imaginariza numa tentativa de fazer dele um semelhante.

Sua fantasia nos confronta com a questão do tempo. Só temos acesso a ela com a condição de ter levado *tempo*. Em seguida vem o momento no qual vai se precisar a fantasia originária, que decidiu a neurose infantil, momento no qual o agenciamento materno se inscreveu no inconsciente do sujeito de maneira irreversível.

Esse momento pode ser construído, como para Serguei, o Homem dos lobos, por ocasião de um ato que ele testemunhou, ainda muito pequeno: a "cena primitiva". Como simbolizar o que ele observa nessa hora V na qual ele *faz* e não pode *dizer* nada? Não podemos ter aí uma percepção do recalque originário?

A construção da fantasia se dá em forma de denegação. Todo o seu esforço posterior será o de, ao mesmo tempo, negar o ato e lutar [*se battre*] para encontrar sua subjetividade, que veio à luz *no espaço de um batimento* [*battement*] *d'ela**.

Esse *visto* não era simbolizável por Serguei. O Homem dos lobos poder ter ou não assistido à cena originária. Não está decidido. Concedamos a Freud que o pequeno Serguei a tenha efetivamente assistido. "Como pode ele, a partir daí, explicar para si a expressão gozoza de sua mãe, quando ela sofreu uma aparente violência?"¹².

Naquele momento, ele só pode interpretar a cena com todo o mistério que ela lhe oferece. Por que diríamos que foi necessariamente traumática para a criança, cujo *moi* não está ainda constituído? A percepção não pode, pois, ser traduzida no, ou pelo aparelho psíquico. Entretanto, dessa cena ficará um resto, uma escrita, um índice ou um signo que será traduzido, mas que, naquele instante, permanece intraduzível e será at-

* No texto, *d'elle*, homófono a *d'aile* (de asa). (NT)

¹² J. Y. Méchinaud, "La construction du traumatique", em revue *Mémoires-transferts*, GREUTP, Paris, 1986, p. 112.

mazenado como "significante enigmático"¹³, ou ainda como "mensagem por ele mesmo ignorada". A fantasia interpõe sua tela entre o sujeito e o encontro do gozo.

Karine, em início de cura psicanalítica, afirma que sua mãe, muito ligada a ela, atenta, amorosa, teve que se separar dela por pelo menos dois anos quando ela era pequena. Ela foi "abandonada", mas ignora a causa do abandono. O que chama de sua própria "covardia" vem, ela assegura, do fato desse "deixar pra lá*", de cuja origem ela não pode se lembrar. Ela não se ocupa de si mesma: "Eu me deixo pra lá, eu também me abandono, não sei como ainda não me joguei fora. Eu me desfaço tanto dos outros... Cada vez que tenho um encontro, dou um jeito para me livrar dele. Encontrei um homem formidável! Também o joguei fora". Cada ato decisivo de sua vida é pontuado por um rechaço.

Essa suposição e seu significante insistem. Karine encontra uma multidão de lembranças. Algumas vêm apoiar sua hipótese; mas não é isso. Não é a "boa" lembrança. Como se *A* lembrança buscada devesse fazer furo no saber. Um lugar vazio que poderia unificar um campo em torno dela. Karine bem sabe, embora o negue, que esse lugar continuará vazio. A lembrança esperada e suposta não é, é claro, anódina: mostra a *consistência* do Outro materno, onipotente por relação a um objeto-dejeto que focaliza seu gozo. Objeto cujo lugar, com efeito, parece que Karine ocupou na fantasia de um Outro, perverso no caso, e que mascarou o sujeito para aí *produzir* um objeto, Karine, incapaz da menor responsabilidade diante de seus atos¹⁴. Bloqueada em seus amores descorteses, em sua negatividade, ela não podia se identificar a ela mesma como objeto e continuava repetitivamente capturada em sua questão existencial; paixão de uma auto-rejeição. "É so-

¹³ J. Laplanche, "Traumatismes et autres trans(es)", em revue *Psychanalyse à l'Université*, n° 11, Paris, PUF, 1986, p. 41.

* Em francês, *laisser-tomber*, que frequentemente é traduzido, literalmente, por "deixar cair". (NT)

¹⁴ "O sujeito surge como exclusão do campo mesmo que ele determina, não sendo então nem aquele que é designado, nem aquele que designa [...] mas isso só se produz em relação ao jogo de um objeto primeiro como alternância de uma presença e de uma ausência", em J. Lacan, "L'identification", inédito, lição de 9 de maio de 1962.

bre a base de sua própria eliminação que ele (o obsessivo) funda toda essa fantasia"¹⁵. A paciente não buscava, de jeito nenhum, fazer-se admirar pelo Outro; como todo obsessivo, ela buscava, antes, *alterizar* o Outro a fim de ter uma garantia para si.

Os diferentes tipos de neurose podem ser identificados no modo de organização da fantasia. Cada uma das estratégias aparece como uma resposta à questão do desejo do Outro e se revela como estruturada pela fantasia segundo duas maneiras bem específicas. Na fantasia clássica, $\$$ $\hat{O}$ a , tal como Lacan a escreve, os dois pólos, $\$$ e a , estão em relação de conjunção-disjunção. Mas, seja qual for a neurose, a fantasia continua a ser a *relação* do sujeito com o que o barra: o objeto perdido.

As fantasias, na neurose obsessiva, diferentemente das imaginações visuais da neurose histérica, consistem em *enunciados*.

Para *ser como sujeito* – e não falo imaginário materno –, o obsessivo pode tomar coragem e partir, *por meio* da cura psicanalítica, em busca de seu desejo. Se é verdade que o objeto se esvaece à medida que o sujeito se aproxima dele, o desaparecimento do objeto acarreta, *de facto*, o desaparecimento do desejo. É por isso que ele manterá o objeto velado e à distância. O objeto só reaparece na fantasia e, fora da fantasia, o sujeito volta a "perder o objeto como perdido".

Para François Gantheret, haveria um ponto de perspectiva que "organiza os objetos e os faz existir, o pai; e o fundo sobre o qual eles aparecem como objetos e que pode voltar a engoli-los, o materno"¹⁶.

É o Outro primordial, a mãe, quem atribui ao sujeito seus objetos. Hans, que só pedia para ser o que sua mãe lhe pedia para ser, ou o obsessivo têm dificuldade de se livrar *dessa tendência na direção do apelo do Outro ao Um possível. Outrora, houve Um*¹⁷. O obsessivo, pela fantasia, ab-reage originá-

¹⁵ J. Lacan, "Le transfert et la disparité subjective", inédito, lição de 15 de março de 1961.

¹⁶ F. Gantheret, "L'impensable maternel et les fondements maternels du penser", em *Nouvelle revue de psychanalyse*, nº 28, automne 1983, Paris, Gallimard, p. 8.

¹⁷ Primeiro o seio faz parte da criança. O Outro autoriza ou não um recorte do objeto no seu corpo. Assim o sujeito fará a experiência da incompletude do Outro.

rio e esses momentos de atribuição nos quais a mãe era onipotente. *Apenas a fantasia autoriza um gozo ao sujeito obsessivo; um gozo maquiado com as cores da prostituta.*

A fantasia mostra com uma particular clareza seu caráter *coativo* em seu aspecto estrutural: nas dimensões do *real* e *simbólico* por sua relação com a linguagem; no *imaginário*, por seus produtos, que são os roteiros. Ela põe o acento na captura numa e por uma imagem. Nessa perspectiva, a neurose obsessiva ilustra de maneira exemplar a função essencial da *Ebenbild*¹⁸ do passado. Há, no sonhador, um desejo indestrutível, à imagem exata de seu passado. É a marca que encontramos: enunciado de uma ordem e de uma interdição. O desejo inconsciente é capturado nessa imagem mesma; ela lhe confere sua perenidade, fonte da compulsão de repetição, *ela não pára de se colocar em cena.*

A *Ebenbild* tem, estruturalmente, as mais estreitas relações com a fantasia quanto à sua função de sustentação do desejo.

Por trás de todo acontecimento traumático há uma lembrança. "Freud primeiramente identificou o núcleo patógeno com o acontecimento traumático, para em seguida nele reconhecer a fantasia"¹⁹. Essa imagem se situaria, pois, no recalque primário e apresentaria o paradoxo, a mesmo título que a Coisa, de ser não-especular, estando excluída de qualquer imagem na qual o sujeito poderia eventualmente se reconhecer. E é uma tal imagem que permite a Freud definir a fantasia. O rato é a *Ebenbild* do Homem dos ratos na medida em que ele era um rapaz sujo, agressivo e mordaz. O rato se torna significativo em múltiplas conexões e equivalências, na base dos sintomas e de certos sonhos.

No momento em que Mishima pretendia escrever *Confissão de uma máscara*²⁰, ele escreve para seu editor a seguinte nota, datada de 2 de no-

¹⁸ Imagem fixa, exata, imutável, idêntica a si mesma. Cf. S. Freud, *L'Interprétation des rêves*, ob. cit.

¹⁹ M. Safouan, "Le fantasme dans la doctrine psychanalytique et la question de la fin de l'analyse", em *Études sur l'Œdipe*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1974, p. 141.

²⁰ Y. Mishima, *Confession d'un masque*, Paris, Gallimard, 1949.

vembro de 1948: "Este será meu primeiro romance autobiográfico. Não me refiro ao *Ich-roman* convencional ao qual estamos tão habituados. *Vol-tarei para mim o escalpelo da análise psicológica [...]. Tentarei me dissecar vivo* [...] tornando-me... *ao mesmo tempo a vítima e o carrasco*". Isso exige determinação, mas vou tapar o nariz sem parar de escrever"²¹.

Mishima esperava encontrar em seu passado o motivo do que ele considerava como uma anomalia: o pendor de seu coração pela "Morte, pela Noite e pelo Sangue". O que ele descobrirá está em *O sol e o aço*²²: uma homossexualidade ornada com fantasias sadomasoquistas. Mishima, que não pode ser considerado obsessivo, nos interessa aqui pelo que sobressai de sua fantasia²³.

A mais antiga lembrança de Mishima, imagem para ele de uma intensidade extraordinária, data da idade de quatro anos: conduzido pela mão de uma mulher, ele escala uma encosta para voltar para casa. Repentinamente, percebe alguém que desce a encosta e cuja silhueta contrasta, por sua clareza, com a falta de nitidez da cena. Ele não se lembra mais nem do momento, nem da identidade da pessoa que o acompanhava.

Essa imagem é a mais antiga das que não pararam de atormentá-lo e aterrorizá-lo até o fim de seus dias. Cada vez que retornava a ela, ela tomava uma nova significação. Era a imagem de um rapaz, um limpador de fossas ou coletor de excrementos, trazendo, com a ajuda de uma ripa, dois baldes de coleta sobre os ombros. A seus olhos ele representava a revelação de um certo poder. Um apelo, *estranho e secreto*.

Nessa imagem, que, literalmente, o aspira num movimento irresistível, emergem dois elementos nos quais seu desejo se concentra: a *calça colante* de tipo "ciclista" do homem e a *profissão*.

Em torno de seus doze anos, folheando um dia um volume de reproduções de obras de arte pertencente a seu pai, que lhe havia proibido de

²¹ J. Nathan, *La Vie de Mishima*, Paris, Gallimard, 1974, p. 115 (' grifo meu).

²² Y. Mishima, *Le Soleil et l'acier*, Paris, Gallimard, 1970.

²³ P. Mathis dará conta do destino trágico — e espetacular — de Mishima apoiando-se em *Confusão de uma máscara e O sol e o aço*. Ele se prende sobretudo ao sentido da metáfora do sangue num mártir cristão ou num guerreiro japonês. P. Mathis, "Éthique et sexualité", em *Lectures de l'École freudienne* de Paris, n° 16, Paris, 1974, pp. 140-147.

tocar nele por medo de que o danificasse, Mishima de repente cai numa imagem sobre a qual não pôde se impedir de pensar que era "o que o esperava ali desde sempre": uma reprodução de São Sebastião, de Guido Reni. O que o impressiona imediatamente é a beleza do jovem, sua nudez branca resplandecente sobre o fundo de crepúsculo escondida com dificuldade por um tecido grosseiro, frouxamente enrolado em suas cadeiras. São Sebastião agoniza, com o olhar voltado para o céu. Apesar das duas flechas enterradas na axila esquerda e no flanco direito, nenhum vestígio de sangue vem macular sua pele. Não há nenhuma impressão de sofrimento, mas um clarão de prazer melancólico, como quando se escuta uma música evocativa. Há, em Mishima, revelação de seu gozo sexual. Ele tem treze anos. Nasce nele o que ele chama de teatro do assassinato, no qual por vezes ele é o gladiador que mata para seu prazer; por vezes é o espectador, por vezes o ator. Em suas fantasias, na maioria das vezes, a forma gramatical é *ativa* e não *passiva*.

A partir dessa imagem se elabora uma fantasia masturbatória que lhe parece absolutamente "repugnante": trata-se do sacrifício com arma branca, com o objetivo de celebrar uma cerimônia pagã, de um rapaz visto por ocasião de seus passeios diurnos.

Nesse ponto, o discurso muda de endereçamento. Não se dirige mais ao leitor, mas ao próprio sujeito, para o qual o conteúdo da fantasia é enunciado por uma voz estranha sob a forma do *tu*, tal como um ato de acusação, mas também de justificação; o que lhe confere um aspecto clivado, indiferente, *como proveniente de um lugar outro*.

Na imagem do limpador de fossas, a calça de ciclista, calça apertada que desenha a parte de baixo do corpo, faz reconhecer o valor de fetiche do véu, escondendo e deixando adivinhar o pênis em seu estatuto fálico. A profissão de coletor de excrementos dá a Mishima o sentimento de uma tristeza que lhe dilacerava o corpo. Ora, o excremento representa para ele um símbolo da terra. De onde ele conclui que o que parecia chamá-lo, essa voz secreta e estranha, nada mais era que *o amor maléfico da terra nutricia* — índice que confessa um *desejo de natureza canibalista*, profundamente recalçado.

Da imagem de São Sebastião ele retém sobretudo a nudez branca do corpo oferecido e exposto, mal escondida por um tecido. Encontramos aí a

mesma relação véu-falo. Essa imagem vai se tornar matriz de toda uma série de fantasias auto-sádicas – entre as quais uma fantasia masturbatória, paródia de uma relação sexual – e igualmente do que ele chama de seu “mais terrível sonho”: ele vê um rapaz inconsciente, desprovido de suas vestimentas, amarrado nu sobre um enorme prato e levado a uma sala de banquete a fim de ser *cortado em pedaços* e devorado. Ele lê em todas essas “imagens bizarras” de sua infância e de sua adolescência a escrita de seu destino. Ora, ele apreendia esse *destino* sob o modo de um *festim*: “Tinham me mandado o que poderia chamar de um *cardápio*” completo de todas as dificuldades de minha vida, quando *eu era jovem demais para lê-lo*. Mas eu não tinha nada mais a fazer a não ser abrir meu guardanapo e me sentar à mesa²⁴.

Mishima estava condenado pela palavra do Outro. Suas fantasias formavam exatamente o que seria o cardápio de sua existência: *terminará vítima desse amor maléfico da terra nutrícia, entrevisto desde a idade de quatro anos*. A queda da máscara acarretou o desaparecimento do sujeito. Em 1955, ele imagina, em *O sol e o aço*, seu corpo *corroído pelas palavras* como que por formigas brancas. A partir de então, tentará fazer um culto desmedido de seu corpo dilacerado, uma verdadeira obra de arte; num gozo que roça o misticismo em sua agonia.

Não se trata, aqui, de uma cura psicanalítica, mas de uma obra literária. É preciso, então, ficar no terreno do estrito contexto.

Em suas notas sobre *A confissão de uma máscara*, Mishima escreve: “Este livro é um último testamento que quero deixar nesse domínio da morte no qual vivi até agora”. Ele não vai parar de citar esse romance como fechando a conta de seus vinte anos. *Os amores proibidos*²⁵ revelará que, mais exatamente, Mishima foi convocado a *abrir uma conta*.

Em 25 de novembro de 1970, com quarenta e cinco anos, Yukio se precipita em seu vazio; suicida-se por *seppuku* antes de ser decapitado – *cortado* – por um de seus camaradas, o qual se submete à mesma sorte, na pura tradição dos samurais. Seu destino o conduziu a uma última colocação em cena, preparada há muito tempo: a de sua morte oferecida como

²⁴ J. Nathan, *La Vie de Mishima*, ob. cit., p. 120 (o grifo meu).

²⁵ Y. Mishima, *Les Amours interdites*, Paris, Gallimard, 1989.

pasto, como sacrifício a um Outro derrisório, testemunho impotente, coagido a assistir à cena – sob a figura de um general (cruel?) – amordaçado e amarrado numa cadeira.

“Tu deves te vingar? Tu podes te vingar, com a condição de morrer por isso. Tu assim mostras que ultrapassaste o ódio [...] nenhum pretexto pode justificar aquele que mata, se ele não aceitar morrer por seu gesto”²⁶.

Seu biógrafo nos ensina que os ancestrais de Mishima, do lado paterno, eram agricultores de tão modesta extração que não tiveram patronímico antes do início do século XIX. O sobrenome Hiraoka, verdadeiro sobrenome de Mishima, aparece pela primeira vez na família em torno de 1820. Embora não saibamos nada de suas origens, sabemos, no entanto, que o sobrenome foi logo estigmatizado; o primeiro a portá-lo cai em desgraça e tem que deixar sua casa, tendo sua filha *matado com uma flecha* um faisão que pertencia ao senhor do lugar.

A imagem de São Sebastião condenado à morte provavelmente tem alguma relação com esse episódio da vida de seus ancestrais. Quando é preciso adotar, aos dezesseis anos, um nome de escritor para a publicação de sua primeira obra, ele escolhe, junto com seu professor, *Mishima* – nome da cidade de onde se vê melhor o cume cheio de neve do Fuji-Yama –, precedido de *Yukio*, tirado da palavra japonesa *Yuki*, que significa *neve*. A *brancura* que tanto o fascinava na imagem de São Sebastião se encontra a partir de então inscrita para todo o sempre em seu nome de empréstimo e perenizada através de sua obra.

A luz desses elementos, a fantasia de Mishima parece dever ser considerada na perspectiva de uma tentativa de identificação com o pai²⁷. O conteúdo perverso, auto-sádico da fantasia pode assim vir encobrir uma questão sobre o pai e de endereçamento a este, na medida em que ele é o portador *legal* da castração, que ele garante. Para Mishima, talvez também

²⁶ M. Pinguet, “Théâtre de la cruauté”, em *La Mort volontaire au Japon*, Paris, Gallimard, 1985. O autor, que por muito tempo viveu no Japão, desenvolve essencialmente a relação do japonês com a morte, muito diferente daquela dos ocidentais. É por isso que o ato de Mishima deve ser considerado em seu estrito contexto.

²⁷ Primeiro tipo de identificação descrito por S. Freud, “Psychologie des foules et analyse du moi”, em *Essais de psychanalyse*, ob. cit.

tenha sido um meio de garantir o nome ao qual tinha se elevado em sua linhagem. "O *Seppuku* foi a mais severa e a mais espetacular das prerrogativas que separaram a classe guerreira do comum do povo"²⁸. Mishima precipitou-se para o real que a fantasia não protegia mais, devolvendo ao Outro seu objeto.

Por que esse festim da morte voluntária? Deve-se crer que lhe era preciso um pouco mais que uma garrafa de saquê para se conceder o direito e a passagem de volta para o "refúgio profundo no fundo da mãe beatífica e mortífera"²⁹. Rasura definitiva.

O Homem dos ratos está, diz Freud, sob o domínio de uma pulsão sexual: o voyeurismo³⁰.

"O que Narciso busca num lago é um objeto perdido que não é ele mesmo, mas um olhar..."³¹. *Seu próprio olhar*. Ernst não buscava encontrar o corpo da mulher como representante fálico, mas uma zona bem demarcada que ele queria ver e rever. Esse algo que não está lá de jeito nenhum é "o pênis como feminino" dissimulado sob os pêlos púbicos. Pelo contrário, trata-se de *se assegurar de que não está lá*. O Homem dos ratos *não crê nos seus olhos*; efetivamente *não está lá*.

O desejo de rever, o dever de rever nos põe no caminho do que pode ser a ausência em questão: *preservar a castração*.

De sua parte, o sonho do Homem dos lobos *mostra* a fantasia do obsessivo em estado puro. A cena é reduzida a um quadro, ao *isso mostra*. A criança petrificada faz parte da cena, testemunha fascinada pelo que vê: angustiada e fascinada pelo olhar fascinado dos lobos, olhar do próprio sujeito, fascinado por uma cena que assim lhe permanece velada.

A estrutura que se revela é a de uma tela que ao mesmo tempo *esconde* e *desvela* um pedaço de real.

²⁸ M. Pinguet, "Théâtre de la cruauté", em *La Mort volontaire au Japon*, ob. cit., p. 142.

²⁹ Ibid., p. 53.

³⁰ Cf. S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 204.

³¹ J. McDougall, "Narcisse en quête d'une source", em *Nouvelle revue de psychanalyse*, n° 13, primavera 1976, Paris, PUF.

Freud não interpreta o "tormento" dos ratos em seu outro paciente, Ernst Lanzer. Ele constrói uma cena primitiva que assujeita o desejo do sujeito à analidade, numa posição masoquista, feminina talvez, mas certamente não bem-sucedida; o que poderia ter se tornado gozo perverso, porque esse risco existia no nível do "tormento".

Em sua fantasia, o sujeito parece ficar em posição passiva; o rato que se introduz pelo ânus poderia representar o pai que espanca – expressão da virilidade de seu filho, sendo o ânus o orifício que é excitado "a golpes de vara". Gozar dessa forma faria dele *o par do pai** quanto ao suplício; as pancadas substituiriam o amor.

O obsessivo, impedido pela dúvida, está entre duas opções: por um lado, se defende de seu desejo, do outro, do gozo suposto do Outro; *quem deseja? Nesse ponto, aparece o desconforto de um gozo que não engana. É o horror do qual o paciente parece não ter a menor consciência.*

Traços de "perversão"

"Existe uma fantasia perversa? O que deveria ser, então, uma fantasia 'normal'?"³². Joyce McDougall evoca o caso de um de seus pacientes, que declara, a propósito de sua mãe: "Eu também recusava o que ela queria: *que eu não tivesse sexo!* Me apresentava apenas como adjetivo. Eu era apenas um adjetivo para meus pais [...]. Por que não existi como garotinho para minha mãe? [...] Eu tinha medo de devorá-la e ela tinha medo de seu próprio desejo de me *devorar!* Me tornei cirurgião [...] para reparar minha mãe [...], eu estava sempre *vazio e destruído*"³³.

A fantasia de J. está diretamente ligada com o objeto assexuado que ele é para sua mãe. Com efeito, *se o sujeito é objeto, ele é assexuado.*

* Em francês, *le pair du père*, que, por sua sequência fônica, poderia ser lido como "o pai do pai". (NT)

³² J. McDougall, "Identifications, néobesoins et néosexualités", em revue *Topique*, n° 39, Paris, EPI, 1987, p. 9.

³³ Ibid., pp. 24-26 (' grifo meu).

Quando Freud escreve seu texto sobre Leonardo da Vinci, roça os conceitos de narcisismo, de identificação e de mãe fálica. Sua expressão "fixação na mãe" é obscura e parece preocupá-lo. Duas vias quanto à escolha de objeto e ao objeto da pulsão parecem se abrir em Leonardo.

Na primeira se organizam o amor da mãe e uma parte de libido. Embora Leonardo seja casto, é produtivo. Na segunda, sua tendência ao gozo voyeurista, a sede de saber e a zona erógena bucal permanecem excitadas. Uma parte das excitações é orientada para formações reativas, a outra, para a sublimação. Os impulsos de coloração perversa são mantidos à distância pelas fixações, mas coexistem com fracos investimentos de objeto.

Há uma compulsão a espiar, fuçar. Compulsão, tenacidade, cuidado, economia são traços de caráter dele. Por que não são traços de perversão? As modalidades defensivas parecem fazer a diferença, com as muralhas contra o pulsional. Não é assim com o perverso. Leonardo é pudico – o perverso sabe violar a barreira do pudor.

Para Leonardo, a natureza só é encarada na sua relação com a morte, é "uma *madrasta cruel*" [...] e [...] uma *boa mãe*"³⁴. A ambivalência obriga: é raro Leonardo ter terminado uma obra. Ele *nunca* entregou o objeto que poderia estar "bem" ou ser perfeito. *Não toque no belo*.

A colocação em ato do processo perverso nunca é observada no obsessivo. A castração está irredutivelmente ligada ao registro imaginário do falo e não, como para o perverso, à ausência ou presença do órgão – pênis. Para ele, a diferença dos sexos se ordena com relação a uma alternativa: ser castrado-não ser castrado. Quanto ao perverso, ele só aceita a castração com a reserva de transgredi-la. Também não encontramos a clivagem do eu na neurose obsessiva, como é o caso do fetichista, por exemplo.

Certo que o obsessivo pode entrar em processos de transgressão claramente localizáveis. Em geral, são o efeito de sua confrontação com seu *desejo*, tal como a *fuga para adiante*. Nele, a transgressão é na maioria das vezes anódina, insignificante, irrisória; o que não impede que nosso sujeito a viva do modo mais trágico. Ele lhe dá um aspecto espetacular e tão dra-

³⁴ Léonard de Vinci, *Cahier de notes*, Madrid, Busma, 1982 (* grifo meu).

mático que ela pode deixar pensar em ou apresentar a consistência de uma transgressão perversa.

Nas transgressões dos obsessivos falta um elemento decisivo quanto ao diagnóstico: o *desafio*. É certo que o sujeito por vezes pode entrar numa relação com a adversidade, imaginária, que o faz encontrar algo ou alguém a desafiar. É exclusivamente nesse terreno que essa dimensão do desafio pode se desenvolver nele; rapidamente a transgressão é neutralizada. Ele só pode se entregar a um combate regulamentado, embora a mobilização seja geral. Assim, qualquer transgressão se torna impossível. Em suma, é o que tão freqüentemente o faz se chocar diante de toda infração da regra. Nessa ginástica do desafio, o obsessivo ignora que é o único protagonista: *ele só lança desafios... a si mesmo*.

Quanto ao perverso, fundamentalmente só desafia a lei do pai e só faz intervir, no registro dessa dialética do ser fálico, a lei de seu desejo, que ele impõe como única lei, negando que esta só possa ser fundada pela lei do desejo do Outro.

Um outro traço pode ser destacado.

O obsessivo goza com a idéia torturante de ser o objeto adequado do gozo do Outro. Ele está em seus objetos; presente num sentido excessivamente pleno. Sua fantasia está fixada no seu gozo por esses significantes privilegiados.

O romance familiar geralmente se concentra em torno da figura paterna, numa relação metafórica. Por não ter podido reconhecer o engano da idealização do pai e da Dama, para o Homem dos ratos o luto de um e o amor pelo outro se tornaram impossíveis.

Parece que Freud só reteve o aspecto imaginário da fantasia. Lacan aí toma o contrapé; se há roteiro fantasístico, é porque o sujeito é tomado numa rede de discurso. Essa trama simbólica do mito será encontrada na própria experiência analítica³⁵.

³⁵ J. Lacan, "Le mythe individuel du névrose", 1953, em revista *Ornicar?*, nº 17-18, Paris, Navann, 1979, p. 305: "Seria preciso que o pai não fosse apenas o nome do pai, mas que ele representasse em toda a sua plenitude o valor simbólico cristalizado em sua função. Ora, é claro que esse recobrimento do simbólico e do real é absolutamente inapreensível [...], o pai é sempre, de qualquer ponto de vista, um pai discordante em relação a sua função, um pai carente, um pai humilhado [...]. Há sempre uma discordância entre [...] o real e [...] o simbólico".

A história do Homem dos ratos está exemplarmente inscrita numa estrutura familiar e em seus antecedentes. Ernst *ignorava* a que ponto estava marcado por essa constelação inaugural: o prestígio materno, as fraquezas paternas.

A fantasia se revela como o produto de uma interpretação, de uma leitura singular na qual se aninha o gozo; é a vertente imaginária do sujeito, tecido graças ao qual ele se sustenta.

A cura psicanalítica autorizará uma desconstrução da fantasia.

Com freqüência se afirma que nos obsessivos é patente uma perversão. As fantasias que sustentam o desejo do obsessivo podem parecer perversas – desde que o sujeito as *diga*. Estruturalmente, elas o são, *a mesmo título* que as fantasias de *qualquer* neurótico. Mas, lembremos, as fantasias dos obsessivos *permanecem* fantasias – contrariamente a sujeitos de outras estruturas, que não param de tentar pô-las em ato ou efetivamente o fazem.

A ardente curiosidade de ver o corpo feminino, as nádegas, que atormenta o Homem dos ratos, só pode ser “concebida como um traço primário de perversão”³⁶. O obsessivo *inventa um traço* para chegar à escolha de objeto. Quanto ao perverso, escolhe um objeto para dele gozar e dele fazer surgir o gozo, *sem traço*.

Esse traço está igualmente presente no pesadelo petrificante do Homem dos lobos. O sonhador *está cortado de seu olhar*, que ele coloca do lado dos lobos, simbolizando seu voyeurismo. *Ele está cortado de si mesmo*, lobo, objeto anal ou presente pendurado na árvore de Natal. Nesse sonho de separação, tomado no gozo do Outro, nossa *Genussbaum* (árvore do gozo) vê surgir algo novo: o gozo fálico. A árvore que se ergue está montada: portadora de olhares, ela se animaliza, totem vivo.

Através de seu sonho, o Homem dos lobos reconheceu o rosto do Outro-Górgona. “Ver a Górgona é olhá-la nos olhos e [...] parar de ser si mesmo [...]; o espectador é arrancado de si mesmo, desapossado de seu olhar [...] invadido pelo da figura diante dele”³⁷. A visão gorgoneana do

³⁶ S. Freud, “Un enfant est battu”, em *Neurose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 221.

³⁷ J.-P. Vernant, *La Mort dans les yeux*, Paris, Hachette, 1985, pp. 78-82.

Homem dos lobos operou não apenas uma esquizo entre olhar e visão, mas também entre *moi* e *Je*. Serguei talvez tenha vivido uma verdadeira clivagem do *moi*.

O significante do apoderamento materno é perfeitamente identificado por S. Leclair³⁸ através da letra W, inversão das orelhas do lobo ou do M de Matrona. W separado de S. P. antes de se reintegrar em *Wespe*; W de *Wolf*, do qual algo foi perdido³⁹. Essa castração, extremamente evidenciada, revela a fraqueza do pai. Um pai melancólico e ausente cedo demais para o pequeno Serguei. A árvore é frágil diante dos gemidos de uma mãe da qual ele parecia muito dependente. O que é que, no baixo-ventre, *impedia* essa mãe *de viver*?

O obsessivo apresenta uma subordinação, um assujeitamento muito particular a certas pessoas⁴⁰. Serguei Pankejeff não podia decidir e optar por um sentido ou outro. Quando começou sua análise com Freud, não foi para se curar de uma indecisão qualquer, mas para que o próprio Freud decidisse.

O obsessivo freqüentemente está incapacitado de dizer os sentimentos que experimenta, mas recusa as leituras que podem ser feitas deles. Quando, após seu trabalho com Freud, Serguei encontra R. McBrunswick e ela lhe faz um diagnóstico de paranóia, ele age de forma a se "curar" subitamente. Recusa a interpretação dela. Embora ele coloque seu desejo na demanda do Outro, seu gozo, em troca, não é ser o objeto do gozo do Outro. Ele não embarcou no trem da perversão; desceu na estação da neurose obsessiva.

O Homem dos lobos é um formidável *revelador* do discurso do mestre e das fadigas das pessoas com as quais lida. Pede que se lhe diga o que sente. É *impossível*. O que não impede que, *mesmo assim*, se lhe diga alguma coisa. É *impossível* dizer a verdade, no entanto serve-se a ele uma

³⁸ S. Leclair, "La conjuration du réel", em *Démasquer le réel*, ob. cit., pp. 79-88.

³⁹ Deve-se notar que o lobo é portador da castração; ele perde sua cauda, ela é cortada; ele é feminino na medida em que lhe podem ser tiradas crianças do ventre. Observando mais detalhadamente o desenho feito pelo paciente de Freud, a árvore que é portadora dos lobos é podada na copa, seu tronco está cortado.

⁴⁰ Cf. K. Obholzer, *Entretiens avec l'Homme aux loups*, ob. cit.

matrqueação filosófica. Ele se obstina em extrair um diagnóstico da boca dos médicos; seria desejável que eles se calassem ou confessassem sua ignorância; eles *mesmo assim* darão um diagnóstico. O obsessivo denuncia, naquele que responde e cai na armadilha, um assujeitamento ao lugar comum. Ao Outro ele pede o impossível. O Outro vem tropeçar nele; *assim o sujeito consegue se livrar de seu domínio*.

Uma outra face da desalienação se origina mais radicalmente na lógica da fantasia no obsessivo. A queda de um objeto impossível de encontrar dá causa e conteúdo ao desejo. O que se traduz clinicamente pela incessante oscilação entre uma deferência divina e um desdém coisificante com relação àqueles que ele investe. Parece convencido pelas opiniões de outrem, ao mesmo tempo que as ignora.

Essa coisificação é ostensiva na sua relação com parceiro, que não teria rosto, seria intercambiável, sem subjetividade, *reduzido*, por exemplo, *a uma posição*. Se é dinheiro que lhe é pedido, ele o dá; contrariamente ao que é corrente quanto a suas ditas mesquinharias. O outro é então reduzido a ser apenas um símbolo do objeto anal.

Por sua cessão anal do *moi*, o Homem dos lobos se põe à distância de sua imagem narcísica; *assim a mãe é separada do falo desejado*. A visão da árvore com lobos se torna a do *desejo da castração do Outro*. A perda da posse de seu eu, que se considerou crônica, é uma verdadeira retomada do sonho gorgoneano, uma colocação em cena da castração materna.

Serguei pouco a pouco entra num verdadeiro pânico obsessivo, como mostra R. McBrunswick⁴¹, a quem ele aperta com perguntas. Ele busca a falha do Outro. Pede a ela, e ela não entende, que signifique a castração *dela*. Em vez do que ela erige, com a máxima energia, não o referente fálico simbólico, mas imaginário, religioso-psiquiátrico-psicanalítico. Ela não entende que *ele busca um índice paterno*.

⁴¹ R. Mc Brunswick, "Supplément à l'«extrait de l'histoire d'une névrose infantile» de Freud", em *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*, Paris, Gallimard, 1981.

Esse desconhecimento é patente do início ao fim do texto de McBrunswick. Ele não quer falar de suas relações com os dermatologistas: logo, ele é "hipócrita". Ele se recusa a cuidar de seu nariz, é a "turrice". Ele pensa em abrir um processo: logo, é "paranóico". Ela considera *tudo* o que ouve *ao pé da letra*. Ele pensa ser o paciente favorito de Freud, o cutelo lhe cai: "megalomania supercompensatória". Ela "busca destruir essa idéia do paciente por todos os meios": tudo é apreendido em seu *valor de face, manifesto*. A dimensão de fantasia nem por um instante é percebida. Ela acha que os argumentos dele têm uma "feição extraordinária", "não são absolutamente sérios" e apresentam "uma mistura espantosa de fantasia e realidade". *No entanto, essa mistura é a marca indiscutível da fantasia do obsessivo.*

A reação do Homem dos lobos nada tem de psicótica; ele tem sonhos nos quais a evidência do cômico escapa ao terapeuta⁴². Por seus sonhos, ele lhe diz claramente que é estúpido que uma mulher se conduza como um homem. O Homem dos lobos não é sério como seria um paranóico. Quando afirma que todos os médicos lhe são hostis, não há nada de paranóico; ele fala a ela da *hostilidade dela*. Não está excluído que ele tenha, simultaneamente, reivindicado dos médicos uma compensação da carência da função paterna. Quando era muito jovem, não tinha ouvido sua mãe dirigir sua queixa aos médicos? Essa queixa significava que ela esperava alguma coisa de um homem, que ela não era *toda*.

Se, apesar de tudo, a análise com R. McBrunswick foi benéfica, foi provavelmente graças a uma ausência total de sedução de sua parte.

Em 1914, o sonho é, para Freud, o equivalente de uma lembrança⁴³. Se ele não diferencia realidade e fantasia, é porque não há que diferenciar

⁴² Esses sonhos não dissimulavam sua ironia: uma mulher usa calças e botas, seu pai tem um nariz comprido e ganchudo – como o de R. McB. –, essa mulher é um homem, essa mãe, um pai. Ele se lança a seus pés. Uma mulher analista está vestida como um pajem, com calças de veludo azul e um chapéu de três pontas. Uma grande mulher gorda e pesada está separada dos lobos por uma parede. Ela vai passar para o outro lado...

⁴³ S. Freud, "Remémoration, répétition et élaboration", em *La Technique psychanalytique*, trad. do alemão por A. Berman, Paris, PUF, 1972, pp. 105-115.

entre presença ou ausência da cena primitiva. Ela é e não é; ela é a categoria mesma do simbólico. Acontece o mesmo com respeito à castração nessa "cena". É claro que Serguei busca conceitualizar a castração simbólica. O pênis está ausente e presente. A mãe é castrada e não castrada.

O obsessivo levanta essencialmente a questão do simbólico. Todos os seus sintomas giram em torno dessa categoria. Atropelei alguém ou não? Fiz um filho ou não? Machuquei ou não? Tenho tal doença ou não? A realidade do que ele teme é possível, ainda que incerta. Nesse sentido, *a cena primitiva é estruturada como um sintoma obsessivo* – assim como pode ser uma interpretação de sonho ou uma lembrança. Essa simbolização problemática foi retomada por M. Safouan a propósito do jogo do *fort-da*⁴⁴ que Freud analisou em 1920⁴⁵.

A fantasia de Serguei, como toda fantasia de obsessivo, é auto-sádica; ser espancado no pênis.

O sadismo dos obsessivos é, antes de tudo, uma tentativa de *fazer um furo num cheio demais de presença*. Um recalque ocorreu. Se se pode dizer que a passagem da representação ao representante da representação é apagamento⁴⁶, houve, no obsessivo, *apagamento do apagamento*. A "alucinação" do Homem dos lobos surge no ponto onde falta a representação da ausência. Sua visão não é visão da falta de dedo, mas visão de um dedo que falta ali onde é esperado. Ele não é visível, mas não foi destruído. Esse escamoteamento do dedo ocorreu quando sua Nania estava a seu lado. Ela também tem tendência a negar a falta radical, já que se ocupa de um menino que substitui aquele que ela perdeu. *Essa forclusão não está do lado do Outro?* Não pode ela, além do mais, se articular com o recalque?

⁴⁴ "O que ainda faltava à criança e que constitui o passo dado no jogo era o isolamento ou a abstração desse furo como o lugar onde tudo pode ser engolido; tudo, inclusive ela mesma [...]. O que ela conquista é [...] a representação da representação como tal", em M. Safouan, *L'Échec du principe de plaisir*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1979.

⁴⁵ S. Freud, "Au-delà du principe du plaisir", em *Essais de psychanalyse*, sem tradutor, ob. cit.

⁴⁶ J. Lacan, *L'Éthique de la psychanalyse*, ob. cit., lição de 9 de dezembro de 1959; e J. Lacan, "L'identification", inédito, lição de 10 de janeiro de 1962.

Com o Homem dos lobos, não estamos lidando com uma homossexualidade delirante como a do Presidente Schreber⁴⁷ ou com uma tendência à perversão como na estrutura de Leonardo da Vinci, mas com um *temor homossexual inconsciente*. Ali onde Schreber é empurrado a encarnar a mulher da qual Deus poderia gozar, Serguei produz um *traço* que o garante e o impede de gozar *no lugar* da mãe, ainda que algo, irresistivelmente, o empurre para esse lugar. "Fiz notar acima que eu reconhecia nesse paciente uma tendência a rebaixar o objeto amado"⁴⁸. Com efeito, há nele atração compulsiva pela posse do objeto como tal. O Homem dos lobos nada tem de místico, mas a vontade sadeana também lhe falta.

"Graças a um violento empuxo de seu instinto para a mulher, nosso doente havia então conquistado sua plena virilidade". O que não o impedia de, "durante o tratamento", se queixar "de não poder suportar a mulher"⁴⁹. Esse rebaixamento do objeto de amor nada mais é que um *rebaixamento do objeto de gozo*, a mãe, para poder substituí-lo por uma mulher alcançável pelo desejo.

O *traço* permite ver a mãe castrada e objeto de gozo do pai, mesmo que o pai seja invalidado na fala materna.

O desejo do Outro é, em princípio, mediado pelo significante fálico, aquele que, precisamente, faz o obsessivo fugir. Ora, para que o desejo subsista, esse significante é necessário. Ele se encontra, pois, efetivamente, no sujeito, mas marcado com o selo da ambivalência nos sintomas e nas fantasias. Nos sintomas, portará a marca de um desejo perigoso e culpado (temor de ser contaminado).

O falo é onipresente sobretudo sob sua forma imaginária e, conseqüentemente, é um complemento *impossível* para realizar uma imagem de poder. O objeto está nas mãos do Outro, que o põe em perigo por uma ameaça permanente de destruição. Rebaixar o falo através do qual o Outro pode se apresentar é uma visada que opõe radicalmente o obsessivo à his-

⁴⁷ S. Freud, "Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa" (*dementia paranoïdes*) (Le Président Schreber)", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., pp. 263-324.

⁴⁸ S. Freud, "L'Homme aux loups", em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 397.

⁴⁹ Ibid., p. 417.

térica, que crê num Outro absoluto – seja um pai imaginário, um mestre, um professor ou a mulher para Dora⁵⁰. O falo degradado será referente de todo o mundo de objetos intercambiáveis do obsessivo.

Essa colocação dos objetos em função fálica na neurose obsessiva é enunciada conscientemente, ao passo que é recalcada na histeria, mas não deixa de permanecer desconhecida do sujeito, que não pode apreender suas conexões inconscientes. O obsessivo aponta com muito mais acuidade a falha do Outro, nesse ponto preciso em que o sujeito se esvazee. Felizmente, nunca encontrará o complemento necessário ao asseguramento de seu desejo, que ele busca no campo do ideal do eu: mesmo quando foi a criança-objeto de uma mãe que não soube “pensar a criança”, que ficou no amor do objeto e no ódio por sua singularidade. Nesse sentido, a asserção de Winnicott é, no mínimo, estranha: “O bebê se torna o seio (ou a mãe), o objeto é agora sujeito”. Ele continua: “Não vejo aí nenhuma moção pulsional”⁵¹. Ser o seio da mãe nessa idade precoce de jeito nenhum pode resultar de um ato volitivo por parte do *infans*; isso implicaria que ele tivesse advindo como sujeito. Mas Winnicott aqui se junta a Ferenczi. Tanto num como noutro, “o ponto de partida na clínica é um enfraquecimento do materno”⁵².

Do dito sadismo ao auto-sadismo

Freqüentemente se afirma que o sadismo é o conteúdo essencial da fantasia obsessiva. Há opiniões contrárias, como a de H. Ey, que definiu bem o obsessivo, esse “mestre absoluto de sua própria escravidão”, e os componentes de seu “sadismo fantasístico”: suas tendências permanecem “compulsivas [...], circunscrevem-se ao campo de luta ambíguo das *tendências*”, luta na qual os sistemas antagonistas *se esgotam e se anulam em circuito fechado* [...].

⁵⁰ S. Freud, “Fragment d’une analyse d’hystérie (Dora)”, em *Cinq psychanalyses*, ob. cit., pp. 1-91.

⁵¹ D. W. Winnicott, “La créativité et ses origines”, em *Jeu et réalité*, ob. cit., p. 111.

⁵² E. Gantheret, “L’impensable maternel et les fondements maternels du penser”, em *Nouvelle revue de psychanalyse*, n° 28, Liens, automne 1983, p. 21.

ele não intensifica [*pousse*] seu ato, ele o esmiúça [*compulse*]⁵³. Ey não hesita em falar de “verdadeiros desejos irresistíveis de *ações contidas*”⁵⁴.

Nunca tendo observado passagens ao ato sádico nos seus pacientes obsessivos – exceto voltados contra a própria pessoa, a “compulsão ao suicídio indireto”⁵⁵ –, Freud permaneceu prudente nessa questão. A fantasia de conteúdo sádico não tem nada a ver com uma pulsão de destruição cega.

O obsessivo não está no desmentido [*déni*]. Por outro lado, se “toda perversão é uma paixão”⁵⁶, o obsessivo não entra em procedimentos passionais, e o impossível que atinge seu objeto nunca lhe permitirá gozar dele. “É exatamente sobre esse ponto que recai o desmentido [*désaveu*] do perverso: não é uma *falta* que é causa do desejo, mas uma *presença* (o fetiche)”, segundo J. Clavreul, que prossegue: “a descoberta da diferença dos sexos é, pois, antes de tudo [...], a ocasião de uma reinterpretação relativa à *causa do desejo*” e, definitivamente, é essa *reinterpretação que não é feita pelo perverso*”⁵⁷.

Joyce McDougall, numa de suas obras particularmente fortes, na qual ela analisa o roteiro perverso e sua origem, mostra *a que o obsessivo escapou*. Propõe a feliz expressão “engano da castração”: “A fala materna é lembrada ou interpretada pelo paciente como hostil com relação ao pai, a seu sexo, ao mundo dos homens em geral [...], o pai se mostra cúmplice por sua retirada...”. Ela acrescenta: “tudo o que lhe acontece (ao sujeito) é função do seu desejo (dela, da mãe)”. O que permanece geral e próprio de toda neurose é que “para toda criança que esteja no estágio precoce de sua vida

⁵³ H. Ey e outros, *Manuel de psychiatrie*, ob. cit., pp. 495-499 (* grifo meu).

⁵⁴ Comparar com Freud: “Em particular, a pulsão de saber freqüentemente dá a impressão de poder substituir o sadismo no mecanismo da neurose obsessiva. No fundo, ela é apenas um *reberto sublimado*, intelectualizado da pulsão de domínio; sua recusa, sob a forma da dúvida, ocupa um amplo lugar no quadro da neurose obsessiva”, *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 196. * Grifo meu.

⁵⁵ “Uma outra compulsão foi menos fácil de elucidar [...] uma compulsão ao suicídio indireto [...] começa a correr em pleno calor de agosto, sem chapéu, na rua [...], a subir montanhas correndo...”, em S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 221.

⁵⁶ P. Aulagnier-Spaïrati, “Passion et perversion”, em *Le Désir et la Perversion*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1967, p. 77.

⁵⁷ J. Clavreul, “Le couple pervers”, ob. cit., p. 104 (* grifo meu).

psíquica, a psique responderá ao que a mãe, consciente ou inconscientemente, deseja para ela"⁵⁸.

Há duas formas de enunciados que devem ser distinguidas na fantasia obsessiva: "Mata a velha" ou "corta a tua garganta" e "alguém que tenha a possibilidade de bater, estrangular, socar..."⁵⁹. A fantasia apresenta uma dualidade fundamental: um sistema de representações e o que se encontra fora da representação.

Os roteiros são prevalentes na fenomenologia da fantasia.

Lidamos com três modos de aparição da "mesma coisa": o delírio constituído do paranóico, os roteiros *agidos* dos perversos e as fantasias dos neuróticos. A fantasia é o que, da perversão, se oferece ao recalque porque é constituído de uma cadeia de representações. A satisfação pulsional como tal seria essencialmente perversa.

Em 1915, Freud concebe o masoquismo em estreita relação com o sadismo⁶⁰. Esse par antagônico só pode ser uma frase gramatical; uma passagem do ativo para o passivo. O enodamento dos dois destinos pulsionais – inversão em seu contrário e retorno para a própria pessoa – é determinante: "Na relação fundamental da pulsão, é essencial o movimento pelo qual a flecha que parte na direção do alvo só preenche sua função ao realmente dele emanar para voltar para o sujeito"⁶¹. O Outro, de maneira trágica e inexorável, determina os atos do sujeito.

O sadismo atinge de imediato *um objeto estranho*, ou o corpo próprio. O *infans* se esforça para se tornar mestre de suas ações, de seus próprios membros⁶². O narcisismo implicado na satisfação auto-erótica da pulsão parcial é

⁵⁸ J. McDougall, "Scénarios suspendus: entre fantasme, délire et mort", em *Théâtre du Je*, Paris, Gallimard, 1982, pp. 225-240 e p. 231.

⁵⁹ Esse sermão de Lutero se dirigia a todas as boas consciências que se opunham aos anabatistas e aos paisanos. G. Dubal, "Des racines du pouvoir à son feu d'artifice", em *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, no 4, Paris, 1984, pp. 107-108.

⁶⁰ S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions", em *Métapsychologie*, ob. cit.

⁶¹ J. Lacan, *Les Quatre Concepts...*, ob. cit., p. 187 [Tradução brasileira: p. 195].

⁶² O sadismo "logo se dirige para um objeto exterior; no entanto, não seria absurdo [...] construí-lo através dos esforços da criança que quer se tornar mestre de seus próprios membros [...]. Então, deve-se dizer que o estágio preliminar da pulsão [...] é uma formação narcísica [...]. O primeiro objetivo que reconhecemos é incorporar ou devorar [...]. O ódio, enquanto relação com o objeto, é mais antigo que o amor", S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions", em *Métapsychologie*, ob. cit., pp. 30-32.

patente na criança. A precedência do sadismo se origina num tempo lógico originário, mas, nesse estágio, não implica ainda nenhum gozo. Se, no movimento de retorno da pulsão para o corpo próprio, há abandono do objeto, o retorno para o objeto narcísico é geralmente trocado, por identificação, por um outro objeto, estranho; uma pessoa estranha ocupa o lugar do sujeito, o qual, identificado com o objeto perdido, doravante está em busca do gozo, ele mesmo portador de uma parte de gozo Outro.

Portanto, o sadismo *originário* não implica o gozo da dor do outro. Em contrapartida, o masoquismo introduz a dimensão de gozo para o sujeito. Gozar da dor do outro no sadismo supõe um tempo prévio de identificação masoquista com o objeto que sofrerá a crueldade infligida. O sadismo consiste doravante numa atividade que tenta expulsar do organismo um componente destrutivo que visa o objeto. Essa expulsão prefigura o lugar do objeto como falta e causa do desejo: o objeto perdido, a parte para sempre perdida do sujeito, "parte da morte no vivo sexuado"⁶³.

O masoquismo, não podendo ser considerado como um simples retorno do sadismo contra o eu, mas como um momento no qual "o sujeito é tomado como termo, como ponto de chegada da pulsão"⁶⁴, seria o refúgio de uma satisfação pulsional fora do alcance do Outro. Um bastião do gozo completamente inacessível, na medida em que a violência que o sujeito se inflige, inicialmente a título de domínio, é feita apenas para um terceiro⁶⁵.

Com a pulsão de morte, o gozo masoquista desarruma a ordem *princípio de prazer – princípio de realidade*. O significante mortifica: tal é o sentido de uma pulsão de morte em sua "mistura" com a sexualidade.

A neurose é, sem dúvida nenhuma, uma resposta ao masoquismo. A necessidade de punição – já que é isso que está em questão – se opõe a toda idéia de cura, de uma aliança confusa entre satisfação e gozo.

Com exceção da melancolia, a neurose obsessiva é, de todas as afecções neuróticas, aquela em que o sentimento de culpa pode ser gritantemente consciente. O eu se defende porque percebe a inquietante estranheza: o temor obsedante de que aconteça algo terrível e a suspensão do impulso

⁶³ J. Lacan, *ob. cit.*, p. 187 [Tradução brasileira: p. 195].

⁶⁴ *Ibid.*, p. 167 [Tradução brasileira: p. 173].

⁶⁵ *Ibid.*

para fazer qualquer coisa que, desviando a tormenta, protegesse do impossível. O *moi*, como "o desejo, é uma defesa, uma proibição de ultrapassar um limite no gozo"⁶⁶. O obsessivo se congela e anula seu desejo sob o imperativo tirânico do Outro. Mortificando-se, tal como os coleópteros, para evitar o perigo, ele sonha tornar impossível o esvaecimento do sujeito e afastar a morte graças ao pensamento mágico.

Na culpa neurótica, a expressão de um "modo masoquista de vida"⁶⁷ é um procedimento estratégico para realizar um compromisso com o supereu, convocando o pai-possível, árbitro do amor, para tratar o desejo e o gozo.

"As crianças que são energicamente espancadas não se tornam masoquistas"⁶⁸, diz Freud em 1907. Joachim cita o caso de um menino de quatro anos que esperava ser espancado por seu pai; "quando (o pai) se aproximou dele, teve uma sensação de prazer e urinou. Por fim, ele não foi espancado e então teve a sensação de que uma tensão não havia sido aliviada"⁶⁹.

O lugar do significante é tão determinante que o conjunto dos psicanalistas de Viena cria uma entidade clínica nova, o masoquismo verbal. A necessidade de punição então encontra sua formulação⁷⁰.

Nesse ponto a dor desempenha um papel central. Em março de 1910, Freud diz que não apreende a essência dela! Posição que ele mantém em 1915⁷¹. Paradoxalmente, no mesmo momento, essa dor é associada ao gozo e se torna gozo da dor⁷².

⁶⁶ J. Lacan, "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", em *Écrits*, ob. cit., p. 825.

⁶⁷ S. Freud, "Dostoiévski et le parricide", trad. do alemão por J.-B. Pontalis, em *Résultats d'idées, problèmes*, II (1921-1938), ob. cit., pp. 161-179.

⁶⁸ *Les premiers psychanalystes. Minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, 4 volumes, tomo 1, 1906-1908, Paris, Gallimard, 1976, sessão de 13 de fevereiro de 1907, p. 136.

⁶⁹ *Ibid.*, tomo 2, 1908-1910, Paris, Gallimard, 1978, sessão de 11 de novembro de 1908, p. 53.

⁷⁰ *Ibid.*, tomo 4, 1912-1918, Paris, Gallimard, 1983, sessão de 13 de novembro de 1912, p. 144.

⁷¹ "O caso da dor é muitíssimo pouco elucidado para que possa servir de alguma forma a nosso propósito", S. Freud, "Le refoulement", em *Métopsychoanalyse*, ob. cit., 1972, p. 46. Deve-se destacar que, já no *Projeto*, Freud havia definido a dor como o que é criado pelo objeto inimigo — que é um dos nomes da Coisa. Essa dor, referida à Coisa, é diferenciada por Freud do desprazer, sendo este último apenas secundário. Já estamos, com o *Projeto*, para além do princípio de prazer.

⁷² S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions", em *Métopsychoanalyse*, ob. cit.

Na neurose obsessiva, o masoquismo moral dá às compulsões sua coloração dolorosa. O sujeito se recusa a integrar como seu um gozo que o ultrapassa. Isso não implica um "dejo de sofrer" ou um "prazer de sofrer"⁷³. O kleinismo pára aí, considerando como passivo o masoquismo e como ativo o sadismo. É preciso não confundir pulsão e objetivo. A pulsão é *dinâmica*.

Na neurose obsessiva, o "sadismo se volta para o próprio eu"⁷⁴. Se o masoquista toma posição diante do Outro fazendo-se para ele objeto de gozo, o obsessivo se proíbe qualquer gozo. *Seu gozo está nessa própria proibição*. Ele não será *nem sádico nem masoquista*, ou ainda: um *e outro*. Ele busca e visa o sujeito – ele mesmo – para ne¹z desmascarar o objeto – ele mesmo –, possível causa do gozo do Outro⁷⁵.

Os *temores de ser homossexual* em geral são mal compreendidos na neurose obsessiva, porque são confundidos com as *tendências homossexuais* – o que é muito diferente. Embora os temores homossexuais seja dirigidos para o pai, devem ser entendidos como uma tentativa de reconciliação com ele.

A sexualidade não tinha mesmo lugar no discurso de R. V. Somente após cinco anos de análise ele pôde começar a falar disso, mas para, num primeiro tempo, expulsá-la de sua mente e derivar para uma banalidade qualquer. Ele tomava para si todos os males de sua família, que, segundo seus dizeres, era perfeita. Seu discurso estava permanentemente salpicado de *erros*. Dos primeiros erros de ortografia aos acidentes de carro posteriores, a pulsão de destruição devastava seu próprio eu.

Apenas a moral era fortemente investida e sexualizada, perfeitamente inconsciente.

Como Tolstoi, que, ávido de pobreza e de miséria, abandona todos os seus bens para morrer na maior indigência, ou como o herói de *L'Arrangement* de Kazan, R. V. havia encontrado exatamente tudo o que podia opor-se aos ideais de sua família burguesa. Vestido da mais negligên-

⁷³ A pulsão é sempre ativa; apenas o objetivo é passivo.

⁷⁴ S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions", em *Métopsychoanalyse*, ob. cit., p. 26.

⁷⁵ J. Lacan, "Kant avec Sade", em *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 778.

te maneira – contra o traje-engravatado de papai –, sujo – contra os hábitos maníacos de sua mãe –, grosseiro em sua fala – contra o bem-falar familiar –, inculto – todos eram diretores de empresa, médicos, farmacêuticos –, enfim, contra todos, alcoolista ocasional e desempregado. O cúmulo: sua primeira “namoradina”, que ele ousou levar à casa dele, era magrebina, muçulmana e morava num conjunto habitacional de subúrbio “não como-se-deve”.

Entretanto, não agredia *diretamente* ninguém.

Talvez melhor do que Sade, Klossowski soube mostrar o lugar do gozo da alteridade do corpo na perversão⁷⁶. O gozo do carrasco sadeano se situa menos numa descarga final do que no momento da tortura, no qual o carrasco busca se situar no lugar da vítima e gozar de seu corpo – mais no sentido subjetivo do que no sentido objetivo. O ato sádico se apóia numa fantasia masoquista. O que experimenta esse corpo do qual se goza a golpes de significantes ou de chicote? O corpo também pode gozar da marca do chicote ou do insulto? Não é o caso do procedimento obsessivo, que só exprime sua agressividade relativamente a “essa forma de aparição do Outro [...] enquanto pode se apresentar como *falo* [...], golpeá-lo no plano *imagindrio* é a via escolhida pelo obsessivo para [...] restituir ao desejo sua primazia, ao preço de uma degradação do *Outro* [...] não destruição do desejo do Outro, mas *rejeição de seus signos*”⁷⁷.

Lembremos, para evitar o mal-entendido corrente, que *não se trata* de agredir o *outro*, o *semelhante*. Trata-se de uma relação com o Outro, que *não existe*.

Nos casos que nos ocupam, não se trata da agressividade de que Lacan fala a propósito do estádio do espelho e da imagem insuportável que arrebatava o sujeito de si mesmo⁷⁸.

⁷⁶ P. Klossowski, *Sade mon prochain*, precedido de *Le Philosophe scélérat*, Paris, Seuil, 1967.

⁷⁷ J. Lacan, *Le Transfert*, ob. cit., pp. 290-291 [Tradução brasileira: *A transferência*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992, pp. 244-245].

⁷⁸ J. Lacan, “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique”, em *Écrits*, ob. cit., pp. 93-100.

Através da série de seus substitutos, a libido de objeto do obsessivo está *em busca do eu perdido*, daquilo a que lhe foi pedido que renunciasse: o que, desde antes de seu nascimento, era marcado com o signo do sacrifício. Em 1920, Freud nos põe no caminho de uma *conquista sobre a cegueira*.

O obsessivo não aceita o erro que tomou para si; continua a fazer o objeto perdido sofrer, objeto ao qual se identificou em sua escolha de objeto narcísica. Esse mecanismo pode chegar até a melancolia, na qual se produz uma desintrincação profunda das pulsões de vida e de morte. O eu toma o erro para si e sofre a punição do supereu, por vezes sob as mais extremas formas, chegando até mesmo ao suicídio⁷⁹.

Jean Laplanche se interessou pela regressão ao segundo tempo da fantasia "uma criança é espancada", tempo auto-sádico. No estudo que dedica ao texto freudiano de 1919, fala de "masoquismo refletido": "A fantasia consciente 'espanca-se uma criança' não poderia ser dita nem sádica nem masoquista *no sentido da perversão*. Fantasia sadomasoquista, ela faz parte do 'masoquismo refletido', que também pode ser dito 'sadismo refletido'⁸⁰.

Por que esse ódio encarniçado do sujeito contra ele mesmo? O sentimento de culpa se reanima a cada oportunidade.

Embora seus conflitos sejam mais profundamente enterrados que os das histéricas, os obsessivos tentam utilizar os objetos próprios para resolvê-los ou aliviá-los. As histéricas, ao temerem a castração ou a perda de amor, tentam influenciar seu entorno diretamente. O obsessivo teme mais a perda de proteção por parte de seu próprio supereu; tem medo de ter que desprezar-se. Daí, pouco importa o que é feito ou dito pelos objetos; ele interpreta tudo como perdões ou acusações.

Algumas vezes, o sujeito simplesmente tenta obter dos objetos sinais de simpatia. Outras vezes, espera das outras pessoas que façam o que não ousa fazer, ou, ao contrário, que não façam o que ele não ousa fazer. Entre os cinco tipos de resistência que temos que combater na análise, a do supereu,

⁷⁹ Ver, a esse propósito, o trabalho essencial de M.-C. Lambotte, *Le discours mélancolique*, Paris, Anthropos, 1993, sobretudo as segunda e terceira partes [Tradução brasileira: *O discurso melancólico*, Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 1997].

⁸⁰ J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, Paris, Flammarion, col. Champs, 1977, p. 156.

no obsessivo, é a mais obscura; a mais difícil de vencer, na medida em que tem sua raiz na necessidade de punição, opondo-se a todo êxito, compreendido aí o da cura psicanalítica.

As práticas homossexuais manifestas podem estar presentes em qualquer neurótico⁸¹. Sonhar ser um perverso pode ser desejar a existência de um parceiro cujo desejo não cause angústia, assegurar-se de um gozo não contaminado pelo desejo do Outro. Nesse sentido, a neurose se mostra como a verdade da perversão.

Uma de nossas pacientes só podia abordar um homem se não apenas fosse estrangeiro, mas, mais ainda, se um signo exterior o provasse – cor da pele, cabelos, forma dos olhos. A marca de uma grande riqueza também podia fazê-la sonhar; ela era oriunda de um meio extremamente modesto.

O complemento de uma perversão *sonhada* supre a impotência do sujeito de se juntar a sua parceira pela mediação do objeto falicizado. Essa disposição do gozo convém especialmente ao obsessivo, levando em conta a especificidade e o lugar da função fálica em sua fantasia. Lacan lembra o artifício imaginado por um obsessivo que tinha se tornado impotente para restituir a sua amante o valor fálico: que ela deitasse com outro homem⁸². De jeito nenhum esse roteiro autentica uma homossexualidade latente na qual o ciúme seria o alimento do desejo. Ele evidencia o lugar do parceiro como objeto de troca, como sendo *não todo* dele. *Os obsessivos são falsos perversos*.

Nos anos 1950, Maurice Bouvet ilustrou essa posição com numerosos exemplos. Os que ele produziu atestam a docilidade do obsessivo em relação a uma técnica de direção da cura psicanalítica que favoreça e positivize os traços homossexuais na transferência⁸³. Supondo o sujeito "trancado na

⁸¹ "Voltando à fantasia, digamos que o perverso imagina ser o Outro para garantir seu gozo, e que é isso que o neurótico revela, ao se imaginar perverso: ele, para se assegurar do Outro", J. Lacan, *Écrits*, ob. cit., pp. 824-825.

⁸² J. Lacan, "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., p. 631.

⁸³ M. Bouvet, "Importance de l'aspect homosexuel du transfert dans le traitement de quatre cas de névrose obsessionnelle masculine" em *La Relation d'objet*, ob. cit., pp. 13-48.

“jaula de seu narcisismo” e, pois, dotado de uma “fraca corrente de libido objetal”, assistimos ao surgimento de fantasias homossexuais que têm como função, segundo Bouvet, abrir um acesso ao outro através de uma “identificação viril”. Essas fantasias homossexuais com relação ao analista se manifestam notadamente quando são precedidas de pensamentos agressivos. O que Bouvet traduz em termos de rivalidade imaginária com o objeto de identificação também não deixa de ser revelador da angústia que o Outro inspira por não ser semelhante. A técnica que consiste, para o analista, em encarnar *no real* o peso e a medida da “boa” relação com o objeto, tornando-se o significante fálico em pessoa, é a melhor condição para que se efetue um *acting-out* perverso.

O temor de ser homossexual se desenvolveu numa paciente que veio se consultar essencialmente por esse sintoma.

Nas primeiras sessões, R. L. evoca uma violação sofrida quando tinha seis anos. Esse acontecimento havia sido esquecido até a adolescência. Com onze anos, novamente foi seduzida por um “amigo da família”, cujas carícias ela aceitou. Vem-lhe então a idéia de que é uma prostituta. Acrescenta que teme que tenham “deixado alguma coisa dentro dela”. Tem quinze anos quando um de seus primos insiste que aceite ter relações sexuais com ele. Ela aceita carícias anais, “mas não aconteceu nada além disso”. O caráter de objeto entregue ao gozo do Outro é impressionante: ela se “deixa fazer”.

Relaciona-se muito intimamente com amigas para quem escreve e envia poemas. O temor de ser homossexual se declara subseqüentemente a um encontro fortuito com uma antiga amiga, “louca”. Da parte dela sofre o que chama de “uma verdadeira perseguição sexual”. Beijos, carícias. Experimenta um misto de nojo e curiosidade. Ela não buscava isso. Seu ódio com relação a essa amiga, a vontade de eliminá-la provocam a ruptura. É então que decide consultar-se, buscando saber se o temor de ser homossexual era justificado ou não.

Ela tem uma irmã mais velha. Na família, é um modelo para todos, apesar de seus modos, que sua mãe acha “masculinos”. Frequentemente ajuda seu pai no ateliê dele; não hesita em realizar pesadas tarefas. Nunca usa vestidos: “Tenho a sensação de estar nua ou de ser um travesti”.

O pai é um homem austero, "sua vida é pautada como o papel de música". Por vezes é severo, tem "princípios muito estritos" e "censura tudo o que é tingido de erotismo ou evoca a sexualidade". Segundo ele, se alguém se tranca em algum lugar ou se fecha a porta de seu quarto, é para fazer "porcarias". Afora esses "caprichos", a vida de seus filhos pouco o interessa.

A mãe faz pouco de todo mundo e critica tudo. Um mundo injusto que nunca lhe permitiu alcançar seus desejos e um marido incapaz de conduzi-la a eles. Sua irmã era homossexual. Ela não quer saber nada da sexualidade de seus filhos e, sobretudo, não quer vê-la se exprimir — assim participaria um pouco disso. Finge que se submete aos princípios do pai, seu esposo, ao mesmo tempo transgredindo-os.

Um incidente vai fazer nascer o temor e os diversos sintomas de R. L.: um beijo de sua mãe, na boca, "de língua". "Ela queria saber como eu beijaria meu namorado, quando tivesse um". Para a jovem, o gozo se enoda com uma experiência real: um beijo ao qual não pode se furtar, que a ultrapassa e que ela não pode confessar a ninguém de seu entorno.

Por um breve instante, para a mãe, a falta faltou. Numa passagem ao ato e numa trágica confusão, ela identifica sua filha ao objeto de seu desejo. Curto-circuito do real e do imaginário.

R. L. vai resolver sua angústia forjando para si uma fantasia: teme ser homossexual. Ela diz o seu medo: ser o objeto do desejo da mãe, o falo. Temor? Desejo? Colocação em ato de seu imaginário?

A jovem tenta então uma identificação paterna. Adota suas maneiras, seus ideais, que ela diz que são "machos", seus traços de caráter. Apenas a linhagem paterna a interessa. Quer conservar seu nome.

O assédio da amiga havia provocado a revivescência do roteiro do beijo materno.

Real impossível de viver.

Lembremos um estranho paralelo: "Minha mãe me esmagou a boca com numerosos beijos apaixonados"⁸⁴.

⁸⁴ S. Freud, *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, ob. cit., p. 97.

SupORTE para uma identificação

A neurose obsessiva, repartida igualmente entre homens e mulheres, por causa de sua relação com a castração, com a mãe e com a lei, *feminiliza*.

Não há representação psíquica da oposição masculino-feminino. Homem, mulher são significantes⁸⁵. A identificação é negócio de inscrição do lado homem ou do lado mulher.

O destino da criança dependerá de sua identificação. Na oportunidade do registro de nascimento no cartório, ser inscrito homem ou mulher, receber um nome e um sobrenome é receber a marca de significantes, mas não necessariamente a garantia de uma vida num "seguir adiante conforme ao gênio de seu sexo", segundo a expressão de Françoise Dolto. Não se nasce homem ou mulher, tornamo-nos. Durante milênios, uma mitologia sexista prescreveu o que devia ser o homem ou o que devia ser a mulher. Mas fomos forçados a reconhecer a inadequação do pensamento ao sexo. Definir o que é homem ou o que é mulher é *impossível*.

O que importa não é afirmar a primazia de tal ou qual órgão, masculino ou feminino, mas sim, dando lugar ao desejo, articular o corpo sexuado e sua identificação. A sexualidade está inteiramente tomada na retroação de uma determinação simbólica. Com a universalidade da castração como via única de "normalização" sexual, Freud manteve, contra ventos e tempestades, a *prevalência da ordem simbólica*.

Na neurose obsessiva, um único enunciado parece possível: "Ela (a mãe) não deve tê-lo (o objeto)". Em outras palavras, e por deslocamento: "Ela não deve *me* ter". Tocamos aqui num ponto delicado, que pôde evocar em certos autores um parentesco entre neurose obsessiva e psicose paranóica, apoiando-se no enunciado: "ela quer me ter". A distância enunciativa é suficientemente clara para permitir apreender a diferença.

Na neurose obsessiva, há toda razão para pensar que houve *forçamento de identificação*. A criança não se identificou com a falta da mãe. Em

⁸⁵ J. Lacan, "Os homens, as mulheres e as crianças não são mais do que significantes", *Encore*, ob. cit., p. 34 [Tradução brasileira: *Mais, ainda*, Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 46].

contrapartida, a mãe a identificou ao que não tem e a colocou no lugar de uma falta instituída pela lei do simbólico⁸⁶. *Ela assim põe seu filho em falta de identificação simbólica*. Daí que a função do ideal do eu no filho só poderá ser falha.

Em suas fantasias, o sujeito usa a máscara de um semelhante em posição fálica, alguém que tem o "prestígio" de ser *mais* que ele, que tem o "poder". A máscara oferecerá ao olhar uma imagem mais forte que a sua, uma *imagem* de onipotência; uma imagem capaz de sustentar a sua e revalorizar seu narcisismo. O fato de que o sujeito adquira um reflexo de si mesmo que não seja redutível ao lixo já é um grande passo no trabalho analítico.

A imagem de onipotência era *a da mãe*. Essa *máscara* não deixará de seduzir a parceira de eleição, a histérica, cuja busca é exatamente essa e que não perceberá o *engodo*.

A identificação imaginária com o semelhante é o meio pelo qual o obsessivo, bem ou mal, equilibra sua economia desejante. Não nos identificamos jamais a não ser com aquele ou aquela que acede à demanda.

Relatarei aqui apenas um extrato da análise daquele que se nomeou como *o-homem-da-mãe*.

Rick tem vinte e cinco anos quando vem se consultar a conselho de um amigo. Hesitante, temeroso, de jaqueta no ombro, exhibe uma descontração que desmente a prudência de sua aproximação.

Quando o recebo, noto que ela *dá* uma mão inerte, inconsistente. O rosto de tonalidade opaca mostra uma virilidade sublinhada por traços marcados, nítidos; a barba incipiente foi feita na véspera, os cabelos são abundantes, castanho bem escuro e soltos; o corpo delgado parece frágil; está encurvado a ponto de parecer pequeno, embora sensivelmente ultrapasse a média de altura. O andar é lento, como que *pensado*, calculado, tornado mais pesado por botas de couro cru preto — evoca o dos heróis de *Westerns* de nossa infância, prontos para o último duelo.

⁸⁶ "Para esse gozo que ela é não-toda [...] que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse *a* que será seu filho", J. Lacan, *Encore*, ob. cit., p. 36 [Tradução brasileira: p. 49].

Na primeira entrevista, diz qual é o objeto de seu tormento: ejaculação precoce e ereções na maioria das vezes imperfeitas. "Não consigo *ir até o fim*". "Não consigo *penetrar* minha esposa, fico tenso demais". Para se "acalmar", fuma regularmente maconha – o que "não muda nada na coisa", constata ele, "mas *durmo melhor*". Disfarço um sorriso, que no entanto ele percebe. Apenas o rubor da face e o olhar que foge me dizem que ele ouviu alguma coisa.

Há cinco anos vive com sua companheira C., mulher jovem oriunda de uma família que vive muito confortavelmente, ao contrário dele. Ela "compreende" seu problema e não formula a menor exigência sexual em relação a ele. Não lhe pede nada. "Isso não me ajuda", ele precisa. No entanto, com ela, gostaria de "construir uma família, uma verdadeira família".

A senhorita C. parece demonstrar muita paciência e, embora por vezes surja um conflito, ele é, diz ele, o principal responsável, já que, após cada tentativa fracassada, se fecha num mutismo total, "rumina", busca razões para essa impotência e só dorme muito tarde ou muito cedo, pela manhã, esmagado por seu drama. Embora não suporte suas "ausências silenciosas", a senhorita C., curiosamente, não sofre com elas e "não insiste". Ele a apresenta a mim como uma moça moderna, que não gosta dos "machos" – é por isso que divide com ela todas as tarefas domésticas. Ela recebeu uma educação tal que seria inoportuno que tomasse qualquer iniciativa: "essas coisas devem permanecer íntimas e moderadas, ela não mostra que me deseja, permanece discreta". Mas mais tarde saberei que ela lhe reprova seus ensaios de música, suas partidas de tênis com um amigo, que ele volte tarde demais do trabalho, não cuide da casa, que esteja sempre lendo – sua grande paixão é a história dos índios da América, "condenados a ficar confinados depois de terem sido destruídos por pessoas ávidas de poder" – e que constantemente a deixe só. Em suma, ele é a base de todas as suas reivindicações.

Antes da senhorita C., conheceu uma jovem asiática, com a qual tudo corria perfeitamente. Ela era, diz ele, "muito feminina" e "não hesitava em *ficar por cima*", ter o "*papel ativo*", o que o excitava muito e provocava nele intensas ereções. Entretanto, havia uma sombra: ela tinha um filho do primeiro casamento. A união devia permanecer *clandestina*. Nenhum projeto

era possível. "*Minha mãe nunca teria aceitado isso*". Ele, então, a deixa pela senhorita C. "Era mais razoável". Entretanto, ele encontra a primeira regularmente, às escondidas, "na hora do *almoço*, mas não acontece nada, embora ela continue sendo muito desejável".

Tem três irmãs, todas mais velhas que ele. É o "banal filho mais novo". Os quatro são de pais diferentes. Todas elas conhecem o pai. Ele não.

Sua mãe ensinava "no contingente de cooperação"* . Após uma longa estada na Suíça, fez numerosas viagens pela África do Sul e do Norte, depois nas Antilhas. Deixava seus filhos na casa de uma de suas irmãs na França, mas arrastava seu filho com ela. "É uma mulher muito carnal", que tinha "necessidade de meus carinhos". Quando era criança, Rick era muito afetuoso: "Para ela, eu era muito bonito". Calmo, ele não manifestava a menor exigência, mas "sabia o que queria". O que, por exemplo? Surpreendido com a pergunta, Rick não se lembra de ter experimentado a menor necessidade: "Eu não tinha necessidade de pedir, *eu tinha tudo antecipadamente*".

A mãe de Rick sempre cumpriu seu dever para com seu filho. Todavia, há uma crítica, apenas evocada: Rick conta que sabe das circunstâncias que precederam seu nascimento. Sua mãe estava então casada com um homem de nacionalidade suíça. A união estava perturbada por múltiplas razões, que em grande parte ele ignora porque sua mãe lhe falou muito pouco sobre isso. Ela então, por vingança, engana seu marido, durante uma breve estada na França, com um homem que conhece numa praia, "controlador de navegação aérea". Dessa ligação clandestina nasce Rick, que o marido suíço não aceitará. Seu pai, casado, recusa-se categoricamente a ver o filho quando, sem avisar, a mãe o leva até ele alguns dias após seu nascimento, a fim de que ele o conhecesse. "Ele não quis receber minha mãe, *nem mesmo quis me olhar*".

Sua mãe o manteve no ódio por esse pai. Mas isso não era grave. Doravante, ela seria toda para seu filho, ele seria todo para ela. Frequentemente

* Alguns países têm um "contingente de cooperação", isto é, pessoas que trabalham em cooperação para o desenvolvimento econômico e cultural de países menos desenvolvidos. (NT)

temente ela lhe falava desse "homem reles, incapaz de assumir seus atos, que não tivera a coragem de ter suas opiniões...". A criança a seguia por todas as latitudes. *Os pais* não faltaram. "Duravam" dois anos, três no máximo, por vezes seis meses. De quem ele gostou mais foi o das Antilhas. Ele "durou" entre os quatro anos e meio e os sete anos de Rick.

Um dia, entretanto, o idílio que a mãe mantinha com Rick, Rick sobre o qual ela dizia que era "*o único homem para ela*", foi rompido de repente. Naquele dia, ele não tinha saído para encontrar seus amigos. Sua mãe pensava que estava sozinha. O adolescente surpreende uma conversa telefônica. Ela anunciava que ia se casar novamente... com o noivo de uma de suas filhas. "Roubava" aquele que deveria ser o esposo da "irmã maior". Rick tinha então dezesseis anos, seu futuro padrasto, vinte anos e sua mãe, quarenta e cinco. Ele viveu essa conversa telefônica como "o maior choque" de sua vida. Não aceitava o ato de sua mãe, que ela não tivesse dito nada a ele, que não tivesse falado com ele primeiro; não aceitava esse jovem tunisiano, mais para belo, mas violento. O noivo de sua irmã! Um "companheiro". Pior: um companheiro cujo irmão mais novo havia tentado seduzir Rick, o qual tinha vivido muito mal essa experiência homossexual que acabou rapidamente quando uma outra pessoa entrou na peça onde se desenrolava o que ele chama de sua "violação". O acontecimento divertiu muito todo esse pequeno mundo. Mas o telefonema deixou Rick "enfurecido".

A partir de então, seu ódio não teve limite e seu mutismo foi total quanto à mãe e a esse "homem jovem demais e maluco que lhe servia de marido".

Passam-se três anos; o novo casamento se rompe numa violência inaudita; Rick tinha que se interpor para defender sua mãe, que sofria sevícias corporais consideráveis.

De retorno à França, Rick nunca perdoou: "Ele era quase da minha idade; como eu ficava diante dos outros companheiros?". No divã, esse corpo bem talhado explode em soluços. Uma criancinha está ali, sacudida como uma marionete, tentando dizer seu desamparo. Ele se lembra. Tinha vergonha, não podia *dizer nada*. Sobretudo que estava com ciúme – e, com efeito, revela-se que o que estava em jogo não era dessa ordem. Depois, conta, desta vez, com um nítido prazer, como perturbava esse padrasto, provocando-o a ponto de chegarem às vias de fato, "de homem pra homem".

A propósito de homem, emergiu uma lembrança. Em torno dos onze ou doze anos, bem no princípio de seus anos de liceu perturbados por suas numerosas mudanças (*ele raramente ia até o fim de um ano escolar*), certa noite foi tomado pela vontade repentina e incontrolável de se vestir como menina. Em segredo. Olhou-se no espelho do armário de seu quarto. Estremecia com a idéia de que sua mãe entrasse e, ao mesmo tempo, desejava-o. Vestido de menina, será que ela o poria no colo como fazia toda noite e faria ainda agora se ele deixasse? Faria ela, pediria ela que lhe fizesse "os mesmos carinhos"? Ela não os pedia a suas filhas; "elas estavam em outro lugar, na França". Perguntei-lhe se naquele dia ele se maquiou. Não, botou as roupas para *ver a diferença* em relação a uma menina e, no mesmo movimento, apagá-la; as roupas de sua mãe; sua blusa, uma saia, seus sapatos. Ele queria ver suas irmãs, que ela deixava na França. "Ela me olhava [*regardait*] como a suas filhas, como a minhas irmãs. Quanto a mim, ela me guardava [*gardait*] com ela".

Rick não se resignava, não aceitava esse golpe do destino. Sentia-se humilhado; como *esses pais* de quem ela lhe falava. O exotismo o atraía – sempre distante. Ele exprimia o desejo de construir um lar – mas não o conhecia. Construir uma família "como a de minha companheira C., com um verdadeiro pai e uma verdadeira mãe. Os pais dela gostam de mim". Ele esperou cinco anos antes de se decidir a tentar sua "última chance": a análise... na clandestinidade.

Durante a cura psicanalítica, um conjunto de sintomas neuróticos apareceu: dificuldades em sua vida profissional (não suportava nenhum tipo de hierarquia), insônias, pesadelos, rituais. Tornava-se taciturno a ponto de criar uma "reputação de urso"; era distraído, durante o dia, por fantasias de conteúdo erótico nas quais figurava sempre sua companheira asiática, o que tinha a vantagem de "colocá-lo em forma" quando encontrava, de noite, sua companheira C. em casa.

Sua neurose estava acoplada a uma neurose de angústia, no sentido mais clássico do termo, marcada por uma insatisfação sexual e numerosas excitações superficiais, *pensamentos*, dizia ele. Apesar de seu desfalecimento no momento do ato, Rick continuamente construía – em vigília – fantasi-

as, situações eróticas com sua companheira asiática que se acompanhavam de ereções. Essa atividade *intelectual* só podia fazer supor uma neurose mais grave. A causa dessa impotência devia ser buscada num complexo de representações inconsciente cuja força de interdição, de inibição se manifestava no instante preciso do coito. Banalmente: uma *impotência psíquica*.

Essa impotência era determinada por processos mentais inconscientes com conteúdos ideativos bem definidos cujas raízes remontavam à primeira infância. O desejo sexual da criança havia se tornado tão impossível quanto impensável.

No início de sua cura psicanalítica, Rick não se lembrava de que tivesse acontecido algo que justificasse seu sintoma. Não observara nem experimentara nada de caráter sexual em relação a sua família ou ao seu entorno. Na sua infância, brincava muito, freqüentemente sozinho, adorava essas viagens com sua mãe e "quase não se ocupava dessas coisas". Apesar de sua experiência, um pouco mais tarde, com seu jovem "tio", nunca havia apresentado temores de ser homossexual como as que apareciam no seu discurso atual. Suas únicas perversões eram as que coloriam suas fantasias e lhe "serviam" para ter êxito, às vezes, em suas tentativas sexuais. Um gosto, confessava ele de bom grado, pelo exotismo: mulheres supostas "ficarem por cima", mulheres "de boas formas", fetichismo, se fosse preciso.

Por outro lado, Rick se queixava de um sentimento difuso de culpa. "Cada vez que acontece uma infelicidade a alguém, penso que é por culpa minha. Telefono todos os dias para minhas irmãs para ver se tudo vai bem". Ele tinha muito medo de não estar "à altura" em seu exercício profissional ou com seus amigos, sentia-se permanentemente obrigado a se "superar". Portanto, voltava para casa *já* esgotado. Temia ainda o julgamento, a crítica, o olhar do outro e tinha tanto medo do fracasso que, por tergiversar, ficava paralisado e não podia *ir até o fim*, "quebrado" em seu impulso. Sua insuficiência sexual o humilhava mais do que tudo.

O sentimento "imotivado" de culpa naturalmente evocava a existência de pensamentos realmente "culpáveis", profundamente recalçados. O trabalho analítico permitiu reunir o material ligado à dita culpa.

Nos seus sonhos, como nos roteiros diurnos, nunca experimentava a necessidade de dar um rosto ou um nome à mulher que imaginava. Esses devaneios o precipitavam num estado de excitação intensa, mas nunca se

representava no ato como tal. Seus pensamentos então passavam imediatamente para um outro sonho. "Voltava à terra", segundo sua expressão. A mulher para a qual seus pensamentos libidinais convergiam era assim tornada não conhecível. A ansiedade e depois a angústia eram reações defensivas em relação ao desejo proibido, inacessível portanto.

A mulher acéfala de seus devaneios só podia disfarçar algum próximo do paciente. Ante essa idéia, que lhe vem de forma negativa, foi tomado por um sobressalto de indignação. De novo lhe vem o dia em que, clandestinamente, ouvira sua mãe anunciar seu próximo casamento com esse muito jovem magrebino. Depois o ódio: "Ela escolheu meu companheiro. É como se tivesse me escolhido. É vergonhoso!". Ao ouvir o que repetia pela enésima vez, foi tomado por um imenso mal-estar, que o deixou emudecido. Traduz então esse silêncio na sessão seguinte: "Na última vez, não sei o que me aconteceu. Esqueci completamente o que havia dito na sessão. É como se eu tivesse bebido. Eu estava tão embaraçado, disso eu me lembro. Não, embaraçado não, angustiado. Muito angustiado. Eu falava de minha mãe. Agora ela está velha. Oh! não tanto assim! Na verdade, meu ódio é muito, muito forte, por causa do que ela me fez. Não sei a idade que você tem; minha mãe devia ter mais ou menos a sua idade quando aconteceu". Em seguida: "Fico sempre hiperangustiado quando imagino que poderia fazer amor com as mulheres... elas podem ser muito mais velhas que eu... nesse momento, não sei por que, acho todas belas. É muito cômodo. Amo todas elas. É terrível porque não ousa me aproximar de nenhuma delas. Eu me sentiria profundamente humilhado". Então me vem essa frase de Ibsen: "Odeio porque não posso amar".

Essa sessão foi retomada ao pé da letra – foi deixada discretamente de lado a dimensão transferencial. Rick pôde analisar o que se revelava aí de sua passividade, suas fantasias e seu ódio deslocados. Odiava sua mãe por pai, que ela desprezava e cuja imagem "arrastava consigo" através de seu filho? Odiava-a por não tê-lo deixado fazer seu caminho? Ou por não tê-lo escolhido? Julgava que esta última hipótese era infantil: "Há essa criança em mim, que jamais poderá dar lugar a um outro". Sublinhei a ambiguidade dessa afirmação. Odiava sua mãe por lhe ter "roubado aquele que poderia ter sido o melhor companheiro do mundo"? "Devo ter me sentido tra-

do. Mas o mais grave é que, através dele, *era de mim que ela se apoderava* e ela nem mesmo se deu conta! *Eu lhe servia em lugar de meu pai*. O que vai me acontecer? Será que posso sair daí?". Ocorreu-me responder-lhe: "Mas certamente, daqui a pouco". Imediatamente: "Sim. É pra você que digo isso. Decerto faço análise com você para...". Ele se interrompe. Vão lhe ser precisos perto de dois anos para voltar a essa frase, terminá-la e passar à escuta da transferência.

Rick voltou à sua pequena infância e a sua adolescência até o dia da lembrança-tela, repetida, *ruminada*: a conversa telefônica. Agora podia ter um outro olhar; e muito particularmente quanto ao que sua mãe lhe havia feito: "carinhos" demais. "*Ela não foi até o fim*". Eu: "O fim de quê?". Silêncio: "Ah! isso, os carinhos ela queria! Até hoje ela me pede. Me poria no colo, na minha idade, como antes; aqui, lá, *em outro lugar*... - Onde?". Silêncio.

"Ela me pôs em conserva. Me inundou. Me afogou e eu não sabia nadar!". Desta vez, a metáfora começava a se instalar. "É isso, eu era *o homem da mãe*". Ele ri nervosamente e se torna, naquele dia, muito agressivo. Ele me pede desculpas na sessão seguinte. Freud havia encontrado o argumento dos três cometas. O que eu ia encontrar? Foi ele quem respondeu: "Isso também se analisa". Ele tomou todo o seu tempo.

Para ela, *ele era tudo*. Quando ele ainda era uma criança, ela lhe contava, em detalhes, seus amores com seus *homens*, na manhã seguinte e por vezes na mesma noite, colocando-o no colo, como a mãe do homem dos lobos falava de seus sangramentos ao garotinho de quatro anos e meio. "Não havia segredo entre nós: o que ela experimentava sexualmente; como *os homens eram insatisfatórios*; todos os seus defeitos - *eles só tinham defeitos*; ela me dizia tudo o que se passava. Mas eu era pequeno demais!". Para o luxo de detalhes que ela lhe expunha sem o menor pudor. Com efeito. Havia por que temer quanto a suas próprias competências. "Com o tunisiano, foi a primeira vez que ela me escondeu alguma coisa. Ela nunca tinha feito isso, e agora eu estava grande, era adolescente; eu era grande! Antes eu era pequeno e, todas as noites, ela me contava! Me dou conta agora de que eu *era sua lixeira*!". Para bom entendedor... "Eu até me pergunto se ela me via quando falava. Ela teria visto que eu era pequeno! Não é possível contar tudo isso a uma criança! A *sua* criança. Pequenino, ficava

contente, eu estava com ela. Quanto a eles, eles sumiam, *rapidamente!* Eu ficava. Ela me guardava. Mas sempre saía, de noite. E me contava mais e mais. Mas, com onze anos, com quinze anos, eu era um homem! Será que ela se dava conta? Creio que ela não sabia. Para ela, sou ainda seu pequeno. *Para ela, nunca serei um homem.* Ela será sempre carnal, assim. Sei que nunca *existi* para ela... para ninguém... *inclusive para meu pai.* Às vezes ela me falava dele. Mas *eu era a coisa* dela. Seu gravador. Ela tinha necessidade de falar; de *destruí-los* como me destruiu também. E ela nem mesmo sabia O que é que ela queria, exatamente? Não me lembro, mas eu devia ter um medo danado! Sei que *ficava paralisado* com a idéia de que um dia poderia me acontecer a mesma coisa. — O que, por exemplo?". Novo silêncio.

Com efeito, o que havia a acrescentar? Tudo estava ali, exposto, desnudado.

A criança recebe suas primeiras impressões sexuais de seu meio imediato e essas impressões determinam sua escolha de objeto ulterior. Ao nascer o sentido moral, um primeiro recalque sobrevirá. Na puberdade, um segundo recalque se torna necessário.

Em Rick, esse segundo recalque foi reativado e marcado por uma "traição" que acarretou a eclosão da neurose. Ele não chega ao fim do ato sexual porque todas as mulheres haviam sido queimadas na fogueira do erro, no mesmo saco; toda mulher o remetia — inconscientemente — à sua mãe, para a qual todo homem só podia ser insatisfatório. Exceto o amante secreto com quem ela concebeu esse filho a quem ele negou até a existência. O controlador de navegação aérea, *pai anônimo de um filho anônimo.* Rick fumava maconha para "planar um pouco". Ali, *nas brumas, se encontrava com seu pai.*

Durante a análise, no momento em que, partindo em busca de seu pai, estava a ponto de entrar em contato com ele, Rick, ao voltar para casa, fica sabendo que sua companheira estava grávida; ele *ia ser pai.*

Até então, Rick não suportava sua mãe porque — à sua revelia — via nela não apenas a mãe, mas também a mulher carnal. A antipatia constituía, pois, a melhor das proteções e a extrema punição por ter *colaborado.* Essa fixação incestuosa não é excepcional. Quando foi identificada, Rick enfim pôde falar de seu pai.

Com o sujeito e o pai que advinham, a análise prosseguiu. De sua coisa, do falo, do objeto-de-amor-para-a-mãe, da transparência ele passava à consistência, a ser para uma mulher; homem, esposo, pai. Um pai que, por princípio edípico, ele havia deixado na sombra, já que havia admitido sem dizer palavra [*sans mot dire*] – sem maldizer [*sans maudire*] –, de uma vez por todas, a palavra da mãe: “Ele nem mesmo quis te olhar [*regarder*]”. Até ali, um pai não lhe dizia respeito [*ne le regardait pas*].

Em sua cama, escutando a narração das aventuras amorosas de sua mãe, Rick alimentava seus roteiros. O ato era consumado em pensamento. O papel trágico desempenhado por essa mãe se revelou durante o trabalho analítico, lentamente. As cenas que provocaram arrombamento pelo desprazer não foram recalcadas, mas isoladas de seu conteúdo afetivo. O isolamento dos desejos sexuais infantis só podia ter como efeito provocar “panes”.

A mãe de Rick pertencia, muito provavelmente, a essa categoria de pessoas aparentemente descuidadas, muito sensuais, que se recusam a ver os sinais de maturidade em seus filhos para preservar por longo tempo sua intimidade física com eles. O que se desenvolve consideravelmente hoje, de maneira mascarada, pelo aumento da monoparentalidade e em nome de idéias ditas “liberais”. Uma outra paciente ainda dava banho em seu filho de doze anos, “de alto a baixo”, tomando ducha com ele.

Para combater fantasias incestuosas, a criança havia transposto toda a sua sexualidade numa outra linguagem, tão banal e anódina quanto possível: era excelente em matemática. Nesse domínio, o *Je* não tinha que se exprimir. O caráter totalmente abstrato e desprovido de todo conteúdo sensual das matemáticas favorecia sua fuga diante da sexualidade consciente⁸⁷.

Uma historietta para fechar a exposição do caso Rick. Certo dia, ele me anunciou timidamente que não tinha dinheiro para pagar a sessão. Marquei meu espanto com uma expressão tingida de incredulidade. Ele nunca havia evocado qualquer falta de dinheiro. Ora, o banco acabava de

⁸⁷ Cf. S. Freud, “Actions compulsives et exercices religieux”, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 133-142.

lhe retirar seu talão de cheques e seu cartão de crédito. Ele havia deixado um *descoberto* considerável sem perceber. O fato me pareceu notável: *não podia pagar porque descobria*.

Rick não contava. Sua companheira C. não trabalhava; ele lhe dava as quantias que ela solicitava, sem nem mesmo olhar o estado de sua conta bancária. "Como minha mãe fazia comigo. Ela continua a me mandar dinheiro de quando em quando, embora eu não lhe peça nada. – Você aceita?". Silêncio. Segue-se a lembrança de sua educação "na religião e na generosidade". Nunca faltara dinheiro a sua mãe e ela freqüentemente fazia doações a instituições de caridade. Ela havia recomendado a seu filho "que sempre fosse generoso". E Rick era verdadeiramente "um bom filho". Ainda hoje obedecia a esse mandamento.

Da noite para o dia, tornou-se "cuidadoso". Incitou sua companheira, formada em magistério, a encontrar um emprego numa escola. Em menos de seis meses, sua conta foi posta em dia e equilibrada. Doravante ele sabia, "quase até os centavos", suas saídas, suas entradas e seu saldo em conta; o dinheiro, até então, tinha sido para ele "a coisa mais desprovida de valor, que o ser humano expulsa como dejetos"⁸⁸. Ao mesmo tempo que se torna cuidadoso, começa a sofrer de dores intestinais às quais teve que prestar a maior atenção...

A mãe coage a criança, busca fazê-la "engolir" o falo imaginário; é precisamente o que engendra os mecanismos de defesa próprios da neurose obsessiva. Rick engolia sua "podridão" fálica.

Para o obsessivo, "não tê-lo" é a forma sob a qual ele pode se afirmar como ser – não o falo a que ele foi *obrigado a se identificar* –, mas *ser*, apenas. Ser sujeito e desejante. O obsessivo criança é o falo de maneira consciente e fundamentalmente consentida. Depois ele o rejeitará violentamente.

Toda a dificuldade encontrada com uma tal neurose é que o sujeito substitui a si mesmo em sua função desejante. Ao final de seus procedi-

⁸⁸ S. Freud, "Caractère et érotisme anal", em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit.

mentos complicados, não é ele quem goza. Há substituição imaginária. Uma das satisfações que se apodera dele é buscar satisfazer o outro. Ele assim fica cego, em seu devotamento ao outro, quanto à sua própria insatisfação. Ser o falo, tão inconsciente quanto isso possa ser, com efeito e certamente seria muito satisfatório. Mas para quem, a não ser para a histérica, que de imediato se erige como falo, numa posição de mestria que ela pede ao outro que sustente, num desconhecimento total de seu próprio lugar? *Que o obsessivo seja um mestre, eis aí o sonho da histérica*. Na estrutura obsessiva, o falo não é uma representação do pênis erétil – como é imaginarizado na histeria ou na perversão –, mas um significante.

Se a criança é o falo para a mãe, ela não pode tê-lo. Em outras palavras: *ela não tem o direito de se servir dele*. Está aí, de resto, o valor fundamental da lei dita da proibição do incesto. Mas, por outro lado, ela só pode tê-lo, já que realizou sua identificação paterna; daí, não poderia sê-lo. Essa dissociação vai se exacerbar após a regressão, já que os dois momentos se superpõem sem poderem se eliminar como um *ou* outro; o que se concluirá: um *e* outro.

No nível simbólico mais radical, a dimensão do Édipo significa que a criança não é o falo. Tudo o que então podemos elaborar no caso dessa neurose corresponderá sempre à alternativa ou-ou, que introduz uma ordem no nível do objeto, que não se pode demandar. “Eu não tinha necessidade de pedir, *já estava lá*”.

O que está em jogo no momento intermediário essencial à compreensão do funcionamento da fantasia do sujeito? No outro, sua imagem, primeiro rival, visada da cólera e do castigo infligido pelo objeto amado, o sujeito se constitui. No segundo tempo, é ele quem é castigado. É no fato de se alienar, de se identificar ou de substituir a vítima, que consiste o passo decisivo de um gozo não pode consumir-se e no qual o sujeito é *se*. *Ele é se na fantasia: espanca-se uma criança*, puro instrumento de sua própria anulação; confrontado com uma criança acéfala, assexuada. Sendo seu desejo reduzido a seus sintomas, o gozo é sem limite: $J \Phi > \infty$ (JA).

Rick, chegando ao “O que ela quer de mim?”, colocava seu desejo fora de alguém íntimo de quem ele se separava. O desejo do Outro se tornava para ele não conhecido; nesse ponto de falta, ele agora podia constituir seu

próprio desejo⁸⁹. Até então, só podia se manifestar como sujeito num *fading*. Tinha, pois, que "se libertar desse efeito afanísico"⁹⁰.

A atitude de Rick, que se ocupava com calcular o menor de seus gestos, podia fazer pensar que ele não era natural. Por que ficaríamos incomodados pelo que pode aparecer como uma "falta de naturalidade" do obsessivo? Existiria uma norma em matéria de "naturalidade"?

A histérica se empenha em destruir o desejo do outro e se vê totalmente incapaz de desejar se o outro não exprimir um desejo que seja suporte do seu⁹¹; ela só pode desejar o objeto do desejo do outro, o que desencadeará uma agressividade sem limite com relação ao semelhante que "lhe esconde coisas" – observamos isso quotidianamente no casal obsessivo-histérica. Quanto ao obsessivo, ele busca destruir o desejo do Outro, *ou seja, seu próprio desejo*, desejo do que o conduz, lhe ordena, o destrói, mas também o faz ser. Nesse ponto, a diferença entre essas duas neuroses é radical.

Esse processo de destruição de seu próprio desejo no obsessivo se desvela bem particularmente nas relações conjugais. No caso de uma outra paciente, Annie, era claro que quanto mais seu esposo a desejava, menos ela o desejava – até o fiasco total. Quanto mais se aproximava dela, mais ela se sentia "desprezível", mais a angústia a invadia. Para Rick, em contrapartida, a expressão do desejo de uma parceira *ilegal* ativava o seu e ele podia *fazer*

⁸⁹ Cf. J. Lacan, *Les Quatre Concepts...*, ob. cit., p. 199 [Tradução brasileira: p. 207].

⁹⁰ *Ibid.*, p. 200 [Tradução brasileira: p. 208].

⁹¹ Um dia, aconteceu-me ter que sugerir a uma mãe, confusa por múltiplas razões, que mandasse seus dois filhos para uma colônia de férias *separadamente*. Ela teve um sobressalto de indignação. "Não posso mandar meu filho para um lado e minha filha para outro. Eles sempre estão juntos. Se meu filho estiver distante, sua irmã vai se entediar terrivelmente. Quando ele não está presente, ela fica *perdida*, não sabe mais o que fazer, não tem *vontade de nada*... enquanto que, quando estão juntos, ele fica brincando no seu canto, ele é bastante solitário e imaginativo, mas, pelo menos, ela vai para junto dele – certo que ela o importuna um pouco, mas é normal que ele *compartilhe*, ela tem apenas dez meses menos que ele – e pode brincar com o que ele brinca". Eis aí onde começa o drama, tanto para um, que deve *sacrificar* ao outro em nome do Outro, quanto para a menina, que nunca poderá situar seu desejo fora do outro, para destruí-lo e se apropriar-se dele. *Roubo de agulha*, com a bênção dos pais e em nome da dita *justiça* ou da *igualdade*, sobre a qual se vê aqui que só pode fazer voar em pedaços toda *fraternidade*.

isso que achava tão penoso. Com sua companheira *legítima*, que estava em busca da expressão do desejo de seu companheiro, "nada mais respondia". Tudo bem que se destrísse seu desejo! Mas ele mostrava que era bastante grande para *ele mesmo* fazê-lo. Traço próprio do obsessivo e de sua ambivalência.

Rick tinha um sonho repetitivo no qual se defrontava com uma aranha que não se movia; ela o esperava. "Eu sou como uma mosquinha que nem mesmo sabe que a aranha está ali". Despertava tomado por um grande terror. Com efeito, ele não sabia que estava preso numa posição fechada de um *não quero saber que sei*.

Num outro tempo, entendeu perfeitamente seu apelo desesperado aos pais, ao pai, que era o único que podia, como terceiro, tirá-lo desse impasse – mortal para seu desejo. "Minha mãe nos criou *na religião*. Mas, ainda que fosse para agradá-la, eu raramente conseguia me forçar a ir à igreja. Eu era totalmente não-religioso, incrédulo... e grosseiro... o som das palavras grosseiras... não eram as palavras... *o som das palavras* me agradava estranhamente e eu as repetia dezenas de vezes seguidas. Elas acabavam não tendo o menor sentido para mim, não significavam mais nada, mas a *sonoridade* continuava agradável... Por vezes, eu cantava a palavra, para que aquilo durasse mais".

Um outro sintoma o preservava da mãe: seu temor de ser homossexual. Mas ele não tinha nada de um homossexual. Rick, desde sua mais tenra infância, só pôde se imaginar na situação de uma mulher. Quando sua mãe lhe contava suas aventuras com *seus homens*, não via ele esses homens com os olhos de sua mãe, isto é, com o olhar de uma mulher? Pelo *transvestimento como mulher*, torna-se claro que Rick tinha ciúme de sua mãe e não de seus *homens-pais* ou *pais-de-suas-irmãs*. Sonhava com esse pai. Todas as suas irmãs tinham um pai. Ele não tinha. "Nessa família, é preciso ser uma menina para ter um pai?". Quantas vezes não tinha secretamente desejado a morte de seus pais? E desejado encontrar um "homem-de-pulso" para sua mãe, que "fazia tudo o que queria". Ele tinha medo de seus próprios pensamentos.

Também secretamente, Rick mantinha um temor perpétuo de maltratar sua companheira C. Assim, evitava cuidadosamente tocar tudo o que

era passível de ter estado em contato com um objeto que estivesse em relação – mesmo que indireta – com ela. E, já que esse contato com um tal objeto de jeito nenhum podia ser evitado, Rick era obrigado a se atordoar de ruídos para reencontrar a paz de espírito: era percussionista numa pequena orquestra de amadores, ensaiava duas vezes por semana. Ali, ele “cobria o grito de seu desejo”, não se ouvia mais e fazia “o sacrifício voluntário” de noites inteiras que teria podido dedicar a sua companheira. Ao buscar poupá-la, ele a punha fora de si. Sua culpa era tenaz; ele a alimentava corretamente.

Até onde pode chegar, para um homem, ter se entregado a uma mulher, a um Outro?

O que o obsessivo tenta resolver é uma escolha de objeto que não o forçaria a uma identificação com o outro sexo. Ora, esse sujeito, dissemos, é bastante reticente em se apropriar dos traços que pertencem à mascarada viril. Com mais frequência, exibe uma mescla de traços. Não pode manter a mãe como escolha de objeto e também não pode, mesmo que se esforce, renunciar ao privilégio de uma identificação que conservasse os traços que lhe pertencem.

Rick tinha a propriedade nua* de seu corpo, mas não tinha seu gozo. É isso que ameaça o obsessivo? Até onde um ser falante pode admitir ser *isso*: um rejeito masoquista, um joguete na fantasia auto-sádica, miséria que ele não pode dissimular? Aqui se revela o ódio, negação que recai sobre o ser do sujeito. Para a criança votada a esse destino, *no início estava o ódio*.

Laço social, à distância de um olhar

Contrariamente às idéias estabelecidas, *o obsessivo não se defende da alteridade*. Nenhum exemplo da clínica mostra um sujeito que quer contar apenas consigo mesmo. A dúvida já bastaria para testemunhar isso. Toda-

* Em francês, *nue-propiété*, direito do proprietário desprovido do gozo de seu bem durante a duração do usufruto concedido a outra pessoa. (NT)

via, é verdade que ele não se dirige espontaneamente para aquele ou aquela que foi adotado como objeto de sua escolha.

O obsessivo sempre é tentado a recorrer ao respeito. Preservar o outro é o que está no fundo de toda uma série de cerimoniais, de precauções, de desvios que o animam. Nessa perspectiva, as vias que o sujeito encontra, embora não sejam flexíveis, são adequadas. E, entre outras, aquela, precisamente, que concerne à sua relação afetiva com o semelhante. A maneira como se comporta com este, quando não está afogado em seus sintomas – é bem raro que ele verdadeiramente o esteja, já que tudo é *pensamento* –, desemboca, sem dúvida, num impasse.

Freud foi o primeiro a ter sublinhado: na neurose obsessiva, as relações objetais se assinalam por um forte componente sádico-anal. A ambivalência que as marca geralmente as protege da agressividade. Frequentemente elas se situam sob o signo da posse e do presente.

O símbolo do dom – objeto-merda – é essencial para a relação com o semelhante. Na criança, o fíbalo é presente, dom supremo de amor. Como a retenção do objeto anal pode motivar o desejo?

O objeto vai ser imaginarizado como parte do corpo a ser cedida. Quanto ao pênis, é tratado como um objeto parcial, objeto que, para o obsessivo, é possível encontrar. O objeto anal entra na troca com a mãe.

Embora haja, na dúvida obsessiva, uma pergunta sobre se o objeto que ele consegue apreender é o verdadeiro, o bom, por outro lado é certo que o objeto anal é a representação mesma do *mais enojante objeto*. É é possivelmente a esse título que o sujeito pode encontrar a confirmação de que se trata do *verdadeiro*. Não um objeto metonímico.

A demanda do Outro diz respeito, pois, a esse objeto, símbolo fundamental de todos os presentes, porque é o *primeiro presente*. O objeto *a* é o excremento enquanto *demandado*. Admirado, é também rejeitado, desabonado. Está aí a mola propulsora da ambivalência obsessiva, que oscila entre um idealismo muito puro e uma vida pulsional mais para o impuro, entre o esteticismo e a escatologia.

Nesta ocasião, coloca-se para o obsessivo a questão da diferença dos sexos, o pequeno Ernst situou esse objeto do lado da mulher. *Muito naturalmente*, ele pensava que, se o órgão faltava na mulher, era porque ela havia sido vítima de uma privação operada pelo pai. Para reparar esse dano, ele se

faz servidor da Dama e pode renunciar ao uso de seu próprio órgão; em outras palavras: *ele lhe faz o dom imaginário*. A economia do dom na neurose obsessiva encontra aqui seu lugar.

Também é aqui que o desejo toma sua especificidade. O obsessivo lida com três mulheres: *uma para trepar, uma para amar e uma para desejar*. Aquela para amar é a mulher da qual ele não se aproximará – é a mulher imaginária que representa o falo e o gozo proibido; a mulher para trepar é a que ele pode rebaixar, na medida em que ela é objeto de troca, o falo que ele execra; a mulher para desejar é puramente simbólica.

O obsessivo instala e mantém permanentemente uma distância entre ele e o objeto de estatuto fálico. O que organiza seus sintomas é uma *Versagung* (frustração) e não um *Verleugnung* (desmentido [*déni*]) – o que significaria uma perversão – do falo no parceiro e uma restituição do falo que ele tenta conjugar com o eu ideal – operação que lhe permite uma renarcização. É por isso que é importante que o analista, na cura psicanalítica, distinga o lugar possível do falo no inconsciente de seu paciente.

Os objetivos dos sintomas obsessivos são: 1) construir ou conservar intacto seu eu ideal; 2) evitar um julgamento a qualquer preço – assim como os efeitos do supereu que o acompanham, engendrando culpa e angústia; 3) excluir toda alteridade que se situasse como sendo ou representando o falo.

Para guardar intacto seu eu ideal, o sujeito *deve* banir os efeitos do supereu, tais como o olhar e a palavra dos outros. Estes vêm lembrar o olhar calcinante da mãe, que concede, ao seu filhinho, o primeiríssimo lugar.

O olhar pode ser o melhor objeto para simbolizar a castração. Notemos esse aspecto de coerção que guia o colecionador ou o obsessivo, que inscreve, no primeiro golpe de vista, o objeto único na série, utensílio de avaliação que relaciona o olhar com o cocô. Imajar o objeto, multiplicando-o, rebaixando-o, é uma maneira de lhe retirar sua função de causa do desejo, classificando-o nos objetos perdidos.

A distância em relação ao objeto é ineliminável do desejo como tal; é necessária para sua manutenção.

Se a histérica domina pelo desejo, a inclinação do obsessivo é dominar o desejo. *Ele tem que se assegurar de que haja lugar para o vazio*. Tem que

contar entre o relâmpago e o trovão. A tradução disso só pode ser a idealização do outro. O melhor, então, é que esse outro não esteja presente. De onde a aspiração amorosa e paradoxal por um outro morto ou ausente.

A dama do obsessivo é ainda mais a Dama porque não está presente, porque fica à distância. Todavia, não se deve reduzir o amor cortês à estrutura obsessiva. Mas ele esclarece essa *idealização* que permite *adorar* sem se arriscar a encontrar o que poderia habitar o Outro.

Tal é o caso de um paciente cuja relação com as mulheres se especifica por não abordar nenhuma sexualmente – por temor, isso não lhe escapa –, mas abordá-las muito “perto do corpo”, em nome de uma profissão que lhe autoriza isso e pela qual ele está votado e devotado ao corpo das mulheres. Não se priva disso, pois.

Ele escreve muito sobre essas “estranhas relações femininas”: “o que querem essas mulheres?”. Acha que pode dizer: querem fálico. O detalhe de suas elucubrações tende a mostrar que ele é inteiramente capaz de satisfazê-las; ele lhe faz o dom desse falo, já que elas o querem.

Essa atitude é exemplar da maneira obsessiva de tornar o Outro inconsistente. Evidentemente, sua angústia se produz cada vez que se vê confrontado por uma dessas mulheres com o seguinte: que suas ditas “capacidades” verdadeiramente não correspondem a suas aspirações. Ele foge. Quando a dúvida se deslocou⁹², a angústia o levou à análise.

Esse caso ilustra muito bem o que se pode chamar de o *ponto de terror* do obsessivo. Ele o assalta a partir do momento em que a outra Coisa que habita o Outro aparece. Esse *terror* é também um terror do próprio sujeito enquanto Outro, bastante exemplar do destino de mortificação que ele se impõe e que é duplo: mortificação de si mesmo – *trabalhos forçados* – e do parceiro. O obsessivo vive *entre duas torturas*: a dele mesmo e a do objeto – no sentido de seu parceiro preferido⁹³. É o que o protege do suicídio, ato

⁹² “A dúvida fundamental deslocada seria a dúvida sobre o amor. Aqui, a dúvida não é mais um simples mecanismo: a dúvida se torna universal se alcançar a própria pessoa que é o suporte da fé jurada. Aqui, veríamos a oportunidade de tratar da relação do obsessivo com o grande Outro”, em O. Mannoni, “Introduction à la lecture de l’Homme aux loups”, em revista do C.F.R.P., *Esquisses psychanalytiques*, nº 7, primavera 1987, Paris, p. 25.

⁹³ Cf. S. Freud, “Le moi et le ça”, em *Essais de psychanalyse*, ob. cit.

“que, afinal, é o único sobre o qual sabemos que é certamente *sempre bem-sucedido*”⁹⁴ nesse sujeito.

O obsessivo tira benefício das torturas que se inflige, mas o que é que aí se compraz? Há prazer no comprazer, que não é apenas que apraza ao pai do interdito, é também identificação com o atormentador. Ele antes escolhe obedecer às reprovações do supereu do que ter que encontrar uma causa que fosse fálica. A auto-reprovação é um dos traços característicos dessa neurose⁹⁵. O obsessivo se defende *do* encontro. Não se pode encontrá-lo nem *tê-lo* (ao telefone, é claro).

O *culto reverencial* que certos sujeitos desenvolvem em sua relação – e isso se verifica tanto para o homem quanto para a mulher – parece se apoiar num certo modo de *idealização radical da mulher*.

O *dédalo* de precauções oratórias e materiais nas quais se enredam tão naturalmente os obsessivos para cortejar as mulheres que eles desejam rapidamente leva a uma verdadeira *veneração*. À primeira vista, ela evoca o culto à mulher *intocável*.

Na lógica do desejo, trata-se de uma colocação à distância para *não saber que sabe*. Se ele torna a mulher desejada intocável, é essencialmente porque não quer reconhecer que a deseja.

Todavia, essa mulher não é colocada à distância purificada de todo desejo. Tampouco está fora do alcance porque ela seria impossível. Se ela aparece como proibida não é para confortar a fantasia da “mulher-fálica-onipotente” cuja representação imaginária seria preciso manter. Para o sujeito, o parceiro pode ser proibido na medida em que ele mesmo deve *se proibir de saber que o deseja, sob pena de se sentir comprometido*.

⁹⁴ J. Lacan, *L'Envers de la psychanalyse*, ob. cit., p. 65 [Tradução brasileira: p. 55]. Em 18 de fevereiro de 1974, no seu seminário “RSI”, inédito, Lacan era claro sobre esse ponto: “Basta ser um bom obsessivo para saber de fonte segura que a morte é um ato falho”. Da mesma forma que um lapso, não dominado e não dominável, ele só pode ser perfeitamente bem-sucedido.

⁹⁵ “A reprovação recalcada [...] consegue, através da força, se fazer representar na vida psíquica consciente [...] se transforma com facilidade em vergonha [...] em angústia hipocondríaca [...] em angústia religiosa”, em S. Freud, “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense”, em *Névrose, psychose et perversion*, ob. cit., p. 69.

Um outro componente da lógica obsessiva pode deixar pressentir alguma confusão frente ao parceiro colocado como objeto idealizado: trata-se da tendência de alguns a colocar a mulher ou o homem de seu desejo *nos arquivos*. O outro é assim colocado *na redoma*, tal como um objeto precioso de coleção que deve ser mantido fora de qualquer alcance.

Nessas condições, o parceiro é rebaixado ao nível de objeto com estatuto de coleção particular. Assim é venerado no modo do intocável; até mesmo acontece que o sujeito escolha absolutamente não mais tocá-lo concretamente, sendo o essencial que esteja ali, eternamente.

Em outras palavras, é na asfixia do desejo do Outro que o sujeito consegue sustentar a lógica própria de seu desejo.

O Outro dorme.

Essa veneração encontra seu apoio mais favorável na fantasia desenvolvida pelo sujeito de *fazer tudo por ela*⁹⁶. Assim ele busca dar-lhe tudo para que nada falte a ela. A coisa não tem preço, contanto que ela não se subleve mais, que não reivindique e não demande nada. Lembrança distante de uma mãe que matou nele o ser.

Em todos os sentidos, o ser (mulher ou homem) assim idealizado é apertado no torno dessa lógica implacável: um lugar para cada coisa e para cada coisa seu lugar. É sob esse modo que o sujeito rende homenagem ao objeto de seu desejo e o venera melhor. Em outras palavras, quando a dinâmica do desejo do Outro está quase morta, o obsessivo pode *gozar silenciosamente do infortúnio de seu próprio desejo*.

Evidentemente, o outro assim idealizado nunca está completamente morto. E esse não é o objetivo do obsessivo, que, cedo ou tarde, vê voltarem os tormentos da desordem a partir do momento em que o objeto do culto *se põe a reivindicar*, isto é, a desejar e se significar como desejável. Não é preciso mais que isso para que o universo supostamente inamovível de nosso sujeito se ponha a balançar. Para o obsessivo, tudo se passa então como se brutalmente tivesse a medida exata da atração de seu objeto. Ele o perce-

⁹⁶ "Essa é uma fantasia obsessiva, em si incompreendida: tudo para o outro, meu semelhante, é o que se profere, sem reconhecer nisso a angústia que o Outro (com maiúscula) inspira por não ser um semelhante", em J. Lacan, "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", em *Écrits*, ob. cit., p. 615.

be como um objeto que pode fugir, que, pois, ele pode perder. De onde esses piedosos empreendimentos de reconquista que o tornam tão tocante. Ao contrário do perverso, que foge ou maltrata seu objeto repulsivo, ele não sabe mais a que santo (seio) [*saint (sein)*] recorrer para se fazer perdoar. Está pronto a qualquer sacrifício para reconquistar os privilégios que ele acreditava definitivamente adquiridos junto ao objeto mumificado.

A fim de que o objeto lhe retorne e não lhe escape mais, está disposto a se fazer mais histérico do que um verdadeiro histérico; a pagar tudo, tudo suportar para que as coisas retomem seu lugar inicial na ordem mortífera em que se encontravam.

Antes de tudo, o que importa é que a falta seja novamente marcada e que o objeto de amor volte a seu lugar na redoma. Mas os melhores sacrifícios e os mais humilhantes remorsos de nada servem. A falha introduzida pelo surgimento do desejo do outro inevitavelmente leva o obsessivo à questão da perda. Mais exatamente, à da castração da mãe e à perda que ela supõe: a *dele mesmo*.

Ali onde o perverso persiste na ilusão do ideal do qual ele é o principal artesão, o obsessivo se esgota para restaurar um ideal que, para ele, nunca é mais que o vestígio nostálgico de sua pré-história edipiana.

Nesse sentido, não é demais dizer que o obsessivo se comporta diante do objeto idealizado como um *romântico do ser*, engolido num des-ser fundamental, já que "o objeto *a* não tem ser"⁹⁷; o que o leva a uma interrogação fundamental: "Estou vivo ou morto? Sou objeto ou sujeito?". Ao passo que a questão da histérica é: sou um homem ou uma mulher? Em outras palavras: eu o tenho ou não o tenho? Ela induziu a pergunta de Freud: que quer uma mulher? – notemos que então ele estudava a histeria e não a *mulher*.

Um informe tomou seu valor histórico com o tempo, o de Maurice Bouvet, *O eu na neurose obsessiva*⁹⁸, no qual ele aborda a problemática da

⁹⁷ J. Lacan, "Les non-dupes errent", inédito, lição de 9 de abril de 1974.

⁹⁸ M. Bouvet, "Le moi dans la névrose obsessionnelle", publicado primeiro na *Revue française de psychanalyse* em 1953, depois em *Œuvres psychanalytiques. La relation d'objet*, ob. cit., pp. 77-159. Esse texto se refere a dois artigos anteriores: M. Bouvet, "Les incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l'envie de pénis dans la névrose obsessionnelle féminine", em *Œuvres psychanalytiques*, ob. cit., pp. 49-75; e "Importance de l'aspect homosexuel du transfert dans le traitement de quatre cas de névrose obsessionnelle masculine", em *Œuvres psychanalytiques*, ob. cit., 1948, pp. 13-47.

relação de objeto. O que constituiria o valor desta é delimitado por um deslizamento da noção de objeto parcial – noção retomada de Karl Abraham, embora este tenha mais exatamente falado “de amor parcial do objeto”.

A cura psicanalítica do obsessivo giraria inteiramente em torno de uma “incorporação” ou de uma introjeção imaginária desse falo que, no “diálogo” analítico, revelaria todas as suas fantasias e se referiria ao “falo atribuído ao analista”. Ou seja, a organização dessa estrutura é situada no nível da fantasia.

O obsessivo é apresentado como sempre pronto a cair numa destruição do mundo, já que essas coisas só podem ser pensadas em termos de relação do sujeito com seu meio – na perspectiva em que se exprime o autor. A manutenção desse objeto parcial – manutenção que exige todo o andaime da neurose – evitaria, para o sujeito, cair “numa psicose sempre possível”. Mais uma vez, Lacan, sobre esse ponto, não pode ser mais claro: *é preciso se livrar, de uma vez por todas, da idéia de que “por trás da neurose obsessiva, há uma psicose latente”*⁹⁹.

A exigência de rigor e de coerência poderia ter arrastado M. Bouvet bem mais longe do que ele no princípio desejava. Isto é: até sua posição diante do obsessivo. É claro, a questão não é falar da contratransferência no sentido pessoal ou intrapessoal – ela não existe –, mas da contratransferência no sentido mais geral em que podemos considerá-la, com Lacan, como constituída pela *soma dos preconceitos do analista*. Em outras palavras, o fundo do que é dito ou não dito sobre o qual se articula o discurso¹⁰⁰.

O Outro deve estar morto para o gozo. Por essa fantasia, o obsessivo mantém à distância seu desejo e seu objeto.

⁹⁹ J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique*, ob. cit., pp. 315-316 [Tradução brasileira: p. 342].

¹⁰⁰ Em 1953, “É bem de um efeito de fuga que se trata no pensamento do praticante. A falsa consistência da noção de contratransferência, sua popularidade e as fanfarronadas que ela abriga explicam-se por seu valor de alibi: o analista furta-se de considerar a ação que lhe compete na produção da verdade”, em “Variantes de la cure type”, em *Écrits*, ob. cit., p. 332; e, em 1963, “a contratransferência, é o problema do desejo do analista que faz obstáculo [...] parece participar de uma profunda imprudência [...] é tudo o que, do que na análise o analista recebe como significante, o psicanalista recalca”, em seminário “L’angoisse”, inédito, lição de 27 de fevereiro de 1963.

Quanto à inveja na neurose obsessiva, não encontramos grandes exemplos dela, nem mesmo vestígios significativos. Santo Agostinho apresenta uma pulsão epistemofílica que tem algo a ver com a estrutura obsessiva e seu desejo, cujo acesso ao objeto é caracterizado pelo *impossível*, como ainda lembra Lacan em 1961¹⁰¹.

Não podemos deixar de ligar a inveja ao campo escópico, a *invidere*, cuja etimologia remete a *videre* (ver). A relação da inveja com a fase oral feita pelos alunos de Freud, relação que é expressa pelo "devorar alguém com os olhos" e que Fenichel utilizou num primeiro tempo, não foi feita inconsideradamente; ela reativa a imagem de uma frustração primordial. Essa imagem realmente deixou vestígios no obsessivo?

O obsessivo não é um invejoso. Sua própria estrutura faz objeção a isso, pois "a verdadeira inveja [...] faz o sujeito empalidecer diante [...] da imagem de uma *completude*" que se fecha e do fato de o *a* minúsculo, o *a* separado no qual ele se agarra, poder ser para um outro a posse com a qual se satisfaz, a *Befriedigung*"¹⁰². O que é fulgurante para o invejoso só pode ser uma fantasia no nosso sujeito, que, por meio de sua demanda, opera uma regressão pela fala até a origem de sua história. Com o obsessivo, só podemos ficar no *trompe-l'œil*, o *engodo* do que ele dá a ver.

A inveja, nesse neurótico, está relacionada com a coação, a compulsão, o temor de que algo terrível vá acontecer, com o fato de que seus pensamentos, eventualmente, podem ser adivinhados pelo outro.

Lacan assinala que o que caracteriza o obsessivo na sua relação com o olhar é do tipo da fábula da rã e do boi¹⁰³. Ela não apresenta a fascinação da rã "obsessiva" na direção do, mas por meio do desejo de completude manifestado pelo Outro. Se ela explode, é também para não preencher o Outro; ela se destrói, reenviando-lhe a imagem que ela não é. O *fascinum* só pode ma-

¹⁰¹ J. Lacan, *Le Transfert*, ob. cit., p. 425 [Tradução brasileira: p. 353]: "a histeria e a obsessão podem se definir a partir desses dois estatutos do desejo que chamei, para vocês, de desejo insatisfeito e desejo impossível, instituído na sua impossibilidade".

¹⁰² J. Lacan, *Les Quatre Concepts*, ob. cit., p. 106 [Tradução brasileira: p. 112] ("Grifo meu. O complemento seria, precisamente, a evicção na qual o obsessivo se mantém").

¹⁰³ J. Lacan, "Le sinthome", 1975-1976, inédito.

tar a vida¹⁰⁴. Fora do outro, fora do sujeito, o obsessivo só pode ficar aprisionado na "incidência mortal do *moi*"¹⁰⁵.

Algo desse tipo tem um papel no ciúme amoroso do Homem dos ratos quando tenta matar Dick-o-gordo com seu próprio emagrecimento – tendência ao suicídio indireto. "É sobre o fundo de *sua própria eliminação*" que ele funda toda essa fantasia"¹⁰⁶. O torturador está na língua.

A língua, o falar da mãe, pode constituir-se como objeto fóbico¹⁰⁷. É porque o objeto de seu desejo tem estatuto fálico que um obsessivo não buscaria alcançá-lo; este objeto é, em si, destruidor de seu próprio ser como sujeito, pois o Outro continua demandante desse objeto que o satisfaria. *Tudo que se apresenta com estatuto fálico assinala a presença real do desejo do Outro*.

O obsessivo ficará incessantemente embaraçado com esse tipo de resurgimento daquilo de que ele busca escapar, daquilo que ele desesperadamente busca pôr à distância. No extremo do desejo do Outro, estará confrontado com sua *afânise*. *É por isso que o obsessivo, homem ou mulher, se dá como dever conservar o Outro faltante de objeto*.

Ele compreendeu que a relação de todo humano com o objeto não se faz por intermédio de um dom, mas da castração. Quanto mais a demanda do Outro é imperativa, mais ela visa a abolição do sujeito.

Está condenado ao exílio, a carregar o peso de uma culpa que não é sua e a pagar com trabalho forçado uma dívida de ninguém. "Não estou nem aí pra ninguém". Para fazer isso, o sujeito é forçado a uma concentração permanente, cujo ápice é a erotização do pensamento. Mas todas essas técnicas de constrições estão sempre ameaçadas de falhar quanto a seu objetivo: evitar o aparecimento do "elemento contraditório", o "pedaço de maldição" que nenhuma conjuração consegue suprimir – o objeto. Ele quer ficar fora do jogo. Isso não significa que não se engaja na vida. Muito pelo

¹⁰⁴ J. Lacan, *Les Quatre Concepts*, ob. cit., p. 107.

¹⁰⁵ J. Lacan, *Le Moi dans la théorie de Freud*, ob. cit., p. 311 [Tradução brasileira: p. 336].

¹⁰⁶ J. Lacan, *Le Transfert*, ob. cit., p. 244 [grifo meu; tradução brasileira: p. 206].

¹⁰⁷ Registremos aqui um interessante trabalho de N. Nicolaidis, para o qual "a língua materna seria o falo oferecido pela mãe em lugar e posto de seu pênis faltante", "Ratage symbolique de la langue maternelle", em *Topique*, n° 30, Paris, IPI, 1982, p. 149.

contrário; ele, herói de uma tragédia em potência, põe todo o seu ardor em fazer suas provas, acumulando os méritos.

A renúncia ao outro era, para L. Andréas-Salomé, “a maneira mais ‘desinteressada’ de amar”¹⁰⁸. Ainda mais porque os objetos do obsessivo são erotizados – porque *capturados* pelo pensamento –, muito especialmente seu mundo intelectual.

O obsessivo geralmente é cativante, comovente. Entretanto, há muitos autores que, ao se interessar pela neurose obsessiva, não evitam o escollho da imaginarização da relação dual; o que tem como efeito imediato falsear, até mesmo histerizar a transferência. Muitos deles, quando não exibem uma discrição prudente, manifestam uma rejeição pela pessoa do obsessivo, assim como há rejeição do objeto anal na nossa tradição cultural. A rejeição é ainda mais forte na medida em que lidamos *com alguém que não se deixa objetivar*. Mas, na sua vida social, profissional, tudo se passa geralmente bem. O fato de que ele mantenha distância não aborrece ninguém.

Se a coação de repetição convoca o novo, a neurose obsessiva convoca a *construção*. Não no sentido do forçamento interpretativo cuja impertinência e cuja violência Piera Aulagnier denunciava, mas no sentido de que o *Je* deve advir. Todo excesso interpretativo, da parte do analista ou de quem quer que seja, fará o obsessivo fugir. A mãe *já* se entregou a excessos com seu pequeno. Interpretar é também se apropriar. “Basta que uma única [resposta da mãe] ultrapasse sua duração legítima ou peque *por excesso*” [e isso] terá como efeito *desapossar a criança de todo direito autônomo de ser, interditando-lhe o direito a um pensamento autônomo*”¹⁰⁹.

Freud *dava* a seu paciente, o Homem dos ratos, explicações, “alimentava-o”. “Ele tem fome e nós o alimentamos”¹¹⁰. Ora, Freud, ele mesmo confessa, *tinha repugnância a ocupar o lugar da mãe*. Ele anota: “Nova transferência: minha mãe acaba de morrer”. Depois acrescenta a interpretação

¹⁰⁸ L. Andréas-Salomé, *Correspondance avec Freud*, Paris, Gallimard, 1978, p. 343.

¹⁰⁹ P. Aulagnier, *La Violence de l'interprétation*, Paris, PUF, 1986, p. 56 (* grifo meu).

¹¹⁰ S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 211.

que propõe ao paciente: "Você nunca pensou que, com a morte de sua mãe, você escaparia a todos os conflitos, já que poderia se casar?". Lanzer, é claro, reagiu: "Você está se vingando de mim"¹¹¹.

A mãe morta do obsessivo é seguramente diferente daquela de que André Green nos fala: "Uma mãe que continua viva, mas que está, por assim dizer, morta psiquicamente aos olhos do rapazinho de quem ela cuida"¹¹². É uma morte simbólica, imaginária? O psíquico não é um registro, mas um *lugar* onde os acontecimentos se inscrevem – ou não.

Ela é uma mãe *morta de morte natural*.

Não há desejo possível para o sujeito sem mãe simbolicamente morta, não há ser-sujeito-desejante, não há *Je* possível sem mãe morta – e não assassinada ou enterrada, como afirma J. Kristeva.

Os votos, que não são de assassinato mas de morte, porque *permanecem* votos recolhidos nos limbos de uma onipotência infantil, engendrarão uma culpa totalmente imaginária.

O obsessivo é sempre culpado... do que jamais cometeu.

¹¹¹ Ibid., p. 153.

¹¹² A. Green, "La mère morte", em *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, Paris, Minuit, 1982, p. 222.

TERCEIRA PARTE

O PAI, O DEVER E O ANALISTA

Capítulo 9

Pelo amor do pai

A inteligência da cura psicanalítica do obsessivo gira em torno da problemática da relação com o pai. O sujeito não tem nada de um ser inchado de imaginário; não está no *falso ser*, *lhe falta ser* – *Je* deve advir. O obsessivo está do lado do amor, como Freud o apresentava inicialmente, estando o ódio *recalcado*.

Uma das primeiras coisas a que a função paterna remete é ao mito, a exceção. A histérica se serve dessa exceção como ideal para dizer a cada homem que ele não é um homem: só ela pode dizer o que é o verdadeiro homem – o que terá como efeito que nenhum terá a "chance" de sê-lo. A exceção prova que existe ao menos um que não é escravo, que não é servo. O obsessivo não faz disso seu ideal; não se serve dele, mesmo que, para ele, esse lugar exista – existe um pai que goza com toda liberdade. *O sujeito é e continuará a ser postulante* a esse lugar. Nunca o ocupará: é sua religião. *Pai é pai e deve continuar a sê-lo*.

A função paterna está no princípio da psicanálise. É ao pai que se refere a causalidade psíquica.

Com o complexo de castração, Freud faz referência, pela primeira vez, ao mito de Édipo numa carta a Fliess¹. A função paterna é ilustrada por três mitos: Édipo, *Totem e tabu*, *Moisés e o monoteísmo*.

¹ S. Freud, "Lettre à Fliess du 15 octobre 1897", n° 71, em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 198.

Freud busca um pai. Um verdadeiro, que se revele como não sendo apenas um filho. Édipo não basta; o pai que há nele vem esposar tragicamente o filho que ele não cessa de ser para Jocasta; quanto a Laio, é o grande ausente. Então, Freud vai buscar, para além da família dos labdacidas de destino tão singular, o pai da família humana – nem mais nem menos!

A identificação com o pai se manifesta sob duas vertentes opostas: a de uma lei que interdita o gozo e a de um mandamento que coage a esse gozo interdito.

Na neurose obsessiva, estamos lidando com uma *mãe* que 1) interdita o gozo, 2) enuncia um mandamento que coage a esse gozo interdito, 3) é toda amor e 4) exige obediência e crença.

O pai morto é o pai simbólico enquanto significa uma lei oriunda de seu assassinato por seus filhos. É a esse pai morto que o Homem dos ratos dará a ver o significante do gozo.

Na histeria, o pai preocupa muito, mas é um pai castrado. O assassinato do pai, no complexo de Édipo, é apenas o substituto de uma castração que a histérica recusa.

O pai do obsessivo é um pai amado, mas cujo amor condena o ódio a permanecer inconsciente e a perpetuar suas devastações na vida do sujeito.

Os dois mitos freudianos se verificam nas duas tentativas de evitar o “já realizado”, a castração. Eles se referem às duas grandes neuroses: o Édipo, à histeria e *Totem e tabu*, à neurose obsessiva. Neste último mito, trata-se de um pai para o qual o gozo não está interditado².

No texto freudiano, “o motor da defesa é o complexo de castração”³. Freud nunca disse que o sujeito se defende da castração. *Houve castração*.

Colocar o Outro, como Lacan faz, como agente da castração já implica uma *castração anterior à da ação simbólica paterna*⁴. O fato de que o

² “Esse pai da horda, que possui todas as mulheres, é a forma épica de uma fórmula que consagra a castração universal [...] à exceção dele mesmo”, em S. Cottet, *Freud et le désir du psychanalyste*, Paris, Navarin, 1982, p. 123.

³ S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, ob. cit., p. 35.

⁴ “No primeiro nível, como é muito claro, essa realidade do Outro é presentificada, na impotência original do bebê, pela necessidade. É apenas no segundo tempo, com a demanda do Outro, que algo, propriamente falando, se destaca e nos permite articular de maneira completa a constituição do pequeno *a* com relação à função de lugar na cadeia

capitão possa ser dito cruel pelo Homem dos ratos testemunha que este que sofreu o suplício *já* está castrado; “a coisa já está feita”¹. O encontro com o gozo do Outro implica a castração do sujeito.

Em uma frase o Homem dos ratos resume isso: “Se eu tiver o desejo de ver uma mulher nua, meu pai morrerá”. Fez-se essa frase dizer que era preciso que o pai morresse para que o desejo aparecesse. Ora, parece, ao contrário, que a necessidade da morte refere-se à mãe. É do lado da mãe que está o gozo absoluto, o *fazer-Um* e Eros. É a mãe que obstaculiza a intervenção paterna. Quanto ao pai, não deve morrer para que um dia, enfim, possa ser validada uma operação negatizada pela palavra materna: a castração.

O pai do obsessivo é alguém cujo desejo é denegrido, “aquele que vai consertar o sótão quando está quente na cozinha”, que deixa seu pequeno aos cuidados de uma limpeza constante [*torchage assidue*]*, que prefere voltar do trabalho quando os filhos já estão dormindo.

A metáfora paterna é *deslocada*. O pai só é legislador em *play-back* e a criança apela à sua lei. O sujeito não sabe o que fazer com esse pai. Ama-o ou odeia-o? Ele é um mártir? É um tirano? A criança se esfalfa em lhe dar uma consistência. No fundo, esse pai a embaraça e a sobrecarrega exatamente como o objeto que funda seu desejo e do qual ela não pode saber grande coisa.

É com o Outro que o sujeito lida, com sua demanda que é também uma demanda de morte. Essa morte lhe indica também o lugar que ele tentará ocupar para se proteger disso. Ela o conduz, na cura psicanalítica, a buscar no Outro — que, no caso, o analista encarna — os *signos* do amor para anular os significantes dos quais é depositário e não dar sua angústia, que ele mantém à distância pela dúvida. Aí o desejo do analista toma toda a sua

significante, função que eu entendo ser do Outro”. Mais adiante: “a falta central que separa o desejo do gozo, ali também um desejo está suspenso, desejo cuja ameaça para cada um é feita pelo seu reconhecimento no desejo do Outro. Em última instância, o Outro, seja qual for na fantasia, parece ser o castrador, o agente da castração (grifo meu)”, em J. Lacan, “L'angoisse”, inédito, lição de 3 de julho de 1963.

¹ Ibid.

* *Torchage*, em francês, que também remete a “limpar a bunda”, ou fazer algo mal e porca-mente, por exemplo, entre alguns outros sentidos. (NT)

importância. Quando sua interpretação recai no par imaginário, com relação ao qual o obsessivo o chama, ocorre o *acting-out*, que vem significar que a verdadeira questão está sendo jogada na cena do Outro⁶.

As neuroses modernas não são as únicas a poder dar testemunhos do declínio da imagem paterna⁷. A história tem seus balbucios.

Por que haveria carência paterna na neurose obsessiva? Isso não cola de jeito nenhum. Os textos freudianos mostram o contrário, para além do que dizem. Com *Totem e tabu*, mais do que nunca se escavou um fosso entre o pai real e o pai simbólico tal como era, por exemplo, outrora, apresentado pelo personagem do mestre. Assim, o pai simbólico, o da horda, é fundador do laço social, um laço social político e religioso – mais do que familiar. É esse pai que é representado pelas três figuras freudianas: *Édipo-rei*, fundador “da cultura, da moral e da religião”, o pai primordial de *Totem e tabu* e, por fim, o profeta, Moisés, que instaura uma nova religião.

Não basta que o pai se inscreva no registro simbólico como Nome-do-pai; também é preciso que um pai real o encarne para que os dois registros se enodem; ora, o pai real nunca se coloca completamente no registro do simbólico.

Na neurose obsessiva, a dimensão imaginária do pai será tanto mais importante quanto maior for a distância entre pai real – desprezado, ineficaz – e o pai simbólico – religiosamente idealizado.

Por que essa importância da imagem paterna?

Para o Homem dos ratos, houve erros no passado do pai: dívida nunca paga, abandono da mulher de seu desejo, “pobre mas bela”. Freud refere essa dupla falta à lei do simbólico na obsessão do sujeito em razão de “uma identificação com o pai”, desta vez real. “É preciso que tu devolvas [...] era para o filho uma alusão à dívida que o pai não tinha pago”⁸. Em troca, o filho faz um “juramento que se tornou para ele a causa de um suplício”, ligado ao suplício com os ratos (ferocidade do supereu).

⁶ Ver, sobre essa questão, o exemplo, analisado por Lacan, de um paciente de Ernst Kris, que se dizia plagiário, em *Écrits*, ob. cit., pp. 393-399.

⁷ Ver P. Julien, *Le retour à Freud de Jacques Lacan*, Paris, EPEL, Éres, 1986.

⁸ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 256.

A dívida não deve ser paga a um homem, mas a uma mulher; segue-se uma série de alternâncias contraditórias entre a Dama de seus pensamentos e a filha de um primo que a mãe lhe destina⁹. A mesma hesitação presidiu o destino de seu pai na escolha de uma mulher. O sintoma se instala na distância que separa o pai real do pai simbólico.

Quanto ao Homem dos lobos, Lacan diz que ele "busca o pai simbólico por intermédio de seu pai real, com quem tem relações primitivas; o menino tem uma atitude provocadora e busca uma satisfação: ser punido por seu pai"¹⁰.

Hans constrói um pai rancoroso que fique encolerizado: *que a privação fundamental da mãe tenha por causa apenas o pai, não ele*. Essa é a condição de entrada no Édipo: um pai privador da mãe, que Hans convoca sob a *imagem* de um homem forte.

Na narrativa mítica que ele elabora, há um cavalo que, *verdadeiramente*, dá medo. Ali onde o pai real escapa, *o pai imaginário permite a Hans reorganizar seu mundo simbólico diante do abismo materno*.

Como se assegurar de uma presença paterna para além de nosso mundo empírico? Como isolar o fenômeno da *presença*?

Em *Totem e tabu*, Freud lança suas hipóteses sobre a origem da religião: assassinato original do pai pelo bando dos irmãos aos quais o ciúme fez passar ao ato antes de fechá-los no círculo da ambivalência¹¹.

Por qual mistério profundo todo pai faltaria? Não podemos nos contentar com a filogênese para explicar os avatares da ontogênese. Freud fica embaraçado, pois sua hipótese do assassinato primordial supõe, para guardar sua eficiência a cada geração, uma espécie de "alma coletiva", com a qual ele nada pode fazer. O assassinato do pai, para todos, é um encontro marcado com o pai.

⁹ Ibid., p. 228.

¹⁰ J. Lacan, "Petits écrits et conférences", inédito, p. 373. E mais adiante: "Toda a história do sujeito é escandida pela busca de um pai simbólico e punidor, mas sem êxito. O pai real é muito gentil e, além do mais, diminuído. O que Freud viu de mais claro na transferência paterna foi o temor de ser comido", *ibid.*, p. 382.

¹¹ A *Vatersehnsucht* é a nostalgia do pai. *Sehnsucht* significa que a presença faz falta cruelmente: faz sofrer porque a fonte de tantas satisfações não está mais presente.

O assassinato do pai não atinge o pai, ele o *instaura como lugar vazio*. Esse assassinato, declínio do Édipo, embora não vise *tal* pai, insuportável em seus excessos, suas insuficiências, suas mentiras – sabemos perfeitamente: esses pais são adorados –, visa esse famoso “pai enquanto pai”, isto é, “nenhum ser consciente”. O pai reduzido ao *traço* de sua paternidade.

Divinizar para fazer reinar

Se observarmos com atenção a relação do obsessivo com Deus, ele mais parece um perfeito pagão. Não no sentido em que ele escaparia à religião – ele tem uma certa crença, como todos –, mas porque ele *introduz falsos deuses*. Seriam eles apenas uma *idéia*? Deus seria então, para ele, apenas uma *idéia* de Deus.

Para ele, Deus está morto, a lei está consolidada e, apesar de Dostoievski, nada mais é permitido¹².

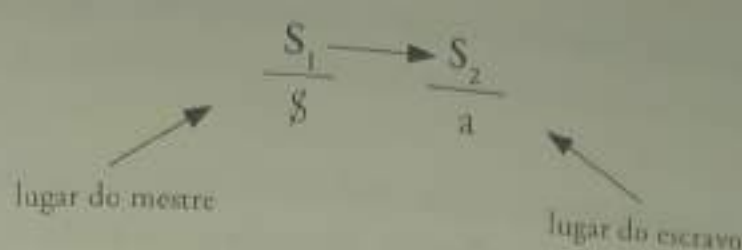
Com aquele – ou aquela – que se diz intratável, a relação dual da fase pré-edipiana é de domínio e de submissão. O conflito que se apresenta na neurose obsessiva não deve ser situado no nível do supereu, mas no plano das aspirações machos e fêmeas. Por isso é que Lacan pôde fazer uso da dialética hegeliana do mestre e do escravo¹³ para dar conta da fenomenologia dessa neurose cujas “astúcias da servidão” ele não parou de desmontar.

Lembremos a fórmula lacaniana do discurso do mestre¹⁴:

¹² “À concupiscência que reluzia nos olhos do velho Karamazov, quando interrogava seu filho – ‘Deus está morto, agora tudo é permitido’ –, esse homem, o mesmo que sonha com o suicídio niilista do herói de Dostoievski, ou que se obriga a encher a bola nietzscheana, responde com todas as palavras e com todos os seus gestos: ‘Deus está morto, nada mais é permitido’”, em J. Lacan, “Introduction théorique aux fonctions de la psychanalyse en criminologie” (1950), em colaboração com Michel Cénac, em *Êcrits*, ob. cit., p. 130.

¹³ Ver, em particular, J. Lacan, “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse”, em *Êcrits*, ob. cit., pp. 292-293 e p. 314; em 1969, Lacan retoma essa dialética nas cinco últimas lições de seu seminário “De um Outro ao outro”, inédito.

¹⁴ J. Lacan, *L'envers de la psychanalyse*, ob. cit., p. 31.



Situar a neurose obsessiva do lado do discurso do mestre é uma fantasia de histérica¹⁵.

O obsessivo detesta todo lugar de domínio, mas é fascinado por este que é portador do imperativo de gozo a aplacar: a histérica.

Não *existe* um modo especificamente obsessivo de falar, mas *de fazer* *laço*. Nada é mais lógico que sua linguagem, tanto mais porque ele busca que nos percamos nela. Ele trabalha por trabalhar, fala por falar; está *a serviço de*. No divã, *nunca* o ouvimos se situar nesse lugar de mestre.

Por que não situá-lo ali onde ele mesmo se coloca e se compraz: *do lado do que trabalha* para o gozo de um mestre a serviço do qual ele pode chegar até a apodreecer administrativamente, até a se arquivar?

O saber do obsessivo não lhe pertence; ele se esmaga no do outro que se torna o Outro. Não se pode, como Roland Chemama tentou fazer¹⁶, inscrever o obsessivo no discurso do universitário, que é um discurso *unificante, um saber que cria poder*. Ninguém melhor do que o obsessivo para evitar esse fazer-Um¹⁷.

Na cura psicanalítica, nós o ouvimos dizer qualquer coisa, menos o que ele tem a dizer. *Ele diz o que é preciso dizer, não o que sabe*. Sabe-se quem poderia gozar com isso? Freud teve que insistir para obter a fantasia dos ratos de seu paciente Ernst Lanzer. Foi preciso um ultimato. Ele *sabia* que

¹⁵ "A histérica quer um mestre sobre o qual ela reine", J. Lacan, *ob. cit.*, p. 150 [Tradução brasileira: p. 122].

¹⁶ R. Chemama, "Sur la névrose obsessionnelle à partir des quatre discours", em *Ornicar!*, nº 3, Bulletin du Champ freudien, maio 1975, Paris, pp. 71-83.

¹⁷ J. Lacan corrigia, em 11 de fevereiro de 1975, a noção que Freud tinha do Eros como uma *fusão* (grifo meu), como uma *união*; em 11 de março do mesmo ano, ele desenvolvia o que do falo faz o *significante índice um* no discurso do mestre, em "RSI", 1974-1975, inédito.

esse tipo de sujeito se faz escravo do mestre e de seu discurso. Escravo de um pai-mestre.

Na neurose obsessiva, *o lugar de Deus é ocupado por uma mulher*: a mãe que, graças a seu filho, é esse *todo* enganoso. O Todo, o Um é o que a criança vai contestar com uma recusa radical, fazendo apelo ao pai – admitindo-se usar a provocação a fim de se assegurar de que o lugar está ocupado e é inexpugnável. A força do amor pelo pai condena o obsessivo a manter o ódio completamente *recalcado* e, portanto, devastador para ele mesmo; o ódio deve permanecer inconsciente. Como em *Totem e tabu*, é um amor que doravante impede o retorno à agressão.

Quando o obsessivo encontra no outro alguém passível de encarnar o Outro que goza, nada mais anda. Ele busca um *outro que funcione como cortina para o Outro*. Se essa função falha, os dois registros, simbólico e real, se misturam. O enunciado superegóico, o desejo, o mestre, a morte, o gozo, a verdade, tudo é enodado à imagem do *alter ego* e surge *ao mesmo tempo*.

O que domina está *no* Outro: é a morte. O ódio em relação ao pai imortal ficará *recalcado*. O obsessivo não termina de não poder matá-lo. Sabe ele que o pai *já está morto* há muito tempo?

A clínica faz aparecer a relação do sujeito com o mestre soberano, Deus, pai da horda, Outro absoluto: cumpriu seu tempo, está morto¹⁸. É o ausente; pai do mundo e da lei. Não poderia ser aquele que castra. Não impede que o mundo continue girando. É possível matar alguém que já está morto: basta não falar dele. Mas não é esse o caso do obsessivo. A morte do pai a ser morto é seu gozo. É o que parece dizer *Totem e tabu*, no qual se trata do *pai real*. Ora, sempre jogando para amanhã seu assassinato, o obsessivo o exclui do simbólico. O pai nunca acederá a ele. Entretanto, ao manter o pai distante, a mãe não prepara seu lugar no simbólico, mantendo, ao mesmo tempo, a castração *efetiva* da qual ele é o agente?

¹⁸ "O que é um pai? – É o pai morto, responde Freud, mas ninguém o escuta", em J. Lacan, "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", em *Écrits*, op. cit., p. 812.

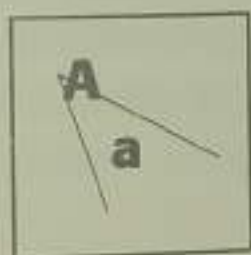
Já foi dito que o obsessivo realizaria "proezas para não correr risco de morte". Não é a morte dele que está em questão, nem a do semelhante ou do adversário¹⁹.

Paradoxalmente, é a morte do Outro que ele não quer arriscar, pois, então, esse lugar seria ocupado; ora, *ele não admite isso*.

O obsessivo espera a morte do mestre ao qual se encontra totalmente alienado, não querendo admitir que sabe que ele já está morto. Mas quem ocupa o lugar desse Mestre? Não está ele, como o ministro ladrão, no conto de Edgard Poe, nessa "posição que ninguém está realmente à altura de assumir, por ser *imaginária*", a do mestre absoluto²⁰? Lacan perguntava: não é fazendo-o perceber que é prisioneiro do mestre morto que podemos esperar a solução? Não. O obsessivo pode saber tudo o que *se* quiser – *não dará um passo de sua guarda*. Ele *permanece* em uma posição de espera. Em suspenso²¹, como se diz da carta, posto que, como ela, ele foi raptado.

Para ele, o lugar do Outro é um lugar que deve permanecer vazio, desafetado, porque é lugar de um gozo do qual ele tem horror, mas também é o lugar da verdade onde o espera a angústia.

Ele é exitoso em sua demonstração de força: barrar o Outro pelo outro, operação que permite colocar em cena a divisão do sujeito; porque ele não ignora a ordem do Outro, que o intima a não desejar.



(onde *a* é o semelhante)

($A \diamond a$)

¹⁹ "De fato, é do lugar do Outro, em que ele se instala, que ele acompanha o jogo, tornando qualquer risco inoperante, especialmente o de alguma disputa, numa 'consciência-se-si' para a qual só existe a morte para dar risada", em J. Lacan, ob. cit., p. 811.

²⁰ J. Lacan, "Le séminaire sur 'La Lettre volée'", em *Écrits*, ob. cit., p. 33 (o grifo meu).

²¹ *Ibid.*, p. 41.

Ora, o Outro só demanda pela boca do semelhante, demanda que o obsessivo elevou a palavra de ordem. E isso só pode girar e girar, pois ele utiliza o semelhante como reforço ou contraforte... então, o Outro fala!

Assim, ter um mestre, submeter-se a uma ordem superegóica é uma forma prática de evitar o desejo. "Tu serás um homem alugado"* , "Tu devolverás o dinheiro..."

Afirmar que o obsessivo é um mestre é, portanto, um grande erro²².

Ele não pode, de jeito nenhum, obsessionalizar algo. Tudo já está obsessionalizado – e em primeiro lugar ele. Ele institucionaliza, funcionariza. *Já está* feito. A tendência a obsessionalizar a cura psicanalítica não vem do paciente. O lugar do Outro é um lugar que ele comumente não admite ver ocupado. Isso é totalmente congruente com o próprio estatuto da psicanálise e seu *máximo: o atelismo*. "... tanto pior para a religião"²³.

As relações da psicanálise com a religião não são muito amistosas. Se a religião triunfar, dizia Freud, a psicanálise vai fracassar.

O obsessivo nos preservará da vitória da religião ao recusar, contra tudo e contra todos, dar ao Outro o objeto que lhe falta. Sua cura psicanalítica é testemunho disso, cura que se realiza, no mais das vezes, no que Freud chamava de transferência negativa²⁴, ou seja, *apesar* do analista.

Ernst Lanzer diz: do além eu não sei nada, então, eu creio. Freud, estupefato, conclui: ele é completamente louco! É um cara lúcido, inteligente, fino e aí descarrila completamente. Ele crê. É um sintoma. Afinal, isso se analisa. A crença implica uma irreducibilidade do Outro. Na articulação que liga o obsessivo à religião, o Outro é um Todo-Outro. Mas nosso

* Jogo entre "homine de main" (criminoso de aluguel/homem que faz um serviço espúrio) e "de-main" (conforme grafado no texto, o que daria "Tu serás um homem amanhã"). (NT)

²² "O erro de Reich [...] o fez tomar armas por uma armadura". J. Lacan, *Écrits*, ob. cit., p. 281.

²³ S. Freud, *L'Avenir d'une illusion*, ob. cit., p. 53.

²⁴ Um pouco relativizada por Lacan: "Diremos, com mais justeza, que a transferência [...] negativa é quando aquele de quem se trata, o analista, no caso [...], a gente está de olho nele". *Les Quatre concepti...*, ob. cit., p. 114 [Tradução brasileira: p. 120].

sujeito não parece de jeito nenhum se apoiar num Deus como o entendemos comumente, pois o lugar do deus tem que ser *restaurado*.

O obsessivo tenta desesperadamente dar consistência ao supereu, mas ao seu e para ele mesmo. O lugar do deus, para ele, está vazio. O O/outro não deve saber. Se, para a histerica, "Ele existe, Ele sabe tudo, e eu não quero saber nada disso", para o obsessivo, "Ele não existe, Ele não sabe, e eu não quero saber que sei disso".

O pai originário primitivo de Rick só podia ser um homem que nem mesmo quis olhá-lo: maldade suprema. Sua relação com seus pais sucessivos só podia estar fortemente tingida de ambivalência. A história secreta de Rick tinha como base essa marca satânica, única concepção do pai. Seu Deus era diabólico²⁵. Para ele, a ordem social só podia ser matriarcal. Tratava-se, então de *salvar o pai*²⁶, já que, em seu romance familiar, a mãe tinha sido "desmascarada" e "inculpada"²⁷.

A identificação com o pai em Rick, que tinha sido abandonado pelo Deus-merda, não podia ser reforçada, pois não preenchia as condições para uma *virilização* psíquica.

Para quem ele se vestia "de menina" diante de seu espelho? Por que obscuramente desejara que sua mãe o visse? Ele não tentava extrair de si a "nefasta contaminação feminina"²⁸.

Que o Outro não saiba não é simplesmente um desejo, mas uma necessidade. O obsessivo utiliza tudo para se preservar de seu saber. Ora, na cura psicanalítica, o preço da renúncia ao gozo é o saber produzido; quando mais saber advém, menos o Outro goza.

A neurose obsessiva consiste em um verdadeiro sofrimento do saber. Freud sublinhava: é como se o sujeito ao mesmo tempo soubesse e não soubesse.

²⁵ Cf. S. Freud, "Une névrose démoniaque au XVII^e siècle", em *L'Inquiétante étrangeté*, ob. cit.

²⁶ Como analisa P.-L. Assoun, em "Fonctions freudiennes du père", em *Le Père*, Paris, Denoël, 1989, p. 39.

²⁷ Segundo o que Freud enuncia várias vezes em sua correspondência com Fliess a partir de 1897.

²⁸ Segundo a expressão de G. Gillison, em "L'horreur de l'inceste et le père caché: mythes et saignées rituelles chez les Gimi de Nouvelle-Guinée", em *Le Père*, ob. cit., pp. 197-216.

O obsessivo é uma máquina de produzir mestre; mas um mestre cujos enunciados ele vai utilizar para apagar um gozo do qual ele não quer saber, que ele se aferra a ignorar para salvaguardar sua fantasia. Para isso, manterá cuidadosamente à distância o lugar do Outro – onde se colocam as questões do saber, do falo, do gozo e da castração.

O escravo utiliza ferramentas para produzir os objetos dos quais o mestre vai gozar, mas não utiliza as ferramentas do mestre. Ele trabalha para produzir, não para gozar dos objetos; seu gozo está no seu trabalho.

Ao serviço de um pai mestre

Ator invisível, o obsessivo, ao fugir de seu desejo e sua dimensão mortífera, petrifica-se como um escravo que não duvida de seu mestre. Aceita as regras, as demandas inclusive.

Numa análise que continua apesar de sérias dificuldades financeiras, uma paciente aborda questões relativas aos pagamentos de honorários. Após a morte de seu pai, recebeu uma herança na qual não quer tocar enquanto tiver uma bolsa universitária. Preserva os escassos rendimentos, esperando terminar seus estudos. Todavia, tem que passar por cima dessa disciplina de ferro como consequência de uma compra significativa necessária. Depois de ter questionado a análise, ela “se dá uma razão”: “Encontrei uma solução para acertar minhas sessões. Tenho que me decidir a fazer isso. A herança pagará minha análise”.

Ela tem em vista uma transferência de documentos a fim de continuar seus estudos fora da capital. “Vai ser mais fácil que em Paris”. Rebaixando seu desejo a uma demanda, ela cede um objeto – o dinheiro –, que ela interpõe para não ceder ao gozo do Outro caprichoso.

Só a função paterna dá autorização de gozo. O pai libera o filho da confrontação sem mediação com esse significante primeiro que é o desejo da mãe. Mas o sujeito já não sabe muito bem com qual pai está lidando, qual é seu verdadeiro estatuto, já que a mãe afasta seu esposo; ele é apresentando à criança como perturbador.

Na evolução do Édipo, o pai *é* perturbador. Enquanto que, neste caso, afastado o terceiro, o objeto *poderia* ser acessível. A criança não pode,

sem angústia, desejar a desapareição do pai, pode apenas desejar sua intervenção para não ser englobada pelo Outro. Mas nem por isso, para a criança, trata-se de "perder o amor da pes: a onipotente da qual se depende"²⁹. Por outro lado, a agressividade é mais impossível do que interdita. "Um golpe em seu inimigo é um golpe em você mesmo"³⁰. Será ainda mais rigorosa e cruel a repressão que o supereu exerce sobre o sujeito. Quando Freud insiste para colocar o pai em posição de rival, o homem dos ratos sublinha: "Meu pai e eu éramos os melhores amigos do mundo"³¹ – lembrando a relação em espelho que o unia a seu ideal.

A universidade não é um lugar privilegiado para os obsessivos. Nada ali é tranquilo. Ali só governam os "pequenos mestres" engalanados e engalanadores de conhecimentos que eles *sancionam*. Em contrapartida, os obsessivos são verdadeiros pesquisadores; eles pesquisam por pesquisar, não para encontrar. É por isso que eles encontram – sem precisar pesquisar muito –, não sendo o achado um objetivo em si. Também não trabalham para *produzir*. *Acontece* que eles produzem, e de boa vontade abandonam o produto à circulação. Não fazem mais do que contribuir para o pensamento³², para *o pensar*. Mas, para o universitário como tal, o saber é sintoma; ele constitui poder.

O obsessivo nunca faz poder de seu saber – nisso, ainda, ele se une ao analista. Muito naturalmente o saber o seduz. Simplesmente, ele o enquadra. Ele compila. Ele desmascara... e passa. Não é o caso nem da histérica nem do perverso, que se servem dele à vontade.

O obsessivo recusa o lugar do "mestre que, do falo, faz significante índice um"³³ e, em relação à potência, ficará apenas no nível da *idéia*. Quando é confrontado com o poder, Φ , ele se apaga.

²⁹ S. Freud, *Malaise dans la civilisation*, ob. cit., p. 81.

³⁰ J. Lacan, "Quelques réflexions sur l'ego", Comunicação na Sociedade Inglesa de Psicanálise em 2 de maio de 1951, publicada em inglês em *International Journal of Psychoanalysis*, em 1953, pp. 11-17, traduzido do inglês por N. e E. Beaufils, em "Petits écrits et conférences", inédito, p. 240.

³¹ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 217.

³² "Todo mundo sabe que todo um setor depende da produtividade do obsessivo; até mesmo os mais cegos, os mais insensíveis à realidade histórica se deram conta de sua contribuição ao que se chama o pensamento", em J. Lacan, "D'un Autre à l'autre", inédito, lição de 21 de maio de 1969.

³³ J. Lacan, "RSI", inédito, lição de 11 de março de 1975.

Como um incorruptível governaria?

Com essa neurose, Lacan retomou uma dialética cujo desdobramento teve a prudência de situar *no registro do imaginário*. Na dialética hegeliana, algo lhe "salta aos olhos como sintomático": a astúcia da razão, ilusão sedutora que culminará na dialética do obsessivo. Em 1960, tenta salvar Hegel, afirmando que ele dá exatamente o que o obsessivo demanda³⁴. Alguns anos depois, vai colocar tudo isso em questão³⁵.

O mestre do discurso interpela o sujeito, o qual se questiona: ele nunca ocupará o lugar do agente e continuará escravo; gozo do sintoma. Só um corte subjetivo pode deter esse processo infinito, pois, da mesma maneira como nunca ocupará o lugar do mestre, ele nunca poderá concluir – o que seria tomar o lugar do mestre ou do pai. "Não é tanto escapar à morte" o que está em questão para ele, mas escapar ao gozo³⁶. Em lugar de mestria, ele não ignora que "é o escravo que é o ideal do mestre"³⁷.

A histérica, que busca um mestre para melhor dominá-lo, se arma com o êxito: ela encontra decepção e insatisfação quando termina por descobrir, nesse parceiro escolhido, um escravo – emancipado afinal³⁸. O obsessivo, por seu lado, com frequência fica tão espantado de ser tomado por mestre que faz de sua parceira sua mestra*.

³⁴ J. Lacan, "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", em *Écrits*, ob. cit., pp. 793-827.

³⁵ "Agora, o mestre e o escravo, a luta à morte de puro prestígio, como isso deslumbra vocês! A luta à morte, não há a menor luta à morte, já que o escravo não é morto, senão ele não seria um escravo! Não há a menor necessidade de luta, à morte ou não; há simplesmente necessidade de pensar nisso e, em relação a essa luta, pensar quer dizer sim, com efeito, se for preciso chegar a isso, sim, vamos lá", em J. Lacan, "D'un Autre à l'autre", inédito, lição de 11 de junho de 1969.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid.

³⁸ "O cornudo da história [...] o cornudo magnífico. O ideal e o ideal do eu são isso, um corpo que obedece. Então ele vai buscar no escravo. Naturalmente, ele não sabe qual é a posição dele, do escravo, pois, enfim, em tudo isso, nada demonstra que o escravo não saiba muito bem o que ele quer desde o início [...] que a questão de suas relações com o gozo seja algo que de jeito nenhum seja elucidado", *ibid.*

* Além do sentido de "domínio", óbvio, *maltreise* em francês também é a amante que exerce um domínio sobre o homem.

Mesmo quando o obsessivo adota uma posição feminina com relação ao pai, é claro que de jeito nenhum podemos identificar a neurose obsessiva à feminilidade. Um obsessivo não é uma mulher, nem uma obsessiva um homem. Entretanto, tanto num como noutro, a feminilidade será marcada e reforçada por sua captura nessa estrutura.

Freud analisou numerosas mulheres obsessivas³⁹. Não fez grande caso delas. Ainda hoje, o que a compulsão numa mulher evoca faz imediatamente nascer a maior desconfiança e prudentemente se espera que a histérica desperte.

Na literatura analítica, a neurose obsessiva é inevitavelmente associada ao homem e a histeria à mulher.

Talvez Lacan esteja na origem de uma ambigüidade: ele esperava de suas colegas mulheres que pudessem dar conta da feminilidade e do gozo feminino⁴⁰. Por que uma mulher poderia dizer mais sobre isso, já que, e bem estranhamente, o próprio Lacan lembra a teoria freudiana quanto a essa questão: a feminilidade não é uma questão de anatomia, mas de componente identitário e de inscrição?

Existe, na minha opinião, alguém que pode – o que de jeito nenhum quer dizer que ele o queira – dizer o que é a feminilidade, mesmo que fosse porque seu sintoma parece havê-lo dotado de uma aptidão privilegiada: o obsessivo, *que serviu ao gozo da mãe*.

Feminilizado *no inconsciente*, o sujeito escolhe, com suas últimas forças, a posição oposta. A cena devastadora sobreveio ao final do estágio do espelho⁴¹, ela é apassivadora; e essa passividade constitui a fixação homossexual *recalcada*⁴². Nessa experiência escotofílica apassivadora, o *moi* toma

³⁹ Ver, sobretudo, S. Freud, "Obsessions et phobies. Leur mécanisme psychique et leur étiologie" (1895), texto original em francês, em *Neurose, psychose et perversion*, ob. cit., pp. 39-45; e "Actes obsédants et exercices religieux", em *L'Avenir de une illusion*, ob. cit., pp. 81-94.

⁴⁰ J. Lacan, *Encore*, ob. cit., lição de 13 de fevereiro de 1973.

⁴¹ Ler, sobre esta questão, J. Lacan, "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nos est révélée dans l'expérience psychanalytique", em *Écrits*, ob. cit., pp. 93-100.

⁴² Sobre essa questão de importância capital, cf. "L'inconscient" e "Le refoulement", em *Mitapsychologie*, ob. cit., pp. 45-123.

partido pelo investimento narcísico. O *moi* exhibe uma máscara. Ora, a imagem só pode alimentar mal-entendidos.

Por sua feminilidade *recalcada*, o sujeito dá uma espécie de resposta: o homem, de uma mulher, não sabe nada, nem uma mulher do homem. Não há representação da diferença anatômica dos sexos no inconsciente.

No obsessivo, a feminilidade é *saber insabido*, saber que se considera que ele produz na cura psicanalítica. Ora, o que ele produz não o interessa.

Essa feminilidade deve ser guardada como um trunfo. As mulheres com frequência têm mais medo dela do que os homens, porque, neles, ela de imediato se inscreve no registro da castração. O obsessivo se aferra a sua divisão. Ele é muito lacaniano: o objeto será sempre para ele o que, de uma certa maneira, virá desempenhar o papel do parceiro. Caso contrário, ele correria o risco de reintegrar o Outro, ou que o objeto viesse reintegrá-lo, de modo que ele se tornaria Todo – portanto, Deus. Isso seria deixar o sujeito gozar de seu objeto – o que é próprio do perverso.

No momento em que algo penetra nele, o sujeito se inscreve do lado de uma mulher. Sou... penetrado por um rato. Gozo que só se pode situar na direção do feminino; mas também na direção do *impossível*.

Ernst, com sua fantasia, alcança o impossível. Suplementado com o rato, se dirige para o Todo, a completude. Ele não perderá o equilíbrio. Como um rato, passeia numa borda perigosa que nunca o fez dizer: "Sou um rato"⁴³. Não se priva de passear pelo corpo das mulheres. Com sua fantasia, *ele faz a mulher*⁴⁴.

O obsessivo busca se curar de *Lá* mulher e da feminilidade, pois é nesse lugar que se põe a questão de seu ser. *Ele imagina que pode se curar do se que goza dele*.

Ignès é uma moça atraente, que nunca teve dificuldade para encontrar amantes. No entanto, nunca chega ao orgasmo. Ela explica que, "quando acontece", ela não pode evitar "congelar" tudo.

⁴³ No que ele se junta com Schreber. O obsessivo não adere ao enunciado de suas fantasias.

⁴⁴ Como Freud pôde dizer que a histérica "faz o homem" – exceto que os registros são muito diferentes.

Através desse significante se estabelece uma conexão com uma lembrança de infância: seu pai brinca com ela e a faz subir em seu colo. Sua mãe se opõe vigorosamente a essas brincadeiras. Pouco importa, "o prazer sobe". Mas logo ela deve "congelar-se".

Após a evocação dessa lembrança, sua frigidez se atenua, mas não desaparece. Ainda é preciso elaborar, simbolizar o amor invasivo que a ligava à mãe ao passo que ela estava certa de odiá-la.

Ela diz que um dos meios utilizados para "congelar" o prazer que sobe nas relações sexuais é, precisamente, imaginar que sua mãe surge no seu quarto na hora H. E se ela tivesse se deixado levar? "Que angústia! Teria sido uma explosão, um tremor de terra infundável! Minha mãe me queria toda para ela". Alguns sonhos vieram apoiar essa lembrança e o caráter devorador desse laço passional, latente há uns trinta anos: "Um cachorro entra totalmente num outro como uma criança que volta ao ventre de sua mãe".

Após ter podido colocar em palavras esse episódio de um período arcaico, sua frigidez se atenua marcadamente. Ela começa uma relação estável com um de seus namorados e "um desejo de criança, completamente novo", aparece. A impossibilidade de se deixar levar estava ligada à intervenção e às reprimendas na ocasião de suas brincadeiras com o pai, ao qual ela permanecia muito ligada de maneira sintomática: passar de um homem a outro, sem fim.

Essa observação mostra que a relação com o pai não é determinante quanto à estrutura. Esta estava estabelecida antes. A relação com o pai vem tomar a posição de uma outra: sua ligação com a mãe. Essa mulher não escolhe seu companheiro apenas sob o modo dessa relação infantil com o pai, mas também na medida em que é considerado como satisfazendo algo que tem sua origem na sua relação também arcaica com a mãe.

Freud se recusava a aceitar a idéia de que muitas mães ou pais fossem perversos. Ferenczi se espantava menos com relatos de sedução por um dos pais feitos por pacientes adultos¹⁵.

¹⁵ S. Ferenczi, "Confusion de langue entre les adultes et l'enfant", em *Psychanalyse. Œuvres complètes*, ob. cit. Título original: "Les passions des adultes et leur influence sur le développement du caractère et de la sexualité de l'enfant". Essa comunicação foi muito pouco apreciada por Freud, que teria se oposto a sua publicação. Cf. M. Balmary, *L'Homme aux rats*, Paris, Grasset, 1979, p. 214.

A teoria freudiana não colocou o acento na relação dos pais com a criança, mas inversamente: a menininha deseja seu pai e, portanto, é ela a sedutora. É claro que um tal esquema circula muito entre os analistas e, além do mais, alguns o difundiram amplamente⁴⁶. Não se pergunta muito sobre os desejos assassinos de Laio em relação a seu filho, nem sobre os desejos incestuosos de Jocasta em relação a Édipo ou de Édipo em relação a Antígona; entretanto, alguns autores não hesitaram em se deter nisso⁴⁷.

Só há incesto entre a filha e seu pai. Ficaria a esclarecer o que é o incesto entre a mãe e seu filho, entre a mãe e sua filha. Eles parecem suscitar um temor e um horror maiores, a tal ponto que as pesquisas sociológicas os consideram, contra toda evidência, como extremamente raros⁴⁸!

Na neurose obsessiva, a mãe é, sem contestação, sedutora; ela acarreta a escolha forçada da neurose com o que se pode pôr em paralelo com o *apelo ao pai: a melancolia do pai*, no sentido do genitivo objetivo*, como Hamlet é melancólico do pai, ou ainda Kierkegaard. Assim como uma mulher será melancólica desse pai que teria podido intervir para interditar o primeiro objeto de amor que é a mãe.

Hamlet é melancólico de um pai imaginário. Está em busca de um pai simbólico e, ao mesmo tempo, de um pai real que desse sustentação a

⁴⁶ Cf., por exemplo, a entrevista de F. Dolto em *Choisir* em novembro de 1979, na qual ela afirma que não há estupro porque as moças sempre consentem e que bastaria que a filha recusasse para que o pai, perverso ou não, a deixasse tranquila (!). Essas palavras só podem acarretar um novo mal-entendido entre psicanalistas, que falam de *desejo inconsciente*, e os seus leitores, que só podem entender isso no nível do *desejo consciente* e — com razão, portanto — protestar. Essa entrevista é citada não só por E. Thomas, *Le Viol du silence*, Paris, Aubier, 1986, mas também por C. Rochefort no anexo de seu romance, *La Porte du fond*, Paris, Grasset, 1988. Claro, F. Dolto não é a única psicanalista a sustentar tais palavras nos meios de comunicação de massa.

⁴⁷ Aos autores já citados, podemos acrescentar J. Bergeret, *La Violence fondamentale*, Paris, Dunod, 1984.

⁴⁸ Cf. M. Moisseff, etnólogo, que se apóia nas pesquisas de Maisch (1970), Strauss (1984) e Scherrer (1984), "Les dits rarissimes", na revista *Putipù*, nº 7, 1987, p. 139.

* No sentido do genitivo objetivo, "a melancolia do pai" equivale a dizer melancolia em relação ao pai, não a melancolia "sentida" pelo pai (que seria o sentido do genitivo subjetivo). (NT)

seu ato. A melancolia do pai – a do pai de Hamlet – é evidente: sua tristeza, seu pecado⁴⁹ e sua inconsistência lhe dão seu estatuto de alma do outro mundo.

Hamlet seria “o protótipo da anomalia que consiste em não sair vitorioso da fase edipiana”⁵⁰.

Ora, *é somente ferido de morte que Hamlet consegue sustentar seu ato*; por outro lado, ele só cumpre seu crime vingador *após a morte de sua mãe*. Jones já havia longamente evocado essa questão do matricídio⁵¹.

Lembremos a primeira intervenção do espectro, prescrevendo a seu filho: “Não faça nada contra sua mãe”⁵². *Hamlet então se encarregou da castração da mãe que o pai não tinha sabido realizar*.

Em favor da tese do matricídio, citemos um lapso particularmente eloqüente de Hamlet se dirigindo a Claudius:

H. – Até logo, querida mãe.

C. – E teu terno pai, Hamlet?

H. – Minha mãe! Falo com justeza, pai e mãe são marido e mulher e marido e mulher são uma mesma carne. Assim, vocês são minha mãe⁵³.

Isso mostra bem o que é designado através da questão do matricídio, o qual está longe de se dirigir apenas à mãe como tal, ele *remete ao lugar mesmo onde se origina a falta*.

“Sustente a clivagem entre a mãe real e a mãe como Outro”, parece dizer o pai a Hamlet, fazendo-o entrar no *inferno do dever*. Palavras que se dirigem também ao analista, na medida em que, se o nome do pai não está inserido no lugar do Outro, a transferência fica inoperante. Enquanto não há processo de subtração da mãe, o sujeito não aparece, na cura psicanalítica,

⁴⁹ “É que ele foi ceifado sem comunhão, sem viático, nem unção na flor de seus pecados”. Monólogo muito conhecido, em W. Shakespeare, *Hamlet*, primeiro ato, cena 5, tradução do inglês por Y. Bonnefoy, Paris, Mercure de France, 1957, p. 45.

⁵⁰ J. Starobinski, *Hamlet et Freud*, prefácio a E. Jones, *Hamlet et Edipe*, Paris, Gallimard, col. TEL, 1967.

⁵¹ “[...] para Hamlet, a dificuldade toda era saber que tratamento era preciso dar à mãe”, em E. Jones, *Hamlet et Edipe*, ob. cit., p. 98. Embora evoque esse matricídio, Jones não põe em relevo que é apenas após a morte de sua mãe que Hamlet sustenta seu ato. Segundo ele, Hamlet não podia acrescentar um parricídio ao incesto.

⁵² W. Shakespeare, ob. cit., p. 46.

⁵³ *Ibid.*, ato, IV, cena 3, p. 145.

dividido. Ele vem se enxertar no analista, sem verdadeiramente também subtraí-lo. O sujeito continua a ter, no lugar do analista, uma *mãe-vigilante*.

Ao deixar uma posição na qual a mãe o identificou com seu falo faltante por uma segunda posição na qual ele renuncia a essa identificação, aceitando a castração simbólica, o sujeito tem que se identificar ou com aquele que é suposto ter o falo, ou, ao contrário, com aquele que é suposto não tê-lo. Essa operação que se atualiza num processo de simbolização é decisiva.

Freud observa, já na primeira sessão de Lanzer, o amor pelo pai e a componente homossexual⁵⁴. Decerto, na neurose obsessiva, antes de tudo tem-se que obter o amor do pai. Mas *de qual pai?* Podemos nos ater ao que Freud trazia em 25 de maio de 1897⁵⁵? Com efeito, é provável que o que Freud propunha em seu *Manuscrito M* se referia ao *recalque* do feminino, para ambos os sexos, entendido como equivalente *da primeira identificação primitiva com a mãe*. Uma identificação *sem intenção*, já que é feita, de fato, *antes* do espelho. Não se pode sustentar que nesse momento o *infans* "quer manter o falo da mãe"! Ele não poderia, nesse período tão precoce da vida, "querer" o que quer que seja, no estado radical de necessidade e de dependência em que se encontra. O que ele sabe sobre o falo? *Somente* mais tarde, toda castração que ative e reative uma separação da mãe será, *a priori*, recusada. O sujeito — seja qual for sua organização neurótica futura — não quer perder aquela Dama, aquela que foi a Coisa e que continua a ser sua melhor expressão.

Quanto mais nos aproximamos da Coisa, mais nos vemos feminilizados.

Em 1937⁵⁶, para Freud o pai feminiliza. Com efeito, é ele quem dá acesso à feminilidade, tanto para um homem quanto para uma mulher. Tornar-se mulher passa primeiro pela fase fálica, depois por seu recalque.

⁵⁴ S. Freud, *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse*, ob. cit., p. 45.

⁵⁵ "É provável que o elemento verdadeiramente recalado seja sempre o elemento feminino", em S. Freud, "Manuscrit M", 25 de maio de 1897, em *La Naissance de la psychanalyse*, ob. cit., p. 180.

⁵⁶ S. Freud, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin", em *Résultats, idées, problèmes*, tomo 1, p. 268.

Em alemão, existem dois termos para designar a feminilidade: *Feminität* e *Weiblichkeit*⁵⁷. Quando Freud fala da recusa da feminilidade, sempre utiliza *Weiblichkeit*.

Se o pai pode dar acesso à feminilidade, *a contrario*, a mãe, como tal, faz obstáculo a ela. Então não se trata da mãe como Coisa mortífera, Outro primordial, mas do que é uma mãe no *imaginário* do sujeito e do lugar que ela lhe designa, fazendo de seu filho "rolha, esse a"⁵⁸.

Assim, tanto para o menino quanto para a menina, *a mãe feticiza primeiro*. Para uma mulher, a mãe só pode engendrar uma mãe, não feminilidade. Basta ver, na clínica, a frequência de discursos nos quais se opera uma clivagem: a mãe, a puta. Uma mulher adota naturalmente uma atitude de mãe diante de seu parceiro⁵⁹.

A perda do objeto é a raiz do impossível *em todo* sujeito. É uma identificação que subtece o discurso no qual o sujeito se inscreve. A identificação com uma ou outra metade da espécie se origina no *imaginário*, no qual a "questão do *moi* domina"⁶⁰. Ela só tem sentido para um sujeito confrontado com o real da ausência à qual ele só tem acesso pelo simbólico.

Uma paciente, professora, faz, a respeito de seu pai, uma série de sonhos.

"Num deles, meu pai era *repórter*. Ele era muito amável. Um homem muito bom e cheio de humor. Ele morria. Era abandonado numa cama, num abrigo para aposentados. O pessoal fazia uma festa de fim de ano e eu fui obrigada a convencer um dos médicos presentes a se ocupar dele. Ele

⁵⁷ Freud não utiliza esses dois termos de forma equivalente. Curiosamente, no glossário da nova tradução das *Œuvres complètes* de Freud, de A. Bourguignon, P. Cotet, J. Laplanche e F. Robert, *Traduire Freud*, Paris, PUF, 1988, p. 253, ao termo "feminilidade" só corresponde *Weiblichkeit*. *Feminität* é esquecido.

⁵⁸ J. Lacan, *Encore*, ob. cit., p. 36 [Tradução brasileira: p. 49].

⁵⁹ "Se há um discurso que lhes demonstra isso, é que a mulher nunca será apreendida – é o que o discurso analítico põe em jogo – a não ser *quoad matrem*. Quer dizer que a mulher não entrará em função na relação sexual a não ser como mãe (a edição Seuil é ligeiramente modificada aqui)", J. Lacan, *ibid.*

⁶⁰ J. Lacan, "l'Étourdit", em *Scilicet*, nº 4, revista do Campo Freudiano, Paris, Seuil, 1973, p. 14.

me afirmava que ele estava morto. Eu afirmava que ele estava vivo. Meu pai recomeçou a respirar. Talvez meu desejo fosse tê-lo vivo para mim e para minha mãe. Mas eu não sabia como fazer isso. Depois, na noite seguinte, meu pai foi submetido a uma intervenção cirúrgica estética. Eram refeitas certas partes do corpo dele, sobretudo o rosto. Como eu acabara de ver na televisão uma reportagem sobre a cirurgia estética, eu logo liguei uma coisa com a outra. Eu *refazia* meu pai: *me tornava sua mãe*.

Fiquei perturbada com esse desejo de *fazer* meu pai. De *criá-lo*. Ele foi muito importante para mim; ele *se tornava eterno*".

Em análises de mulheres obsessivas, encontramos essa questão: o que fazer com o pai morto? Fazer dele meu filho: "Decerto eu desejei tê-lo vivo para mim e também para minha mãe".

Como fazer para que um morto esteja vivo?

O pensamento grego mostra vestígios dessa fantasia em seus mitos. Perséfone, filha de Zeus, reina nos infernos, cujo senhor é seu esposo, Hades. É filha única de Deméter, de quem é raptada durante a terça parte do ano – ou durante a metade, segundo outras versões do mito – para entrar no mundo subterrâneo de Hades e se tornar sua esposa. Ela comeu o pequeno grão⁶¹ que doravante a liga a Hades; ela nos faz mergulhar no famoso "continente negro" que caracteriza a sexualidade feminina para Freud. Espaço organizado em torno do pai morto para o inconsciente – está fora da relação vital entre mãe e *infans*. "O *Weibliche* não é, em si, ameaça da mãe"⁶²?

Quando a menina opera a rotação de seu desejo da mãe para o pai, encontra esse obstáculo: como encontrar vida e sexual do lado do pai, se ele é senhor da noite e dos infernos?

Ao fazer de seu pai seu filho, em sua fantasia, ela volta a lhe dar vida. Está aí, parece, a astúcia do inconsciente feminino para se separar de Hades e ser mãe. Mais que uma astúcia, é um contrato. Ela não terá que *fazer o homem*, mas que *criar o pai* ou tomar os traços daquele que faltou a seu

⁶¹ L. De Granade, segundo P. Grimal, *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, PUF, 1979.

⁶² W. Granoff, *La Pensée et le Féminin*, Paris, Minuit, 1976, p. 255.

dever e que faz da mãe uma mãe fora da lei. Nesse caso, ela trará algum traço de masculinidade. Uma masculinidade das mais femininas.

De todo modo, é uma forma, para ela, de marcar *distância*; em outras palavras: a *diferença*. Uma diferença em relação ao Outro do qual ela é, simultaneamente, separada por uma castração dupla, a do Outro e a sua.

Se a criancinha deve encontrar do lado da mãe o objeto causa de seu desejo, esta só pode transmiti-lo se o recebeu do pai da criança. O desejo, a partir disso, persiste em seu endereçamento: sua causa. Ele não se reduz ao desejo do Outro, como na histeria.

Para a menininha capturada na estrutura obsessiva, sair do reino dos Mortos seria entrar na circulação do desejo graças ao apelo ao pai morto e a sua proposta de contrato simbólico: ser mãe do pai morto. É se sentir responsável pela vida do pai morto. Esse contrato organiza a libido da menina.

O fato de que, para desejar, a menina deva fazer o trabalho preliminar de dar à luz o pai morto modifica, para sua vida futura, as modalidades de seu desejo. Não é surpreendente que os gregos, que tanto se interessavam pela cidade, por sua organização social, tenham numerosos mitos para explicar o que seu inconsciente os deixava entrever sobre as mulheres. O que a psicanálise descreve como "Édipo feminino" nada mais é que o final de um encaminhamento complexo ao qual eles deram os belos nomes de Perséfone, Penélope – a qual não se contenta com o trabalho de dar à luz, mas incansavelmente aguça a paciência –, Gunê, a expansiva, e a célebre Antígona, para a qual a "fidelidade à *philia* passa pela fidelidade ao culto dos mortos": "Ela não quis ouvir o apelo a se separar dos seus para [...] transmitir [...] a vida"⁶³.

Para os gregos, a família era o lugar da vida e da morte.

O obsessivo não vive no desejo do assassinato do pai, mas no que experimentou desse assassinato possível pela própria posição que a mãe o fez ocupar. O pai é tão silencioso que o sujeito pode se perguntar se está vivo ou morto. O fato de que esteja realmente morto não muda grande

⁶³ J.-P. Vernant e P. Vidal-Naquet, *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*, Paris, Maspero, 1983, p. 90.

coisa. Na relação em espelho com esse pai, a agressividade do sujeito só pode ser maciçamente retornada para ele mesmo. O pai do obsessivo não é um pai *perturbador*.

O próprio sujeito, coagido, tece seu fio de Ariadne. Ele evoca o que seguramente é a mais verdadeira significação do labirinto: *a morte não está na chegada*, sob um figura qualquer de Minotauro, *está na entrada*; para ele, *já está* escrito em algum lugar, desde sempre.

Observa-se no obsessivo um mecanismo que funciona por vasos comunicantes: quanto mais o desejo aumenta, mais se impõe a idéia de que o pai deve morrer. Em outras palavras, quanto mais o sujeito deseja, mais sente o peso da ameaça de um gozo, mais tem necessidade de um pai morto, isto é, *de um pai que esteja além do pai imaginário* que em si mesmo é alguém que goza.

O apelo ao pai é apelo a uma barreira contra o gozo. Mas, sendo puro simbólico, esse pai não pode ser alcançado como tal. A obsessão demonstra que esse pai só é situável e acessível através do pai imaginário, com as deformações e os efeitos contrários que daí resultam. O pai imaginário carrega com ele, insidiosamente, o gozo do qual o sujeito busca se defender. Assim, o pai que aparece na identificação, o pai que é a raiz do ideal do eu, é também o pai aproveitador. Daí, é um pai que não pode ser o suporte do desejo, já que este é defesa contra o gozo.

O obsessivo sabe que aconteceu algo que ele ignora e esse saber o atormenta ininterruptamente. *Ele tem nas mãos o sangue de um cadáver do qual não quer saber que não é o assassino*. Como ele pôde achar que tinha cometido esse crime primeiro?

Embora passe seu tempo a *construir defesas prévias contra o que já adveio*, ele não pode se inocentar. Em contrapartida, ele sabe, e melhor do que ninguém, que *o homem começa com a Lei e o crime*⁶⁴.

Quando o sujeito apela ao pai para uma castração da mãe, no mesmo movimento põe em jogo sua perda. Se o Outro é castrado, ele só pode

⁶⁴ Cf. J. Lacan, *Écrits*, op. cit., p. 130.

atribuir a si a culpa. "A culpa é algo que faz as contas [...] e, claro, nunca faz parte delas"⁶⁵.

O ateísmo, no verdadeiro sentido da palavra, só pode aparecer ao término de uma ascese psicanalítica, na medida em que nega a dimensão de uma presença na base do mundo da onipotência, contrariamente ao revolucionário, que é aquele que se afirma como não servindo a nenhum Deus⁶⁶.

O obsessivo põe sua fantasia como estrutura de seu desejo. É *um rebelde*. Demonstra, como dizia H. Ey, uma rebelião contra todo adestramento. E sem Deus.

Assim ele poderá ver premiado seu esforço, verdadeira proeza: interpondo o semelhante entre ele e o Outro, ele apaga este último. O lugar de Deus permanecerá vazio.

⁶⁵ J. Lacan, "RSI", inédito, lição de 14 de janeiro de 1975.

⁶⁶ "O que conta é a revolução operada num indivíduo quando ele se afirma como sujeito de seu destino, responsável por seus atos, inclusive os primeiros", em F. Roustang, "Rien ne sera plus jamais tout", em *Études freudiennes*, "Toute-puissance infantile et faute originaire", n° 26, Paris, 1985, p. 15.

O inferno do dever-não

O obsessivo se impõe as mais difíceis tarefas. Não necessariamente fala delas. Para conservar seus segredos, ele se atém a regras, deveres, prescrições, proscricções. Só vive por dever.

Tem dificuldades muito particulares para seguir a regra fundamental, sendo levado a efetuar manobras para que o Outro seja apenas uma testemunha inofensiva ou um semelhante. Aferrado a não se pôr em jogo por sua submissão à regra fundamental, se esfalça em crer que *deve* pensar para ser.

Ao querer justificar sua existência, como todo neurótico, ele apela ao Outro como testemunha do que não funciona.

O supereu persiste, nessa estrutura, de maneira tenaz e feroz. Opõe-se à inscrição do sujeito na função fálica regulada pelo nome do pai. Se o sujeito faz o vazio ao seu redor, é para tentar tornar ineficazes os efeitos do supereu.

A figura inquietante do supereu e de seus enunciados paradoxais fica estranhamente muda quanto à mãe¹ portadora e enunciadora desses contrários. Embora seja claro que o supereu não é a garantia da moralidade do indivíduo, ele vigia muito particularmente o *moi*; está de olho nele.

¹ "Tu deves ser como o pai" e "Tu não deves ser como o pai": o que isso quer dizer? E nada da mãe, nada do incesto. É esse nada que faz questão. E funda [...] o que é dito quanto ao pai. Ser como o pai é poder dizer, como o pai fez para encontrar a mulher: "Não é minha mãe" [...] encontro com o desejo incestuoso [...] "Não é minha mãe" é o que autoriza: "Então, é minha mãe". S. Prokhoris, "Entre dire et ne pas dire, interdire: ambiguïtés de la fonction du père", na obra coletiva *Le Père*, *op. cit.*, p. 190.

Milan Kundera distingue quatro tipos de pessoas segundo o olhar que desejam ver dirigido para elas mesmas². O primeiro chama por um número infinito de olhares anônimos – o ator. O segundo deseja o olhar de olhos amigos – o organizador infatigável de encontros. O terceiro não quer deixar o campo do olhar de uma pessoa querida. O quarto, que ele diz raro, vive *sob o olhar imaginário de uma pessoa ausente*.

Essa última categoria não deixa de ter interesse; é ela que “sustenta” o obsessivo – talvez mesmo todo ser falante. A consciência tem uma voz: “Tu deves!”. Também tem um olho, *um olho mau* impiedoso, é o do ausente: do pai simbólico ou de Deus. Está em toda parte, pode tudo ver, inclusive o que se diz.

Com suas lutas contínuas contra os contra-investimentos libidinais, o obsessivo mostra repulsa por tudo o que é mandamento formulado do real. Mandamento que volta à boa lembrança de nosso sujeito enquanto que sua tentativa é de fazê-lo calar-se.

O contrapensamento também tem um caráter imperioso equivalente ao mandamento. Igualmente é formulado do real. É desse lugar que “isso fala”. De lá vem a injunção: “Não...”.

Ora, a própria interdição se dá a incrível licença de nomear o que é interdito: está aí sua incurável fraqueza. A interdição é capaz de aplicar a si mesma o policiamento que pretende fazer reinar. O voto se impõe ao sujeito, surge a defesa contra o voto e a sanção contra; *temos aí o núcleo estrutural da neurose*.

Os + e os –, os “sim” e os “não” sucessivos levam o obsessivo a não mais se achar nas contas. “Tu não deves”, “tu não deves não...”. Ele cai em estados de perplexidade inextrincável.

As duas injunções são igualmente imperativas, as duas têm o mesmo estatuto, as duas são enunciadas do mesmo lugar, as duas têm o caráter de significante de mestria que se repete, mesmo que seja sob a forma negativa. No obsessivo, os significantes respondem a uma lógica formal binária que sustenta sua ambivalência, a do “sim” e do “não”. O signifi-

² M. Kundera, *L'Insoutenable légèreté de l'être*, Paris, Gallimard, 1981.

cante só pode ser interpretado no registro do mandamento ou do interdito, afirmação ou denegação. Refere-se apenas a sua ordem própria. Insofribel conflito entre, de um lado, o imperativo de gozo que vem do Outro – materno – e, ao mesmo tempo, nada que o autorize, a interdição de realizá-lo¹, o mandamento tem roupagens estranhas, pois vem do real, portado por um Outro simbólico. O sujeito é *coagido* a fazer, pensar, esquecer, *sob pena de*. Nunca se tratará, para ele, de ir até o fim na dita coação, já que, precisamente, uma de suas particularidades é que ele resiste: coexistem nele o agir e o resistir².

Se tivesse que existir pagamento da dívida pelo sujeito, haveria, ao mesmo tempo, reintrodução no Outro da dimensão do desejo. Tudo se apresenta como se a lei com a qual o sujeito está confrontado fosse *uma lei sem desejo*. Foi o que fez com que a opinião de certos autores pendesse para um diagnóstico de psicose. Não é nada disso, pois, tendo recebido a mensagem, esse *imperativo de dever* do Outro aí introduz *de facto* o significante do desejo e a falta. O que lhe vem é: “Não devolver, senão...”, formulação carregada de infinitivo e de imperativo com seu peso *mortífero*³.

Por esse imperativo marcado pelo negativo, enunciado que o visa em sua intimidade subjetiva e o intima a anulá-la, prepara-se um lugar para o sujeito. O infinitivo não implica nenhum ato. Ele se origina numa pura lógica proposicional – *se p então q*, “Se tu devolveses... então acontecerá” –, ele neutraliza o sujeito da enunciação. Graças a esse infinitivo, o paciente mantém sua subjetividade afastada, ou enuncia um “*para-que-não*”, modalidade conjurativa.

¹ O. Fenichel identificou com clareza que, nas obsessões e nas compulsões, “a função de domínio da motilidade não é atingida, mas o eu não se sente livre para utilizar esse poder de governo, ele deve utilizá-lo de acordo com o mandamento estranho de um intermediário poderoso que contradiz seu juízo”, em *La Théorie psychanalytique des névroses*, ob. cit., tomo 1, p. 327.

² Para parafrasear M. Dayan, “Agir, résister”, em *Inconscient et réalité*, ob. cit., pp. 145-189.

³ Portanto, é realmente o Outro como livre, é a liberdade do Outro que o discurso do direito ao gozo instaura como sujeito de sua enunciação, e não de uma maneira que difira do tu és que se evoca do fundo mortífero de qualquer imperativo”, em J. Lacan, “Kant avec Sade”, em *Écrits*, ob. cit., p. 771.

No obsessivo, podemos afirmar um Édipo "exitoso". Nem por isso ele reconcilia o filho com o pai. Subsiste, no melhor dos casos, uma tensão⁶. Resolver essa tensão residual implica, da parte do filho, a renúncia a sua virilidade adquirida, um sacrifício em benefício do pai e de sua vida.

A histérica entretém uma rivalidade aguda com o pai. É também por isso que, por outro lado, o "Tu deves devolver..." é a injunção bruta a pagar sua dívida. O pagamento não seria o que, pelo fato da estrutura da fantasia, viria assegurar o *fading* do sujeito? Estar em dívida se torna então necessário; permanecê-lo, um imperativo ligado ao ser do sujeito.

A estrutura obsessiva aparece na própria estrutura da linguagem.

Uma moça traz um sonho. Caminha numa avenida. Descreve e conta todas as árvores diante das quais passa. A avenida é interminável. Seu sonho é interminável.

Nesse sonho, nada detém seu olhar. O rapete da significação se desenrola, conduzido pela metonímia. Não há condensação como na metáfora. Significação se acrescenta a significação suportada por representações contíguas.

Um outro belo exemplo é dado por Louis-René Des Fôrets em seu romance *Le Bavard*, que se desenvolve exclusivamente no campo da metonímia⁷. A falação só produz falação; gozo do pensar. O autor marca

⁶ "E sabemos que o amor paterno às vezes encontra máscaras desajeitadas para mal dissimular a irritação diante do êxito eventual de sua primogenitura. É muito evidente que os pais fazem o que podem, sem ser mais Santos que os outros. Eles se esforçam para serem habitados pelo amor dito paterno – que nada significa além de um amor acima ou fora da competição com o filho –, mas esse é um amor que é refratário ao que poderia ser experimentado diante desse filho que teve êxito em seu Édipo e quer fazer melhor do que papai. No melhor dos casos, uma vez que o filho assim assumiu sua virilidade, não há nenhuma razão para que haja uma possibilidade de se lançarem um nos braços do outro", C. Melman, "La névrose obsessionnelle", em *La Clinique psychanalytique, articles et communications*, 1973-1990, Bibliothèque du Trimestre psychanalytique, publicação da Association freudienne, Paris, 1991, p. 143.

⁷ "Aqui, sou obrigado a abrir um parêntese, mas vocês já devem ter experimentado que tão logo tentam se explicar francamente são obrigados a fazer cada uma de suas frases afirmativas ser seguida por uma dubitativa, o que na maioria das vezes equivale a negar o que acabaram de afirmar; em suma, é impossível se livrar do escrúpulo um pouco horrível de não deixar nada na sombra", em L.-R. Des Fôrets, *Le Bavard*, Paris, Gallimard, 1973, p. 9.

admiravelmente o que é o motor dessa metonimização incessante do obsessivo: a dúvida.

Hamlet, na sua dúvida quanto ao agir, declara: "A consciência faz de todos nós uns frouxos". Freud vê aí o sentimento de culpa⁸, signo de que o sujeito cedeu em seu desejo. É também o que Ferenczi havia identificado: o ato dissimula uma idéia obsedante, a qual dissimula um sentimento de culpa. Ferenczi dá ilustrações disso no obsessivo e sua maneira de apagar máculas morais que suscitaram idéias obsedantes⁹.

No obsessivo, a dúvida é uma falha do colocar em ato o momento de concluir. O pensamento se mantém no tempo para compreender. Ora, é tarde demais: "Passado o tempo para compreender o momento de conduir, é o momento de concluir o tempo para compreender, pois, de outro modo, esse tempo perderia seu sentido"¹⁰.

O tempo para concluir é o da afirmação subjetiva, do que o obsessivo tem horror.

Se Freud inventou o mito do assassinato do pai foi porque não teve outro meio além dessa ficção pré-histórica para definir a condição segundo a qual ele é um poder interdito para o ser falante. O assassinato do pai já está consumado, não se pode mais matá-lo. O sujeito só pode ter acesso ao gozo interdito às custas do desprazer.

É claro que o pai morrerá – por não ser mais que pai simbólico. Mas, para o obsessivo, há erro quanto ao pai. A figura do pai imaginário, que goza, fraco e falho, ainda deve ser morta. Paradoxalmente, só a morte o reabilitará. Enquanto isso, o desejo do sujeito fica em suspenso.

Se o Édipo é traumático para o sujeito, é por levá-lo a querer ocupar uma posição subjetiva no triângulo. O sujeito é então dividido e passa a ser portador de um desejo. Aí está sua castração. A lei se funda na interdição do

⁸ S. Freud, *Malaise dans la civilisation*, ob. cit.

⁹ S. Ferenczi, *Psychanalyse. Œuvres complètes*, ob. cit., tomo 1, p. 34.

¹⁰ J. Lacan, "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. Un nouveau sophisme", em *Écrits*, ob. cit., p. 206.

gozo¹¹. O obsessivo toma essa interdição a seu encargo. *Ele vive condenado a carregar nos ombros o peso de uma culpa que não é sua e a pagar com trabalho forçado uma dívida de ninguém.*

A consciência de culpa introduz a idéia de que o que o inconsciente exige, antes de tudo, nessa estrutura, é a submissão à lei. Ora, o pai real muito dificilmente se presta a suportar a lei; por isso ela é mais necessária. Na criança futuro obsessivo, a clínica se compraz demasiadamente em indicar com frequência esse traço: que foi muito amada, muito atendida em suas demandas pela mãe – que não esperou que ela demandasse –, e afirma-se que a criança foi mal ou não muito castrada – algo referente à proibição do incesto ter funcionado mal. *Estruturalmente, com efeito, a mãe não a levou em conta.*

A dificuldade do obsessivo é *encontrar* no discurso uma garantia de verdade, *uma lei segura* que o oriente em seus atos. Em outras palavras, ele se engaja numa busca *impossível* para *todo* sujeito. Não há garantia da verdade, não há nenhum significante último no qual engancha a panóplia dos significantes inconscientes.

O obsessivo é mais afetado que qualquer outro pela ausência dessa garantia que marca A Lei. Para preencher essa falta, ele se fará Sísifo, acrescentará regras às regras, prescrições às prescrições, interdições às interdições, pois, na sua história e na sua pré-história, houve dupla fraqueza do pai na relação com a palavra. É claro, ele tomou “para si” as faltas e os erros do pai, mas “a vontade persistente do pai” é encontrada estritamente idêntica no filho em relação ao qual a mãe “forçou a mão”.

Então não se trata de resolver um conflito com o pai, mas com a vontade da mãe.

O dever só é um inferno na medida em que é instaurado pelo próprio sujeito e este não cederá em seu desejo de se ater a ele. É evidente para seu ser de sujeito desejante.

¹¹ “Aquilo a que é preciso nos atermos é que o gozo está vedado a quem fala como tal, ou ainda, que ele só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da Lei, já que a lei se funda justamente nessa proibição”. “A castração significa que é preciso que o gozo seja recusado para que possa ser alcançado na escala invertida da Lei do desejo”. “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”, em J. Lacan, *Écrits*, ob. cit., pp. 821 e 827.

A moral de Kant definia o Bem pelo dever, imperativo categórico, absoluto. Todavia, essa noção permanece independente de toda interpretação filosófica: *o dever, na neurose obsessiva, excede toda moralidade*. Não importa quem seja o porta-voz de um valor ou de um mandamento. Não apenas não haverá conflito para o sujeito como ele o executará imediatamente sob a influência do que se apresenta como uma ordem *sem apelação*. Na estrutura obsessiva, embora a imoralidade domine as construções fantasísticas, a obrigação moral será um sintoma entre outros – mas particularmente transcendente. O dever permanece sendo uma lei pessoal, uma lei singular. O sujeito não deve ou não presta seus deveres a não ser *para ele mesmo*.

O exemplo do Homem dos ratos é instrutivo: *ele deve* pagar para ter que pagar.

O obsessivo deve construir um Outro de aspecto paterno que não falhe; um Outro que ele possa manter sob vigia para verificar se nada vacila em seu desejo. Criar uma *imago* paterna com a qual, desta vez, como diz J. Dor¹², ele possa estar em competição e em rivalidade. Para isso, *tudo deve ser feito em missão comandada*. E para encobrir o desejo do Outro ele recorrerá a sua demanda.

Seu *dever* consiste então em manter vazio o lugar do objeto para barrar o Outro e *não* correr o risco de uma aspiração mortal na direção da Coisa.

A palinódia do herói

O obsessivo só conta ali onde isso falta. Não contar para alguém é não lhe faltar. Com suas contas, o sujeito se defende das pulsões libidinais, que nada pode garantir serem ternas ou agressivas; ele se arma contra a ausência da ausência.

Mas também é preciso levar em conta o sujeito. Estando dada a tarefa paradoxal que se atribuiu, de se reconstruir para o outro – que ao mesmo

¹² Cf. J. Dor, *Le Père et sa fonction en psychanalyse*, Paris, Point Hors Ligne, 1989, pp. 74-78.

tempo ele pode banir —, ele só poderá expressar a sobrecarga da qual foi objeto. Daí não ser surpreendente que trate seus objetos de amor como trata suas formações inconscientes: por exclusão e rechaço, culpa ou orgulho.

A castração, compreendida como separação do desejo da mãe e penetração pelo pai, aparece como o rechaço da alteridade.

Na façanha, o sujeito domestica uma angústia fundamental. Dissemos acima, a morte está em outro lugar, não do lado do adversário que ele desafia. O perigo está do lado da testemunha invisível que conta os golpes.

No campo de batalha, são aqueles para quem o gozo de se fazer matar é o mais importante que têm vantagem. *Fazer-se matar* é o imperativo ao qual está ligado o gozo guerreiro.

Pierre Clastres¹³ mostrou que o desejo do guerreiro não é um desejo de morrer — seu ato não é um ato suicida; é um desejo de glória, a de inscrever seu nome na memória dos homens.

A morte do guerreiro, se não é um suicídio, também não é um sacrifício. Ele *está* sacrificado — ao deus da guerra, se assim se quiser.

O herói está sempre no que excede.

Entre os gregos, era preciso estar morto para ter acesso ao estatuto de herói. A partir daí um culto lhe era dedicado.

O próprio do herói justamente não é querer ser um herói. É o povo que diviniza seu herói. O mito do herói e seu culto são muito antigos. Mas, com o herói, ficamos na representação, no registro do *ideal*, da *imagem*. Um eu ideal. Para Rank¹⁴, é preciso retornar aos materiais infantis para chegar ao heroísmo, ao qual ele dá um bonito nome: "*salvação do pai [...], conclusão conciliadora do romance familiar*".

O herói deve morrer para que seu desejo advenha. A partir do momento em que seu desejo se torna impossível, o objeto pode se tornar obje-

¹³ P. Clastres, "Le lieu du malheur, malheur du guerrier sauvage", em *Le Grand Parler*, Paris, Seuil, 1974.

¹⁴ "Através do mito do herói, são todos os indivíduos de todos os povos — cada filho em particular, por assim dizer — que podem reivindicar para eles mesmos o ato originário", em O. Rank, *Le Mythe de la naissance du héros*, Paris, Payot, 1983, p. 135.

ro de seu desejo. É o caso de Hamlet enfrentando Laerte no enterro de sua irmã. Esse buraco no real é como Medusa, a morte que se trata de enganar.

No ato, o herói se engaja sozinho. *Ele está votado a esse destino de ser apenas o dejetos de seu próprio empreendimento* – quaisquer que tenham sido suas estratégias ou seu empenho. Sozinho com seu apelo.

Tão sofisticadas quanto sejam suas astúcias, no entanto por outro lado bem justificadas¹⁵, o obsessivo permanece dividido pelos quatro cantos de um inferno – *saber / não-saber, para ele / para o o/Outro* – nesse longo canto de retratação que é sua palinódia.

¹⁵ É um pouco o lugar do herói que M. Dayan definiu: "Aquele cuja constituição é contrária a que, por meio da renúncia pessoal, ele tome parte nessa repressão geral deve conhecer um destino fora do comum: seja o do herói ou do grande homem, seja o do delinquente e do fora-da-lei. O pai do Homem dos lobos já sabia disso, pois havia predito a seu filho: você será ou um grande homem, ou um criminoso", em "Refus et exigence de la réalité", *Inconscient et réalité*, ob. cit., Paris (grifo meu).

Para não concluir

É claro que o obsessivo encontra na análise uma forma privilegiada de prazer, pois, certamente, sempre será *impossível dizer tudo* e ele assim se assegura de um espécie de gozo mínimo. Mas, sobretudo, e de uma maneira muito particularmente excitante, tudo se passa como se a análise fosse levá-lo sempre mais longe, cada vez mais perto do objetivo. Ele sente isso, diz isso, se regozija com isso; louva as maravilhas da cura psicanalítica – e com razão: ei-lo instalado nos trilhos confortáveis de um percurso assintótico ideal que indefinidamente o aproximará do *ato*, sem *jamaís* alcançá-lo.

A psicanálise não é um longo rio tranquilo. O que poderia significar essa muralha de “neutralidade” ou de “benevolência”? Não somos nada disso, mas estamos no lugar de semblante, freqüentemente amalgamado com o “fazer semblante de...”. O lugar é muito simplesmente *insustentável*. E aqui podemos seguir integralmente Lacan: um analista que nunca teve vontade de jogar seu paciente pela janela é algo suspeito. Temos que *mover e fazer mover*. Ella Sharpe dava disso os mais pertinentes exemplos¹. O paciente tem que aprender que o que se move não está necessariamente ligado a um gozo cruel ou mortífero. Dizer que um analista que se move e não se cala está no *acting-out* analítico é uma bela fantasia obsessiva². Uma tal afirmação não é ainda “um efeito de fuga” do analista diante do que o abala – mudo por não saber muito o que dizer – um pouco no fundo de sua poltrona? Deixemos de lado a dificuldade da escolha. *A palavra é um ato*

¹ E. Sharpe, *Technique of Psychoanalysis*, Collected papers, Hogarth Press.
² Ver, a esse propósito, o que Lacan desenvolve nos *Écrits*, ob. cit., item 5, p. 615.

*como tal e o não-agir tem seus limites*³, sobretudo quando o sujeito está capturado na identificação com o mestre morto. Um silêncio do analista deve ter estatuto de resposta, sem apresentar qualquer carência⁴. Não temos que responder a todas as articulações da demanda do sujeito *a não ser da posição da transferência*.

Para esses pacientes obsessivos, qualquer um que quiser explicar ou convencer se torna um representante da imagem materna e então concentra sobre si todo o ceticismo outrora suscitado na criança.

Com frequência são precisos muitos anos antes que o imaginário emocional tenha acesso à fala, ao simbólico. A desconfiança, que se tornou instintiva com relação a toda autoridade, chega a questionar até algo que já foi entendido quando alguma coisa lembra ao sujeito que é ao analista que ele o deve. Cabe *a ele*, obsessivo, que duvida, avaliar a importância das coisas – o sujeito suposto saber deve se manter o mais discreto possível.

Os obsessivos se defendem das antigas exigências instintuais maternas incestuosas. *Lembremos que seu passado histórico foi incestuoso*.

Certos agires dos obsessivos, que põem em perigo sua integridade física, parecem recolocar em cena uma castração ocorrida e vivida sob o modo imaginariamente real e não simbólico. Esse colocar em cena, que tenta a repetição da castração, embora a cada vez falho, é uma tentativa de restituição.

Se é esse pedaço dela que ela tem a perder, ele pode ser considerado não apenas perdido para ela, mas também ver seu desejo desaparecer – *segundo o voto dela*.

Para o melancólico, “a sombra do objeto caiu sobre o eu”, para o obsessivo “em afânise”, *a sombra do Outro caiu sobre o moi*. Se dissermos, com Lacan, que “não é por estar foracluído do pênis, mas por dever ser o falo que o paciente está votado a se tornar uma mulher”, devemos acrescentar: *segundo o voto da mãe*.

³ Cf. J. Lacan, *Êcrits*, ob. cit., p. 314.

⁴ Lacan: “O analista sabe também que, conforme a carência de sua resposta, provocará no sujeito a agressividade ou até o ódio da transferência negativa”, em “Variantes de la cure-type”, em *Êcrits*, ob. cit., p. 347.

Aferrar-se ao sintoma pode extraviar. Tanto mais que o obsessivo é inteiramente capaz de se cobrir com a máscara da histeria.

Uma paciente só expunha à escuta histeria – na sua ligação com a mãe –, homossexualidade na sua ligação com seu pai e suas reprimendas, reivindicações ou identificações nas suas coqueterias mal dissimuladas, nas suas horas passadas diante de seu espelho por um ponto negro sempre mal localizado, narcisismo exacerbado, negação e angústias com seu parceiro, perversidade. Foram precisos vários meses – e sua iniciativa – para levantar o que se revelava como a resistência do analista: ela só podia ser histérica, na medida em que era mulher e muito bonita.

Instalando-se no divã, a paciente lançou, naquele dia, um tonitruante “Bom!” que só podia surpreender da parte de uma pessoa das mais discretas, que falava baixo e era sempre muito vacilante. “Que ataque! – Sim”, respondeu ela, “é preciso que *isso* se mova!”. O impacto desse *isso* foi correspondente à vivacidade com a qual ele foi enviado. Com efeito, na poltrona *isso* não queria ouvir nada.

Ela começou a falar de sua paralisia total, de suas inibições, seu medo pânico de sair de casa, suas angústias, suas dúvidas, sua dependência total com relação a sua mãe e do domínio desta, suas fobias e outros sintomas contra os quais havia construído rituais bem particulares. O engodo tinha funcionado perfeitamente e o analista olhava... distante – ali onde ela lhe dizia para olhar, ao passo que ela não se encontrava ali. Ela tinha sido “exitosa”, mas seu refúgio tinha se tornado uma prisão insuportável e agora buscava *sair dele*. A surdez do analista a havia empurrado para ele – apesar dele, apesar dela; ela não queria um Outro morto.

O obsessivo não luta muito contra seus sintomas, cede a eles, quando não os sofre tanto quanto possível; ao contrário da histérica, que sabe aliar-se ao sintoma e servir-se dele.

O benefício narcísico seria um dos componentes do sistema psíquico do obsessivo, no qual há *desenodamento* dos laços de conciliação entre o *moi* e o sintoma. Conseqüentemente, esses laços são centros de resistência consideráveis. Entre as formas de resistência e de defesa, Freud sublinha que “a obsessão tem [...] o costume de se servir de termos vagos e equívocos”.

cos"⁵. Além disso, o discurso do sujeito é objeto de uma erotização, às vezes até muito claramente influenciada pela relação analítica, como demonstra um dos artigos de R. Fliess⁶. Esse sujeito leva o analista a adotar uma condução da cura psicanalítica que se origina no exercício aeróbico. Sua atenção fina está perpetuamente desperta e as derivações da livre associação não faltam. As idéias, os pensamentos, as falas, as frases, as palavras devem ser medidas, pensadas, conformes "ao que se sustenta". Suas experiências subjetivas não têm lugar; são ditas esvaziadas de seu afeto – desafetadas. Entretanto, são precisas, portadoras de um luxo de detalhes desconcertante; ele mesmo nos convida a evitar a pressa, a usar prudência – sem concessões, é claro, e prontos para capturar o que foge.

"Você deve dizer tudo o que lhe vier à cabeça...". *Dever dizer tudo*. O acento recai sobre o *dever*, o *Tudo*, o *dizer*. No obsessivo, não encontramos o dever pelo dever, mas para uma salvaguarda de seu desejo. Um dever de advir, que o mergulha no inferno de um gozo a ser evitado.

Em *dever dizer tudo*, o tudo só pode evocar, para ele, o retorno a esse gozo mortal, à confusão, ao fusional, à inclinação para *La* mulher. É por isso que o sujeito está sempre atento a *não* ligar entre si idéias que, antes, poderiam estar em contato.

Como "os neuróticos obsessivos se viram muito bem para quase tornar impraticável a regra da técnica ao exagerar seus escrúpulos de consciência e suas dúvidas"⁷, a insistência da regra, na transferência, pode chegar a nos fazer trabalhar sobre um fundo de agressividade durante um certo tempo. Uma agressividade contra ele mesmo⁸ que Freud havia retomado e analisado em 1929⁹.

⁵ S. Freud, *Cinq psychanalyses*, ob. cit., p. 259.

⁶ R. Fliess, "Silence and Verbalization, a Supplement to the Theory of the Analytic Rule", em *International Journal of Psychoanalysis*, XXX, Londres.

⁷ S. Freud, "Résistance et refoulement", em *Introduction à la psychanalyse*, ob. cit., 1974, p. 270.

⁸ A agressividade na transferência e na resistência não é "[...] a agressão que se imagina na raiz da luta vital. A noção de agressividade corresponde, ao contrário, à dilaceração do sujeito em relação a si mesmo, dilaceração cujo momento primordial ele conheceu ao ver a imagem do outro [...] antecipar-se ao sentimento de sua desarmonia motora [...]". J. Lacan, "Variantes de la cure-type", em *Écrits*, ob. cit., p. 345 (grifo meu).

⁹ Cf. S. Freud, *Malaise dans la civilisation*, ob. cit.

Os sintomas de orientações contrárias que encontramos num mesmo sujeito revelam o conflito profundo que liga seu desejo ao que o interdita. É o que mostra esse adolescente que, com doze anos, "ensaboado dos pés à cabeça" por sua mãe, sob o mesmo chuveiro, havia compreendido o objeto da agitação que se instalava nele: certa manhã, quando sua mãe tinha ido buscar uma toalha, havia saltado para a porta entreaberta, fechando-a energicamente. Após longas horas e a intervenção de um "namorado da mamãe", ele se decidiu a abri-la. Assim erigia ele a barreira necessária para se separar do desejo em ato da mãe e, ao mesmo tempo, do seu. Ele marcava a *falta do interdito*. Mais do que a angústia, o adolescente punha em relevo a lei ultrajada, reveladora da ausência de interdito.

Dizer, como M. Bouvet, que o tomar consciência da inveja do pênis é capital numa análise de neurótico obsessivo é afirmar algo que não precisa de explicação. *O encontro fálico não se reduz a essa estrutura*. Ele é comum a toda neurose, tanto na mulher quanto no homem. Não encontrá-lo numa análise seria muito estranho. O que é mais específico da neurose obsessiva é que o sujeito *não quer saber que sabe* que era do falo que se tratava quando sua mãe exigia dele ou dela que ocupasse esse lugar.

A técnica e a direção da cura psicanalítica se chocam com muitos outros obstáculos. Na sessão, é a palavra que determina o *lugar* do sujeito. Ora, o sujeito conhece esse lugar bem demais. Então, ficará atento a recusar o que *imagina* que pode estar sendo demandado a ele pelo analista: *fazer gozar*.

Teremos que esgotar até seu último termo a dialética do narcisismo para que o sujeito encontre a saída. A cura psicanalítica se desenrola no fio da navalha, pois, se o sujeito bater em retirada, não articulará mais nenhuma palavra. Como incitá-lo a prosseguir seu discurso quando, quanto mais concorda com coisas, mais é ao Outro que as sacrifica? Aqui se experimenta que o silêncio do analista na cura psicanalítica de um obsessivo só pode presentificar maciçamente o Outro e seu desejo de morte, reforçar a angústia do paciente, fortalecer seus sintomas e obsessionalizar um pouco mais a própria cura. Pouco importa o falso debate sobre a duração da sessão. Aqui-lo em que o obsessivo deixar a sessão voltará na seguinte, *intacto*. E a *ser ruminado*. "Calar a boca" só pode remeter ao paciente, em espelho, sua

própria economia... uma maneira de dialogar e nos obsedar quanto ao que, do paciente, se refere a nós! De eu a eu, não há mais psicanálise.

Lugar do analista

Para que o procedimento com um Outro passível de encarnar o sujeito suposto saber seja possível, é preciso que o outro tenha se tornado Outro. Com as condições que levam o obsessivo à análise, a transferência está instalada *a priori*. Se não confrontarmos o paciente com um silêncio que funcione como um abismo para a angústia e a morte, ele na maioria das vezes será um aliado da cura psicanalítica. Suas defesas são outros índices do saber que ele detém. Ele conhece bem sua história. Do desejo, sabe alguma coisa. Não nos cabe atemorizá-lo em seus movimentos de abordagem.

Do enigma do desejo da mãe nasceu o impacto, depois a ruptura. Como essa mãe poderia amar, desejar um homem? Como ele mesmo poderia desejar *em outro lugar*?

Sobretudo, numa análise, não devemos orientar o paciente para o que ele não deixará de ler como uma ordem oriunda do desejo do analista. Um obsessivo que vem à análise já disse *não* à crueldade do Outro, a sua traição. O Outro não merece mais seu crédito. *A ordem simbólica é enganadora*. Não há má-fé no Outro, já que o Outro não existe. Mas talvez pudéssemos aventar que o obsessivo vem à análise movido por uma "recusa interior" que M. Dayan distinguiu muito bem da "recusa exterior"¹⁰. O paciente nos chega com seu "não". E temos que ouvi-lo.

O obsessivo não deixa ver que goza e pode gozar. Por outro lado, mascara sua castração, não a dizendo, ou falando dela, na maioria das vezes, "pelas beiradas". Ele se esquia do olhar do Outro.

Não podemos confirmar, como M. Bouvet fez, uma teoria generalizada da função da distância em relação ao objeto no manejo da transferên-

¹⁰ "Essa recusa interior é um conflito virtual que só espera uma ocasião externa para irromper", em M. Dayan, *Inconscient et réalité*, ob. cit., p. 287.

cia porque, na cura psicanalítica, o sujeito repete, em ato [*en acte*]. O analista registra [*prend acte*], por sua intervenção. A escansão, na cura psicanalítica com um obsessivo, será mais da ordem de uma *interceptação*.

Dizer de um corte que é interpretativo é sublinhar que ele é interpretação e que *chama* a interpretação. Ele joga o jogo do Outro. Uma interpretação sem corte é apenas uma construção.

A escansão de uma sessão é marcada quando o analista isola um dito. Ela é apenas o *efeito* desse isolamento. Nisso pode servir de sintoma para o obsessivo. O corte cerne o lugar onde *Je* não sabe, o lugar esburacado de um dizer.

A interpretação opera retroação do saber inconsciente sobre o que se organizou em sintomas — ela pode, pela alimentação das compulsões, ruminatórias, dúvidas, marcar o *sem fim* de uma cura psicanalítica.

Embora todo paciente dirija ao analista uma demanda implícita de reconhecimento, o obsessivo o faz de uma maneira particularmente tangencial.

Por que buscar evitar ser pato? Somos patos. Basta, para mascará-lo — e por que mascará-lo? —, não responder, ou responder muito pouco?

Não responder equivale a desvalorizar ou invalidar a fala do paciente, reduzi-la a uma merda, e é testemunho da recusa obstinada do analista a aceitar seu destino como analista na cura psicanalítica.

Cabe a ele usar seu talento de discriminação e saber operar a clivagem entre a demanda e o desejo, entre o mundo da lei e o do sonho.

Na cura psicanalítica desses pacientes, o psicanalista só pode *fazer* signo. Mas deve fazê-lo. Na sessão, observamos continuamente uma recusa da *adéquatio*: “Não acredito no que você diz, mas acredito que você cre nisso. Eu não acredito nisso”. O *n* remete aqui a um lugar que só pode ser o do Outro*.

* O trecho em francês é o seguinte: “Je ne crois pas ce que vous dites, mais je crois que vous y croyez. Je n’y crois”. Acreditar, crer, é, em francês como em português, dar crédito, confiar, e o advérbio de lugar *y* corresponde ao nosso “ai”. (NT)

Numa tal cura psicanalítica, tem-se que levar em conta a castração do Outro e que *o sujeito não ignora que a angústia de castração era referente à mãe*. É um sujeito que deixa em filigrana todos os significantes pelos quais sua demanda poderia ser formulada.

Incontestavelmente, há gozo no espaço analítico. Entre analista e analisante se articula o gozo do inconsciente. Em outras palavras, o que é realizado no espaço da cura psicanalítica é o gozo do Outro, que é o terceiro entre os dois e a cujo gozo o sujeito busca se subtrair, por todos os meios. A transferência necessariamente faz o analista portar as insígnias do Outro.

Para que essa angústia do desejo do Outro seja levantada, devem ser operados deslocamentos no discurso do paciente e deve emergir o sentido. Édipo respondeu de uma certa maneira ao enigma que a esfinge lhe propunha. E isso teve efeitos. Ele soube *ler*. Mas o mito pode induzir a erro. Então, de que se trata quando falamos de êxito?

Até um certo ponto de insuportabilidade que levará o sujeito ao analista, a neurose obsessiva é um êxito, pois ela permite a sutura do sujeito e implica um gozo do sintoma. É por isso que, se o analista buscar "dominar" a cura, o obsessivo só poderá fugir, para fugir da angústia que uma tal disposição engendraria nele.

O que faz um histérico entrar em análise é o que faz um obsessivo sair.

O limite ao gozo do Outro só pode ser a castração desse Outro. Se o que falta ao Outro é o falo, isso confirma a impossibilidade da relação do sujeito com o Outro, a impossibilidade de uma cura psicanalítica que repouse num tal dispositivo.

Apesar das aparências, o obsessivo põe seu desejo antes de tudo, *mesmo quando se defende de um desejo com um outro desejo*, o que significa que só podemos buscar seu desejo num para além.

O Outro não responder ou ele se tomar por um Outro são duas coisas não apenas diferentes, mas opostas e contraditórias.

Para o obsessivo, a questão talvez seja menos de não responder à demanda do que de fazer silêncio à menor emergência do desejo. Então veremos uma espécie de pânico assaltar o sujeito: na medida em que seu desejo se

mostrar, ele vai preencher esse buraco com reservas, com fórmulas de suplência, de isolação, de anulação, pois nosso sujeito é um grande resistente.

São seus significantes que são anulados. Nosso sujeito está capturado, perpetuamente, no jogo das triagens. Pare ele, a questão é matar e preservar o Outro. *A demanda de morte do obsessivo então se inverte e se manifesta pela morte da demanda.* A demanda de morte se faz puro testemunho da presença do Outro.

A análise então será a aprendizagem daquilo a que o sujeito está profundamente alienado. A única liberdade, dizia Lacan, é a livre disposição, para cada um, de seu desejo.

O sujeito suposto saber, não identificado ao Outro, será capaz de liberar o sujeito de suas coações.

Podemos nos acomodar com nossos sintomas. Também podemos lhes dar esse valor de verdade que a psicanálise atribui a eles. Esse momento é inteiramente essencial no obsessivo. É essa busca de uma certeza que o analista terá que sustentar até o fim da cura psicanalítica, fundando-se em que a única causa que vale é a causa do desejo. Ele deve saber que, nessa busca, o encontro com o real é esperado, e isso tanto é verdade que, para o obsessivo, *o impossível é o que marca o acesso ao objeto que causa o desejo.* Esse impossível lembra que o sujeito, em sua infância, foi marcado pelo encontro com um gozo a que nada, nunca, poderá se aproximar. *Ele liga o obsessivo à morte e é do horror desse gozo que ele se preserva pela dúvida.*

“Não” concluir

O que esses pacientes ensinam também ao psicanalista é que a neurose obsessiva, por suas lutas internas e sua neutralização do gozo, tem uma certa afinidade com o ideal de *reconhecimento* e de *reconciliação*.

As molas propulsoras da neurose obsessiva parecem ser constitutivas de nossa normalidade. O próprio Freud tomou o cuidado de não fazer das formações reativas e modificações do *moi* sintomas, mas “*formações substitutivas*”. Ele claramente as considera como elementos de nossa *normalidade social*. É *normal* que sejamos escrupulosos e que reajamos por *um eu bem construído* aos nossos sentimentos agressivos, seja qual for nossa

organização psíquica. Freud considera que a civilização se origina na sublimação das pulsões anais. Só podemos, como Lacan, segui-lo.

A neurose obsessiva ilustra a impossibilidade maior de realizar alguma "felicidade" e nos dá uma lição fundamental: *temos que estar atentos ao gozo do Outro, pois nossa "felicidade" exclui a dele*.

O obsessivo pode ser compreendido como um ideal no imaginário do outro.

A obsessão pode certamente servir à e legitimar a histeria do mundo, mas não pode, de jeito nenhum, ser identificada e ser apresentada como um ideal. Como talvez dissesse Freud, seu eu ideal não recobre seu ideal de eu. Pensar no contrário seria fazer o obsessivo ocupar o lugar do pai. Ele só pode recusar esse lugar. Com seu pai, ele fica numa posição feminilizada e ama a dama *por tudo o que ela não tem... tudo para agradá-la*. Em outras palavras: *nada*. Venerando-a, ele se coloca no dever de mantê-la faltante, o que é uma forma, para ele, de se restaurar, de permanecer, para ele, sujeito do desejo. Assim, o amor permite ao gozo condescender ao desejo.

A cura psicanalítica deve ensinar a um sujeito que não somos culpados por sermos. Essa culpa só é engendrada por um mal-entendido, uma interpretação selvagem que identifica ser e ser o falo.

Talvez a psicanálise tenha hoje que escutar o obsessivo de uma outra forma, de um outro lugar e *com total impotência*: deixar advir um *Je* – mesmo obsessivo –, deixá-lo criar-se – e não se destruir – pela fala¹¹. Por que buscar fazer dele um histérico, pretensa via real para o término de uma cura psicanalítica?! No início de uma análise, "o desconhecimento no qual o sujeito está é mais, por assim dizer, o desconhecimento universal do que o do obsedado"¹².

¹¹ Ver, quanto à criação pela fala e pelo símbolo, além dos textos de Lacan já citados, o artigo de P. Fedida, "Temps et négation", em *Psychanalyse à l'université*, tomo 2, nº 8, setembro de 1997, pp. 611-628. Ver, também, D. Lachaud, "Quand se produit du discours", em *Le Trimestre psychanalytique*, revista da A.F.L., nº 2, ano 4, *La Révolution française pour la psychanalyse*, 1990, Paris, Clims, pp. 227-247.

¹² O. Mannoni, "Introduction à la lecture de l'Homme aux rats", em *Esquisses psychanalytiques*, nº 7, primavera de 1987, p. 10.

Vamos dar tempo à cura psicanalítica e reler talvez o pequeno texto de Freud de 1911¹³. O desejo inconsciente existe *porque* existe o recalque. "O assassinato ou o desejo assassino se refugiavam no não-saber [...] existiam e eu não sabia nada, e apenas com essa condição"¹⁴.

Então, que sentimentos habitaram uma criança que o pai só pôde reconhecer como *dejeito* e que a mãe só entreviu como *objeto de insatisfação*? Quem melhor que o obsessivo poderia dizer alto o que todo ser falante recalca: *no início era o ódio*?

Saibamos ouvir seu *não*: não reativar a mãe e seu desejo letal. Não salvador da subjetividade. *Wo Es war, soll Ich werden*.

Talvez melhor do que qualquer outro pudéssemos levá-lo a dizer "eu des-sou o analista, o objeto pequeno *a* não tem ser"¹⁵, ele que roçou *das Ding* e porque, de todo modo, "o desejo do homem é o inferno"¹⁶.

*Les ajoncs éclatants, parures du granit
Dorent l'âpre sommet que le couchant allume.
Au loin, brillant encor par sa barre d'écume,
La mer sans fin commence où la terre finit*.*

José Maria de Heredia

¹³ S. Freud, "Formulations sur les deux principes du cours des événements psychiques", trad. do alemão de J. Laplanche, em *Résultats, idées, problèmes*, ob. cit., tomo 1, pp. 135-144.

¹⁴ M. Safouan, "La signification de la dette", em *Études sur Œdipe*, ob. cit., p. 67.

¹⁵ J. Lacan, "Les non-dupes errent", inédito, lição de 9 de abril de 1974.

¹⁶ J. Lacan, "RSI", inédito, lição de 18 de fevereiro de 1975.

* Os juncos cintilantes, ornamentos de granito / Douram o áspero cimo que o crepúsculo ilumina. / Ao longe, brilhando ainda por sua barra de espuma, / O mar sem fim começa onde a terra termina. (NT)

Fontes

- ABÉLY, X., "Les stéréotypies", mémoire, Toulouse, 1916.
- ABRAHAM, K., *Œuvres complètes*, trad. I. Barande, E. Grin, 2. vol., Paris, Payot, 1966.
- ADLER, A., *Connaissance de l'homme*, Paris, Payot, P.B.P., 1966.
- ADLER, A. et JAHAN, E., *Religion et psychologie individuelle comparée*, Paris, Payot, 1958.
- ANDREAS-SALOMÉ, L., *Correspondance avec Freud*, trad. L. Jumel, Paris, Gallimard, 1978.
- ARISTOTE, *L'homme de génie et la mélancolie*, Paris, Rivages, 1988.
- AULAGNIER, P., "Du transfert à la passion aliénante", in *Topique*, revue freudienne n° 23, Paris, EPI, 1979.
- _____, "Remarques sur la structure psychotique", in *La Psychanalyse*, n° 8, 1964, Paris, PUF, pp. 47-67.
- _____, *La Violence de l'interprétation*, Paris, PUF, 1986.
- _____, "Passion et perversion", in *Le Désir et la Perversion*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1967, pp. 53-90.
- AVILA (de), T., *Libro de la vida, Obras Completas*, Madrid, B.A.C., 1982.
- BAILLARGER, J., "Folie du doute", in *Archives cliniques des maladies mentales et nerveuses*, Paris, 1861.
- _____, *Recherches sur les maladies mentales*, 2 vol., tome 1, Paris, Masson, 1890.
- BALMARY, M., *L'homme aux statues*, Paris, Grasset, 1979.

- BARUK, H., "De Pinel à nos jours", in *La Psychiatrie française*, Paris, PUF, 1967.
- _____, *Psychiatrie morale expérimentale*, Paris, PUF, 1945.
- BATAILLE, G., *La Part maudite*, Paris, Minuit, 1980.
- BEARD, G. et ROCKWELL, A. D., *A practical Treatise on Nervous Exhaustion (Neurasthenia)*, Londres, H. K. Lewis Ed., 1890.
- BELLOW, S., *Dangling Man*, trad. M. Déon: *L'homme de Buridan*, publié sous le titre: *Un homme en suspens*, Paris, Bourgois, 10/18, 1981.
- BENVENISTE, E., *Problèmes de linguistique générale*, 2 vol., Paris, Gallimard, 1974.
- BERCHERIE, P., *Les Fondements de la clinique*, Paris, Navarin, 1980.
- BERGERET, J., *La Dépression et les états-limites*, Paris, Payot, 1976.
- _____, *La Violence fondamentale*, Paris, Dunod, 1984.
- BINSWANGER, O. et SIEMERLING, E., *Lehrbuch der Psychiatrie*, Iena, 1904.
- BLEULER, E., "The Theory of Schizophrenia Negativism", in *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, New York, Publishing Comp., 1912.
- BOEM, F., "Homosexualität und Oedipuskomplex", in *Int. Zei. Psy.*, 1926.
- _____, "The Femininity Complex in Man", in *Int. Jour. Psy.*, XI, Londres, 1930.
- BORGES, J. L., *L'Aleph*, Paris, Gallimard, 1988.
- BOURDIN, V., "De l'impulsion, spécialement dans ses rapports avec le crime", thèse non publié, Paris, 1894.
- BOURGUIGNON, A., COTET, P., LAFLANCHE, J., ROBERT, F., *Traduire Freud*, Paris, PUF, 1989.
- BOUVET, M., *Œuvres psychanalytiques*, 2 vol., Paris, Payot, 1967.
- _____, "La clinique psychanalytique, la relation d'objet", in *Revue française de psychanalyse*, XXIV, n° 6, Paris, 1960.
- BRUNSWICK, Mc R., "Supplément à l' 'Extrait de l'histoire d'une névrose infantile' de Freud", in *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*, trad. L. Weibel, Paris, Gallimard, 1981.
- BRUSSET, B. et COUVREUR, C. (sous la direction de), *La Névrose obsessionnelle. Monographies de la Revue française de psychanalyse*, Paris, PUF, 1993.
- BUCCOLA, "Le idee fisse e le loro condizioni fisiopatologisce", in *Revista sperimentale di freniata*, Milan, 1880.

- CAMUS, A., *L'Étranger*, Paris, Gallimard, 1967.
- CARLONI, G. et NOBILI, D., *La Mauvaise Mère*, Paris, Payot, 1981.
- CHEMAMA, R., "Sur la névrose obsessionnelle à partir des quatre discours", in *Ornicar ?*, n° 3, Bulletin périodique du Champ freudien, mai 1975, pp. 71-83.
- CHEAL, M., *L'Enfant de l'oubli*, Paris, Ed. de l'Aire, 1983.
- CLASTRES, P., *Le Grand Parler*, Paris, Seuil, 1974.
- CLAVREUL, J., "Le coup pervers", in *Le Désir et la Perversion*, Paris, Seuil, Le Champ freudien, 1967, pp. 91-126.
- C.N.A.F., Informations sociales, n° 25, *Des bébés "efficaces"*, Paris, 1993.
- COMBEZ (de) A., *Lettres spirituelles sur la paix intérieure*, Paris, Blaise, 1837.
- COTTET, S., *Freud et le désir du psychanalyste*, Paris, Navarin, 1982.
- COTTRAUX, J., *Obsessions et compulsions*, Paris, PUF, "Nodules", 1989.
- DANTE ALIGHIERI, "Divine Comédie", *Œuvres complètes*, trad. A. Pézard, Paris, Gallimard, "La Pléiade", 1965.
- DAYAN, M., "Causalité psychique et interprétation", in *Topique*, Revue freudienne, n° 27, Paris, EPI, 1981, pp. 93-121.
- _____, "Déni de la mort et passage du temps", in *Psychanalyse à l'Université*, tome 15, n° 57, janvier 1990, Paris, PUF, 1985.
- _____, *Inconscient et réalité*, Paris, PUF, 1985.
- _____, "L'Infantile et la remémoration", *Psychanalyse à l'Université*, tome 6, n° 21, Paris, Répliques, 1980.
- DELASIAUVE, L., "Des pseudo-monomanies ou folies partielles diffuses", in *Annales médico-psychologiques*, V, Paris, 1859, pp. 217-266.
- DES FORETS, L.-R., *Le Bavard*, Paris, Gallimard, 1978.
- DEUTSCH, H., "Un cas de phobie de la poule", in *La Psychanalyse des névroses*, trad. G. Rintzler, Paris, Payot, 1970, pp. 79-88.
- DOR, J., *Le Père et sa fonction en psychanalyse*, Paris, Point Hors Ligne, 1989.
- DOREY, R., *Le Désir de savoir*, Paris, Denoël, 1988.
- DOUGALL MC, J., "Identification, néobesoins et néosexualités", in *Topique*, Revue freudienne, n° 39, Paris, EPI, 1987.

- _____. "Narcisse en quête d'une source", in *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n° 13, printemps 1976, Paris, Gallimard, 1977, pp. 7-28.
- _____. *Théâtres du Je*, Paris, Gallimard, "Connaissance de l'Inconscient", 1982.
- DROSIN, M., *Citizen Hughes. Les Archives secrètes d'Howard Hughes. L'homme qui acheta l'Amérique*, Paris, Presses de la Renaissance, 1985.
- D.S.M. III, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, publié par l'American psychiatric Association, trad. *Manuel diagnostic et statistique des troubles mentaux*, Paris, Masson.
- DUBAL, G., "Des racines du pouvoir à son feu d'artifice", in *Le Bloc-Notes de la psychanalyse*, n° 4, 1984, pp. 107-108.
- DUBOIS, J.-P., *Les poissons me regardent*, Paris, Laffont, 1990.
- DUGUET, J.-J., *Traité des scrupules*, Paris, Pfizer, 1976.
- ESQUIROL, E., *Traité des maladies mentales considérées sous leur rapport médical, hygiénique et médico-légal*, 2 vol., Paris, Baillière, 1838.
- EY, H., BRISSET, Ch., BERNARD, P., *Manuel de Psychiatrie*, Paris, Masson, 1978.
- FALRET, J., "De la folie raisonnante ou folie morale", in *Ann. Méd. Psy.*, VII, Paris, 1866.
- _____. *Des maladies mentales et des usiles d'aliénés*, Paris, Masson, 1864.
- _____. *Sur les obsessions intellectuelles, émotives et instinctives*, Paris, G. Née, 1889.
- FEDIDA, P., *Corps du vide et espace de séance*, Paris, Éditions universitaires, 1977.
- _____. "La relique et le travail du deuil", in *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n° 2, *Objets du fétichisme*, automne 1970, Paris, Gallimard, 1980, pp. 249-254.
- _____. "Temps et négation", in *Psychanalyse à l'Université*, tome 2, n° 8, septembre 1997, Paris, PUF, pp. 611, 628.
- FENICHEL, O., *La Théorie psychanalytique des névroses*, trad. M. Schlumberger, C. Pidoux, M. Cahen et M. Fain, 2 vol., Paris, PUF, 1979.
- FERENCZI, S., *Psychanalyse, Œuvres complètes 1927-1933*, trad. J. Dupont, Ph. Garnier, M. Viliker et l'équipe du Coq Héron, 4 vol., Paris, Payot, 1982.
- FLIESS, R., "Silence and Verbalization, a Supplement to the Theory of the Analytic Rule", in *Int. Jour. Psy.*, XXX, Londres.
- FOWLES, J., *L'Obsédé*, trad. S. Lecomte (L'amateur), Paris, Seuil, "Points", 1983.

- FREGE, G., *Les Fondement de l'arithmétique*, Paris, Seuil, 1970.
- FREUD, S., *La Naissance de la psychanalyse (1887-1902)*, trad. A. Berman, Paris, PUF, 1977.
- , *Contribution à la conception des aphasies (1891)*, trad. C. van Reeth, Paris, PUF, 1983.
- , *Névrose, psychose et perversion*, trad. sous la direction de J. Laplanche, Paris, PUF, 1973.
- , *Études sur l'hystérie*, trad. A. Berman, Paris, PUF, 1973, pp. 1-14.
- , "Essence et mécanisme de la névrose de contrainte" (1896), trad. A. Bourguignon, P. Cotet, J. Laplanche et F. Robert, in *Œuvres complètes III, 1894-1899*, Paris, PUF, 1989, pp. 129-135.
- , *Résultats, idées, problèmes*, 2 vol., trad. J. Altounian, A. et O. Bourguignon, G. Goran, J. Laplanche et A. Rauzy, Paris, PUF, 1984.
- , *L'Interprétation des rêves (1899)*, trad. I. Meyerson, Paris, PUF, 1973.
- , *Cinq psychanalyses*, trad. M. Bonaparte et R. M. Loewenstein, Paris, PUF, 1975.
- , *Trois essais sur la théorie sexuelle (1905)*, trad. Ph. Koeppel, Paris, Gallimard, 1987.
- , *Le Délire et les Rêves dans la "Gradiva" de Jensen (1907)*, trad. P. Arhex et R. M. Zeitlin, Paris, Gallimard, 1987.
- , *L'Homme aux rats. Journal d'une analyse (1909)*, trad. E. Ribeiro Hawelka, Paris, PUF, 1974.
- , *La Vie sexuelle*, trad. sous la direction de J. Laplanche, Paris, PUF, 1973.
- , *La Technique psychanalytique*, trad. A. Berman, Paris, PUF, 1972.
- , *Totem et tabou. Quelques concordances entre la vie des sauvages et celle des névrosés (1913)*, trad. M. Weber, Paris, Gallimard, 1993.
- , *Métapsychologie (1915)*, Paris, Gallimard, "Idées", 1972.
- , *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, R. M. Zeitlin, Paris, Gallimard, 1984.
- , *Introduction à la psychanalyse (1916)*, trad. S. Jankélévitch, Paris, Payot, P.B.P., 1974.

- _____. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci* (1917), trad. J. Altounian, A. et O. Bourguignon, P. Cotet et A. Rauzy, Paris, Gallimard, 1987.
- _____. *Essais de psychanalyse*, nlle trad., Paris, Payot, P.B.P., 1981.
- _____. *L'Inquiétante Étrangeté et autres essais*, trad. B. Féron, Paris, Gallimard, 1985.
- _____. *Inhibition, symptôme et angoisse* (1926), trad. M. Tort, Paris, PUF, 1973.
- _____. *L'Avenir d'une illusion* (1927), trad. M. Bonaparte, Paris, PUF, 1973.
- _____. *Malaise dans la civilisation* (1929), trad., CH. Et J. Odier, Paris, PUF, 1973.
- _____. *Abrégé de psychanalyse* (1938), trad. A. Berman, Paris, PUF, 1975.
- _____. *L'Homme Moïse et la Religion monothéiste* (1939), trad. C. Heim, Paris, Gallimard, 1986.
- FREUD, S., BREUER, J., *Études sur l'hystérie* (1893), trad. A. Berman, Paris, PUF, 1973.
- FREUD, S., JUNG, C. G., *Correspondance*, trad. R. Fivaz-Silbermann, Paris, Gallimard, 1975.
- GANTHERET, E., "L'impensable maternel et les fondements maternels du penser", in *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n° 28, automne 1983, Paris, Gallimard, 1983, pp. 5-27.
- GILLISON, G., "L'horreur de l'inceste et le père caché, mythes et saignées rituelles chez les Gimi de Nouvelle-Guinée", in *Le Père*, Paris, Denoël, 1989, pp. 197-216.
- GIRARD, R., "Les obsessions avant Freud", in *Confrontations psychiatriques*, n° 20, Paris, 1981, pp. 11-30.
- GLOVER, E., *Technique de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1958.
- GRANOFF, W., "Intervention faite à la Société française de psychanalyse le 28 mai 1956", suite à la communication de S. Leclaire, "La mort dans la vie de l'obsédé", in *La Psychanalyse*, n° 2, *Mélanges cliniques*, Paris, PUF, 1956.
- _____. *La Pensée et le féminin*, Paris, Minuit, 1976.
- GREEN, A., "L'analité primaire dans la relation anale", in *La Névrose obsessionnelle*, Monographies de la *Revue française de psychanalyse*, sous la direction de B. Brusser e C. Couvreur, Paris, PUF, 1993, pp. 61-86.

- _____. *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, Paris, Minuit, 1982.
- _____. "Névrose obsessionnelle et hystérie, leur relation chez Freud et depuis", in *Revue française de psychanalyse*, XXVIII, n° 5-6, Paris, PUF, 1964.
- _____. "Obsession et psychonévrose obsessionnelle", in E.M.C., Paris, 1965.
- GRENADE (de), L., *Le Guide de pêcheurs*, livre I, Paris, Pêrresse, 1860.
- GRIESINGER, W., "Traité des maladies mentales", in *Ann. Méd. Psy.*, trad. J. Falret, Paris, Douin, 1865.
- GRIMAL, P., *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, PUF, 1979.
- GRIMAULT, M., *Kierkegaard*, Paris, Seuil, "Écrivains de toujours", 1965.
- _____. *La Mélancolie de Kierkegaard*, Paris, Aubier, 1965.
- GRUNBERGER, B., "Conflit oral et hystérie", in *Revue française de psychanalyse*, XVII, Paris, PUF, 1952.
- GUIRAUD, P., "Analyse des symptômes stéréotypie", in *L'Évolution psychiatrique*, 2^e vol., n° 4, nov. 1936, Paris, pp. 259-270.
- GUYOMARD, P., *La Jouissance du tragique, Antigone, Lacan et le désir de l'analyste*, Paris, Aubier, 1992.
- HACK-TUKE, D., *On Imperative Ideas*, Londres, Brain, 1894.
- HARMS, E., "A fragment of Freud's library", in *Psy. Qua.*, Londres, 1971, pp. 491-495.
- HASSOUN, P.-L., "Fonctions freudiennes du père", in *Le Père*, Paris, Denoël, 1989, pp. 25-51.
- HEGEL, G. W. F. *Esthétique*, Paris, Aubier.
- _____. *La Phénoménologie de l'esprit*, trad. J. Hyppolite, 2 vol., Paris, Aubier, 1977.
- HEIDEGGER, M., *Acheminement vers la parole*, trad. J. Beaufret, W. Brokmeier et F. Fédier, Paris, Gallimard, TEL, 1979.
- HIVER-BERENGUER, J.-P., *Constance de Rabastens*, Paris, Privat, 1984.
- HODGSON, R. et RACHMAN, S., *Obsessions and compulsions*, Prentice Hall, Henglewood Cliffs, N. J., 1980.
- JACCARD, R., *L'Homme aux loups*, Paris, Ed. Universitaires, 1973.
- JANET, P., *Névroses et idées fixes*, 2 vol., Paris, Alcan, 1898.

- _____. *Les Obsessions et la psychasténie*, 2. vol., Paris, Alcan, 1903.
- _____. *L'état mental des hystériques*, Paris, Alcan, 1911.
- _____. *Les Médications psychologiques*, 3 vol., Paris, Alcan, 1919.
- _____. *De l'angoisse à l'extase*, 2 vol., Paris, Alcan, 1926.
- _____. *L'Automatisme psychologique*, Paris, Alcan, 1930.
- _____. *Les névroses*, Paris, Flammarion, 1930.
- JASPERS, K., *Psychopathologie générale* (1913), Paris, Alcan, 1933.
- JONES, E., *Traité théorique et pratique de la psychanalyse*, Paris, Payot, 1925.
- _____. *Hamlet et Œdipe*, trad. A. M. Legall, Paris, Gallimard, TEL, 1967.
- _____. "Traits de caractère en rapport avec l'érotisme anal", in *Traité théorique et pratique de la psychanalyse*, Paris, Payot, 1925.
- JULIEN, Ph., *Le Retour à Freud de Jacques Lacan*, Paris, Érès, 1986.
- KARSCH-HAACK, F., *Das gleichgeschlechtliche Leben des Naturvölker*, Munich, 1911.
- KAWABATA, Y., *Les Belles Endormies (Nemureru bijo)*, trad. R. Sieffert, Paris, Le Livre de poche, Albin Michel, 1986.
- KAZAN, E., *L'Arrangement*, trad. F. M. Watkins, Paris, Stock, 1987.
- KIERKEGAARD, S., "Crainte et tremblement", in *Œuvres complètes*, Paris, L'Orante, 1972.
- _____. *Le concept de l'angoisse*, Paris, Gallimard, Idées, 1976.
- _____. "Ou bien... Ou bien: Diapsalma", in *Œuvres complètes*, Paris, L'Orante, 1972.
- KLEIN, M., *Envie et gratitude et autres essais*, trad. V. Smirnoff, Paris, TEL, Gallimard, 1978.
- _____. *La psychanalyse des enfants*, trad. J.-B. Boulanger, Paris, PUF, 1978.
- KLOSSOWKI, P. *Sade mon prochain*, précédé de: *Le Philosophe scélérat*, Paris, Seuil, 1967.
- KRAEPELIN, E., *Manic Depressive Insanity and Paranoia*, N. Y., Arno, 1976.
- KRAFFT-EBING, v. R., *Traité clinique de psychiatrie*, Paris, Maloine, 1887.
- KRETSCHMER, E., *Paranoïa et sensibilité*, Paris, PUF, 1963.
- _____. *Psychologie médicale*, Paris, Douin, 1956.

- KRISTEVA, J., "L'obsessionnel et sa mère", in *Revue française de psychanalyse*, LII, n° 6, nov.-déc. 1988, *Traumatismes*, Paris, PUF, 1989, pp. 1357-1371.
- KUNDERA, M., *L'Insoutenable Légèreté de l'être*, trad. F. Kérel, Gallimard, Folio, 1981.
- LACAN, J., *De la psychose paranoïaque dans ses rapport avec la personnalité* (1932), Paris, Seuil, *Le champ freudien*, 1975.
- _____, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
- _____, "Some Reflexions on the Ego", in British Psychoanalysis Society, 2 mai 1951, in *Bulletin de l'Association freudienne*, trad. M. Hammad et V. Nusinovici, 1990, n° 39, pp. 9-23.
- _____, "Le mythe individuel du névrosé ou poésie et vérité dans la névrose" (1953), in *Ornicar ?*, n° 17-18, Paris, Navarin, dif. Seuil, 1979, pp. 289-307.
- _____, "Le symbolique, l'imaginaire et le réel" (1953), in *Bulletin de l'Association freudienne*, n° 1, nov. 1982, Paris.
- _____, Le séminaire, livre II, *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, 1954-1955, Paris, Le champ freudien, Seuil, 1977.
- _____, Le séminaire, livre IV, 1956-1957, *La relation d'objet*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1994.
- _____, Le séminaire, livre V, 1957-1958, "Les formations de l'inconscient", inédit.
- _____, Le séminaire, livre VI, 1958-1959, "Le désir et son interprétation", inédit.
- _____, Le séminaire, livre VII, 1959-1960, *L'Éthique de la psychanalyse*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1986.
- _____, Le séminaire, livre VIII, 1960-1961, *Le Transfert*, Paris, Le champ freudien, Seuil, 1991.
- _____, Le séminaire, livre IX, 1961-1962, "L'identification", inédit.
- _____, Le séminaire, livre X, 1962-1963, "L'angoisse", inédit.
- _____, Le séminaire, livre XI, 1964, *Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1973.
- _____, Le séminaire, livre XIV, 1966-1967, "La logique du fantasme", inédit.
- _____, "Intervention aux Journées de l'École freudienne de Paris, le 16 février 1967, *Psychanalyse et médecine*", in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 1, février 1967, pp. 34-61.

- _____. Le séminaire, livre XV, 1967-1968, "L'acte psychanalytique", inédit.
- _____. Le séminaire, livre XVI, 1968-1969, "D'un Autre à l'autre", inédit.
- _____. Le séminaire, livre XVII, 1969-1970, *L'Envers de la psychanalyse*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1991.
- _____. "Clôture du congrès de l'École freudienne de Paris, des 17, 18 et 19 avril 1970", in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 8, 1971, "La psychanalyse et son enseignement", pp. 205-217.
- _____. Le séminaire, livre XVIII, 1970-1971, "D'un discours qui ne serait pas du semblant", inédit.
- _____. "Radiophonie" (1970), in *Scilicet 2/3*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1970, pp. 55-99.
- _____. "Lituraterre", conférence du 12 mai 1971, in *Bulletin de l'Association freudienne*, n° 14, 1985, pp. 4-13.
- _____. Le séminaire, livre XX, 1972-1973, *Encore*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1975.
- _____. "L'étourdit", 1972, in *Scilicet 4*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1973, pp. 5-52.
- _____. Le séminaire, livre XXI, 1973-1974, "Les non-dupes errent", inédit.
- _____. "La troisième", prononcé au 7^e congrès de l'École freudienne de Paris à Rome, les 31 octobre, 1^{er}, 2 et 3 novembre 1974, in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 16, *Le réel, l'éthique de la psychanalyse et la question des contrôles*, 1975, pp. 178-203.
- _____. Le séminaire, livre XXII, 1974-1975, "RSI", inédit.
- _____. "Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines, Yale University, Kanzer Seminar, 24 novembre 1975", in *Scilicet 6/7*, Paris, Seuil, Le champ freudien, pp. 5-63.
- _____. Le séminaire, livre XXIII, 1975-1976, "Le sinthome", inédit.
- _____. "Réponse à une question de M. Ritter", le 26 janvier 1975, aux Journées des cartels de l'École freudienne de Paris, Maison de la Chimie de Paris, 12 et 13 avril 1975, in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 18, avril 1976, pp. 7-12.
- _____. "Intervention à la suite des exposés de A. Albert", Journées de l'École freudienne de Paris, Maison de la Chimie de Paris, juin 1975, in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 24, juillet 1978, pp. 22-24.

- _____. "Conclusions" lors du IX^e congrès de l'École freudienne de Paris, Maison de la Chimie de Paris, 6 au 9 juillet 1978, in *Lettres de l'E.F.P.*, n° 25-II, La transmission, juin 1979, pp. 219-220.
- LACHAUD, D., "De l'amour au transfert dans la cure psychanalytique", in *Bulletin de l'Association freudienne*, n° 38, 1990, pp. 15-22.
- _____. "Diviniser pour faire régner", in *Le Trimestre psychanalytique*, n° 3, 1989, *L'Enfant et les Sortilèges, lecture de Melanie Klein*, Publication de l'Association freudienne, 1990, pp. 167-182.
- _____. "Enseignés", in Actes des Journées scientifiques de Strasbourg, *Traduire, interpréter, transmettre*, Strasbourg, 1987, pp. 127-140.
- _____. "L'écrit et l'écriture dans le discours du psychanalyste", in *Revue de l'Association freudienne en Belgique*, n° 11, *Écrire, dit-elle*, Bruxelles, 1989.
- _____. "La répétition chez Freud et Lacan", in *Nodal*, revue de l'Association freudienne, n° 2, Paris, Clims, 1985, pp. 163-178.
- _____. "Obsession-elle au nom de la liberté", in *Le Trimestre psychanalytique*, n° 4, Journées de Montpellier, 1988, *Le Discours de la liberté*, publication de l'Association freudienne, pp. 67-80.
- _____. "Quand se produit du discours", in *Le Trimestre psychanalytique*, revue de l'Association freudienne, n° 2, année 4, *La Révolution française pour la psychanalyse*, 1990, Clims, pp. 227-247.
- _____. "Rainures", in *Bulletin de l'Association freudienne en Belgique*, n° 13, *L'Écrit et la Lettre dans l'inconscient freudien*, Bruxelles, 1987.
- LAPORGUE, R., "The Mechanism of Isolation in Neurosis and its Relations to Schizophrenia", in *Int. Jour. Psy.*, X, Londres, 1929.
- LAGACHE, D., *L'Unité de la psychologie*, Paris, PUF, Quadrige, 1990.
- LALANDE, A., *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris, PUF, 1980.
- LAMBOTTE, M.-C., *Le Discours mélancolique*, Paris, Anthropos, 1993.
- LAPLANCHE, J., "La référence à l'inconscient", in *Psychanalyse à l'Université*, tome 3, n° 12, Paris, Répliques, sept. 1978.
- _____. *Problématiques I, L'Angoisse*, Paris, PUF, 1980.
- _____. "Traumatismes et autres tran(ses)", in *Psychanalyse à l'Université*, n° 11, Paris, PUF, 1986.

- _____. *Vie et mort en psychanalyse*, Paris, Flammarion, 1977.
- LAPLANCHE, J. et. PONTALIS, J.-B., *Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme*, Paris, Hachette, 1985.
- _____. *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973.
- LASEGUE, C., *Études médicales*, Paris, Asselin, 1854.
- _____. "Du délire de persécutions", in *Écrits psychiatriques*, Paris, Privat, 1871.
- LASEGUE, C. et MOREL, B.-A., "L'école psychiste allemande", in *Ann. Méd. Psy.*, I et II, Paris, 1845.
- LAURAS, A., "Présentation clinique de la névrose obsessionnelle", in *Revue du praticien*, XV, n° 7, Paris, mars 1965.
- LECHAT, E., "L'obsession", in *Revue française de psychanalyse*, XIII, n° 1, Paris, 1949.
- LECLAIRE, S., *Démâsquer le réel. Un essai sur l'objet en psychanalyse*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1971.
- _____. *Rompre les charmes. Recueil pour des enchantés de la psychanalyse*, Paris, Interéditions, 1981.
- _____. "L'obsessionnel et son désir, conférence faite au groupe de l'Évolution psychiatrique le 25 novembre 1958", in *L'Évolution psychiatrique*, n° 13, Paris, 1959.
- _____. *On tue un enfant*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1975.
- LEONARD DE VINCI, *Les Carnets*, 2 vol., Paris, Gallimard, TEL, 1987.
- LE POULICHET, S., "Retour de la pulsion", in *Esquisses psychanalytiques*, revue du Centre de formation et de recherches psychanalytiques, n° 8, automne 1987, Paris, pp. 145-154.
- Les Premiers Psychanalystes. Minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, 4 vol., tome 4, 1906-1918, N. Schwab-Bakman, Paris, Gallimard, 1976-1983.
- LEVI-STRAUSS, C., *Les Structures élémentaires de la parenté*, Paris, Mouton, 1973.
- LOBO, R. A., "Les thérapies comportementales dans le traitement des névroses obsessionnelles", thèse, Paris, 1973.
- MAGNAN, V., *Leçons cliniques sur les maladies mentales, faites à l'asile*, Paris, Bataille, 1893.
- MAHONY, P., *Freud et l'Homme aux rats*, trad. B. Vichyn, Paris, PUF, 1991.

- MANNONI, M., *L'Enfant arriéré et sa mère*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1964.
- MANNONI, O., "Introduction à la lecture de 'l'Homme aux loups'", in *Esquisses psychanalytiques*, revue du Centre de Formation et de recherches psychanalytiques, n° 7, printemps 1987, pp. 7-28.
- , "La névrose obsessionnelle", *l'Encyclopoedia Universalis*, Paris, 1981.
- MATHIS, P., "Éthique et sexualité", in *Lettres de l'École freudienne de Paris*, n° 16, 1974, p. 140-147.
- MECHINAUD, J.-Y., "La construction du traumatisme", in *Mémoires, transferts*, revue du G.R.E.U.P.P., sous la direction de P. Fédida et J. Guyotar, Paris, Echo-Centurion, 1986.
- MELMAN, Ch. "La névrose obsessionnelle", in *La Technique psychanalytique, articles et communications*, 1973-1990, Bibliothèque du Trimestre psychanalytique, publication de l'Association freudienne, Paris, 1991.
- MILLET, I. et MORIN, V., "Héros et idoles", in *Encyclopoedia Universalis*, Paris, 1981.
- MISHIMA, Y., *Confession d'un masque*, trad. R. Villoteau, Paris, Gallimard, 1985.
- , *Le Pavillon d'or*, trad. M. Mécréant, Paris, Gallimard, 1975.
- , *Les Amours interdites*, trad. R. Ceccatty et R. Nakamura, Paris, Gallimard, 1989.
- , *Le Soleil et l'Acier*, Paris, Gallimard, 1970.
- MOISSEFF, M., "Les dits rarissimes", in revue *Patio*, n° 7, Paris, 1987.
- MOREL, B. A., *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, Paris, Masson, 1857.
- , *Traité des maladies mentales*, Paris, Masson, 1860.
- NATHAN, J., *La Vie de Mishima*, Paris, Gallimard, 1974.
- NICOLAIDIS, N., "Ratage symbolique de la langue maternelle", in *Topique*, revue freudienne, n° 30, Paris, EPL, 1982.
- NORILL, D. et CARLONI, G., *La Mauvais Mère*, Paris, Payot, 1981.
- ORHOLZER, K., *Entretiens avec l'Homme aux loups, une psychanalyse et ses suites*, trad., R. Dugas, Paris, Gallimard, 1981.
- ORWELL, G., 1984, trad. A. Audiberti, Paris, Gallimard, Folio, 1980.
- PASCAL, B., *Ceuvres complètes*, Paris, Gallimard, La Pléiade, 1980.

- PINEL, P., "Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie", in *Ann. Méd. Psy.*, IX, Paris, 1810.
- PINGUET, M., *La Mort volontaire au Japon*, Paris, Gallimard, 1985.
- PITRES, A. et RÉGIS, E., *Les Obsessions et les Impulsions*, Paris, Douin, 1902.
- POLITZER, G., *Critique des fondements de la psychologie*, Paris, PUF, 1968.
- PROKHORIS, S., "Entre dire et ne pas dire, interdire: ambiguïtés de la fonction du père", in *Le Père*, Paris, Denoël, 1989, pp. 183-195.
- PUJOL, R. et SAVY, A., "Le devenir de l'obsédé", in *Comptes rendus du congrès de psychiatrie et de neurologie de langue française*, LXVI^e session, Clermont-Ferrand, 16-21 septembre 1968, Paris, Masson, 1969.
- RANK, O., *Le Mythe de la naissance du héros*, Paris, Payot, 1983.
- RAPOPORT, J., *Le Garçon que n'arrêtait pas de se laver*, trad. C. Rouslin, Paris, O. Jacob, diff. Seuil, 1991.
- REBOUL, J., "Une tache d'encre", in *La Psychanalyse*, n° 7, Paris, PUF, 1964, pp. 201-211.
- REIK, T., *Le Masochisme*, trad. M. Ghyka, Paris, Payot, 1971.
- ROCHEFORT, C., *La Porte du fond*, Paris, Grasset, 1988.
- ROHEIM, G., "The Evolution of Culture", *Int. Jour. Psy.*, n° 15, NY, pp. 387-418.
- ROUBLEF, I., "Le désir de l'obsessionnel", in *Esquisses psychanalytiques*, n° 9, printemps 1988, Paris, pp. 5-26.
- ROUSTANG, F., "Rien ne sera plus jamais tout", in *Études freudiennes*, Toute-puissance infantile et faute.
- SABOURIN, P., *Vizir secret et tête de Turc*, préface du vol. 4 des *Œuvres complètes* de S. Ferenczi, Paris, Payot, 1982.
- SAFOUAN, M., *La Sexualité féminine*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1976.
- _____, *L'Échec du principe du plaisir*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1979.
- _____, *Études sur l'Œdipe*, Paris, Seuil, Le champ freudien, 1974.
- SAINT AUGUSTIN, *Confessions*, trad. P. de Labriolle, 2 vol., Paris, Les Belles Lettres, 1969.
- SALES (de), F., *Traité de l'amour de Dieu*, 1615, Livre VIII, Paris, Blaise, 1821.
- SCHIFF, P., "La paranoïa et la psychanalyse", in *Revue française de psychanalyse*, Paris, PUF, 1935, pp. 44-105.

- SCHWARTZ, L., *Les Névroses et la Psychose dynamique de Pierre Janet*, trad. L. E. Thomas, Paris, PUF, 1955.
- SEARLES, H., *L'Effort pour rendre l'autre fou*, trad. B. Bost, Paris, Gallimard, 1978.
- SENEQUE, *De ira*, trad. A. Bourguery, Paris, Les Belles Lettres, 1971.
- SHAKESPEARE, W., *Macbeth*, in *Œuvres complètes*, 8 vol., tome 5, trad. Y. Bonnefoy, Paris, Mesure pour mesure, 1983.
- , *Hamlet*, in *Œuvres complètes*, tome 2, trad. Y. Bonnefoy, Paris, Mesure pour mesure, 1983.
- SHARPE, E., "Technique of Psychoanalysis", *Collected papers*, Londres, Hogarth Press.
- SIBONY, D., *L'Amour inconscient*, Paris, Grasset, 1983.
- , *La Haine du désir*, Paris, Christian Bourgeois, 1978.
- STAROBINSKI, J., *Hamlet et Freud*, préface à *Hamlet et Œdipe* de E. Jones, Paris, Gallimard, TEL, 1967.
- STEIN, C., *Les Erinyes d'une mère. Essai sur la haine*, Paris, Calligrammes, 1987.
- SUTTER, J.-M., "L'anticipation psychasthénique de l'obsédé", in revue *Vapeurs*, n° 2, Paris, Pfizer, 1976.
- TAUSK, V., *Œuvres psychanalytiques*, Paris, Payot, 1976.
- THOMAS, E., *Le Viol du silence*, Paris, Aubier, 1986.
- TIRSO DE MOLINA, *El burlador de Sevilla*, "Don Juan", Paris, Aubier-Flammarion, 1968.
- VERNANT, J.-P., *La Mort dans les yeux*, Paris, Hachette, 1985.
- VERNANT, J.-P. et VIDAL-NAQUET, P., *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*, Paris, Maspero, 1983.
- WALLON, H., *Histoire de l'esclavage dans l'Antiquité*, 1847, Paris, Laffont, 1988.
- WINNICOTT, D. W., *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris, Payot, 1947.
- , *Jeu et réalité*, trad. C. Monod et J.-B. Pontalis, Paris, Gallimard, 1977.
- WITTGENSTEIN, L., *Tractatus logico-philosophicus*, trad. P. Klossowski, Paris, Gallimard, Idées, 1972.
- ZETZEL, E., "Notes supplémentaires sur un cas de névrose obsessionnelle: Freud 1909", in *Revue française de psychanalyse*, XXXI, n° 4, Paris, PUF, 1967, pp. 525-538.

OBRAS PUBLICADAS

Psicanálise e Tempo
Erik Porge

Psicanálise e Análise
do Discurso
Nina Leite

Letra a Letra
Jean Allouch

Mal-Estar na Procriação
Marie-Magdeleine Chatel

Marguerite ou
"A Armée" de Lacan
Jean Allouch

Revista Internacional nº 1
A Clínica Lacaniana

A Criança na Clínica Psicanalítica
Angela Vercaro

A Feminilidade Vejada
Philippe Julien

O Discurso Melancólico
Marie-Claude Lambotte

A Euficção da Psicanálise
Jean Allouch

Roubo de Ideias?
Erik Porge

Os Nomes do Pai
em Jacques Lacan
Erik Porge

Revista Internacional nº 2
A Histeria

Anorexia Mental, Ascese, Mística
Éric Bulaud

Hitler - A Tirania e a Psicanálise
Jean-Gérard Burzstein

Littoral
A Criança e o Psicanalista

O Amor ao Averso
Gérard Pommier

Paixões do Ser
Sandra Dias

A Ficção do Si Mesmo
Ana Maria Medeiros da Costa

As Construções do Universal
Monique David-Ménard

Littoral
Lum de Criança

Trata-se uma Criança - Tomos I e II
*Congresso Internacional de Psicanálise
e suas Conexões - Vários*

O Adolescente e o Psicanalista
Jean-Jacques Ravasi

— Alô, Lacan?
— É claro que não.
Jean Allouch

A Crise de Adolescência
Octave Mannoni e outros

O Adolescente na Psicanálise
Raymond Cahn

A Morte e o Imaginário na Adolescência
Silvia Tubert

Invocações
Alain Didier-Weill

Um Percorso em Psicanálise
com Lacan
Taciana de Melo Mafra

A Fantasia da Eleição Divina
Sergio Becker

Lacan e o Espelho Sofístico de Boécio
Dany-Robert Dufour

O Adolescente e a Modernidade - Tomos I, II e III
*Congresso Internacional de Psicanálise
e suas Conexões - Vários*

A Hora do Chá na Casa dos Pendlebury
Alain Didier-Weill

W. R. Bion – Novas Leituras <i>Arnaldo Chuster</i>	A Clínica da Identificação <i>Clara Crughak</i>
Crianças na Psicanálise <i>Angela Vercaro</i>	A Escritura Psicótica <i>Marcelo Muniz Freire</i>
O Sorriso da Gioconda <i>Catherine Mathelin</i>	Os Discursos e a Cura <i>Lidoro Vegh</i>
As Psicoses <i>Philippe Julien</i>	Procuro o Homem da Minha Vida <i>Daniela Di Segni</i>
O Olhar e a Voz <i>Paul-Laurent Assoun</i>	A Criança Adotiva <i>Nazir Hamad</i>
Um Jeito de Poeta <i>Luís Mauro Caetano da Rosa</i>	Littoral <i>O Pai</i>
Estética da Melancolia <i>Maria-Claude Lamotte</i>	O Transsexualismo <i>Henry Frignet</i>
O Desejo do Psicanalista <i>Diana S. Rabinovich</i>	Psicose, Perversão, Neurose <i>Philippe Julien</i>
Os Mistérios da Trindade <i>Dany-Robert Dufour</i>	Como se Chama James Joyce? <i>Roberto Harari</i>
A Equação do Sonho <i>Gisèle Chaboudez</i>	A Psicanálise: dos Princípios Ético-estéticos à Clínica <i>W.R. Bion – Novas Leituras</i>
Abandonarias teu Pai e tua Mãe <i>Philippe Julien</i>	O Significante, a Letra e o Objeto <i>Charles Melman</i>
A Estrutura na Obra Lacaniana <i>Taciana de Melo Mafra</i>	O Complexo de Jocasta <i>Maria-Christine Laznik</i>
Elissa Rhais <i>Paul Tabet</i>	O Homem sem Gravidade <i>Charles Melman</i>
Ciâmes <i>Denise Lachaud</i>	O Desejo da Escrita em Ítalo Calvino <i>Rita de Cássia Maia e Silva Costa</i>
Trilhamentos do Feminino <i>Jerzui Tomaz</i>	O Dia em que Lacan me Adotou <i>Gérard Haddad</i>
Gostar de Mulheres <i>Autores diversos</i>	Mulheres de 50 <i>Daniela Di Segni e Hilda V. Levy</i>
Os Herantes da Carne <i>Jean-Pierre Winter</i>	A Transferência <i>Taciana de Melo Mafra</i>
As Intervenções do Analista <i>Lidoro Vegh</i>	Clínica da Pulsão <i>Diana S. Rabinovich</i>
Adolescência e Psicose <i>Edson Saggese</i>	Os Discursos na Psicanálise <i>Aurélio Souza</i>
O Sujeito em Estado Limite <i>Jean-Jacques Rassiak</i>	Littoral <i>O Conhecimento Paranoico</i>
O que Acontece no Ato Analítico? <i>Roberto Harari</i>	

Revista Dizer - 14
A medicalização da dor

Neurose Obsessiva
Charles Melman

A Erótica do Luto
Jean Allouch

Um Mundo sem Limite
Jean-Pierre Lebrun

Comer o Livro
Gérard Haddad

Do Pai à Letra
Hector Yankelevich

A Experiência da Análise
Norberto Ferreyra

A Fadiga Crônica
Pura H. Cancina

O Desejo Contrariado
Robert Lévy

Psicanálise de Crianças Separadas
Jenny Aubry

Lógica das Paixões
Roland Gori

Um Narrador Incerto, entre o Estranho e o Familiar

Lucia Serrano Pereira

Gide-Genet-Mishima
Catherine Millor

Dependência Química na Adolescência
Hélio Fernandes Mattos

O Sexo Conduz o Mundo
Colette Chiland

Um Homem de Palavra
Nazir Hamad

A Arte de Reduzir as Cabeças
Dany-Robert Dufour

Poetas, Crianças e Criminalidade...
Sobre Jean Genet

*Alba Fleiser / Cláudio Maryniuk /
Fernando Sabay / Idoro Vegh*

A Paixão do Sujeito Freudiano
Bernard Penot

Clínica Lacaniana: As Homossexualidades,
Revista Internacional n. 2

A Escola do Sujeito
Claude Duménil

A Significação do Falo
Diana Rabinovich

A Angústia e o Desejo do Outro
Diana Rabinovich

O Próximo
Idoro Vegh

Sombra do Teu Cão
Jean Allouch

Crueldade no Feminino
Sophie de Mijolla-Mellor e Julia Krueva

A Descoberta de João
Marcelo Pio da Costa

Separações Necessárias
Emílio Rodrigue

Os Nomes Indistintos
Jean-Claude Milner

Lacaniana I
Monastapha Safwan

Psicanálise e Saúde Mental
Sonia Alberti e Ana Cristina Figueiredo (org.)

O Caminhante Analítico
Victor Smirnov

Figuras do Real
Genette Michaud

Do Amor do Outro ao Amor de Si
Patrick Delaruche

A Topografia de Lacan
Jean-Paul Gilon

O Conhecimento Paranoico
Revista Litural

Letra e Pulsão de Morte
André Green

Enigma do Incesto
Laure Ruten

O Inferno do Dever
Dennis Lachaud

A Quarta Mulher
Paul Labet

- Lacaniana II
Monstapha Safouan
- Dez Conferências de Psicanálise
Monstapha Safouan
- Estados de Abandono
Jacques André
- Transferência e Estados Limites
Jacques André
- Da Paixão
Jacques André
- A Anatomia da Terceira Pessoa
Guy Le Gaufey
- A Criança no Espelho
(Freud Wallon Lacan)
Émile Jalley
- A Violência na Adolescência
Pierre Kametzer
- Para uma Clínica do Real
Indoro Vegh
- O Fracasso do Fantasma
Silvia Amigo
- As Figuras do Real
Patrick Delaroche
- A ambivalência Materna
Michele Benhaim
- Oriente Médio: Povos Autoritários
Sociedades Bloqueadas
Philippe Draz Vincent
- Dicionário da Sexualidade Humana
Philippe Brenot
- Dicionário da Justiça
Lise Cadet
- O Jornalista e seu Poder
Gerard Spitzer
- Michel Foucault: a Inquietude da História
Mathieu Potte-Bonneville
- O Sexo do Mestre
Jean Allouch
- Psicoterapia-Psicanálise-Didática 1 - debates
Analyse Freudienne Presse
- Psicoterapia-Psicanálise-Didática 2 - debates
Analyse Freudienne Presse
- A Pulsão de Morte
Michel Plon (org.)
- A Crueldade no Feminino
Sophie de Mijolla-Mellor
- Por Que Não Há Relação Sexual?
Roberto Harari
- A Saúde Totalitária
Roland Gori
- A Morte de Deus
Dany-Robert Dufour
- O Espelho do Artista
Yolanda Freyre
- Nietzsche e o Demônio do Meio-dia
Jean-Baptiste Borul
- Fim da Picada
Guilherme Knab
Mariana Friedheim
- Psicanálise de Pais
Durval Checchinato
- Separações Necessárias
Emílio Rodrigue
- Reflexões Sobre a Questão Gay
Didier Eribon
- "Inseto"
Claire Castillon
- A Lógica do Gênero
Laure Murat
- No Reino das Mulheres
Irene Fraïn
- O Inestimável Objeto
da Transmissão
Pierre Legendre

o objeto imaginário e o objeto real abre uma lacuna. Não que ele seja melhor ou pior que o filho esperado, sonhado, seja ele de um sexo ou de outro; ele agora é bem real.

Com relação ao amor parental, Freud já era tão severo quanto se poderia ser; gostaríamos de que esse amor fosse sublime, ele o qualificava de "infantil". A derivação da libido para o filho, que pode chegar, com a benção geral, até a erotomania – em detrimento do marido e das relações sexuais –, é a realização do velho sonho feminino de plenitude, de completude – fantasia também masculina. Ela é homem porque tem o falo, o filho, e é mulher já que é mãe. Visão simplista.

Em suma, mal saída de seu narcisismo de criança e de adolescente, para uma mulher se apresenta uma nova fase narcísica com a chegada de seu filho. Depois do que, duas vias para encontrar um semblante de real se oferecem a ela: o homem e o filho. A via que leva ao filho permanece fortemente narcísica e marca, como tal, a relação mãe-filho; único *prazer* socialmente admitido, já que nos aferramos ainda a valorizar numa mulher a função dita materna.

Como a mãe do sujeito futuro obsessivo age para assim *organizar* seu filho, já que este só pode passar pelos significantes dela, desde seu nascimento?

*A autora: Psicanalista,
DENISE LACHAUD
é membro do Espace
analytique (Association de
formation psychanalytique
e de recherches freudiennes),
no qual ela dirige
seminários. Socióloga,
etnóloga, historiadora do
medievalismo (E.H.E.S.S.),
Doutora em psicanálise,
publicou numerosos artigos.
Desenvolve, na Université
Paris-VII, ensino de
psicopatologia e de clínica
psicanalítica.*

Descobrimos os labirintos do que chama de "neurose de coerção", fascinado pela complexidade dos processos de pensamento que ela põe em jogo, Freud rende homenagem à inteligência de seus dois pacientes, aos quais a psicanálise deve tanto, o Homem dos ratos e o Homem dos lobos. Embora faça dessa neurose o dialeto cuja língua materna seria a histeria, ele no entanto a apresenta como o campo privilegiado da investigação analítica futura. Expõe as fantasias de onipotência, a compulsão à repetição e os mecanismos de defesa tão particulares dessa estrutura, mas a motivação última dela lhe resta enigmática, porque ele não concebe que a mãe possa odiar sua prole. Contrariamente às idéias recebidas, o obsessivo não visa à morte do Outro, mas à sua, tanto mais porque ele é um outro – objeto e não sujeito – designado para ocupar para sua mãe o lugar de um ideal instrumento a manipular, do falo que ele não quer ser. De onde o impossível de seu desejo e seu encarniçamento que não é masoquista, mas auto-sádico. A ambivalência da mãe com relação a seu filho, o relativo descrédito no qual ela mantém o pai, tal é a chave de abóbada desse equilíbrio infernal que, para que o sujeito se assegure sempre de sua própria reserva de poder, obriga-o a erigir barreiras contra uma mãe exigente que primeiro o adorou e depois o humilhou. Sem ser agressivo, mas com todas as defesas prontas, a que ele se recusa? A ser objeto do gozo da mãe. A sombra de um pai, considerado como incapaz de satisfazê-la, protege o obsessivo para que ele nunca caia na psicose: ninguém mais do que ele se prende à letra, à pequena diferença, testemunhando a existência da lei. Pela reflexão sobre seus próprios casos e graças aos conceitos herdados de Lacan – o Outro, o gozo, o impossível, o esvaziamento do sujeito –, Denise Lachaud reorienta com clareza o olhar para a clínica freudiana dessa neurose, numa obra que conclui sobre essa questão.

ISBN 978-85-7724-018-0



9 788577 240180